



CHRISTIANE DE OLIVEIRA

**A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE:  
UM ESTUDO COM AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE CORUPÁ**

ITAJAÍ, (SC)  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVALI**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**

Centro de Ciências Humanas e da Comunicação – CEHCOM

Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

Programa do Mestrado em Educação – PMAE

**CHRISTIANE DE OLIVEIRA**

**A ORGANIZAÇÃO DOS AMBIENTES: UM ESTUDO COM AS PROFESSORAS DE  
EDUCAÇÃO INFANTIL DE CORUPÁ**

Dissertação apresentada ao colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação

**Área de concentração:** Educação

**Eixo de pesquisa:** Desenvolvimento e Processos de Ensino e Aprendizagem

**Grupo de Pesquisa:** Desenvolvimento e Educação da Infância

**Linha de Pesquisa:** Contextos e Processos Psicossociais de Desenvolvimento

**Orientadora:** Prof. Dra. Maria Helena Cordeiro

ITAJAÍ (SC),  
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

O4o Oliveira, Christiane de, 1973-  
A organização do ambiente [manuscrito] : um estudo com as professoras de educação infantil de Corupá / Christiane de Oliveira. – 2008.  
122, [63] f. : il. color  
Cópia de computador (Printout(s)).  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, 2008.  
“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena Cordeiro ”.  
Bibliografia: f. 117-122.  
1. Ambiente de sala de aula. 2. Educação de crianças. 3. Professores de ensino pré-escolar I. Cordeiro, Maria Helena. II. Título.  
CDU: 372.32

Claudia Bittencourt Berlim – CRB 14/964

**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC  
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**CHRISTIANE DE OLIVEIRA**

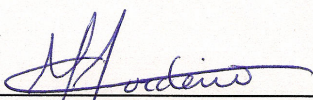
**“A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE: UM ESTUDO COM AS  
PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE CORUPÁ”**

Dissertação avaliada e aprovada pela  
Comissão Examinadora e referendada pelo  
Colegiado do PMAE como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em Educação.

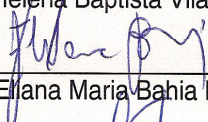
Itajaí (SC), 28 de agosto de 2008.

Membros da Comissão:

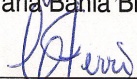
Orientador:

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Helena Baptista Vilares Cordeiro

Membro Externo:

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Eliana Maria Bahia Bhering

Membro representante do Colegiado:

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Cássia Ferri

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento de conquista é impossível não lembrar de todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes nesta caminhada:

Agradeço a Deus por ter me dado a vida e em quem me apoiei nos momentos de insegurança e dificuldades.

Aos meus pais e irmãos que sempre me incentivaram e nunca duvidaram da minha capacidade e ao meu sobrinho Thiago a quem sempre recorria quando eu e o computador não nos entendíamos.

Não posso esquecer da minha orientadora Maria Helena, a agradeço pela paciência, pelo apoio, por partilhar comigo um pouco do seu conhecimento.

Aos demais professores do Mestrado em Educação agradeço por terem me ajudado na construção teórico-metodológica desta pesquisa.

Às funcionárias do Núcleo de Educação Infantil Sonho de Criança que entenderam minhas ausências.

À Regina, que nestes dois anos e meio se tornou uma verdadeira amiga, não me deixou desistir e me apoiou nesta caminhada.

À Diana Scidel Bortolotti, Secretária de Educação do município de Corupá, a Tércia Millinitz Demathé, Assistente Pedagógica de Educação Infantil de Corupá, e às professoras, que me acolheram com muito carinho.

À Dona Zélia pelo abrigo e conversa e Dona Traudi pelos quitutes e hospitalidade.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como as representações sociais sobre infância e educação infantil das professoras de salas de 3 a 6 anos do município de Corupá orientam o modo como elas organizam o ambiente para as crianças e subsidiam a argumentação que utilizam para justificar essa organização. Tem como base teórica os estudos de ambiente de Campos de Carvalho (1993; Campos-de-Carvalho & Rubiano, 1996; Campos de Carvalho & Padovani, 2000; Campos-de-Carvalho & Meneghini, 2003) e Sager (1996), e dá continuidade aos estudos de Demathé (2007) e Benoit (2008) realizados no mesmo município. Estão envolvidas neste estudo oito professoras de CEIs e Pré-Escola que trabalham com crianças de 3 a 6 anos. Para viabilizar a investigação desse objetivo, foram definidos três momentos, orientados por três questões de pesquisa. No primeiro procura-se caracterizar os ambientes das salas de educação infantil organizados pelas professoras. Optou-se pela observação naturalista ou naturalística, como técnica de geração de dados. No segundo, buscou-se revelar as percepções das professoras sobre ambientes de educação infantil. Recorreu-se ao PCM (Procedimento de Classificações Múltiplas), para geração dos dados. As professoras formaram agrupamentos com base em 22 fotografias de salas de educação infantil e justificaram esses agrupamentos. As fotos foram definidas de forma a contemplar as diferentes características dos diversos ambientes observados nos municípios da região (Vale do Itajaí). Os dados obtidos a partir dos agrupamentos foram submetidos à MSA (Multidimensional Scalogram Analysis), que mostrou que as professoras organizam os ambientes de acordo com suas experiências e vivências, classificando os ambientes como coloridos, alegres, com possibilidades de exploração, frios e escolarizantes. Nesta mesma etapa foi solicitado às professoras que se colocassem do ponto de vista das crianças e reorganizassem as mesmas fotos em três grupos: bem-estar, mal-estar e indiferente. Terminada essa etapa, foi solicitado novamente às professoras que dividissem as fotos que haviam organizado no grupo bem-estar em: mais bem-estar e menos bem estar, novamente as fotos consideradas atrativas e coloridas foram aquelas que as professoras classificaram como as que transmitem maior sensação de bem-estar. O terceiro momento deste estudo constou de entrevistas semi-estruturadas, para que desta forma fosse apreendida a lógica das professoras e a relação da mesma com suas práticas no que se refere à organização do ambiente. Após a análise dos depoimentos foram identificadas as seguintes categorias: imagem de criança, papel do professor, representação de ambiente (dimensão estrutural, dimensão funcional e dimensão relacional) e transformações no ambiente.

Palavras-chave: ambiente – educação infantil – representações das professoras

## ABSTRACT

The objective of this research is to understand how social representations of childhood and child education by teachers of classes of children aged 3 to 6 years, in the town of Corupá, affect the way these teachers organize the environment for the children and support their argument to justify this organization. Its theoretical basis follow the environment studies of Campos de Carvalho (1993; Campos-de-Carvalho & Rubiano, 1996; Campos de Carvalho & Padovani, 2000; Campos-de-Carvalho & Meneghini, 2003) and Sager (1996), continuing the studies of Demathé (2007) and Benoit (2008) carried out in the same town. This study involved eight teachers from CEIs (kindergartens) and Pre-Schools, who teach children aged 3 to 6. For the investigation of this objective, three phases were defined, based on three research questions. In the first phase, the environments of classrooms from child education organized by the teachers are characterized. The naturalistic observation was chosen as a technique for generating data. In the second phase, the purpose was to reveal the teachers' perceptions concerning environment in children's education. The MCP (Multiple Classification Procedure) was used to generate data. The teachers formed groups based on 22 photographs of school classrooms, and justified these groups. The photographs were defined in such a way that they included different features of the various environments observed in towns in the region (Vale do Itajaí). The data obtained with the groups were submitted to MSA (Multidimensional Scalogram Analysis), which showed that teachers organize the environment according to their own life experiences, classifying these environments as colorful, cheerful with opportunities for exploration, cold and scholarly. In this same stage, the teachers were asked to consider the children's perspective, and reorganize the same photographs into three groups: well-being, discomfort and neutral, and at the end of this stage, the teachers were asked to divide the photos placed in the well-being group, this time into: more well-being and less well-being; again the photographs considered attractive and colorful were the ones which the teachers classified as conveying the greatest feeling of well-being. The third phase of the study consisted of semi-structured interviews, with the aim of understanding the teachers' logic and how it relates to their practices of organization of the environment. After analyzing the statements, the following categories were identified: the child's image, the teacher's role, representation of the environment (structural, functional and relational dimensions) and transformations in the environment.

Key words: environment – child education – representation of teachers



# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1: Quadro-síntese das pesquisas de Demathé (2007) e Benoit (2008)</i> .....	28
---	----

## LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1: Quadro de vagas dos Centros de Educação Infantil de Corupá, por turma</i> .....	66
<i>Tabela 2: Salas e sujeitos envolvidos na pesquisa</i> .....	69
<i>Tabela 3: Resultado do PCD – pontuação das fotos de acordo com a sensação de bem-estar a elas associadas</i> .....	92

## LISTA DE IMAGENS

<i>Fotos da Sala 1 em março de 2007</i> .....	73
<i>Fotos da Sala 1 em setembro de 2007</i> .....	74
<i>Fotos da sala 2 em março de 2007</i> .....	77
<i>Fotos da sala 2 em setembro de 2007</i> .....	77
<i>Fotos da Sala 3 em março de 2007</i> .....	80
<i>Fotos da Sala 3 em setembro de 2007</i> .....	80
<i>Fotos da Sala 4 em março de 2007</i> .....	82
<i>Fotos da Sala 4 em setembro de 2007</i> .....	83
<i>Planta Baixa da Sala 1 em setembro de 2007</i> .....	74
<i>Planta baixa da sala 2 em setembro de 2007</i> .....	77
<i>Planta baixa da sala 3 em setembro de 2007</i> .....	81
<i>Planta baixa da sala 4 em setembro de 2007</i> .....	83

## SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA .....	ii
FOLHA DE APROVAÇÃO .....	iii
AGRADECIMENTOS .....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT .....	vi
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	vii
SUMÁRIO.....	viii
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	9
1.1 Introdução.....	9
1.2 Estudos sobre a Educação Infantil em Corupá .....	15
2 O AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	29
2.1 Espaço e ambiente: entrelaçamentos .....	29
2.2 Ambientes institucionais de atendimento à criança pequena.....	36
2.2.1 <i>Os ambientes institucionais como contextos de desenvolvimento das</i> <i>crianças pequenas: as idéias dos precursores da EI</i> .....	36
2.2.2 <i>A organização do ambiente em propostas consideradas como</i> <i>referência na atualidade</i> .....	40
2.2.3 <i>As instituições para atendimento à criança pequena no Brasil</i> .....	52
2.2.4 <i>Estudos sobre ambientes de educação infantil no Brasil</i> .....	56
3 ENCAMINHAMENTOS DA PESQUISA .....	62
3.1 Contextualização do Campo de Pesquisa .....	62
3.2 Caracterização dos sujeitos de pesquisa:.....	66
3.3 Primeira etapa da pesquisa: a caracterização dos ambientes .....	68
3.3.1 <i>Caracterização da sala do CEI 1</i> .....	70
3.3.2 <i>Caracterização da sala do CEI 2</i> .....	75
3.3.3 <i>Caracterização da sala do Jardim</i> .....	78
3.3.4 <i>Caracterização da sala de Pré-Escola</i> .....	81
3.4 Segunda Etapa da Pesquisa: as percepções das professoras .....	84
3.4.1 <i>Geração de Dados</i> .....	84
3.4.2 <i>Análise dos dados gerados na segunda etapa</i> .....	87
3.5 Terceira Etapa da Pesquisa: as lógicas subjacentes à organização do espaço pelas professoras .....	93
3.5.1 <i>Procedimentos de geração e análise de dados</i> .....	93
3.5.2 <i>A imagem de criança</i> .....	94
3.5.3 <i>O papel do professor</i> .....	96
3.5.4 <i>Representações sobre o ambiente</i> .....	98
3.5.5 <i>Transformações do ambiente</i> .....	106
4 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	111
5 REFERÊNCIAS.....	116

# 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

## 1.1 Introdução

O início da minha trajetória na Educação Infantil se assemelha ao de muitas profissionais que atuam nos CEIs da nossa região. A opção pelo magistério ao cursar o antigo segundo grau, hoje ensino médio, foi baseada na garantia de uma profissão que assegurasse a continuidade dos meus estudos. Tanto não tinha intenção em prosseguir com essa carreira, que meu primeiro (e único) vestibular foi para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Sentia que meu futuro não era na educação. E isso pareceu se confirmar na minha primeira experiência como professora. Aos dezessete anos, recém formada, assumi uma turma de quarta série, onde todos os alunos eram repetentes. Além da insegurança comum por estar assumindo tamanha responsabilidade, já de início me angustiava aquele isolamento sentido pelo professor. A correria do dia-a-dia não permitia um maior contato com meus colegas, também não me conformava com a pressão para que cumprisse os conteúdos programados, muitas vezes em detrimento do conhecimento do aluno. Acabei desistindo de um trabalho que mais me angustiava do que trazia satisfação.

Alguns anos depois, quase concluindo o curso de Jornalismo, resolvi prestar concurso para a Educação Infantil. Não nego que minha intenção era única e exclusivamente conseguir manter os meus estudos. Minha experiência no magistério se resumia àquele ano em que havia trabalhado com uma turma de quarta série, que obviamente (e hoje reconheço isso) não me habilitava a trabalhar com esta faixa etária. Apesar do medo de encarar um novo desafio, desde o meu primeiro dia na “Creche Nosso Lar” (hoje Núcleo de Educação Infantil Sonho de Criança) sabia ter encontrado meu caminho. Concluí a faculdade de Jornalismo e logo em seguida entrei com pedido de vaga para cursar Pedagogia.

O que havia de diferente na Educação Infantil que acabou me conquistando? Tudo! A começar pela flexibilidade do uso dos tempos e espaços - quantas vezes não subimos o morro para observar as plantas, ouvir os cantos dos pássaros e o som da cachoeira ao longe (nunca conseguimos vê-la de perto e vivíamos a imaginar a sua aparência); ou descíamos a rua e íamos até a Associação do Banco do Brasil brincar de futebol no campinho, ou observar de perto os gansos, que com a

nossa presença ficavam alvoroçados! E, nos dias de chuva, acampávamos no meio da sala em barracas improvisadas com as mesas e os edredons. Também sempre me encantou a lógica, a curiosidade e a imaginação das crianças desta faixa etária, como no dia em que uma das minhas turmas, liderada por André, montou uma nave espacial com mesas e cadeiras e fizeram de conta que voavam pelo espaço. Trabalhar na Educação Infantil é estar aberta ao imprevisto (e não ao improvisado). Nenhum dia é igual ao outro!

E que bom que não somos imutáveis. Nestes quatorze anos de profissão, minha prática pedagógica tem passado por constantes reformulações e a faculdade apenas fez aflorar esse desejo de entender quais os fatores que levaram a Educação Infantil a se constituir no que ela é hoje, qual o caminho que devemos percorrer para efetivar na nossa região (e por que não no nosso país) uma Educação Infantil de qualidade, que respeite o direito da criança de viver a infância. Foi essa inquietação que me levou, primeiro, a participar do grupo de pesquisa em Desenvolvimento e Educação da Infância e depois ingressar no Mestrado.

O grupo de pesquisa em Desenvolvimento e Educação da Infância do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí tem buscado compreender a infância, considerando os diferentes contextos em que ela está inserida. Um dos desejos da nossa Coordenadora, a professora Dra. Maria Helena Cordeiro, que também era partilhado pelas demais integrantes do grupo, era conseguir empreender uma pesquisa mais aprofundada sobre o trabalho dos(as) professores(as) de educação infantil, buscando entender de que forma suas representações sobre infância, sobre as funções da educação infantil acabavam influenciando suas práticas. Porém vários fatores contribuíam para que nosso grupo enfrentasse dificuldades ao dar prosseguimento a esse projeto. O primeiro deles envolvia questões de ordem política, visto que, em grande parte das cidades da nossa região, cada nova eleição vem acompanhada de mudanças nos gestores da Secretaria de Educação, nos Coordenadores de Centros de Educação Infantil e Diretores de escolas, e essa ruptura com o que já vinha sendo desenvolvido, acabava dificultando a continuidade dos estudos realizados. Outra característica dos municípios da nossa região que torna inviável a realização deste tipo de pesquisa é o tamanho da rede pública de educação, que além de grande, comporta no seu quadro de funcionários um elevado número de professores ACTs (Admitidos em

Contrato Temporário), essa instabilidade acaba gerando uma rotatividade de professores nestes municípios.

Então surgiu a oportunidade de desenvolvermos este projeto integrado, que chamamos de projeto “guarda-chuva” (vide Anexo 1) na cidade de Corupá. Este pequeno município ao norte de Santa Catarina tinha todas as características de que necessitávamos para esse empreendimento: uma rede pequena de atendimento à infância (havia na época da pesquisa apenas três Centros de Educação Infantil na rede municipal de Corupá), onde a grande maioria das professoras eram efetivas e mostravam-se interessadas em se envolver neste projeto. Além disso, a Assistente Pedagógica desta cidade, Tércia Millnitz Demathé, é integrante do nosso grupo de pesquisa, e consciente dos benefícios que um estudo desse porte pode acarretar nos trabalhos que já vêm sendo desenvolvidos nos CEIs (Centros de Educação Infantil) de Corupá, abriu caminho para que este projeto realmente se efetivasse.

Logo, várias pesquisas que viriam a ser desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento e Educação da Infância foram sendo organizadas em torno desse projeto (que permanece aberto à realização de novos estudos), vindo a complementar-se entre si e constituir um estudo de caso sobre a Educação Infantil deste município. Assim, o trabalho do Grupo como um todo tem o objetivo de *avaliar a Educação Infantil no município de Corupá, buscando compreender as relações entre as práticas que as professoras<sup>1</sup> de Educação Infantil vêm desenvolvendo nas Instituições de Educação Infantil e as suas representações e conhecimentos sobre o atendimento a crianças de zero a seis anos.*

A pesquisa de Demathé (2007) cujo título é “A Representação Social sobre a Infância: um estudo com as professoras de Educação Infantil do município de Corupá”, consolidou-se como a primeira etapa deste projeto, e tinha por objetivo principal caracterizar as representações sociais sobre infância das professoras de zero a seis anos deste município. Como uma continuidade do projeto “guarda-chuva”, o estudo de Benoit (2008) se propôs discutir os significados expressos pelas professoras de educação infantil de Corupá sobre “qualidade” quando se referem ao atendimento de crianças de zero a seis anos, neste município. Essa pesquisa teve como ponto de partida o levantamento da opinião das professoras sobre as funções e utilidade dos CEIs.

---

<sup>1</sup> Decidiu-se pelo uso do gênero feminino visto que em Corupá todas as professoras de educação infantil são mulheres.

Com base nos resultados dessas duas pesquisas, e levando em consideração a crença de muitos autores (BARBOSA, 2006; HORN, 2004) de que as professoras de educação infantil, mesmo que inconscientemente, organizam suas salas de atividade de acordo com suas representações sobre infância, desenvolvimento infantil, sobre aquilo que acreditam ser função de uma instituição de educação coletiva para crianças, este estudo propõe aprofundar essa discussão, e tem como problema a seguinte questão: *De que modo as representações sobre infância e educação infantil das professoras de salas de 3 a 6 anos do município de Corupá orientam o modo como elas organizam o ambiente para as crianças e subsidiam a argumentação que utilizam para justificar essa organização?*

Lima e Bhering (2006) destacam que a organização do ambiente oferecido às crianças depende das características do contexto em que elas vivem e em que esse ambiente se insere. Para as autoras, em espaços de educação coletiva de crianças pequenas, o ambiente físico é um dos componentes que precisam ser levados em consideração no programa adotado pela instituição. As autoras completam (Idem, p. 3): “a preocupação com a organização desse ambiente relaciona-se com o desenvolvimento infantil, considerado como um processo aberto, dinâmico, contínuo e multifacetado e também com a socialização das crianças”.

Um ambiente de Educação Infantil não é algo neutro, ele é vivo, ele pulsa com as relações que nele se estabelecem. Por isso, sua forma de organização, a quantidade e variedade de objetos e materiais que nele existem, a forma como estes estão posicionados, o excesso de espaços vazios ou a falta deles, até mesmo as paredes, estejam elas nuas, adornadas com desenhos padronizados ou repletas de produções infantis, são elementos que revelam, e muito, sobre as concepções pedagógicas que permeiam este espaço. E como afirma Barbosa (2006), o ambiente constitui-se num retrato da relação pedagógica, revela uma mensagem curricular que, muitas vezes, permanece oculta para aquele que o organiza.

As pedagogias para a primeira infância têm na organização do ambiente uma parte constitutiva e irrenunciável de seu projeto educacional. A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas idéias pedagógicas. Pensar no cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais

acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da educação infantil. Refletir sobre a luz, a sombra, as cores, os materiais, o olfato, o sono e a temperatura é projetar um ambiente, interno e externo, que favoreça as relações entre as crianças, às crianças e os adultos e as crianças e a construção das estruturas de conhecimento. (BARBOSA, 2006, p. 122)

Esta idéia encontra consonância no pensamento de Gandini (1999) que, ao descrever a importância do ambiente na abordagem italiana para a educação infantil, considera o espaço como um outro educador. Nesta experiência, os espaços são efetivamente pensados visando o interesse e as necessidades das crianças. Quanto mais estruturado o ambiente, quanto maiores forem as possibilidades de a criança estar explorando os espaços e objetos, quanto maiores e mais diversas forem as relações que ela estabelece dentro deste contexto, maior será o desenvolvimento da sua autonomia.

Faria (2000) alerta que, no Brasil, ainda temos um longo caminho a percorrer para que todas as crianças tenham garantido o direito de ser criança e a certeza de que a antecipação da vida adulta será combatida. A autora destaca a necessidade de se repensar os espaços destinados à educação infantil no nosso país, e lembra que a organização espacial comumente utilizada nas instituições infantis, é muitas vezes, ou baseada no modelo escolar (sobretudo as pré-escolas), ou em ambientes hospitalares (sobretudo os berçários). Outro aspecto destacado por Faria (2000) é a utilização improvisada de casas como instituições de educação coletiva de crianças, construídas para outras finalidades, raramente contemplando todas as dimensões humanas e nem sempre respeitando todos os quesitos imprescindíveis para a educação e cuidado das crianças pequenas em espaços coletivos.

Por isso, mostra-se relevante investigar este tema de pesquisa, principalmente considerando a luta que os pesquisadores e educadores da infância vêm travando em prol da efetivação do direito da criança a ambientes de educação coletiva de qualidade. Assim, este trabalho tem como **objetivo geral compreender como as representações sociais sobre infância e educação infantil das professoras de salas de 3 a 6 anos do município de Corupá orientam o modo como elas organizam o ambiente para as crianças e subsidiam a argumentação que utilizam para justificar essa organização.**

Para viabilizar a investigação desse objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar os ambientes das salas de educação infantil organizados pelas professoras de 3 a 6 anos do município de Corupá.
2. Relacionar as percepções das professoras de salas de 3 e 6 anos do município de Corupá sobre ambientes de Educação Infantil com os critérios que estas adotam na organização das salas onde atuam.
3. Identificar que aspectos das representações sociais das professoras sobre infância e Educação Infantil são expressos no modo como elas organizam o ambiente das salas de educação infantil e na lógica que adotam para justificar essa organização.

Esta dissertação está organizada de forma que auxilie a compreensão tanto da construção teórica deste estudo como dos seus encaminhamentos metodológicos. Por isso, este trabalho inicia com uma retomada dos estudos de Demathé (2007) e Benoit (2008) já empreendidos na cidade de Corupá, visto que os resultados destes estudos serão utilizados para atender ao terceiro objetivo específico desta pesquisa.

A seguir, é apresentada uma discussão sobre o ambiente na Educação Infantil. Inicia-se com uma diferenciação dos termos espaço e ambiente, assim como uma breve trajetória do conceito de espaço no ocidente. Em seguida, são apresentados alguns modelos clássicos do uso dos ambientes na educação infantil, enfocando os Parques Infantis de Mário de Andrade na São Paulo dos anos 30 e três modelos internacionais considerados como referência de qualidade, onde os ambientes são aspectos-chave e buscam respeitar a necessidades das crianças: a abordagem italiana de educação para a primeira infância, mais especificamente com a experiência de Reggio Emilia, o currículo High Scope já que essas propostas têm por base diferentes perspectivas teóricas da Educação Infantil. Para finalizar esta discussão, será realizada uma breve revisão das pesquisas brasileiras sobre o tema.

O item seguinte trata dos encaminhamentos metodológicos da pesquisa, compreendendo uma breve caracterização da cidade de Corupá e dos sujeitos que se envolveram na pesquisa. Neste capítulo, também serão descritas as etapas deste estudo.



## 1.2 Estudos sobre a Educação Infantil em Corupá

O primeiro estudo empreendido pelo grupo de pesquisa em Desenvolvimento e Educação da Infância em Corupá foi o de Demathé (2007) e abriu caminhos para que outros fossem realizados. Esta pesquisa tinha por objetivo caracterizar as representações sociais sobre infância das professoras deste município e, para isso, a autora adotou uma abordagem plurimetodológica com base na teoria das representações sociais de Moscovici (1961/1978).

A idéia de que existem representações compartilhadas pelas pessoas que pertencem a um mesmo grupo social foi defendida por Durkheim (1853-1917), que introduziu o conceito de representações coletivas. Moscovici se baseou no conceito de representação coletiva de Émile Durkheim, para abordar as representações socialmente compartilhadas de uma perspectiva psicossocial.

Para Moscovici, o conceito de representações coletivas (RC) continha vários aspectos que o impediam de dar conta dos novos fenômenos detectados na sociedade contemporânea. Em primeiro lugar, ele abrangia uma ampla e heterogênea gama de formas de conhecimento, acreditando estar nelas contidas uma grande parte da história intelectual da humanidade. Já Moscovici, cujo objetivo era estabelecer uma psicossociologia do conhecimento, acreditava que as representações sociais (RS) deviam ser reduzidas a “uma modalidade específica de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (SÁ, 1995, p. 23), no desenrolar da vida cotidiana. Outro aspecto que diferenciava as RC das RS, era que o conceito proposto por Durkheim considerava as representações como se elas fossem estáticas, pois não havia sido proposto visando a mobilidade e circulação das representações contemporâneas emergentes. E por último, as representações coletivas eram vistas como dados fechados, explicações absolutas, irredutíveis a qualquer análise posterior, enquanto que na teoria proposta por Moscovici, era necessário penetrar nas representações para descobrir a sua estrutura e os seus mecanismos internos (SÁ, 1995).

Assim, em 1961, com o seu trabalho “A psicanálise, sua imagem e seu público”, Moscovici introduziu o conceito de representações sociais, deixando claras as diferenças entre esse conceito e o de representações coletivas, de Durkheim e inaugurando um novo paradigma de estudos dentro da Psicologia Social. Nesse

trabalho, ele buscava descobrir como um novo corpo de conhecimento se espalha dentro de uma população e é apropriado por ela, passando a fazer parte do senso comum. Para isso ele buscou entender como se deu o fenômeno da socialização da psicanálise, como foi a sua apropriação pelo público parisiense, e o processo de sua transformação para servir a outros usos e funções sociais (SÁ, idem).

Para Farr (1995), Moscovici não desenvolveu sua teoria num vazio cultural. Além de se apoiar em Durkheim, ele se baseou em outros fundadores das ciências sociais na França, por isso sua teoria é frequentemente classificada como uma forma sociológica da Psicologia Social.

Sá (1995) explica que em seu estudo epistemológico sobre o fenômeno das representações, Moscovici nos mostra que algumas ciências como a sociologia, a antropologia, a psicologia clínica e social se preocuparam em compreender como se processa o pensamento e a conduta dos indivíduos e como estes se transformam com o decorrer do tempo. Porém, ele considera que, apesar dessas áreas da ciência terem contribuído com os estudos sobre representação, elas apresentam dados fragmentados, pois ou se baseiam no caráter coletivo das representações ou partem dos substratos psíquicos procurando compreender as origens e interiorização das representações. Já Moscovici estava preocupado com a comunicação que permite aos indivíduos convergirem, e que faz com algo do individual se torne social, e vice-versa (Idem).

Para ele, as representações são geradas no social e reelaboradas pelo indivíduo, portanto o social e o individual são indivisíveis, não lhe interessa o substrato, mas a ação, o movimento, a interação entre o social e individual.

Em uma psicologia social mais socialmente orientada, é importante considerar tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais (instituições e práticas, por exemplo) em sua concretude e singularidade histórica e não abstraídos como uma genérica presença dos outros. Importam ainda os conteúdos dos fenômenos psicossociais, pouco enfatizados pelos psicólogos sociais tradicionais em busca de processos tão básicos ou universais que pudessem abrigar quaisquer conteúdos específicos. Além disso, não importa apenas a influência unidirecional, dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, mas também a participação destes na construção das próprias realidades sociais (SÁ, 1995, p.20).

Podemos então dizer, de uma forma bastante simplista, que as representações sociais são as idéias que os indivíduos formulam sobre um assunto

ou fato, suas informações, crenças, valores, sentimentos e expectativas sobre determinado objeto ou situação. Essas idéias são construídas e transmitidas historicamente, apoiadas no contexto em que esses indivíduos estão inseridos, na sua realidade socioeconômica, cultural e étnica.

Acredita-se que as representações sociais são elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. (FRANCO, 2004, p.3)

Para Franco (2004), a teoria proposta por Moscovici, rompe com a clássica dicotomia entre o sujeito e objeto, levando a concluir que o objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, tornando-se então uma réplica interiorizada da ação.

No caso das representações sociais, porém, parte-se da premissa de que não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, na medida em que, ao apreendê-lo de uma dada maneira ele próprio se situa no universo social e material. (MAZZOTTI, 2000, p.59)

Ao nos reportarmos ao estudo de Demathé (2007), cujo objeto social pesquisado era a representação de infância das professoras de educação infantil do município de Corupá, partimos do pressuposto que as idéias, valores e conhecimentos destas professoras sobre infância orientam suas práticas pedagógicas e as interações que estas estabelecem com as crianças que estão sob seus cuidados. Para a citada pesquisadora:

[...] o estudo das práticas educativas desenvolvidas pelas professoras de Educação Infantil de Corupá não pode prescindir do conhecimento das idéias, crenças e valores destas professoras sobre a infância. Acredita-se que grande parte destas idéias, crenças e valores que são compartilhados pelas professoras e circulam no grupo social ao qual elas pertencem sofrem a influência das informações que chegam a esse grupo através da mídia, seja essas informações de caráter científico ou não. (DEMATHÉ, 2007, p. 13)

A geração e a análise de dados dessa pesquisa ocorreram em três etapas. Na primeira delas, participaram 41 sujeitos de pesquisa, incluindo: duas coordenadoras pedagógicas, três diretoras de creche e 36 professoras. Esta fase buscava identificar os elementos constituintes da representação social de infância e, para isso, a pesquisadora utilizou a técnica de associação livre, pedindo aos sujeitos

de pesquisa que escrevessem todas as palavras ou expressões que lhe vinham à cabeça ao ouvir a palavra infância.

Para Camargo (2005) no campo das representações sociais no processo de coleta de dados o pesquisador pretende que o sujeito possa dar livre expressão ao seu saber dando corpo às teorias que desenvolve na sua mente. Neste contexto, o uso da associação livre torna-se fundamental, pois esta técnica evita com que os sujeitos tenham muito tempo para racionalizar sobre o objeto pesquisado, o que permite com que se conheça teorias e valores presentes no inconsciente do indivíduo. Cordeiro (2006, p. 35) explica que:

O uso da Associação Livre no estudo das Representações Sociais permite o acesso a conteúdos do subconsciente, evitando a filtragem dos mesmos de acordo com o que os sujeitos consideram que o pesquisador espera ouvir, ou com o que seria socialmente desejável. Também evita que as respostas dos sujeitos sejam influenciadas pela forma como as perguntas são formuladas pelo pesquisador, as respostas do sujeito podem ser dadas oralmente ou por escrito, o que facilita a coleta de dados. As análises das evocações obtidas ao utilizar esta técnica permitem que se conheça não apenas o conteúdo, mas também a estrutura base do campo representacional.

A análise das evocações das professoras de educação infantil de Corupá sobre infância revelou elementos referentes a brincadeiras, afetividade, movimento, criatividade, curiosidade, cuidado, etapa de vida, escola, família, recordações (sabores, imagens, sons) valores, atividades, interações e sensações. Utilizando a análise do quadro das quatro casas de Vergés (2002)<sup>2</sup>, produzido pelo software de análise estatística EVOC, a autora observou que o provável núcleo central contém evocações relacionadas a “ser criança”, ou seja, infância enquanto período de desenvolvimento. Os elementos intermediários da representação referem-se aos espaços da infância na sociedade atual: a família e a escola (instituição de educação infantil), bem como as reminiscências e marcas da infância. Também se revelam nas evocações palavras que pertencem ao sistema periférico, que tem por objetivo proteger a estrutura da representação. Nele ancoram-se as vivências das professoras com as crianças e quando crianças.

Da segunda etapa do estudo de Demathé (2007) participaram os mesmos sujeitos da etapa anterior. Com ela, a pesquisadora buscava confirmar o que havia observado na associação livre sobre a estrutura da representação social e avançar

---

<sup>2</sup> Vergés, P. L' analyse des données par les graphes de similitude. Université of Aix-em-Provence, 2002. Unpublished manuscript.

no conhecimento da sua dinâmica, ao conhecer os significados atribuídos aos elementos da representação. Para isso, após cada professora escrever a lista de palavras para a associação livre, lhe foi solicitado que fizesse um desenho que expressasse o que, para ela, representava a infância. Concluído o desenho, a pesquisadora pediu a cada um dos sujeitos de pesquisa que virasse a folha e escrevesse no verso sobre o desenho que havia feito.

Após a análise dos desenhos e dos textos escritos pelas professoras, Demathé (2007, p. 89) observa:

O núcleo central revela que a representação de infância se objetiva em uma imagem de criança brincando ao ar livre, no qual os significados de brincadeira se fundem com o significado de ser criança, o que sugere que, esta imagem criada com base nos conhecimentos das professoras sobre desenvolvimento infantil, adquiridos em suas formações profissionais. Assim, o significado de infância se materializa nesta imagem de criança, no sentido psicológico. Os conteúdos que constituem os sistemas periféricos, entretanto, revelam que outras significações começam a emergir, significações estas que estão ancoradas nas experiências das professoras nas IEs e nas recordações das suas próprias infâncias. Algumas dessas experiências geram constatações que ameaçam a representação de infância traduzida na imagem prototípica de criança que constitui o núcleo central. Assim, é provável que as infâncias que não se aproximarem deste protótipo sejam consideradas “anormais” ou “não-infâncias”. Isso é o que parece estar acontecendo quando as professoras comparam a infância delas com a infância de hoje.

Na terceira etapa da coleta de dados, Demathé (2007) tinha por objetivo explicitar os significados atribuídos aos elementos que constituem a representação sobre infância e, por isso, optou por realizar grupos focais, visto que, diferentemente das entrevistas onde há apenas um único respondente, no grupo focal o pesquisador tem pela frente um grupo de respondentes. O grupo focal tem por objetivo explorar várias opiniões e as diferentes representações que emergem no grupo ao discutir o tema em questão.

Demathé (2007) realizou dois grupos focais, um destes grupos foi constituído por cinco professoras que atuam nos Jardins de Infância e Pré-Escolas de Corupá e o outro foi constituído por nove professoras que atuam nos CEIs do município. As discussões ocorridas durante os dois grupos focais foram gravadas e transcritas e a autora recorreu à análise de conteúdo para interpretar o que as falas estariam revelando. A análise das falas das professoras revelou que:

[...] os diferentes significados que são tecidos nas representações das professoras são negociados em torno de dois eixos principais: a infância de ontem relativo às infâncias das professoras X a infância de hoje que consideram praticamente inexistente. O segundo eixo esta nas tensões entre a família X a escola (instituições de educação infantil) balizado pela discussão sobre as responsabilidades a respeito da infância. (Idem, p. 90)

O primeiro eixo presente nos discursos das professoras: infância de ontem X infância de hoje enfatiza as vivências das professoras, suas experiências reais de infância, que, segundo elas, são diferentes das vividas pelas crianças de hoje. Sob este eixo emergem diversos temas: as brincadeiras, os cenários das brincadeiras, os rituais, as vestimentas/comportamentos e as conversas.

Como foi discutido na segunda etapa, o brincar é um dos elementos mais importantes, senão o mais importante, do núcleo central, de tal forma que o brincar se torna a significação da imagem de criança. Ao mesmo tempo, os brinquedos e brincadeiras, contextualizados social e culturalmente, constituem as marcas da infância que definem a identidade das professoras enquanto adultas e impregnam suas práticas educativas. (DEMATHÉ, 2007, p. 78)

Para as professoras, a violência dos dias atuais transformou as brincadeiras de “antigamente” e os cenários onde estas ocorriam. Se antes os espaços privilegiados para o brincar eram as ruas ou os quintais das casas, hoje as crianças vivem trancadas dentro das residências e substituíram as brincadeiras pelos brinquedos eletrônicos (vídeo-game, jogos de computador).

Além disso, para as professoras, os pais de hoje são muito ocupados, o que diminui consideravelmente o tempo de convivência entre pais e filhos. Isto também faz com que as crianças se envolvam em outras atividades (balé, inglês, internet, etc.) como forma de suprir a ausência dos pais.

Para Demathé (2007) os discursos também revelam que, para as professoras, as crianças de hoje não sabem mais brincar e que é função da educação infantil garantir com que elas “aprendam” a fazê-lo. Também destacam outros fatores: perda da magia de algumas datas ou eventos como o Natal e a Páscoa; a adultização precoce das crianças presente nas roupas e sapatos que hoje são consumidos pelo público infantil; o fácil acesso às conversas e ao mundo dos adultos; e as mudanças na estrutura familiar.

O segundo eixo presente nos discursos das professoras é a responsabilidade pela infância. Nas falas percebe-se que estas acreditam que, com os pais trabalhando o dia inteiro, as instituições educativas têm cada vez mais assumido o

papel que antes era exclusivo da família e que, por isso, é necessário que elas garantam às crianças o espaço para a brincadeira, a liberdade de criar, se movimentar, se sujar. Ou seja:

[...] constroem uma representação de si mesmas e da educação infantil com esta representação de infância ameaçada de extinção pela própria família. Tornam-se, assim, as salvadoras da infância e a educação infantil constitui-se como um mundo à parte, onde pode tudo (em termos de inventividade), tudo vale (brincar, se sujar, fantasiar...) (Idem, p. 90).

Também demonstram preocupação com as “marcas” que, enquanto professoras, elas irão deixar nas infâncias das crianças que se encontram sob a sua responsabilidade e, apesar de terem consciência que, por serem muito pequenas, dificilmente serão lembradas por elas, estão comprometidas em oportunizar agora uma infância feliz para as crianças que freqüentam a educação infantil.

O estudo de Benoit (2008), “Qualidade em Educação Infantil: as concepções das professoras de educação infantil de Corupá”, baseou-se na consulta sobre “Qualidade na Educação Infantil” desenvolvida entre os anos de 2004 e 2006 (CAMPOS, COELHO. CRUZ, 2006) e tinha por objetivo compreender os significados de “qualidade” expressos pelas professoras de EI de Corupá, quando se referiam ao atendimento de crianças de 0 a 6 anos, neste município.

Esta pesquisa procurava conhecer a opinião das professoras acerca da utilidade das instituições de educação de educação infantil, as suas concepções sobre um CEI de qualidade, e quais os elementos que elas consideram mais relevantes para garantir um atendimento de qualidade para as crianças de zero a seis anos. Participaram como sujeitos de pesquisa as professoras (efetivas e contratadas) atuantes na Educação Infantil da rede municipal de Corupá durante o período de coleta de dados. Na época, a rede contava com um quadro de 40 professoras, sendo que seis dessas exerciam cargos de coordenação (nas pré-escolas) ou direção (nos Centros de Educação Infantil).

Dos Centros de Educação Infantil que atendem crianças com até 3 anos, participaram da pesquisa 23 professoras em exercício e três diretoras. Das pré-escolas, localizadas em Escolas de Ensino Fundamental, e que atendem crianças de 4 a 6 anos em período parcial, participaram sete professoras em exercício e três coordenadoras, totalizando 36 participantes.

A autora, para viabilizar os objetivos com os quais o trabalho se comprometia, utilizou os instrumentos de pesquisa elaborados para a Consulta sobre Qualidade da Educação Infantil (CAMPOS, COELHO e CRUZ, 2006), os quais foram organizados e reformulados de acordo com as necessidades específicas do seu trabalho.

Portanto, para o estudo empreendido no município de Corupá, algumas questões do documento original foram mantidas, outras acrescentadas, tendo em vista os objetivos da pesquisadora. Quanto à coleta de dados, o instrumento utilizado na Consulta Nacional foi aplicado em forma de entrevista, enquanto Benoit optou por fazer uma parte em forma de entrevista e outra em forma de questionário. Quanto à análise e tratamento dos dados, a pesquisadora analisou as questões abertas qualitativamente, procurando categorizar os temas e tópicos que emergiram do discurso das professoras, assim como explicitando os significados implícitos nesse discurso e enfatizando a lógica e os valores subjacentes à argumentação por elas sustentada. Já as questões fechadas dos questionários foram analisadas utilizando-se o pacote estatístico SPSS.

A primeira questão deste estudo era: “Na sua opinião, para que serve um CEI/Pré-escola?”. Segundo Benoit (2008, p. 65), a análise do discurso das professoras revelou *“um certo conhecimento de nuances da história da Educação Infantil, relacionadas ao atendimento das crianças (no período anterior ao seu período de vinculação com a educação) sobretudo no próprio município”*, ao mesmo tempo em que buscam diferenciar e conciliar o binômio *cuidar e educar*.

A diferenciação revela a incorporação do discurso acadêmico que como aponta Carvalho (1999 apud NAZARIO, 2003) ao criticar uma preocupação exclusiva com o cuidar como um subterfúgio para dissimular a falta de competência pedagógica das professoras, resultou em uma visão negativa do cuidado e, em alguns casos, até mesmo em uma negação de que o cuidar fosse parte integrante das funções das professoras de educação infantil, gerando uma cisão entre o cuidar e o educar. Esta cisão está presente mesmo quando as professoras defendem a inseparabilidade desses aspectos, o que pode ser percebido pela preocupação que elas demonstram em justificar o exercício de tarefas consideradas de cuidado. Como afirma Kuhlmann (2000, p.17) “No intento de se fazer a defesa do direito das crianças das classes populares ao conhecimento, parece querer-se purificar o pedagógico do contágio com as estruturas e práticas reais em que ocorre o processo educacional das crianças que freqüentam as pré-escolas.” (Idem)

Apesar da pouca clareza das professoras em relação aos conceitos cuidar/educar, o estudo revela que, tanto aquelas que trabalham nos CEIS quanto



as que trabalham nos Jardins de Infância e Pré-Escola consideram a promoção do desenvolvimento das crianças como a principal função da EI. O cuidado e a socialização são aspectos relacionados a esta função. No que se refere aos cuidados, as professoras consideram que como as crianças passam grande parte do dia nas instituições de educação infantil, uma das suas funções é zelar por sua integridade física e psicológica.

Ambos os grupos destacaram que, das principais funções do CEI/Pré-escola, o **desenvolvimento da criança** é o de maior valor e é na promoção do desenvolvimento que as professoras dão sentido às suas tarefas educativas. Esse desenvolvimento aparece relacionado principalmente aos aspectos de cuidado e socialização.

O CEI, muito mais que a Pré-escola, pela menor idade das crianças atendidas, acaba agregando, além de coordenação motora e comportamento social, uma preocupação com as primeiras noções de cuidado pessoal (higiene e alimentação). As professoras evidenciam a importância dessas aprendizagens, tendo em vista, principalmente, a grande permanência das crianças nos centros, que teriam o papel de auxiliar e compensar certas carências advindas dessa ausência familiar. (Grifo da autora) (Idem, 67-68)

A *afetividade* foi outro aspecto presente nos depoimentos das professoras, aparece tanto como justificativa para as manifestações físicas que permeiam as relações adulto-criança nos contextos das instituições de educação infantil, como um ponto de conflito, principalmente no que concerne ao papel da professora, pois, para as participantes desta pesquisa, este se confunde com o papel da mãe.

Os relatos evidenciam uma certa dificuldade, por parte das professoras entrevistadas, em distinguir os papéis do CEI/Pré-escola e da família. Essa indefinição, ao descrever a sua função enquanto instituição de atendimento à criança menor de seis anos, faz com que as professoras justifiquem as atividades de cuidado referindo-se à ausência da família e procurem dar um significado pedagógico a essas atividades, incluindo em seus discursos palavras como ensino, estimulação, aprendizagem e desenvolvimento. Apesar disso, essas atividades são vistas como uma forma de complementar ou de suprir aquilo que ainda é considerado como atribuição da família. (BENOIT, 2008, p. 69)

A *socialização* também aparece no discurso das professoras como uma das funções da EI, no sentido de que estes espaços podem proporcionar muitos benefícios às crianças ao oportunizar o contato com seus pares e as aprendizagens sociais decorrentes destas relações. Mas, implicitamente, a socialização é vista como adaptação às normas já definidas das instituições de educação coletivas. Outro fator que as professoras consideram importante é que as crianças que já

passaram por este espaço de socialização adaptam-se e se destacam nas etapas de escolarização posteriores.

Outro dado relevante no estudo de Benoit (2008) é que as professoras que participaram desta pesquisa creditam à educação infantil a função de atender às necessidades dos pais e de preparar as crianças para a escola. Essa necessidade familiar surge por questões sociais e econômicas, que levam os pais a optar por este atendimento, tanto como um direito, como pela credibilidade que estas instituições possuem atualmente enquanto ambiente seguro e confiável. Os depoimentos da maioria das professoras da Pré-Escola e de uma pequena parte das professoras de CEI, também revelam que uma das funções da educação infantil é preparar a criança para o ensino formal. Este aspecto está relacionado às experiências de socialização vivenciadas pelas crianças nas IEIs, que auxiliam no processo de adaptação à escola. E a pesquisadora conclui:

Observamos, ao longo deste questionamento, que as professoras reconhecem o CEI/Pré-escola como um lugar importante para um desenvolvimento saudável da criança. Para elas, a necessidade dos pais agregada à competência profissional das professoras e às oportunidades de conviver em grupo fazem com que o CEI / Pré-escola seja um lugar seguro e importante que deixará marcas na constituição da identidade da criança. (Idem. p. 73)

No que se refere às concepções das professoras sobre “uma boa instituição de Educação Infantil”, outros aspectos são revelados nos seus depoimentos. O primeiro deles tem relação com o bem-estar da criança, ou seja, uma IEI de qualidade se caracteriza por oportunizar as crianças um *ambiente saudável*, um espaço onde elas possam vivenciar experiências significativas que promovam o seu desenvolvimento.

[...] O fato de estarem fora de suas casas e longe dos seus pais traz ao professor a responsabilidade de suprir certas carências afetivas e organizar atividades que sejam experiências prazerosas para as crianças e que despertem o desejo e o gosto por estar ali. (Idem, p. 74)

As professoras também acreditam que a qualificação profissional, aliada à afetividade, também caracterizam uma IEI de qualidade. Ou seja, a formação acadêmica por si só não basta, as professoras precisam realmente gostar daquilo que fazem, visto que faz parte da especificidade do trabalho desenvolvido com as crianças pequenas o amor, o carinho, a proteção.

Os depoimentos evidenciam que as entrevistadas sentem dificuldade em definir o seu papel enquanto professoras. O conflito entre a formação profissional qualificada e a afetividade surge na tentativa de argumentar as necessidades advindas do trabalho com crianças pequenas. Essas necessidades, por sua vez, exigem que o professor tenha um envolvimento que ultrapasse as barreiras apenas profissionais e se entrelace a um compromisso que requer amor. A afetividade adquire, assim, um significado ligado à idéia de motivação, que não se reduz às manifestações de carinho, mas inclui também o compromisso e a dedicação ao trabalho. (BENOIT, 2008, p. 76)

Para as entrevistadas, uma educação infantil de qualidade também se caracteriza por ser um espaço que, ao mesmo tempo em que oportuniza experiências ricas para as crianças, garante o respeito às diferenças. No discurso das professoras o conceito de inclusão vai além da inclusão dos portadores de necessidades especiais, abrange a inclusão social e o apoio às crianças com dificuldades de aprendizagem.

Na fase seguinte, a pesquisadora pediu às entrevistadas que escolhessem um símbolo que, para elas, representasse a idéia de um bom CEI/Pré-Escola, e concluiu que, de maneira geral, as imagens produzidas vinham ao encontro dos discursos produzidos pelas professoras quando falaram das suas concepções sobre a função do CEI/Pré-Escola e qualidade.

As participantes escolheram imagens que, de uma forma ou de outra, explicitam a maneira como percebem seu papel no desenvolvimento das crianças. Para a autora, alguns símbolos evocados como a professora de mãos dadas com as crianças, ou os profissionais de educação infantil de mãos dadas, denunciam a importância da união, do vínculo a ser construído, seja com as crianças ou com as colegas de trabalho no exercício da profissão. As mãos dadas também refletem os aspectos de apoio e afetividade, tão presentes no discurso das professoras, bem como o respeito às diferenças.

Elementos da natureza como flor, árvore, água, rio, passarinho, sol, arco-íris também foram evocados pelas professoras explicitando a idéia de um CEI/Pré-Escola que promove o crescimento da criança e constitui a base (raiz) para toda a vida.

A idéia da infância aparece também na imagem de um rio, representando a idéia de futuro, de caminhos abertos e também como um período que deixa marcas para o resto da vida. A idéia da Educação Infantil como um ambiente em que é necessário garantir

que essas marcas sejam positivas, e que, por isso se torna essencial para a vida, é representada pela água.

Um sorriso, um passarinho, um sol, um arco-íris, todos expressam a alegria que se constitui a dimensão afetiva da representação que as professoras têm de infância. O discurso relativo a essas imagens confirma os elementos que Demathé (2007) encontrou no núcleo central da representação social sobre infância, dessas professoras. (Idem, p. 81)

Já o coração representa a imagem que as professoras têm da educação infantil como local que substitui a família na vida da criança, principalmente o papel da mãe. Um coração aberto, onde sempre há espaço para mais um. E a pesquisadora concluiu:

As imagens descritas pelas professoras com o objetivo de representar suas idéias de bom CEI/Pré-escola demonstram que o discurso de qualidade é permeado por valores que remetem à sua imagem de criança e infância. São feitas referências quanto à importância do professor, seja na interação, no apoio, na afetividade, tendo em vista seu papel no desenvolvimento da criança enquanto sujeito em processo de formação, ativo e com características inerentes a sua condição de criança (alegria). Nessa perspectiva, Dahlberg, Moss e Pence (2003) defendem que é somente a partir de uma discussão acerca da imagem de criança e de infância que temos e perspectivas futuras, que podemos avançar no discurso de qualidade. (Idem, p. 83)

Para responder à quarta questão de pesquisa sobre quais os elementos que as professoras consideram mais relevantes para garantir um atendimento de qualidade para as crianças de zero a seis anos, a pesquisadora utilizou dez fichas representando dez itens, pedindo às participantes que escolhessem três fichas que considerassem como os aspectos mais importantes e que, dentre as três, escolhessem uma para descrever. Entre os aspectos considerados mais importantes as professoras escolheram: atividades pedagógicas, relação com pais e comunidade e medidas de inclusão. Os aspectos mais escolhidos para serem descritos foram: relação com os pais e comunidade, relações interpessoais e medidas de inclusão.

A partir da descrição dos aspectos mais destacados pelas professoras, observamos que em relação às *atividades pedagógicas*, elas demonstram uma centralização do significado de *pedagógico* na pessoa do professor, de tal forma que se considera como pedagógico tudo e apenas o que se refere à relação professora-criança, mesmo que de forma indireta. A professora é a detentora do conhecimento sobre o trabalho educativo. Cabe a ela planejar, organizar, orientar e adaptar. Assim, quando, por exemplo, acontece algo que não envolve diretamente as crianças, mas envolve a professora, considera-se que isso pode, de alguma maneira, afetar a

criança, por levar-se em conta a imitação, pela criança, de uns e outros comportamentos aprendidos nas suas relações com os adultos. (BENOIT, 2008, p. 85)

Já para a pesquisadora, ao descreverem o aspecto *relação entre pais e comunidade* como um dos mais importantes, as professoras evidenciam principalmente os aspectos que diferenciam esses dois contextos de vida da criança, e que precisam ser compreendidos. Os discursos também revelam que as pesquisadas esperam que os pais valorizem o seu trabalho e colaborem com o CEI/Pré-escola, mas ainda resistem a uma participação verdadeiramente efetiva dos pais.

Com relação ao aspecto *medidas de inclusão*, novamente o discurso das professoras vai além da inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais para destacar a inclusão social e a aceitação das diferenças.

O quadro 1 sintetiza os elementos mais importantes das pesquisas acima descritas.

**Quadro 1: Quadro-síntese das pesquisas de Demathé (2007) e Benoit (2008)**

	<b>Demathé (2007)</b>	<b>Benoit (2008)</b>
Pesquisas:	A Representação Social sobre a Infância: um estudo com as professoras de Educação Infantil do município de Corupá.	Qualidade na Educação Infantil: as concepções das professoras de Educação Infantil de Corupá.
Problema:	Qual a representação social das professoras de educação infantil de Corupá sobre infância?	Quais os significados de “qualidade” expressos pelas professoras de Educação Infantil de Corupá quando se referem ao atendimento às crianças de zero a seis anos, nesse município?
Objetivo Geral:	Caracterizar as representações sociais sobre infância das professoras de EI de Corupá.	Discutir os significados de “qualidade” expressos pelas professoras de Educação Infantil de Corupá quando se referem ao atendimento às crianças de zero a seis anos, nesse município.
Sujeitos de Pesquisa:	41 pesquisadas: duas coordenadoras pedagógicas, três diretoras de CEIs e 36 professoras.	36 pesquisadas: três coordenadoras pedagógicas, três diretoras de CEIs e 30 professoras.
Procedimentos de Coleta de Dados:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação Livre</li> <li>• Desenho – imagem que representasse a infância</li> <li>• Grupo Focal</li> </ul>	Questionário e entrevista.
Resultados Obtidos:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os elementos revelados sobre a representação de infância se referem a brincadeiras, afetividade, movimento, criatividade, curiosidade, cuidado, etapa de vida, escola, família, recordações (sabores, imagens, sons), valores, atividades, interações e sensações.</li> <li>• Estrutura das representações: Núcleo Central – a infância enquanto período de desenvolvimento – sentido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma EI de qualidade deve disponibilizar um ambiente com professores qualificados, que assegure o bem-estar da criança, promovendo valores como: autoconfiança, amizade, companheirismo e afetividade; respeitando as diferenças e oportunizando experiências que permitam à criança expressar-se livremente, enfim, que seja criança.</li> <li>• Destaca-se a importância da formação profissional, porém percebe-se que o</li> </ul>

	<b>Demathé (2007)</b>	<b>Benoit (2008)</b>
	<p>psicológico. Sistema periférico – no primeiro nível os contextos da infância (escola e família), no segundo as reminiscências e marcas da infância e no terceiro nível as vivências pessoais das professoras na infância.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dinâmica das representações: revela uma imagem de infância que se objetiva em uma imagem de criança brincando ao ar livre, o significado de brincadeira se funde com o significado de ser criança.</li> </ul>	<p>papel de professora, no discurso de algumas entrevistadas, confunde-se com o papel da mãe e da família.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Também nos depoimentos destaca-se a afetividade como qualidade inerente a profissional de EI, aparecem também idéias de engajamento, motivação, compromisso e dedicação.</li> <li>• Um bom CEI/Pré-escola se constitui de um espaço promissor ao desenvolvimento da criança, vindo a oportunizar experiências ricas em relação ao seu crescimento, desenvolvimento e aprendizagem.</li> </ul>

As duas pesquisas aqui descritas contribuíram para que compreendêssemos melhor as representações e concepções das professoras de educação infantil de Corupá sobre infância, sobre as funções do CEI/Pré-escola, e sobre o seu trabalho pedagógico. Apoiadas nestes dois estudos, propomos avançar nesta discussão, focando agora as prática das professoras e como suas concepções/ e representações sobre infância e instituição de educação infantil se relevam quando elas destacam os aspectos que percebem nos ambientes de educação infantil e os critérios que utilizam na organização das suas salas de atividade.

Os estudos que o grupo de pesquisa “Desenvolvimento e Educação da Infância” tem empreendido em Corupá visam fomentar a discussão sobre a importância da educação infantil enquanto contexto de desenvolvimento, e desta forma, promover a reflexão das professoras quanto ao trabalho que desenvolvem junto às crianças. Espera-se que também possamos contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento destinado à infância neste município e oportunizar o fortalecimento profissional destas professoras, ao reconhecer as especificidades da prática pedagógica voltada a esta faixa etária. Além disso, estes estudos somam-se aos tanto outros que estão sendo desenvolvidos no nosso país e que buscam legitimar a importância de um atendimento de qualidade à infância brasileira.

## 2 O AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### 2.1 Espaço e ambiente: entrelaçamentos

O espaço sempre foi um tema recorrente nas reflexões dos filósofos ocidentais. Na busca de entender a relação dos sujeitos com o mundo, o espaço aparece como ponto de partida para construções de teorias do conhecimento. Lara (2007) divide essas concepções em três fases. Na primeira fase, ocorrida na Antiguidade, o espaço era compreendido como uma realidade objetiva, independente da imaginação e da razão humana. Na Idade Média, as teorias de Aristóteles prevaleciam sobre esse tema e o espaço era uma realidade objetiva, era uma posição ou lugar. O espaço, na teoria aristotélica, era visto como um dos acidentes que afetam a substância material. Por fim, na Modernidade, a problemática do espaço volta à tona. Nesta fase, o realismo vai se opor à tese do idealismo, segundo o qual o espaço já não é uma dimensão do mundo objetivo, mas uma imagem ou idéia, com a qual o sujeito responde à afetação das coisas. Para Lara (2007), Hobbes teria sido o primeiro que definiu o espaço como uma imagem da coisa existente, enquanto existente, isto é, o filósofo definia o espaço como imagem de uma coisa existente fora do sujeito imaginante.

De igual parecer são outros empiristas, como é o caso de John Locke. Mas não somente os empiristas endossam essa tese. Também racionalistas. Kant, já no século XVIII, trabalhava a questão espaço e tempo, naquilo que se chamou o idealismo transcendental. Para Kant, espaço e tempo não são categorias que dizem respeito à coisa-em-si, pois essa é incognoscível à mente humana. Espaço e tempo são dimensões da razão humana, forças a priori dessa razão que plasmas as afetações (affektionem) das coisas. Essas só se tornam conhecidas, se as afetações que elas produzem no sujeito, forem assumidas e unificadas pelas forças a priori de espaço e tempo da sensibilidade; e pelas doze categorias do entendimento. (LARA, 2007, p. 14)

Detoni (2007) considera que os estudos sobre o espaço no ocidente podem ser reunidos nas chamadas correntes intelectualista e empirista. Para o autor, de modo sucinto, o Empirismo pensa o espaço como uma imagem de uma coisa fora do sujeito imaginante, e apresenta Hobbes como representante dessa teoria. Também para os empiristas Berkeley e Hume, o espaço se configura numa idéia

prontamente derivada das sensações. Quanto ao pensamento intelectualista, ele destaca o racionalismo kantiano, que situava o espaço como condição fundamental para o conhecimento dos objetos.

Outro representante do empirismo é Locke (1632-1704). Para o filósofo inglês, espaço não é uma idéia inata ao sujeito observador, ele está nas coisas “nitidamente”, recebemos suas propriedades pela percepção; que é a capacidade que temos de exercitar as sensações (o tato e a visão) num ato de receber e conduzir à mente as idéias. Ou seja, através da percepção, o sujeito pode conduzir à mente idéias sobre as propriedades do espaço, referentes à extensão, figura, movimento e repouso dos corpos. Outra característica do pensamento empírico no que se refere ao espaço é a idéia de mensuração. Locke destaca a necessidade dos seres humanos de, ao longo da história, medir o espaço, o que levou a criação de sistemas de medida (jarda, polegada, metro, etc.), que, uma vez assimilados, acabam dispensando os corpos e tornando o espaço uma idéia mental (DETONI, 2007).

O mesmo autor explica que, para Kant, é no sujeito que se encontram as condições elementares para o entendimento, sendo o espaço uma intuição a priori da sensibilidade. Isso significa dizer que o espaço é um pressuposto racional para que a sensibilidade atue sobre os objetos. Sensibilidade se configura como a capacidade de receber representações e o espaço como a forma. No pensamento kantiano, o espaço só se realiza com a experiência.

Em Kant, o espaço não é conceitual, porque nenhuma construção intelectual poderia abdicar da primordialidade espacial, assim, ele o expõe metafisicamente. Nessa exposição, fica claro que os objetos do mundo são postos a situarem-se no espaço que o sujeito dispõe e abre às suas representações do objeto, e, apesar de a intuição não funcionar sem objetos, o sujeito os tem como exteriores. (DETONI, 2007, p. 24)

Nietzsche nos apresenta uma nova noção de espaço, que difere das concepções mais hegemônicas do pensamento moderno. As teorias filosóficas tendiam para dois caminhos: ou a relação sujeito/espaço era vista como de pertença, onde espaço era como continente, ou como aquele que contém as pessoas; ou a dinâmica sujeito/espaço era relacional, ou seja, sujeito e objeto se relacionam produzindo o espaço, espaço e relações se co-constituem. Porém, Nietzsche propõe uma nova discussão sobre o tema a partir da noção do mundo como forças. Para o filósofo alemão, não há, por assim dizer, a relação



sujeito/objeto, interioridade/exterioridade, corpo/alma, mas sim forças que se atritam, que se compõem. É no jogo de forças que a existência de coisas e pessoas se produz (CLARETO, 2007).

E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de forças, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuta, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimento, cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado espaço, e não um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo...(NIETZSCHE<sup>3</sup>, 1999 *apud* CLARETO, 2007, p. 44-45)

Já Foucault (1988) partiu de uma perspectiva de espaço como lugar de vigilância e controle. A sociedade da segunda metade do século XVIII vê surgir uma nova ordem política, que buscava acabar com a obscuridade existente dando lugar à transparência e visibilidade. Isso se refletiu nos prédios e construções da época, manicômios, prisões, conventos, que eram úmidos e sombrios passaram a ser substituídos pelo projeto arquitetônico de Jeremy Bentham. O Panótipo de Bentham como ficou conhecido, foi sacramentado como a figura arquitetônica ideal, pois além de aplicável às prisões, poderia servir para outros domínios diferentes como hospitais, escolas e fábricas.

Esse modelo arquitetônico, para Foucault (1988), era “uma diabólica peça de maquinaria”, que serviu ao propósito de institucionalizar a disciplina nas prisões, nas escolas, nos hospitais e nos asilos. Segundo o filósofo francês, ajudou a constituir uma forma de poder no final do século XVIII, o *poder disciplinar*. Eliminam-se então, os castigos físicos, as masmorras, as grandes execuções, em troca de se projetar a luz sobre cada condenado, baseando-se na idéia de que a visibilidade minuciosa dos corpos, o controle e regulamentação do tempo são mais produtivos enquanto forma de regulação.

De acordo com essa conceituação, podemos inferir que o autor aponta a escola como uma herdeira dessa organização do espaço. Ele a entende como algo limitado a um espaço fechado, assim como

---

<sup>3</sup> CLARETO, S. M. Espaço escolar e o tornar-se o que é: educabilidades e a constituição de outros modos de existir a partir do pensamento de Nietzsche. *In*: LOPES, J. J. M.; CLARETO, S. M. (Orgs.) **Espaço e Educação**: travessias e atravessamentos. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

encontramos em outras instituições disciplinares e de controle, como prisões e quartéis. Refere-se ainda a uma tripla função (produtiva, simbólica e disciplinar) do trabalho, a qual também poderia ser aplicada ao espaço escolar, entendendo-o como algo segmentado, no qual ocultamento e aprisionamento lutam contra visibilidade, abertura e transparência. A racionalização burocrática e a gestão racional do espaço coletivo e individual fazem da escola um lugar onde a localização e a posição, o deslocamento e o encontro de corpos adquirem uma importância especial, explicitando-se, desse modo, no ritual e no simbólico. (HORN, 2004, p. 25)

Tendo discutido brevemente a posição de alguns autores sobre o termo espaço, qual seria a diferença entre os conceitos espaço e ambiente? O que me levou a optar neste estudo pelo termo ambiente e não espaço?

Para Forneiro (1998), a concepção mais comum de espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, seriam os locais para atividade, caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, móveis, pela decoração. Já o termo ambiente é composto pelo espaço físico e as relações que nele se estabelecem, no caso de uma instituição de educação infantil, os afetos e conflitos que ocorrem entre os adultos e as crianças e entre elas próprias.

O termo ambiente é precedente do latim e faz referência “ao que cerca ou envolve”. Também pode ter a acepção de “circunstâncias que cercam as pessoas e ou as coisas”. De um modo mais amplo, poderíamos definir o ambiente como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes. (FORNEIRO, 1998, p. 233)

Desta forma, o espaço físico, com suas dimensões e objetos não pode ser dissociado das relações que ali se estabelecem. E também nunca é neutro, tanto pode ser local de desenvolvimento, de surpresas, estímulos e desafios, como pode se constituir um lugar de vigilância e controle. Escolano<sup>4</sup> (1998 *apud* HORN, 2004), faz uma reflexão sobre os ambientes escolares. Segundo o autor, a escola se constrói e reconstrói à luz das energias e das relações sociais, sua arquitetura, fachada interna e externa respondem a padrões culturais de uma determinada sociedade e a concepções pedagógicas de um determinado tempo e época, que as

---

<sup>4</sup> ESCOLANO, 1998 *apud* HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

crianças vão aprendendo e internalizando. Portanto, para o autor, espaço e tempo não são esquemas abstratos, pois materializam valores e crenças.

O espaço físico assim concebido, não se resume a sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos: variando em pequenos e grandes grupos de crianças, misturando as idades, estendendo-se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo às exigências das atividades programadas individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto(s) e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis. (FARIA, 2000, p. 70-71)

Para Forneiro (1998), quando falamos em ambiente, não falamos apenas na quantidade de materiais, objetos, móveis nele existente, muito menos da forma como estes estão dispostos, falamos também das relações que se estabelecem entre o espaço e as pessoas que os freqüentam. Pensando nos espaços educativos, a autora listou uma série de critérios que considera importante quando pensamos num ambiente de aprendizagem estimulante e rico.

O primeiro deles é a **estruturação por áreas**. Para Forneiro (1998), a uma sala destinada a educação infantil deve estar organizada em diferentes áreas de jogos/brincadeiras para oferecer maiores oportunidades de escolha por parte da criança. Além disso, essas áreas devem ter uma **delimitação clara**, para que a criança possa distinguir com facilidade os limites, e desta forma, reconhecer os objetos e materiais de cada área, isso possibilita com que elas exercitem sua autonomia, construam conhecimentos sobre o espaço e também facilita na hora da organização do mesmo. A autora sugere que para delimitar as áreas de jogos e brincadeiras pode-se utilizar os mobiliários da sala, marcas no piso ou na parede.

Em função dos objetos que são utilizados para delimitar o espaço, Forneiro (Idem, p. 257) destaca dois tipos de delimitação: a delimitação forte e a delimitação fraca.

Delimitação forte: quando a delimitação do espaço é dada pela posição de mobiliário de grandes dimensões, como, por exemplo, estantes colocadas perpendicularmente à parede, tapetes, mesas, painéis de madeira, etc. Considera-se que uma delimitação forte quando os elementos empregados são fixos ou então se comportam como tais por serem elementos pesados, difíceis de serem transportados.

Delimitação fraca: quando as áreas estão delimitadas com marcas no piso ou paredes ou, então, com móveis leves (bancos suecos, caixas com material, etc.) ou com rodinhas, que permitem a sua fácil movimentação.

A autora também destaca que é importante que a sala tenha uma área indefinida, para que as crianças possam transformá-la de acordo com seus interesses. Neste caso, as áreas de delimitação fraca facilitam a ação das crianças que podem modificá-las de acordo com a brincadeira do momento.

O terceiro critério que a autora aponta na organização de uma ambiente de aprendizagem rico em experiências é a **transformação**. A transformação está ligada a flexibilidade, a organização da sala de aula deve ser flexível o suficiente para permitir uma mudança rápida e fácil de acordo com as necessidades do grupo e os imprevistos que ocorrem como: possibilitar que o espaço se torne amplo numa semana de chuva para que assim as crianças possam expandir os movimentos, ou mesmo para que os professores(as) realizem atividades psicomotoras, circuitos, etc. Novamente, a organização em áreas de delimitação fraca é a mais recomendada, visto que facilita a transformação do ambiente.

Para Forneiro (1998), outro critério importante na organização da sala é o **favorecimento da autonomia** das crianças, móveis e materiais devem estar acessíveis para que o grupo possa explorá-los sozinhos, esse aspecto é muito importante, pois permite também uma maior liberdade de ação para que os professores(as) possam observar mais atentamente as crianças, apoiar suas brincadeiras e atividades, trabalhar com pequenos grupos ou até mesmo atender as demandas individuais.

Um ambiente de aprendizagem deve garantir a **segurança** das crianças, tanto mobiliários quanto objetos e materiais precisam ser seguros, móveis estáveis e sem arestas, pois em caso de quedas evitará maiores danos, brinquedos, objetos e materiais dentro dos padrões exigidos quanto à salubridade e higiene.

Para a autora, a **diversidade** é outro aspecto importante numa sala de aula. A diversidade deve estar presente na estruturação do espaço, que deve combinar áreas mais estruturadas com materiais específicos (área da casa, das atividades gráficas), com áreas menos estruturadas que possibilitam múltiplas experiências (como a área da construção, da areia e da água). Diversidade também de agrupamentos, pois o espaço da sala deve permitir tanto a realização de atividades individuais, quanto aquelas que envolvem pequenos e grandes grupos. E

diversidade de postura corporal, visto que o ambiente deve prever a ação da criança em várias situações: em pé, sentada, deitada, sobre um banco ou mesa, etc. E por fim, diversidade de conteúdo, somente com uma grande variedade de áreas as crianças poderão envolver-se em diferentes atividades.

A **polivalência** é outro aspecto fundamental. Para Forneiro (1998), na hora de se planejar a organização de uma sala, as áreas devem possibilitar outras formas de utilização no decorrer do dia, e desta maneira tornar-se mais funcional. Um exemplo de polivalência é a utilização da mesma área que é destinada a assembléia ou reunião, para a área dos jogos de construção.

A autora ressalta que a **sensibilidade estética** também precisa ser levada em consideração pelos professores(as), e esse aspecto envolve o conhecimento do uso das cores, de forma que a sala seja harmoniosa e atrativa, sem ser berrante. Devem-se privilegiar os elementos decorativos que estimulem a criatividade do grupo e os trabalhos artísticos das crianças, de forma que estas criem uma relação de identidade com o ambiente. A autora também lembra da importância de se desenvolver, desde cedo, a sensibilidade estética da criança, e para isso, os professores(as) podem recorrer as réplicas de grandes obras.

O último critério que Forneiro (1998) destaca como importante, quando se pensa na organização de ambientes educativos, é a **pluralidade**. Pensando na integração da diversidade de pessoas e culturas, as áreas devem ser equipadas com materiais, objetos e brinquedos de diferentes origens, e que reflitam as diferenças existentes no grupo, a decoração também pode conter imagens que reflitam variados modos de ser e viver de diferentes culturas.

Ou seja, um ambiente é um espaço construído, que vai sendo definido nas relações entre os seres humanos que nele convivem, vai além da disposição dos materiais e objetos para contemplar a dimensão simbólica. Por isso, a escolha do termo “ambiente” e não espaço, visto que, neste estudo, também se tem por objetivo observar se ocorreram ou não transformações nas salas pesquisadas no decorrer do ano de 2007, fruto das vivências das crianças e professoras nestes locais.

## **2.2 Ambientes institucionais de atendimento à criança pequena**

### **2.2.1 Os ambientes institucionais como contextos de desenvolvimento das crianças pequenas: as idéias dos precursores da EI**

Alguns modelos de uso dos espaços na educação coletiva de crianças pequenas foram surgindo ao longo dos anos. Rousseau tece em sua obra “Emilio”, algumas considerações sobre como seria e onde se daria a educação ideal, de forma que o homem estivesse protegido da corrupção da sociedade. Essa dualidade permeia toda a obra de Rousseau: de um lado a natureza boa do homem e do outro, as modificações provocadas pelo estado social. Por isso, defender a idéia de que o homem natural deveria ser preservado o maior tempo possível longe das modificações produzidas pelo estado social, fez de Rousseau um crítico ferrenho dos colégios como instituições públicas, pois creditava a eles a função de formar homens subordinados aos outros (à sociedade) e nada subordinados a si mesmos, ou seja, autônomos (CERIZARA, 1990).

Essa descrença do filósofo quanto à educação institucionalizada o leva a defender a educação doméstica, mais próxima possível da natureza, como caminho para a salvação do indivíduo. Por isso, desde o seu nascimento, Emilio é posto em contato com o meio natural e mantido afastado do mundo social corrompido.

Para Rousseau, o tempo pedagógico deveria ser melhor utilizado pelos educadores, e isso quer dizer que as crianças deveriam passá-lo brincando, sendo felizes, e outra forma de utilizar o tempo seria desperdiçá-lo. Também defendia a autonomia de movimentos nas crianças como necessidade de seu corpo, aconselhava ao educador uma observação atenta sobre a criança para saber como melhor agir, e a organização dos objetos de forma a estimulá-la sem colocar em risco sua integridade física (Idem).

Froebel foi outro autor clássico a se preocupar com a educação da primeira infância. Assim como Rousseau, foi considerado naturalista, romântico e idealista. Fundador dos Kindergarten (jardim de infância), em 1840, inovou ao adequar os espaços às necessidades das crianças. O filósofo e educador alemão chegou a publicar obras como *Mutter und Kose lieder, The songs and music of Friedrich Froebel's mother play*, que traziam exemplos de músicas e jogos que as mães

poderiam utilizar para educar os seus filhos pequenos, bem como para desenvolver a linguagem verbal, gestual e matemática através das melodias, dos gestos e das palavras (KISHIMOTO & PINAZZA, 2007). As iniciativas para a educação coletiva de crianças menores de quatro anos eram pequenas, isso porque na sua época era grande a ênfase no papel materno na educação dos bebês, decorrente da preocupação com os altos índices de doenças e mortalidade infantil (KULMANN JR., 1998).

Para Koch (1985), por Froebel ter sido um grande observador da natureza, fez um paralelo entre as leis naturais e a educação, pois, chamava-lhe atenção o fato de concedermos às plantas e aos animais espaço e tempo para um desenvolvimento conforme as leis naturais, enquanto que, na educação, temos a tendência a ver o ser humano como uma simples massa de cera, ou uma argila a ser moldada de acordo com os nossos interesses. Ele considerava esse modelo de educação prescritivo, determinante e interventor, que, como consequência, agredia, lesava e destruía a origem pura da natureza infantil.

Horn (2004, p. 31) descreve a proposta arquitetônica das salas de atividade na pedagogia froebeliana:

Em relação à parte interna, as salas de aula eram amplas e bem iluminadas, com capacidade para 25 alunos, tendo comunicação direta com o pátio aberto, o que possibilitava que as atividades propostas pelas professoras pudessem ser realizadas ao ar livre. As mesas de trabalho acomodavam cinco crianças e podiam ser reunidas em grupos maiores. Uma característica que as diferenciava era o fato de terem em sua superfície um tabuleiro quadriculado, facilitando a prática de exercícios propostos com as figuras geométricas (os dons). As salas de aula possuíam, nas paredes, um quadro para o ensino do desenho, frases com mensagens de cunho moral, mapas, além de armários com portas de vidro para guardar materiais e trabalhos realizados pelas crianças.

Segundo Kishimoto e Pinazza (2007), a teoria froebeliana defendia a existência de uma força natural impulsionadora do processo de desenvolvimento. A evolução humana aconteceria de forma gradual e contínua, havendo um elo entre as diferentes etapas de vida. Dessa forma, afirmava que as manifestações que ocorrem na fase adulta têm estreito vínculo com os acontecimentos da infância. Também concebia que toda a trajetória do desenvolvimento humano revela a história do desenvolvimento da raça e recapitula a história da criação e do desenvolvimento de todas as coisas.

A pedagogia froebeliana baseava-se na ação, pois entendia a criança como dotada de auto-atividade, ou seja, através das suas ações com o mundo externo, ela era capaz de expressar suas intenções, aquilo que lhe era interno. Portanto, defendia a aplicação dos objetos na vida e na atividade como forma mais favorável ao desenvolvimento do que a simples utilização de palavras e conceitos.

Percebe-se, também, na obra de Froebel os primeiros princípios da auto-gestão que seriam posteriormente detalhados por Piaget, “na boa educação, (...) há liberdade, lei, autodeterminação” (FROEBEL, 1896 *apud* KISHIMOTO e PINAZZA, 2007, p. 45)<sup>5</sup>, ou seja, ao incentivar a atividade espontânea da criança, o educador estaria promovendo o seu autoconhecimento e autocontrole. Ele defendia que as mudanças sociais não seriam alcançadas sem a transformação de todos os cidadãos, e que o papel da educação era levar o educando a perceber que, se o indivíduo tem necessidades e exigências, também o têm as coletividades: “em toda a educação há de se ter em vista a formação individual e comunitária. Pois afinal, de nada será capaz o indivíduo isoladamente”. (KOCH, 1985, p. 62)

Segundo Kishimoto e Pinazza (2007), o filósofo e educador alemão foi considerado por Dewey como o primeiro a ressaltar alguns princípios fundamentais na prática educativa com crianças: a importância do exercício da cooperação, da ajuda mútua, o destaque que deu para as atividades instintivas e impulsivas da criança como fontes primárias da atividade educativa, o papel essencial dos jogos, brincadeiras, mímicas, dramatizações e movimentos livres na ação educativa, bem como o objetivo primordial da educação infantil: a promoção do desenvolvimento da criança.

Froebel contrapõe-se ao conceito de educação como preparação para um estado futuro. A vida em que a criança deve estar inserida não é a vida do adulto, mas a vida que a rodeia no presente. A educação ocorre no processo, não no passado ou no futuro. Sua crença em uma força natural que emana do próprio homem e o impulsiona ao desenvolvimento o levou a defender a educação com base na liberdade e no respeito às capacidades de cada indivíduo. (Idem, p. 46)

A obra do filósofo e educador alemão foi disseminada pelo mundo todo, principalmente o seu “Jardim de Infância”, porém as autoras alertam para o fato da

---

<sup>5</sup> KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância. *In.*: FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado e construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.



apropriação inadequada da teoria froebeliana. Destacam que, em muitos países, houve pouca compreensão da criança como auto-ativa, criativa e cooperativa, bem como do brincar como fator essencial para o desenvolvimento infantil, o que levou a maior parte de experiências a uma pedagogia mecanicista e repetitiva.

Outra educadora que teve grande influência na constituição de ambientes de aprendizagem na educação infantil foi Maria Montessori. Médica, se interessou pela pedagogia em virtude do seu trabalho com crianças deficientes mentais na clínica psiquiátrica da universidade de Roma. A partir de suas observações e estudos, cria um método de trabalho, cujos resultados positivos a levam a cogitar a aplicação da sua metodologia com crianças normais. A oportunidade surge quando da criação de uma instituição para reunir e assegurar a guarda das crianças pequenas num bairro operário de Roma. Para a médica italiana, a educação da criança deveria visar o desenvolvimento da personalidade humana; esse processo deveria ser natural, portanto o caminho seria através das experiências efetuadas pelas crianças no ambiente. Na pedagogia montessoriana, a atribuição do professor não é a de falar, mas de possibilitar a atividade cultural em um ambiente preparado (ARAÚJO & ARAÚJO, 2007).

Esse ambiente deve ser agradável e tranquilo e facultar à criança, a ação livre, sem restrições. Sua função deve ser facilitar a expansão do ser em desenvolvimento, reduzindo os obstáculos ao mínimo possível. Além disso, neste espaço, a criança seria capaz de descarregar suas energias, por meio de atividades desafiadoras. Montessori também pensou no contato da criança com a natureza, portanto, consta no seu projeto pedagógico um terreno cultivável, amplo, de preferência anexo à escola para que a criança fosse livre para explorá-lo quando tivesse vontade.

A principal modificação ambiental dá-se no mobiliário escolar, que suprime os bancos e adota uma configuração de lar doméstico, de “casa” à medida da criança: pequenas cadeiras, pequenas mesas (umas quadradas e individuais e outras de formas e dimensões diferentes, com toalha, jarra de flores e arranjo floral), algumas pequenas poltronas, um lavabo muito baixo (com prateleiras laterais, brancas e laváveis, para colocar o sabão e com as pequenas escovas e as toalhas), armários baixos e compridos com várias portas (de fechadura e chave acessível para abrir, fechar e colocar objetos) e cobertos com toalhas, pequena bacia com peixes vivos, pequenas lousas nas paredes em volta e em baixo (entre elas, caixas com giz e apagadores) sobre as quais são alinhados quadros (de crianças, cenas familiares e campestres, animais domésticos).

Com uma casa à sua medida, a criança pode escolher a posição que lhe agrada (em vez de sentar no seu lugar), com algum movimento menos gracioso das cadeiras e mesas experienciará a sua incapacidade e virá a saber mover-se com graça e discernimento, o que não aconteceria através da imobilidade e do silêncio (MONTESSORI, 1932 *apud* ARAÚJO & ARAÚJO, 2007, p. 122)<sup>6</sup>.

Para Angotti (2007), a casa de bonecas e os cantos propostos por Montessori tinham por objetivo o desenvolvimento do jogo simbólico, como forma de favorecer o autoconhecimento das crianças ao representar papéis do seu cotidiano.

A mesma autora explica que Maria Montessori concebia a criança como uma exploradora, uma pequena cientista ansiosa por desvendar o mundo. Foi a partir desta perspectiva que criou uma proposta de trabalho baseada na livre ação da criança sobre o ambiente e materiais. Caberia ao professor organizar o ambiente de forma a possibilitar a atividade da criança, e desta forma, aprender com a criança sobre sua própria natureza, buscando não influenciá-la no seu processo de formação. Para isso, deveria manter uma postura discreta na orientação dos trabalhos.

O ambiente que se proponha a atingir a finalidade educativa, assim como descrita, necessita estar devidamente preparado e elaborado com uma atmosfera ideal de trabalho bastante voltado à introspecção e às condições de realização autônoma e independente, com materiais interessantes e motivadores da atenção, do interesse e do movimento infantil de descortinamento do mundo cognitivo, seguindo suas tendências naturais. É a proposição clara de um ambiente que tende a ser ativo, que está baseado na atividade da criança, e não tem regências definidas ou ministradas pela professora. Pois, como considerava Montessori, o aprender infantil não pode ser guiado pela professora, mas sim pela natureza humana exteriorizada nos períodos sensíveis. (ANGOTTI, 2007, p. 108)

A proposta montessoriana exigia uma nova postura da professora, capaz de abrir espaço para que a criança, a partir da sua curiosidade, interesse e necessidades, escolhesse o caminho que gostaria de seguir.

### **2.2.2 A organização do ambiente em propostas consideradas como referência na atualidade**

Atualmente, podem ser encontrados alguns modelos de Educação Infantil que, partindo dos princípios propostos pelos precursores e incorporando as

---

<sup>6</sup> ARAÚJO, J.M.; ARAÚJO, A. F. Maria Montessori: infância, educação e paz. *In.* : FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado e construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

descobertas científicas em diferentes áreas, sobretudo da Psicologia e da Sociologia da Infância, se tornaram referência de qualidade no atendimento à criança pequena. Destacaremos aqui apenas os dois modelos mais conhecidos: o sistema das creches de Reggio Emilia e o programa High Scope.

**a) *Reggio Emilia: ambientes de vida em contexto educativo***

Nas últimas três décadas, em algumas regiões e localidades da Itália, educadores, funcionários públicos em parceria com os pais e membros da comunidade têm se dedicado à construção de sistemas de educação e cuidado de alta qualidade para as crianças pequenas. Reggio Emilia foi a que se tornou mais conhecida internacionalmente, mas outras cidades do norte e centro da Itália como Bolonha, Milão, Módena, Parma, Trento, São Miniato e Pistóia também uniram esforços e hoje são locais que despertam o interesse e curiosidade de estudiosos e educadores da infância, que buscam experiências de sucesso na educação infantil (GANDINI & EDWARDS, 2002).

Porém, neste item, iremos abordar mais especificamente a experiência da cidade de Reggio Emilia, uma cidade de 130.000 habitantes que fica localizada na região próspera e progressiva da Emilia Romagna, no nordeste da Itália. Lá, os esforços de várias pessoas resultaram na criação de um sistema de ensino com um conjunto singular e inovador de concepções filosóficas, currículo e pedagogia que, envolve uma organização escolar única, uma estruturação dos espaços e ambientes, em que o maior objetivo é incentivar o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de uma prática baseada na representação simbólica. Elas são estimuladas a explorar os ambientes e a expressar-se utilizando as suas mais variadas linguagens naturais.. Isso inclui a linguagem oral, o movimento, os desenhos, pinturas, músicas, esculturas, teatros de sombra, colagens e dramatizações (EDWARDS, GANDINI & FORMAN, 1999).

Um dos pontos chave desta proposta está na organização do ambiente, considerado por Gandini (1999) como o “terceiro educador”. A autora explica que cada detalhe dos ambientes nas escolas de infância de Reggio foi pensado e planejado tendo em vista as diferentes possibilidades de interação social, a exploração e a aprendizagem. Transmitem a quem os conhece uma mensagem educacional e estão carregados de estímulos que visam à experiência interativa e a aprendizagem construtiva. Pode-se considerar então, que em Reggio Emilia os

ambientes são órgãos vivos, pois tendem a evoluir e se modificar junto com o programa educacional e com as experiências e necessidades das crianças.

As fachadas e o interior das escolas são descritas pela autora como reflexos da cultura de seu povo, presente na beleza e harmonia do desenho arquitetônico, nos móveis, que além de bonitos são funcionais, e na maioria das vezes planejados e construídos por professores ou pais, ou até mesmo em conjunto. No tom das cores das paredes, na luz que invade as salas através de janelas altas. O cuidado está presente em cada detalhe, como na manutenção dos ambientes e dos jardins, onde as plantas são viçosas e saudáveis.

Para Gandini (1999) além de refletirem a cultura da região, os ambientes também refletem a cultura particular de cada escola e das crianças que a freqüentam. Na entrada, os visitantes são recebidos com fotos e comentários das crianças feitos durante uma atividade e com imagens da equipe que ali trabalha. As produções das crianças também são expostas como se estivessem numa galeria de arte. Já nas salas, existe uma variedade de coleções organizadas pelas crianças, são conchas, pinhas, pedras arranjadas de acordo com seus tamanhos e cores, são tesouros que as crianças trazem de casa ou coletam nos seus passeios.

Tendo em vista uma concepção que entende que o desenvolvimento social está intimamente relacionado com o desenvolvimento cognitivo, os ambientes são planejados para garantir o bem estar de cada criança ou adulto que freqüenta as escolas, e de cada grupo como um todo. Estão previstos em sua arquitetura espaços onde os pais possam se encontrar para uma conversa. São as *piazzas*, pequenas praças ou pontos de encontro. Também há locais onde os funcionários das escolas podem se reunir em pequenos grupos, fazer uma refeição ou discutir algum problema. As salas são organizadas de modo que as crianças encontrem áreas mais tranquilas, onde podem relaxar e áreas destinadas aos trabalhos individuais, ou com pequenos e grandes grupos, assim como áreas que possibilitam a exploração livre. Gandini, (1999, p. 154), descreve as escolas destinadas às crianças pequenas em Reggio Emilia:

Nas creches a atenção dada ao ambiente físico possui uma qualidade particular que me lembra a necessidade por intimidade e envolvimento que as crianças mais novas têm. Bem na entrada, confortáveis cadeiras de vime convidam os pais a fazerem uma pausa com seus bebês, encontrar uns aos outros ou conversar com os professores. Existem salas cobertas com tapetes e travesseiros onde as crianças podem engatinhar seguramente ou aconchegar-se

com a professora para olhar um livro de figuras ou ouvir uma história. Existe um grande espaço com equipamento apropriado para o movimento. Mas existe também um atelier onde as crianças fazem explorações com tintas, marcadores, argila e muito mais. As repartições de vidro são usadas especialmente nos centros para bebês, onde as crianças tendem a sentir mais profundamente a separação. Ali as paredes de vidro são usadas para permitir que se veja a cozinha e a sala onde as roupas das crianças são penduradas, ou olhar para lá e para cá entre as salas, onde as crianças de diferentes idades brincam.

As pré-escolas italianas também destinam aos grupos de crianças mais novas um espaço maior para tapetes, o que permite que brinquem no chão e também para os brinquedos menos estruturados como blocos de madeira, lego, animais de brinquedo e materiais reciclados. Há uma área para brinquedos geralmente encontrados em casa, como pequenas panelas, louças, potes com macarrão e feijão de diferentes cores. Como nas creches, cada sala tem seu pequeno atelier, onde as crianças se dedicam durante semanas a explorar argila, tinta, arame, papel.

A qualidade do espaço dentro da creche pode ser aprimorada a fim de encorajar a ação e a autonomia das crianças, criando espaços especializados conforme as diferentes idades e atividades. Por exemplo, para crianças menores de um ano, elaboramos espaços construindo estruturas macias e firmes, formadas de longas almofadas em forma de serpente (cobertas com tecidos laváveis) que podem ser colocadas em diversas posições. Os nossos professores inventaram essas almofadas e as fizeram com a ajuda dos pais. Para os bebês que estão começando a andar e gostam de entrar e sair de espaços fechados e de colocar objetos dentro e fora de recipientes, fornecemos uma estrutura em forma de casa, onde eles podem esconder ou introduzir alguns dos seus brinquedos preferidos. Para crianças entre dois e três anos de idade, projetamos espaços onde elas podem pintar, olhar livros, investigar o mundo natural, engajar-se em jogos simbólicos e dramatizações, etc. (GALARDINI & GIOVANNINI, 2002, p. 125)

Não são as crianças que precisam se adaptar a um espaço pré-definido, é o espaço que vai se moldando de acordo com as necessidades e ritmos das crianças, são elas também que controlam o tempo de exploração desses espaços cuidadosamente organizados, são as suas reações que irão provocar, ou não, as modificações no ambiente. Essa é uma característica do espaço que educa, precisa ser flexível, para que possa ser modificado de acordo com os interesses das crianças. Objetos, móveis, materiais são considerados componentes ativos que condicionam e são condicionados pelas ações das pessoas (GANDINI, 1999).

Por respeitar as crianças e suas necessidades, as escolas italianas têm buscado organizar seus tempos e espaços baseados no modelo familiar. Os prédios em que funcionam parecem grandes casas, e diferem muito dos jardins de infância que cada vez mais vêm se assemelhando a salas de aula do ensino fundamental. O respeito pelas crianças inclui o cuidado com o mobiliário, a organização dos espaços, planejados de maneira que oportunizem a autonomia das crianças na escolha das atividades, e até mesmo a atenção na exibição dos trabalhos por elas desenvolvidos. Todos esses detalhes acabam criando um clima confortável, alegre, que convida a exploração.

Embora existam aproximadamente 75 crianças de 3 a 6 anos em cada escola e cerca de 25 em cada classe, a qualidade de vida dentro delas parece atingir uma proximidade quase doméstica e uma intimidade associada à vida familiar, o que é especialmente apropriado para crianças pequenas[...] (KATZ, 1999, p. 49-50)

A autora ainda ressalta que a construção de relações entre adultos e crianças é muito valorizada, os professores ficam cerca de três anos com as mesmas crianças, acompanhando-as durante o período em que freqüentam a escola, o que torna os relacionamentos mais estáveis, aproximando a instituição, tanto da família quanto da própria comunidade. Alguns grupos são organizados com crianças de idades mistas, o que torna as relações ainda mais semelhantes àquelas que ocorrem no ambiente familiar, do que seriam com grupos homogêneos.

A maior parte das atividades e projetos desenvolvidos nas escolas de Reggio são realizados em pequenos grupos. Diferentemente das propostas baseadas em dadas comemorativas e desenhos padronizados, as crianças envolvem-se em atividades diferenciadas, desenhos, esculturas, pinturas, experiências, que partem de sua própria criatividade. Os professores evitam interromper as atividades e brincadeiras, a menos que sejam para incentivá-las ou potencializá-las.

As crianças também participam da organização da sala e do atelier, envolvem-se na preparação de alimentos na cozinha, ficam responsáveis por preparar a mesa antes das refeições e por organizá-la quando todos terminam. Estas tarefas, além de incentivarem a autonomia das crianças e a cooperação entre o grupo, tornam o ambiente escolar ainda mais próximo da vida que as crianças levam em casa.

Esse modelo pedagógico italiano surgiu no período pós-guerra (entre 1945-1946) de um anseio dos pais por uma educação de qualidade para seus filhos. Das

primeiras escolas construídas pela própria comunidade, com materiais obtidos das casas bombardeadas durante a guerra, resultou uma parceria entre famílias, educadoras e crianças. Essa proposta de atendimento à infância, que tem demonstrado resultados mais que positivos e reconhecimento mundial, nos oferece subsídios para refletir sobre a natureza da criança como aprendiz, o papel do professor, as formas de organização e gerenciamento das escolas, sobre a proposta de espaço e organização dos ambientes e sobre a forma de planejamento que contemple as experiências conjuntas e soluções de problemas de forma aberta.

### ***b) Programa High Scope: ambientes para a aprendizagem ativa***

Os especialistas em educação infantil também destacam a abordagem High/Scope como um exemplo de um programa de educação infantil de qualidade. O currículo High/Scope surgiu em 1962 quando David P. Weikart, diretor dos serviços especiais de apoio às escolas públicas de Ypsilanti, iniciou o *Perry Preschool Project* (que mais tarde ficou conhecido como *High/Scope Perry Preschool Project*).

Hohmann e Weikart (1997) explicam que tendo sido baseado nos estudos de Piaget e na psicologia do desenvolvimento, o currículo High/Scope tem como princípio central a aprendizagem pela ação. É através da ação da criança sobre o ambiente e os objetos que ela irá vivenciar experiências diretas e imediatas, e ao refletir sobre estas experiências, constrói conhecimentos que irão ajudá-la a dar sentido ao mundo em que vive. A criança tem por si só um desejo inato de explorar, vasculhar, descobrir, levanta questões sobre tudo que lhe provoca curiosidade, sejam objetos, pessoas ou acontecimentos, busca respostas e cria soluções para os problemas que interfere com seus objetivos.

A pedra angular da abordagem High/Scope para a educação pré-escolar é a crença de que a aprendizagem pela acção é fundamental ao completo desenvolvimento do potencial humano, e de que a aprendizagem activa ocorre de forma mais eficaz em contextos que **providenciam oportunidades de aprendizagem adequadas do ponto de vista do desenvolvimento**. Desta forma, o objectivo máximo a atingir pelo nosso trabalho com as crianças é estabelecer um modelo de “enquadramento aberto”, flexível e operacional que apóie uma educação apropriada do ponto de vista desenvolvimentista em diversos contextos e ambientes. (Grifo dos autores) (Idem, p. 19-20)

O eixo central da abordagem High/Scope é a aprendizagem pela ação, mas alguns princípios básicos sustentam sua proposta curricular: a *iniciativa pessoal* da

criança, o envolvimento dela em *experiências-chave*, um *ambiente de aprendizagem* rico em possibilidades de exploração, a *interação adulto-criança*, a *rotina diária* e a *avaliação*.

Os autores explicam que sendo um dos princípios básicos da aprendizagem ativa, o *ambiente* de uma sala de atividades High/Scope deve ter um número abundante de instrumentos e equipamentos apropriado à faixa etária que atende. Devem ser organizados em áreas de interesse que possibilitem à criança a exploração destes materiais e objetos e, conseqüentemente o seu envolvimento em experiências-chave. Nestes ambientes as crianças são estimuladas a iniciar atividades que partem dos seus interesses e intenções, escolhem os materiais e decidem o que fazer com eles, seja explorando-os em todos os sentidos, descobrindo relações ou transformando e combinando os objetos. Nesse processo de aprender por meio da ação as crianças envolvem o corpo, vão ao limite de suas forças e capacidades ao levantar, transportar, subir, descer, empurrar tudo o que está ao seu acesso.

Explorar objectos, descobrir relações, transformar e combinar materiais, adquirir competências de utilização de ferramentas e equipamento e usar os músculos são processos manipulativos vitais. Através de oportunidades diárias para o fazer, as crianças ganham um conhecimento prático do mundo físico – aquilo de que é feito, como funciona, e qual o efeito das suas acções pessoais sobre as coisas. (HOHMANN & WEIKART, p, 39)

Sendo um dos componentes fundamentais dentro de contextos de aprendizagem ativa, a organização do ambiente merece atenção especial dos adultos, recomenda-se que estes, ao planejar os espaços destinados às crianças, lembrem-se das atividades agradáveis em que se envolveram durante a infância, ou seja, lembrem de si mesmos quando crianças, e de certa forma, se coloquem do ponto de vista delas. Um ambiente onde se concretiza a abordagem High/Scope deve contemplar alguns aspectos: objetos e materiais, manipulação, decisões, linguagem da criança e apoio dos adultos.

A escolha dos materiais e objetos que irão compor uma sala destinada à aprendizagem ativa deve levar em consideração a motivação das crianças e a versatilidade de uso, visto que devem ser explorados, transformados, combinados, etc. Para isso, este ambiente deve contar com um número variado de objetos, estes devem estar ao alcance das crianças e organizados em áreas de interesse para facilitar sua organização após o uso. Estes cuidados são necessários para que as



crianças possam assumir o controle sobre este espaço e desta forma sentirem-se mais seguras.

Por considerar as crianças capazes de fazer escolha e tomar decisões, o espaço e objetos devem estar divididos em áreas de interesse bem delimitadas, em prateleiras e gavetas, visíveis e acessíveis a todos. Para Hohmann e Weikart (1997, p. 162) *“os objetos e materiais que as crianças usam com finalidades diversas podem estar localizados em áreas distintas, mas dispostos de modo a que à criança possa se movimentar de uma para outra de acordo com os ditames da sua brincadeira”*.

Estes mesmos objetos devem motivar as crianças a utilizar a linguagem expressiva ao descrever o uso que fizeram destes durante as atividades e brincadeiras. A linguagem escrita também precisa estar inclusa neste contexto, por meio de livros e materiais que possam ser usados para escrever e desenhar.

Um ambiente de aprendizagem ativa deve considerar o apoio dos adultos a brincadeira das crianças. Isto quer dizer que as áreas devem permitir a visibilidade de todos, assim como prever um lugar confortável onde os adultos possam se colocar ao nível dos pequenos para observar e participar das experiências das crianças.

[...] Organiza-se o espaço de forma a que seja sempre seguro, limpo e motivante e a que proporcione um ambiente acolhedor e de bem estar. Contudo, a ordem e a limpeza não são a prioridade. Os adultos compreendem que o mais importante é a ação das crianças. Mesmo que o espaço físico possa por vezes ficar desarrumado, dada as actividades lúdicas e o uso intenso de objectos e materiais, em seguida a esses períodos vêm actividades especificamente destinadas à limpeza – ocasião para os objectos serem de novo arrumados e a ordem ser restaurada. (Idem, p. 162)

Algumas características podem contribuir para que um espaço destinado à aprendizagem ativa seja atraente e seguro para as crianças: a presença de superfícies macias, como carpetes, tapetes, almofadas, ou até mesmo colchas e cortinas que absorvam os possíveis ruídos; móveis e prateleiras com quinas arredondadas, objetos de plástico ou materiais inquebráveis que evitem acidentes; uso de cores e texturas agradáveis; prateleiras, móveis e materiais de madeira e o recurso da luz natural também podem tornar o ambiente mais suave. Áreas aconchegantes e tranquilas, com almofadas e livros também são importantes para

aqueles momentos em que as crianças desejam apenas estar à vontade sem precisar interagir com os outros.

Apesar das dimensões do espaço disponível variar de uma realidade para outra, os centros onde se desenvolve a abordagem High/Scope devem planejar seus espaços de forma que privilegiem as brincadeiras e atividades que as crianças gostem, por isso são divididos em áreas de interesse, com nomes simples. Fronteiras difusas que delimitem essas áreas e materiais acessíveis são importantes.

[...] Definir as áreas de interesse é uma maneira concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças. Como as áreas de interesse se encontram diariamente acessíveis às crianças; elas sabem quais os materiais e objetos estão disponíveis e onde os encontrar. A organização do espaço, quando caracterizada pela consistência e permanência, permite que a criança possa antecipar onde quer ter uma actividade e o que fazer com os materiais que lá se encontram. Uma vez que os objectos e materiais estão permanentemente acessíveis, as crianças podem concentrar-se no processo e nas interações relativas à actividade que escolheram. (HOHMANN & WEIKART, 1997, p. 165)

Para os mesmos autores, em salas equipadas de acordo com as orientações da abordagem High/Scope, as crianças sentem-se motivadas em explorar imaginar e construir, levam adiante suas idéias com vigor e entusiasmo. Nesse afã de descobrir diferentes usos para os objetos elas desenvolvem a independência e acreditam nas suas próprias capacidades. E o papel do adulto também se modifica em função da organização do ambiente, deixam de dirigir as ações das crianças, e começam a partilhar as decisões, também encontram-se mais disponíveis para observar, interagir e apoiar as crianças nas brincadeiras e resolução dos problemas.

Hohmann e Weikart explicam que os centros High/Scope são organizados em áreas de interesse de forma a contemplar o princípio da aprendizagem ativa, permitindo as crianças diversas experiências, sejam elas sensoriais, de manipulação, exploração, construção, faz-de-conta, entre outras. Esses espaços são divididos em: área da areia e água, dos blocos, da casa, das atividades artísticas, dos brinquedos, da leitura e da escrita, da carpintaria, da música e do movimento, e dos computadores.

Os materiais de cada área apóiam uma variedade lata de actividades lúdicas, adaptadas aos interesses e às capacidades emergentes das crianças do programa – há materiais para a exploração sensorial,

construção, invenção, faz-de-conta e realização de jogos simples; materiais que encorajam os interesses das crianças pela arte, música, dramatização, escrita, contagem de histórias, números e mundo físico; e materiais que apóiam as experiências-chave das crianças nos domínios da linguagem e literacia, da representação criativa, das relações sociais, das semelhanças e das diferenças, da ordenação e dos padrões, do número, do espaço do movimento, da música e do tempo. Isto exige muitos materiais que, em si mesmos, são muito simples, mas que as crianças poderão utilizar de formas muito diferentes, de acordo com seus interesses, capacidades e experiências – materiais como bolas, blocos, papéis e lenços de pescoço. (Idem, p. 174)

A **área da areia e da água** contempla uma necessidade básica dos seres humanos de ter contato com esses elementos naturais, as crianças demonstram prazer em misturar, agitar, escavar, encher, esvaziar e espalhar. Além disso, exercitam a imaginação ao fazer de conta que fazem bolos, constroem pontes, lagos, estradas, castelos. A área da areia e da água também possibilita variadas formas de interação ou mesmo momentos em que a criança brinca sozinha. Para o espanto de muitos educadores brasileiros, que poderiam achar que este tipo de material ocasionaria muita bagunça e sujeira, em centros High/Scope e também de outros que não pertencem a este programa, a área da areia e da água fica dentro da sala. Esta foi a solução encontrada pelos professores para oportunizar as crianças o contato com estes elementos da natureza, já que, nos Estados Unidos, são grandes os períodos de frio e tempo instável. Habitualmente, essa área fica localizada sobre uma mesa com grande reservatório contendo água, ou numa mesa com rodas, coberta de plástico, com buraco e tubo para drenagem.

Desde pequenas as crianças são atraídas pelos brinquedos disponíveis na **área de blocos**, a principio elas exploram este espaço para retirar os blocos das prateleiras, amontoá-los em torres, dispô-los em fileiras ou até mesmo para carregá-los em caixas de um lado para o outro. Mas após muitas experiências nesta área, as crianças começam a construir estruturas e com o tempo passam a usar estes materiais para fazer testes de equilíbrio, inclusão, padronização e simetria. O uso da imaginação e do faz-de-conta também é fundamental, as estruturas tornam-se casas, celeiros, ruas e muros. Esse espaço possibilita variadas experiências-chave na resolução de problemas espaciais, seriação, ordenação, classificação, etc.

Já a **área da casa** é propícia para que as crianças vivenciem diversos papéis que lhe são familiares, mãe, pai, padrastos, madrastas, bebês, irmãos, tios, tias, avós, também fazem de conta que vão ao médico, que são bombeiros, que cuidam

dos seus animais de estimação, etc. Neste local, os materiais que lembram uma casa (utensílios domésticos, móveis, roupas e objetos) também possibilitam ao grupo variados movimentos: encher, mexer, agitar, despejar, dobrar, enrolar, vestir, despir, escovar, abotoar, amarrar, etc.

[...] Ao propiciar um espaço de representação de diferentes papéis sociais, a área da casa, permite que as crianças desenvolvam uma imagem coerente do seu mundo mais imediato. As crianças têm múltiplas oportunidades para trabalharem cooperativamente, expressarem os seus sentimentos, usarem a linguagem para comunicar sobre os papéis que representam e responderem às necessidades e pedidos umas das outras. (HOHMANN & WEIKART, 1997, p. 188)

Para os autores, a **área de atividades artísticas** é o local onde as crianças exploram os materiais: misturam, enrolam, cortam, viram, marcam, picotam, colam, ou até mesmo os transformam em outras coisas como: livros, cartões, automóveis, etc. Por isso, esse espaço deve oferecer uma grande oferta de materiais para que as crianças tenham variadas possibilidades de manipulação e combinação. Ao contrário da área dos blocos e da casa, cujos materiais podem ser reutilizados no ano seguinte, a área de atividades artísticas precisa passar por constantes renovações visto que seus materiais são consumíveis. Os recicláveis são uma opção na hora de reduzir o custo, além de serem um recurso bastante rico: caixas de leite, folhas de publicidade, embalagens variadas, botões, bobinas de linha, catálogos, etc.

Hohmann e Weikart (1997) explicam que a **área dos brinquedos** é o espaço destinado aos jogos simples, puzzles, carrinhos, e variados materiais lúdicos que possam ser manipulados e explorados de diversas maneiras. Para torná-la mais propícia às brincadeiras das crianças, esta área deve contar com um espaço para que elas possam espalhar as peças dos jogos, pode ser um local confortável no chão ou algumas mesas e cadeiras.

Já a **área da leitura e da escrita** é o local onde ficam organizados diferentes portadores de textos, livros, revistas, folhetos, com os quais as crianças podem simular a leitura utilizando como recurso a memória, as imagens e as hipóteses que vão construindo ao longo das suas experiências. Neste espaço também ouvem histórias, assim como inventam e escrevem as suas próprias. Este deve ser um local agradável e aconchegante, por isso, é importante que fique afastado das áreas mais

agitadas e próximo da área de atividades artísticas, onde as crianças podem ter acesso a materiais de escrita que necessitam ao escrever suas histórias (Idem).

Outro local em que as crianças entram em contato com ferramentas e objetos usados por adultos é a **área da carpintaria**. Neste espaço, podem se exercitar ao serrar e martelar e até mesmo compreender o funcionamento de cada ferramenta. Quando localizada no interior da sala, deve contar com uma mesa de trabalho ao nível das crianças, que pode também ser utilizada para o armazenamento de madeiras e ferramentas. Se optar pelo exterior, deve ficar longe dos caminhos de passagem e dos locais onde ficam as motocicletas e triciclos.

A música e o movimento são linguagens naturais nas crianças, que gostam de cantar, tocar instrumentos, e criar movimentos para acompanhar o ritmo da melodia. A **área de música e movimento** por ser um local mais agitado, os autores recomendam que deve estar situada longe das áreas mais tranquilas como a dos livros, da escrita e das atividades de expressão artísticas. O espaço central é uma possibilidade, pois nele as crianças podem se movimentar, dançar e participar de jogos cantados. Um gravador é essencial para as crianças gravarem suas criações ou apenas para tocarem variados ritmos, um tapete no chão ajuda a abafar o barulho provocado pelos movimentos.

Alguns programas High/Scope também contam com a **área dos computadores**, estes podem ser programados com jogos específicos para crianças e softwares que permitem com que elas desenhem, criem máscaras, escrevam histórias e até mesmo as ilustrem. Como qualquer outro material dentro de um contexto de aprendizagem ativa, as crianças podem escolher quando, como e com quem querem utilizar o computador. O adulto deve apoiá-las frente a um programa desconhecido, mas logo elas se tornam aptas a trabalhar sozinhas.

Para Hohmann e Weikart (1997) organização do ambiente constitui a base do processo planejar-fazer-rever da abordagem High/Scope, os adultos arranjam o espaço pensando nas necessidades das crianças, e tendo como princípio norteador a aprendizagem ativa e isso se constitui um diferencial na maneira como adultos e crianças aprendem e ensinam juntos.

### **2.2.3 As instituições para atendimento à criança pequena no Brasil**

No Brasil, as primeiras iniciativas de educação coletiva de crianças menores de quatro anos tiveram grande influência da concepção médico-higienista que se dirigia contra índices alarmantes de mortalidade infantil. Nesta época, por ainda não ser nem um direito da trabalhadora, nem um direito da criança, essas instituições eram subsidiadas por entidades assistenciais, o que as caracterizava como um “favor” ao menos favorecidos (KULMANN JR, 1996). Segundo Barbosa (2006), criou-se um modelo de creche cujas características internas lembravam muito mais um hospital do que a uma instituição para crianças saudáveis. Nesta época, os espaços eram bem definidos e estanques, tinha-se grande preocupação com o arejamento, o tipo de iluminação, o tamanho das salas, a limpeza constante, a higiene e a saúde. Não que esses fatores não sejam importantes, mas atualmente essas preocupações estão aliadas ao conforto dos usuários, à acessibilidade das crianças aos objetos, à organização do ambiente visando às possibilidades de exploração e variadas interações.

Outro aspecto destacado por Kuhlmann Jr. (1996), é que o fato do modelo de creches, na época, ser assistencialista, não as descaracterizava como instituições educacionais. Por essa proposta estar voltada especificamente para a população pobre, dirigia-se à submissão não só das famílias, mas também das crianças. Ou seja, educação não como sinônimo de emancipação, mas de controle. Para o autor, o fato de estas instituições serem destinadas a uma parcela social, a pobreza, já representava uma concepção educacional.

Já no que se refere às crianças maiores, no Brasil, assim como em outros países do mundo, a pedagogia froebeliana teve grande influência na organização das salas destinadas às crianças de 4 a 6 anos, principalmente no setor privado, onde sua metodologia era utilizada para atrair as famílias abastadas. Kuhlmann Jr. (1996) destaca como principais expoentes, no Rio de Janeiro, o Colégio Menezes Vieira, fundado em 1875, e em São Paulo, a Escola Americana, de 1875. No setor público, destaca-se o Jardim de Infância anexo à escola normal Caetano de Campos, de 1896, que, apesar de público, atendia aos filhos da burguesia paulistana.

Os Parques Infantis (PI) de Mário Andrade podem ser considerados como uma experiência brasileira pioneira de programação educativa voltada ao direito da criança de viver a infância. Programa destinado aos filhos de operários que tivessem entre 3 a 12 anos, foi criado em 1935 pelo poeta quando este era diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo. Para Faria (1999), os PI, embora não sendo um programa escolar, podem ser considerados a origem da rede de educação infantil paulistana e a primeira experiência brasileira pública municipal de educação. Nestes espaços, as crianças, filhas de famílias operárias, tiveram a oportunidade de brincar, de serem educadas e cuidadas, de produzirem suas próprias culturas.

Segundo a autora, os fundamentos do PI estavam em consonância com algumas idéias existentes fora do Brasil na década de 20 e 30, idéias estas ainda pouco divulgadas no país, como por exemplo, as teorias sobre arte e imaginário infantil de Vygotsky e sobre o teatro proletário de Walter Benjamin. Mário de Andrade era um grande idealista, que demonstrava muito respeito pelas crianças, o que o fez conceber um PI diferente das experiências de jogo, espaço aberto e nacionalismo, existentes para controlar o operariado. Nos seus parques, as crianças além de não precisarem trabalhar, tinham liberdade para se expressar de várias formas, entravam em contato com diversas manifestações culturais, com a natureza, e com crianças de diferentes idades e etnias.

Para entender os PI como proposta educacional ainda válida, será importante observar que as idéias de Mário de Andrade a respeito da construção de uma identidade nacional englobavam todas as faixas etárias e todas as camadas sociais. Através das manifestações populares, folclóricas, artísticas e estéticas, a infância e o operariado estavam presentes consumindo e produzindo cultura, abrasileirando, portanto, o país. Seus fundamentos não eram os da educação escolar da época, que o poeta criticava. [...] (FARIA, 1999, p. 64)

A autora ainda destaca que em relação às crianças em idade pré-escolar não foi encontrada nenhuma referência de preparação para a alfabetização, nem para a adaptação ao sistema regular de ensino, muito menos currículo preparatório. As crianças nesta idade, assim como aquelas que já freqüentavam o ensino primário, eram estimuladas a se expressar artisticamente, brincarem e jogarem, envolverem-se em atividades próprias da infância. O enfoque do programa era na criança, não apenas como um direito trabalhista da mãe, porém também abria espaço para a participação das famílias, nos eventos, nas festas e como produtora de cultura.

A proximidade das idéias que fundamentaram a construção dos PIs com as que hoje são defendidas pelos teóricos da educação infantil, levam Faria (1999) a nos propor algumas questões: por que essa experiência não escolar inovadora e provida de intencionalidade educativa, não teve continuidade? Será que foi justamente por seu caráter inovador demasiadamente à frente do seu tempo?

Com a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu o estado de direito do cidadão criança, e com a inclusão da Educação Infantil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9394/96, as atenções têm se voltado às questões que envolvem os espaços de educação coletiva de crianças de 0 a 6 anos. Recentemente, a Secretaria de Educação Básica (SEB) por meio da Coordenação Geral de Educação Infantil, órgão do Departamento de Políticas Públicas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, vem publicando vários documentos, buscando avanços no atendimento que vem sendo oferecido nas instituições de Educação Infantil brasileiras. Entre esses documentos, encontram-se os *Parâmetros Nacionais de Infra-Estrutura para as Instituições de Educação Infantil*. Elaborado em parceria com educadores, arquitetos e engenheiros, tendo como base os estudos empreendidos pelo Grupo Ambiente-Educação, que desenvolve projetos sobre o tema qualidade dos ambientes escolares, enfatizando as relações existentes entre espaço físico, projeto pedagógico e desenvolvimento da criança, além da preocupação com a adequação ao meio ambiente. Este documento tem como um dos seus objetivos:

[...] ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à educação infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança-criança, criança-adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos. (BRASIL, 2006, p. 8)

O mesmo documento destaca que grande parte dos ambientes destinados à educação coletiva de crianças de 0 a 6 anos no Brasil é precária, sendo que, na maioria dos casos, inexistem serviços considerados básicos como o de energia elétrica, água e esgoto sanitário. Muitas das instituições brasileiras também não contam com outros elementos de infra-estrutura essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, como: áreas externas, espaços que propiciem o contato com a natureza e a movimentação ampla e isto acarreta em prejuízo para as brincadeiras e a convivência entre as crianças.



Entre as várias sugestões presentes no documento, que devem ser levadas em consideração ao se idealizar uma instituição de educação infantil ou ao se reformar uma já existente, destacam-se algumas sugestões referentes à organização espacial e às áreas de recreação e vivência (BRASIL, 2006). Os Parâmetros Nacionais de Infra-Estrutura para a Educação Infantil sugerem, por exemplo, que os banheiros devem ser acessíveis, conter equipamentos que facilitem o uso por pessoas com necessidades especiais e estar localizados próximos às salas de atividades e áreas de recreação.

Destacam também o planejamento de salas de multiuso, que além de fácil acesso, fácil visualização e localização, devem constituir uma extensão do pátio externo, proporcionando flexibilidade de uso por crianças de diferentes estágios, sem obstáculos de percurso.

Além disso, a construção de prédios destinados à educação infantil, quando for possível, deve prever salas de atividade com área subjacente, que além de encorajar a interação de atividades externas e internas, possibilita às crianças que estão envolvidas em atividades em sala a observação de atividades que ocorrem na área subjacente, se tornando mais um espaço de exploração e de convivência em grupo.

O documento também valoriza os espaços de recreação e vivência como forma de incrementar a interação das crianças, a partir do desenvolvimento de jogos, brincadeiras e atividades coletivas. Enfatiza a importância de, ao se planejar um prédio destinado à educação infantil, pensar na integração entre a estrutura física e o ambiente natural, dando destaque ao paisagismo, que inclui o aproveitamento da vegetação e dos diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados.

Outras sugestões relevantes do documento referem-se à organização das áreas de recreação, pois sugere uma reflexão sobre o momento do desenvolvimento da criança lembrando que crianças menores necessitam de uma delimitação clara do espaço, do contrário, correm o risco de se desorganizarem quando este é muito amplo e disperso. À medida em que as crianças forem crescendo, esses ambientes devem se expandir para suprir suas necessidades de movimentos mais amplos.

Os mobiliários e equipamentos devem estar condizentes com a altura das crianças, permitindo assim o acesso a materiais e brinquedos e, conseqüentemente, auxiliando no processo de construção da autonomia e da independência. Sugere-se que, além de estarem compatíveis com a faixa etária a que se destina, mesas e

cadeiras devem ser leves para que as crianças possam deslocá-las no espaço, tornando o ambiente mais interativo.

Essas são apenas algumas das sugestões presentes no documento *Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006), vale destacar que este documento ressalta a importância da participação da comunidade educativa (crianças, professores, funcionários, familiares) na concepção de um projeto que visa à construção ou reforma de uma instituição de educação infantil, visto que somente as crianças e aqueles que trabalham e convivem diretamente com elas podem expressar suas reais necessidades.

#### **2.2.4 Estudos sobre ambientes de educação infantil no Brasil**

No Brasil, Campos-de-Carvalho e seus colaboradores (CAMPOS-DE-CARVALHO, 1993; CAMPOS-DE-CARVALHO & RUBIANO, 1996; CAMPOS-DE-CARVALHO & MINGORANCE, 1999; CAMPOS-DE-CARVALHO & PADOVANI, 2000; CAMPOS-DE-CARVALHO & MENEGHINI, 2003) têm se dedicado a apontar a relação bidirecional entre a pessoa e o ambiente, suas pesquisas buscam comprovar a contribuição do arranjo espacial (uma das variáveis do ambiente físico e que diz respeito à relação com que móveis e equipamentos, no caso de salas de crianças de um a quatro anos, estão organizados entre si) para a oportunidade de interações das crianças tanto entre si como com os (as) professores(as).

[...] As interações entre as crianças, em nosso ponto de vista, são tão importantes para o desenvolvimento infantil quanto as interações com os adultos, ambas exigindo competências diversas das crianças e servindo a diferentes funções (Hartup, 1987; Oliveira & Rossetti-Ferreira, 1993). Nossos estudos inserem-se na interface entre a Psicologia Ambiental e a do Desenvolvimento, cuja integração, embora necessária, não se faz sem desafios e dificuldades. (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003, p. 1)

Essas pesquisas têm buscado demonstrar que a criança participa ativamente do seu desenvolvimento através das relações que estabelece nos diferentes ambientes físicos e sociais com os quais entra em contato. Ou seja, a criança age sobre o ambiente, explora, seleciona objetos, áreas e parceiros de brincadeiras, transforma o ambiente por meio do seu comportamento. Ao mesmo tempo, o comportamento humano é influenciado pelas possibilidades e limitações do ambiente, principalmente as crianças, já que, de maneira geral, os ambientes físicos

e sociais são planejados pelos adultos, de acordo com seus objetivos pessoais, sua concepção de desenvolvimento e perspectiva de comportamentos infantis.

Estas mesmas pesquisas têm comprovado a importância da organização dos aspectos físicos do ambiente na interação das crianças. Estes estudos se apóiam nas descrições de três tipos de características de arranjo espacial (aberto, semi-aberto e fechado) e na forma como as crianças se relacionam *com e nestes* arranjos. Campos-de-Carvalho e Meneghini (2003) lembram que nas creches brasileiras é comum encontrarmos um grande número de crianças pequenas sob a responsabilidade de apenas um educador, e que de maneira geral, as salas de atividades são espaços vazios, com um número reduzido de móveis, objetos e equipamentos. Este tipo de organização é chamado de *arranjo espacial aberto*, e suas pesquisas têm indicado que esta estruturação espacial dificulta a interação entre as crianças fazendo com que estas exijam maior atenção do adulto.

As mesmas autoras (Idem, p. 151), explicam outra maneira de distribuir móveis, objetos e equipamentos dentro de um espaço, e desta forma, caracterizando-o como um arranjo espacial semi-aberto:

No arranjo espacial semi-aberto, utilizamos móveis baixos (por exemplo, pequenas estantes vazadas, de madeira) e aproveitamos a quina de duas paredes ou um desnível de solo. Formamos, então, cantinhos ou *zonas circunscritas*, que são áreas delimitadas em três ou quatro lados com uma abertura para a passagem, onde cabem com conforto cerca de seis crianças. A característica principal das zonas circunscritas é seu fechamento em pelo menos três lados, seja qual for o material que o educador coloca lá dentro, ou que as próprias crianças levam para brincar. Dessa maneira, você pode delimitar essas áreas usando mesinhas ou cadeirinhas. Elas também podem ser construídas por caixotes de madeira ou cabaninhas, desde que contenham aberturas. As cabaninhas podem ser criadas aproveitando o espaço embaixo de uma mesa e colocando por cima um pano que caia para os lados, contendo uma abertura, tipo porta. As cortinas também podem ser úteis para delimitar um ou dois lados.

Nos estudos desenvolvidos pelas duas autoras, nesta forma de arranjo espacial denominado de semi-aberto, as crianças demonstram preferência pelas zonas circunscritas, as interações mostram-se mais afiliativas e a dependência da figura do adulto diminui, e quando ocorrem aproximações, estas evocam mais respostas do adulto do que em outros tipos de arranjo espacial.

O *arranjo espacial fechado* é o terceiro tipo descrito nestes estudos, nesta organização, um móvel alto divide o ambiente em duas ou mais áreas, o que impede

que a criança mantenha contato visual com o adulto. Campos-de-Carvalho e Pandovani (2000, p. 447) não recomendam esta forma de organização espacial, pois:

Devido ao comportamento de apego (Rossetti-Ferreira, 1984) é freqüente a busca pela criança de proximidade física e/ou visual com o adulto que dela cuida. Desta maneira, é necessário que os elementos utilizados para estruturar uma zona circunscrita sejam baixos o suficiente para permitirem às crianças um fácil contato visual com os adultos, pois elas tendem a não permanecer em áreas fora do contato visual com a educadora. Isto é observado no arranjo fechado, onde as crianças evitam permanecer em áreas, inclusive em uma zona circunscrita, onde não é possível ver as educadoras.

Campos-de-Carvalho e Padovani (2000) lembram que os estudos que vem sendo desenvolvidos indicam a importância do arranjo espacial em contextos de educação coletiva de crianças pequenas, pois comprovam que as zonas circunscritas favorecem a incidência de interação entre as crianças e com as professoras. As autoras lembram que muitas vezes o custo de se promover modificações no ambiente é pequeno e os benefícios são grandes, visto que as crianças tornam-se menos dependes das professoras, e estas ficam disponíveis para estabelecer contato com aquelas crianças que necessitam de atenção especial. Ou seja, o arranjo espacial contribui na melhoria do atendimento das crianças pequenas em creches e pré-escolas.

As mesmas autoras também ressaltam que o arranjo espacial é uma das variáveis físicas, dentre outras, no contexto ambiental e que é de suma importância para que vários objetivos relevantes para o desenvolvimento infantil sejam alcançados, entre eles: promover a identidade infantil, já que espaços e objetos personalizados ajudam à criança no processo de construção da individualidade; desenvolver a competência, ao permitir à criança o controle de atividades diárias como servir-se da água, pegar a toalha, apagar e acender a luz, assim como possibilitar o acesso aos materiais e objetos; oportunizar variadas formas de movimento corporal, principalmente os de grande amplitude, de forma segura; estimular os sentidos por meio do contato com variações ambientais, conhecendo as cores, sons, sabores e aromas; promover a sensação de segurança e confiança, o ambiente destinado à educação infantil deve ser confortável e seguro, estimulando a ação da criança; possibilitando variadas formas de interação e também assegurando o direito a individualidade e privacidade.

Sager e Sperd (1998) também se dedicaram a estudar a importância do ambiente físico e dos materiais para o desenvolvimento das interações infantis, e partilham com outros autores a idéia de que o contexto no qual as crianças brincam determina as maneiras como elas interagem entre si. Nesta pesquisa Sager e Sperd (Idem) relacionaram os padrões de conflito nas interações de crianças de uma instituição de educação infantil com o ambiente físico, o gênero e os tipos de materiais utilizados pelas crianças nestas interações e concluiu que os padrões de conflito mostram-se diferentes em comparação realizada entre os dois ambientes pesquisados (sala e pátio) e em relação aos tipos de brincadeira que ocorrem nestes espaços. Por exemplo, na sala, os conflitos estavam relacionados principalmente a atividades de jogo simbólico, e a incidência era maior entre os meninos, enquanto entre as meninas, os conflitos ocorriam com maior frequência durante os jogos de acoplagem. Outra conclusão do estudo foi que meninos e meninas conflitavam mais nas brincadeiras que envolviam regras. No pátio os conflitos ocorriam na sua maioria durante o desenvolvimento de atividades que os autores chamaram de exercício que envolviam a execução de movimentos simples ou ações combinadas (correr, pular, brincar de rodar um pião, dar pancadas, etc).

Em outra pesquisa desenvolvida os autores (SAGER, SPERD, ROAZZI & MARTINS, 2003) observaram os aspectos físico-espaciais dos ambientes e suas relações com a subjetividade e comportamentos humanos. Este estudo envolveu os pátios de duas escolas infantis de Porto Alegre e a interação de 50 crianças de 5 e 6 anos que freqüentavam estas escolas. Os pátios eram diferentes em termos de área, densidade das crianças e materiais. Considerou-se os tipos de brincadeiras, os brinquedos utilizados pelas crianças e os tipos de interação estabelecidos. Com base em análises quantitativas o estudo demonstrou que, no pátio grande, as crianças engajaram-se mais em interações associativas e paralelas e no pátio pequeno percebeu-se uma incidência maior de interações do tipo solitária (quando a criança brinca sozinha, tomando distância ou não fazendo nenhum esforço para se aproximar de outra criança) e desocupada (quando a criança, aparentemente está “fazendo nada”). No pátio grande, a associação ao tipo de brinquedos com os tipos de interação foi menor do que no pátio pequeno. Apesar do estudo demonstrar maior associação entre as interações e tipos de brincadeiras no pátio pequeno, no pátio grande houve uma maior variedade de brincadeiras.

Algumas pesquisas que enfocam o tema ambiente de aprendizagem na educação infantil vêm sendo desenvolvidas pelo Programa do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Vale do Itajaí, uma delas é o estudo desenvolvido por Hoemke (2004), que tinha por objetivo compreender o que os professores de educação infantil da Rede Pública de Blumenau entendem por ambiente de qualidade. Após entrevistar e analisar o discurso das professoras, a pesquisadora identificou quatro grandes categorias: estrutura física, mobiliário, organização do ambiente, materiais e o papel do professor. Segundo Hoemke (2004, p. 91):

[...] O ambiente tem que responder a duas necessidades do ponto de vista das educadoras: trabalho e brincadeira. Trabalho refere-se as “atividades pedagógicas” compreendidas como aquelas atividades planejadas e executadas por meio da ação do adulto junto às crianças, aquela que o professor dirige e controla. Brincar já é uma atividade percebida como aquela possibilidade de momento da criança poder estar mais livre. Os professores revelam pouca interação com as crianças durante suas brincadeiras e creditam aos cantinhos a maior possibilidade delas acontecerem. [...]

Para a autora, os depoimentos das professoras também revelam que é função do professor oportunizar um ambiente que permita um trabalho adequado com a criança, que possibilite a criança desenvolver uma série de competências, e onde ela sinta alegria, prazer de freqüentar.

[...] Se o professor não tem os materiais necessários, nem estrutura física adequada para organizar o ambiente, não conseguirá oferecer à criança possibilidades adequadas. O papel do adulto é, então, intervir no ambiente e na ação da criança, pois, caso contrário, se não houver organização e encaminhamento e monitoramento das ações das crianças, elas temem que sua rotina seja caótica. [...] (Idem, p. 92)

Já o estudo de Lima (2006) tinha por objetivo avaliar as condições do ambiente de cinco centros de educação infantil (quatro públicos e um privado, de caráter filantrópico) da rede municipal de um município na região do Vale do Itajaí, utilizando a escala Infant and Toddlers Environment Rating Scale-Revised – ITERS-R (Escala de Avaliação de Ambientes Coletivos para Crianças de 0-30 meses), que inclui vários componentes da qualidade da proposta pedagógica e da instituição de educação infantil. Após a aplicação da escala, o estudo revelou que os itens Atividades e Cuidados Pessoais tiveram os escores médios mais baixos em todos os CEIs pesquisados, já Interação, Pais e Equipe os escores mais altos.

A autora ainda destaca alguns aspectos que a escala oportunizou observar nas instituições que participaram deste estudo: o número reduzido de mobiliário adequado ao tamanho dos adultos, e este é um dado relevante, pois um ambiente de educação infantil de qualidade deve contemplar também as necessidades das pessoas que nele trabalham. Outro aspecto observado pela autora foi a preocupação com a higiene, limpeza e com os pertences das crianças, isto indica, que o bem estar e a saúde, tanto das crianças quanto dos adultos, estão sendo levados em consideração nas instituições envolvidas nesta pesquisa. Ela também observou que, nestes CEIS, havia uma grande variedade e número de brinquedos e materiais, porém, estes não estavam acessíveis às crianças o tempo inteiro, o que comprometia o desenvolvimento da autonomia das crianças e indica uma prática pedagógica centrada na figura do adulto.

### **3 ENCAMINHAMENTOS E ANÁLISE DO CONTEXTO DA PESQUISA**

Como colocado na introdução deste trabalho, esta pesquisa se propõe responder ao seguinte problema:

*De que modo as representações sobre infância e educação infantil das professoras de salas de 3 a 6 anos do município de Corupá orientam o modo como elas organizam o ambiente para as crianças e subsidiam a argumentação que utilizam para justificar essa organização?*

Para viabilizar a investigação, permitindo a definição de caminhos metodológicos, o problema foi desdobrado nas seguintes questões de pesquisa:

- 1. Como se caracterizam os ambientes das salas de educação infantil organizado pelas professoras de 3 a 6 anos do município de Corupá?*
- 2. Quais as relações existentes entre as percepções das professoras de salas de 3 e 6 anos do município de Corupá sobre ambientes de Educação Infantil e os critérios que estas adotam na organização das salas onde atuam?*
- 3. Que elementos das RS sobre infância e educação infantil são revelados no modo como as professoras organizam o ambiente das salas de educação infantil e na lógica que adotam para justificar essa organização?*

Para responder a essas questões, a pesquisa foi organizada em três etapas, que serão descritas mais adiante. Antes, porém, será feita uma breve descrição do campo e dos participantes da pesquisa.

#### **3.1 Contextualização do Campo de Pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada com oito professoras de crianças entre 3 e 6 anos do município de Corupá, seis delas professoras de CEIs, uma professora de Jardim de Infância e uma professora de Pré-Escola. Das oito professoras pesquisadas sete eram efetivas e uma contratada.

Para uma compreensão deste estudo, acredita-se ser necessária uma contextualização do campo em que a pesquisa foi desenvolvida. Fundado em 7 de



julho de 1897<sup>7</sup>, o município de Corupá encontra-se localizado na região Norte de Santa Catarina, na Serra do Mar. Sua área é de 477 metros quadrados e sua altitude de 62 metros, possuindo elevações de até 1.176 metros. Segundo projeções do IBGE de 2005, a população de Corupá é de 12.760 habitantes.

Segundo pesquisa realizada por Demathé (2007), com base nos documentos do município, a primeira referência que se faz à Educação Infantil de Corupá é datada do dia 13 de novembro de 1989, quando o então prefeito firma um compromisso com o Governo do Estado de Santa Catarina através da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Comunitário. O objetivo era a assistência técnica e financeira no sentido de melhorar e expandir o atendimento indispensável às crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. A Prefeitura Municipal comprometia-se a manter 72 crianças em creche nas modalidades Domiciliar; Institucional, sendo que caberia à Secretaria transferir os recursos para a manutenção deste atendimento. Segundo a pesquisadora, pode-se considerar este documento como o registro mais antigo referente à preocupação com o atendimento municipal institucionalizado à Educação Infantil.

Outro documento importante é datado de 07 de fevereiro de 1990. É uma solicitação do Departamento de Saúde e Bem Estar Social à Câmara de Vereadores para que estes autorizem a locação de uma casa e de um convênio com o SESI, para que se inicie a instalação de uma creche institucional no município, sendo esta uma reivindicação da comunidade. Logo em seguida, dia 22 de fevereiro de 1990, um Decreto Municipal solicita a desapropriação por via amigável ou judicial de um imóvel que será destinado à implantação de uma creche municipal.

No dia 19 de março de 1990, a Creche Municipal Dona Nina inicia seu funcionamento, em convênio com o SESI de Jaraguá do Sul. Iniciou com o atendimento de 23 crianças, e tinha por objetivo substituir o atendimento domiciliar que o município, até então, destinava as crianças de 0 a 6 anos. Oficialmente a inauguração da nova estrutura ocorreu no dia 07 de julho de 1990, depois deste evento, o quadro de funcionários era composto por seis funcionárias da Prefeitura Municipal e três funcionárias do SESI, para cuidar de dois turnos de sessenta crianças.

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Corup%C3%A1>

Em 1992 a Prefeitura Municipal firma convênio com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), o que beneficiou os pais e responsáveis, que se tornaram isentos de pagar a contribuição mensal para a Creche Municipal Dona Nina.

Outra opção para os pais era matricular seus filhos entre 4 e 6 anos nas oito escolas que contavam com as turmas de Pré-Escolar de Ensino Fundamental: o Pré-Escolar Abelhinha Feliz, o Pré-Escolar Pequeno Polegar, o Pré-Escolar Ignácio Beiger, o Pré-Escolar Franz Dorn e o Pré-Escolar Aluisio Carvalho de Oliveira. Esses grupos atendiam até 206 crianças em horário escolar.

Demathé (2007) constata em sua pesquisa documental, que, até 1994 os convênios com a LBA são renovados a cada ano, mas a partir de 1995 não existe mais nenhum documento referente à renovação.

O ano de 1998 é um ano de transição e mudanças para a Educação Infantil de Corupá, com a promulgação da Constituição de 1988 e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que incluiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. As creches que até então faziam parte do setor de Assistência Social do município são incorporadas à Secretaria de Educação. O primeiro impacto desta mudança é a inauguração de uma nova estrutura física para abrigar a Creche Municipal Dona Nina, bem como a substituição do termo “Creche Municipal” para “Centro de Educação Infantil Dona Nina”.

Outro reflexo da nova lei é a extinção de cinco cargos de atendente de berçário entre os anos de 2001 e 2002, o que fez com que quase todas as funcionárias que trabalhavam na Educação Infantil do município passassem a ser Professoras, garantindo assim acesso ao plano de carreira. As jornadas de trabalho que antes era de 30h/a passaram para 40h/a. Esta mudança se refletiu na remuneração das professoras que também passaram a receber o adicional de Hora Atividade, sendo melhor remuneradas que os Professores do Ensino Fundamental. Todas essas modificações ocorreram em função das Professoras terem concluído a formação mínima em Magistério a Nível Médio, e que posteriormente a isso, em razão do plano de carreira, também procurassem ampliar sua formação, cursando Pedagogia e cursos de Pós-Graduação.

Em 2003, visando à ampliação do número de vagas na Educação Infantil municipal de Corupá, a prefeitura inaugura o Centro de Educação Infantil Pequeno Polegar, inicialmente uma extensão do CEI Dona Nina. A nova instituição atendia crianças em idades mistas de 4 a 6 anos e contava, no quadro administrativo, com

três professoras, cujas jornadas de trabalho eram organizadas de forma que sempre duas estivessem presentes para atender as crianças. Em 2004, o Centro de Educação Infantil Pequeno Polegar passou a atender crianças menores de três anos, desde que estas não usassem fraldas.

Em 2004 também é inaugurado o Centro de Educação Infantil Franz Dorn no prédio da antiga escola de ensino fundamental que foi reformado e adaptado para atender as necessidades das crianças de 0 a 3 anos. A nova instituição veio para suprir a demanda, principalmente de crianças com idade para freqüentar o berçário, visto que somente o CEI Dona Nina atendia crianças desta faixa etária até então.

Em 2006, mais algumas medidas foram tomadas visando à ampliação do número de vagas para a faixa etária de 0 a 3 anos, e também como forma de entrar em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9.394/96, que em seu corpo, especifica que a educação de 0 a 3 anos deve ocorrer em creches e a de 4 a 6 anos em pré-escolas. Com base na lei, o município determinou uma idade limite para as crianças que freqüentam as creches. Somente teriam vaga nestas instituições aquelas que completassem quatro anos no segundo semestre do ano da matrícula. As demais, aquelas que completassem quatro anos no primeiro semestre, ou já tivessem essa idade na época da matrícula, passariam a freqüentar as turmas de Jardim de Infância localizadas nas escolas de ensino fundamental, em turnos de 4 horas diárias. Outra medida tomada no ano de 2006 foi organizar a razão adulto/criança das turmas de educação infantil, como forma de oferecer um atendimento de qualidade nas creches e pré-escolas do município.

O quadro abaixo consta do Regimento Interno dos Centros de Educação Infantil de Corupá. Nele está organizada a razão adulto/criança de acordo com a idade dos grupos.

**Tabela 1: Quadro de vagas dos Centros de Educação Infantil de Corupá, por turma**

<b>Idade das Crianças</b>	<b>Turma</b>	<b>Número de Crianças</b>	<b>Professoras</b>
0 a 1 ano	Berçário I	08	02
1 a 2 anos	Berçário II	10	02
2 anos	Maternal I	10	02
2 anos e meio a 3 anos	Maternal II	12	02
3 anos	Maternal III	12	02

Fonte: Demathé,(2007)

Em alguns casos, o número de crianças matriculadas nos CEIs extrapola o registrado nesse quadro, visto que algumas delas freqüentam a instituição apenas meio período, o que abre vaga para outra criança no período contrário. Assim, o que o quadro representa é a quantidade de crianças em cada turma por turno e não o número de crianças matriculadas.

### **3.2 Os participantes da pesquisa**

Durante o período em que foi realizada esta pesquisa Corupá contava com 40 professoras no seu quadro de funcionários, sendo que entre estas, seis ocupavam, na época, cargos de Direção (nos Centros de Educação Infantil) e Coordenação (nas Pré-Escolas). Este estudo foi realizado com oito professoras que atuavam diretamente em salas de educação infantil no município de Corupá, sendo que seis delas trabalhavam em CEIs do município, uma delas em uma turma de Jardim de Infância e a outra em uma turma de Pré-Escola mista, ambas em escolas do ensino fundamental do município.

Das oito professoras, cinco estavam na faixa etária dos 20 aos 30 anos, uma entre 30 e 40 anos, uma entre 40 e 50 e uma com mais de 50 anos. Quanto à formação destas professoras, quatro estavam cursando Pedagogia, e as outras quatro já haviam concluído o curso, sendo que uma entre estas quatro, na época, cursava Pós-Graduação e as demais já eram Pós-Graduadas.

A escolha dos participantes da pesquisa ocorreu no início do ano de 2007. Tinha-se consciência de que seria necessário restringir o número de turmas que iriam participar do estudo, principalmente tendo em vista o prazo para a conclusão da pesquisa. Como pelo menos cinco estudos seriam desenvolvidos pelo nosso Grupo de Pesquisa em Corupá, uma das recomendações feitas pela Agente Pedagógica daquele município era que as pesquisadoras fossem divididas entre diferentes salas, pois desta forma estariam envolvendo um número maior de professoras e crianças, e interferindo o mínimo possível na rotina das instituições. Então, para este estudo, decidiu-se delimitar o campo levando em conta dois estratos definidos pela idade das crianças. Como em Corupá as crianças de 0 a 3 anos freqüentam os CEIs e as de 4 a 6 anos, os jardins de infância e a pré-escola, que ficam localizadas dentro das escolas de ensino fundamental, decidiu-se que seria importante fazer um estudo que considerasse essas duas realidades.

A próxima fase foi a escolha das turmas que seriam o foco deste trabalho. Em função disto, ocorreu a primeira incursão desta pesquisadora ao campo de pesquisa em março de 2007. Nesta época, já estava definido que este estudo envolveria o uso da linguagem icônica (fotografia), portanto, considerou-se necessário visitar e coletar registros fotográficos de todas as salas de atividade cujos grupos de crianças estivessem na faixa etária de 3 a 6 anos. Estas fotos seriam utilizadas como recurso na escolha das salas que fariam parte deste estudo, e também auxiliariam no acompanhamento das modificações realizadas pelas professoras nestes ambientes no ano de 2007. Foram as mais de 200 fotos retiradas, que contribuíram para a escolha das salas, principalmente a de jardim e a da pré-escola.

Percebeu-se que foi mais fácil a escolha das salas de CEI que estariam envolvidas nesta pesquisa do que as de Pré-Escola, visto que em Corupá, na época, havia apenas três CEIs, e entre estes, um atendia somente a uma turma mista de crianças com até 3 anos. Optou-se pela não inclusão deste CEI, por ser diferente de todos os outros e também por se tratar de uma situação transitória, já que a Secretaria de Educação já planejava transferi-lo para outro prédio, mais amplo. Então, optou-se pelas turmas de crianças maiores (de 2 anos e meio a 3 anos) dos outros dois CEIs, respectivamente Maternal II e Maternal III.

Quanto à sala de Pré-Escola que estaria envolvida neste estudo, a escolha se deu em razão de dois fatores: o primeiro deles, porque a sala escolhida era de uma turma mista, e considerou-se interessante observar a dinâmica de uma sala de Pré-escola que incluía crianças de 3 anos a 5 anos e meio. Estávamos curiosas para saber como a professora lidava com um grupo tão heterogêneo. Além disso, no início do ano de 2007, esta mesma turma de Pré-Escola, contava com duas salas, uma de “atividades”, onde eram desenvolvidos os exercícios de leitura, escrita e as atividades artísticas (desenho, pintura, modelagem, etc.), e outra que era utilizada nos momentos de brincadeira livre. Esta outra sala era organizada com móveis, computador e eletrodomésticos velhos. Também contava com uma arara com fantasias e espelho, uma caixa de papelão exercia a função de geladeira e havia até um vaso sanitário disposto num espaço delimitado por carteiras, imitando um banheiro. Porém, no período em que a pesquisadora retornou à escola para a primeira etapa desta pesquisa, fora construída uma nova sala para a turma da Pré-Escola, e as duas outras acabaram sendo desativadas. Alguns dos brinquedos e

principalmente as roupas, bolsas e acessórios, a professora reutilizou na nova sala, os demais objetos precisaram ser descartados.

Por fim, para que o estudo contemplasse todas as faixas etárias (exceto o berçário), necessitava-se de uma sala de Jardim de Infância, duas das escolas que nos foram apresentadas pela Assistente Pedagógica contavam com turmas de Jardim de Infância, mas como uma delas estava passando por reformas, e portanto, o espaço estava muito tumultuado, acabamos optando pela outra.

**Tabela 2: Salas e sujeitos envolvidos na pesquisa**

<b>Instituição</b>	<b>Sala</b>	<b>Idade</b>	<b>Número de Crianças</b>	<b>Professoras</b>	<b>Período</b>
CEI 1	Maternal II	2 anos e meio a 3 anos	17	3	Integral
CEI 2	Maternal III	3 anos	18	3	Integral
Escola 1	Jardim de Infância	4 anos	18	1	Matutino
Escola 2	Pré-Escola	3 a 6 anos	18	1	Vespertino

## **4 PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: A CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES**

### **4.1 Procedimentos de geração e análise dos dados**

Para responder à primeira pergunta desta pesquisa que busca caracterizar os ambientes das salas de educação infantil organizados pelas professoras de turmas de 3 a 6 anos do município de Corupá, optou-se pela observação naturalista ou naturalística, como técnica de coleta de dados. Para Vianna (2007, p. 48) como diz o próprio nome, a observação naturalista é feita no ambiente natural e “não procura manipular, modificar ou mesmo limitar o meio ou os comportamentos dos participantes”. Neste tipo de observação prima-se pelo registro do que efetivamente ocorre.

O mesmo autor aconselha ao pesquisador que irá utilizar a observação como método de coleta de dados, atenção às notas de campo, que devem preservar a seqüência de eventos e interações ocorridas. Isso exige que as anotações sejam feitas o mais imediatamente possível, pois assim, evita-se recorrer à memória dos fatos, onde podem ocorrer lapsos que prejudicariam o andamento do estudo.

Neste estudo foram realizadas, no total, 80 horas de observação, vinte horas em cada sala participante deste estudo. Procurou-se registrar fielmente as ações de professoras e crianças envolvidas na pesquisa num “Diário de Campo”, buscando respeitar a seqüência dos eventos observados, as ações, interações e até mesmo os diálogos. O uso de vídeo foi descartado, tendo em vista a sua característica invasiva. Durante o período de observação, constatou-se que a presença da pesquisadora não afetou de forma significativa o andamento das atividades, pois, tanto as crianças quanto as professoras agiam naturalmente, apenas em algumas situações as crianças se aproximavam para fazer algum comentário ou perguntar sobre o que estava sendo registrado.

A princípio, os dados obtidos durante o período de observação foram utilizados para descrever os ambientes pesquisados e serão utilizados como apoio na discussão dos resultados. Os registros serão re-analisados em estudos posteriores, pois neste estudo não será aprofundada a investigação sobre as ações pedagógicas das professoras.

Visando centrar a atenção em aspectos relativos à organização do ambiente pelas professoras, alguns itens foram previamente definidos e relacionados numa tabela que chamamos de “Características do ambiente e do mobiliário” (vide anexo 2). Esta tabela foi preenchida durante os horários de descanso das crianças nos CEIs e nos horários de recreio do Jardim de Infância e Pré-Escola. Alguns itens relacionados nesta tabela foram elencados da “Escala de Avaliação do Ambiente Educacional Infantil” a ECERS-R, Early Childhood Environment Rating Scale – Revised Edition, (Thelma Harms, Richard Clifford e Debby Cryer, 1998). Nesta escala, que é composta por sub-escalas, é possível uma avaliação do espaço e do mobiliário dos ambientes de educação coletiva de crianças, bem como da rotina de cuidados pessoais, da linguagem e raciocínio, atividades, interação criança-criança e adulto-criança, estrutura do programa, pais e funcionários, perfazendo um total de 43 itens.

Os estudos sobre a organização espacial das creches e as modalidades de interação entre as crianças empreendidos por Campos de Carvalho também nos ajudaram na caracterização das salas pesquisadas em Corupá. A autora, baseada nos estudos de Legendre (1986; 1989; 1999) com crianças de 2 a 3 anos, define três tipos de arranjos espaciais: o arranjo visualmente aberto, semi-aberto e fechado, que diferem entre si pelo uso dos móveis e objetos e pela presença de zonas circunscritas.

As fotografias retiradas no decorrer da pesquisa (nos meses de março e setembro de 2007) também contribuíram para que a observação das modificações propostas pelas professoras no ambiente, ou mesmo perceber a ausência destas modificações.

## **4.2 Caracterização da sala do CEI 1**

O CEI 1 fica afastado do centro de Corupá, é rodeado por casas e pequenos sítios. Perto também há um córrego onde as crianças às vezes são levadas para observar a água e molhar os pés. A instituição conta com três salas: uma de Berçário misto, uma de Maternal I e uma de Maternal II. Também tem um banheiro de uso coletivo das crianças cujas peças (pia e vaso sanitário) são adequadas ao tamanho destas, um banheiro para o uso das funcionárias, um refeitório com mesas, bancos e lavatório, também adaptados para as crianças. A cozinha é ampla e bem arejada; a secretaria, ocupada principalmente pela coordenadora, conta com mesa,



cadeira e estante de escritório e um sofá para receber os pais e visitantes. O espaço externo conta com um grande parque com balanços, escorregador, gira-gira, gangorras, um túnel. No pátio central, há uma grande árvore com um balanço feito com pneu e uma corda com nós para as crianças subirem; ao redor do CEI uma tela de arame faz as vezes de muro e permite que as crianças, ao brincarem no parque, ou no pátio, tenham a visão da rua de terra, dos carros que ali trafegam e das casas da vizinhança.

A sala do Maternal II, que participou deste estudo, contava com cerca de dezessete crianças e três professoras que cumpriam horários intermediários, o que permitia que, nos momentos de grande concentração de crianças, houvesse sempre duas educadoras presentes para atendê-las. A rotina era dividida da seguinte forma: as crianças eram recebidas na sala por uma das professoras das 6h 30 da manhã às 8h 00, durante este horário as crianças exploravam livremente o espaço, brinquedos e objetos disponíveis. Às 8h 00 as crianças eram levadas ao refeitório onde tomam o café da manhã. Após lavar as mãos, todas as crianças do CEI brincavam no parque, se o dia estivesse claro e ensolarado, até as crianças do Berçário participavam. Por volta das 10h 00 todos retornavam para a sala, e neste momento alguma atividade coletiva era desenvolvida, as crianças se sentavam para fazer algum trabalho artístico, para ouvir uma história, cantar, etc. Das 10h 30 às 11h 00 era o horário do almoço, novamente as crianças se reuniam no refeitório para se alimentar. Após o período de descanso que ocorria das 11h 30 às 14h 00, as crianças participavam do primeiro lanche da tarde, e como a limpeza da sala era feita neste horário, as professoras aproveitavam esses momentos para realizar passeios com o grupo, as crianças percorriam os arredores do Núcleo, visitavam a casa de uma das professoras que morava perto, passeavam perto do rio ou até mesmo eram recebidas por algum vizinho amistoso. Ao retornar para a sala, as crianças realizavam novas atividades coletivas, normalmente diferenciada da atividade que havia ocorrido no período da manhã. Às 16h 00 as crianças lanchavam novamente, depois, exploravam livremente os cantos e brinquedos da sala enquanto as professoras as arrumavam para a chegada dos pais. Normalmente às 18h 00 todas as crianças já haviam retornado para casa.

A sala do Maternal II era ampla, tinha duas janelas grandes da altura das crianças que, além de permitirem a visão do parque, tornavam a sala arejada e iluminada. Tinha como diferencial uma estante alta que dividia o fundo da sala em

dois ambientes: a barraca e o canto das artes. Pode-se defini-la como um arranjo visualmente restrito visto que esta barreira impedia que as crianças tivessem uma visão total da sala.

A barraca, que para os desavisados poderia consistir num espaço improvisado, pois havia sido construída com um cobertor fixado de um lado na estante e do outro na parede, era um dos espaços preferidos das crianças. Uma cortina de tiras de tecido colorido garantia a sensação de privacidade daqueles que brincavam lá dentro, sem impedir que as crianças fossem vistas pela professora e vice-versa. Dentro da barraca, as crianças se sentavam em pequenas poltronas, construídas a partir de caixas de leite, e almofadas retiradas de poltronas velhas; ali havia um novo atrativo colocado recentemente pelas professoras: uma máquina de escrever. O novo objeto, sendo ainda uma novidade para as crianças, era muito disputado. Dentro da barraca, grupos de criança se alternavam em momentos de brincadeira simbólica, meninas e meninos exerciam papéis de pais das bonecas, ou então, brincavam de escritório, trazendo telefones velhos para perto da máquina de escrever. Alguns objetos para a brincadeira simbólica ficavam nas prateleiras da estante, ao alcance das crianças, era uma variedade de eletrodomésticos velhos, utensílios domésticos como panelas e colheres, bonecas, carrinhos, etc.

Do outro lado da estante ficava o espelho, um quadro de giz onde estavam afixados os nomes das crianças escritos em letra de forma, os cabideiros para mochilas e pertences pessoais das crianças. Também neste canto ficavam agrupadas três mesas pequenas e coloridas e dois bancos, e era ali que as crianças se reuniam para fazer seus trabalhos artísticos. Era um canto pequeno, que exigia que as crianças, durante as atividades coletivas, o ocupassem de forma organizada. Como os bancos não conseguiam comportar todo o grupo, aqueles que ficavam sem lugar para sentar, logo solucionavam o problema, indo até o canto do chuveiro e pegando bancos reciclados, construídos com caixa de papelão, para se sentar.

Na parte da estante que estava voltada para as mesinhas e bancos, ficavam objetos e materiais (cola, tesoura, revistas, lápis variados, etc.), que, quando não estavam sendo utilizados, ficavam escondidos por uma cortina colorida. As professoras não restringiam o acesso a esses materiais, e nos momentos de brincadeira livre, se as crianças assim desejassem, podiam explorá-los.

Também havia na sala um espaço denominado “canto do chuveiro”, já que ali havia um chuveiro velho pendurado por um barbante. Esse espaço era rodeado por

uma cortina e dentro dele também eram guardadas várias caixas contendo jogos de encaixe, sucatas de vários tipos e os “bancos reciclados” confeccionados pelas professoras com caixas de papelão. O canto do chuveiro, e o da barraca, eram os espaços preferidos das crianças na sala, era comum ver uma das crianças “tomando” banho no chuveiro, ou fazendo de conta que dava banho em alguma boneca, as caixas que ali ficavam era um atrativo à parte, repletas de objetos que, nos momentos de brincadeira livre, o grupo fazia questão de espalhar pela sala.

Completava o ambiente uma cadeira para adulto e um balcão, onde ficavam guardados dois tapetes, os cobertores e os travesseiros. O tapete redondo que ficava no centro da sala era o local escolhido para as rodas de conversa, momentos de leitura de história ou quando o grupo se reunia para cantar. Nas paredes não havia produções das crianças, apenas alguns desenhos com motivos infantis da Disney confeccionados pelas professoras e um pequeno cartaz com regras de grupo. Ao lado da porta ficava um mural de avisos.

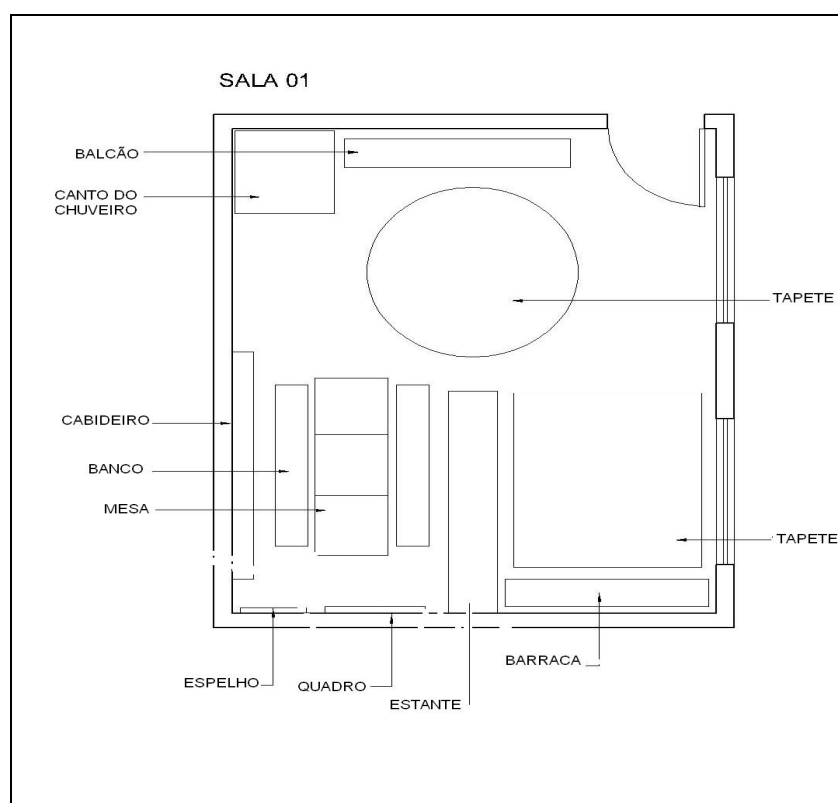
A descrição acima se refere à observação realizada em setembro de 2007. Em comparação com as fotos retiradas no mês de março do mesmo ano, percebe-se algumas modificações no ambiente. O canto da barraca anteriormente ficava ao lado do balcão. Segundo a Professora 1 e a Professora 2, o objetivo era manter os colchões escondidos, mas com o decorrer dos dias, elas perceberam que as crianças gostavam de brincar ali embaixo, então decidiram mudar a barraca de lugar, organizá-la com almofadas e poltronas para que as crianças pudessem explorá-la melhor. Os colchões passaram a ser guardados sobre a estante, o que permitiu que elas criassem o canto do chuveiro. No início do ano, a sala também ainda não contava com os cabideiros para guardar as mochilas e pertences das crianças.



Fotos da Sala 1 em março de 2007



Fotos da Sala 1 em setembro de 2007



Planta Baixa da Sala 1 em setembro de 2007<sup>8</sup>

<sup>8</sup> As plantas que aparecem neste estudo são de autoria da arquiteta Taiane Ehert.

### 4.3 Caracterização da sala do CEI 2

A sala 2, observada neste estudo, ficava em outro CEI do município de Corupá.

É uma instituição maior que a anterior. Sua estrutura era composta por cinco salas que comportam crianças de Berçário I, Maternal I, Maternal II e Maternal III. Também havia uma sala de coordenação, uma sala para os professores onde estas se reúnem nas refeições, e dois banheiros, um para as crianças e outro para as funcionárias. O refeitório era amplo, com três mesas baixas adaptadas ao tamanho das crianças, nele, havia um bufê da altura das crianças de onde as educadoras tinham acesso à comida que serviam as crianças e um bebedouro de água mineral com copos descartáveis para que as crianças pudessem se servir sozinhas.

Um aspecto positivo do CEI era seu espaço externo. A sala do Berçário I tinha portas de correr que dava acesso a um solário, o qual, às vezes, também era ocupado pelas crianças maiores. O solário era cercado por telas, nele havia espaços com grama e calçadas, casinhas, pontes para os menores percorrem e uma trave para os jogos de futebol dos maiores. Além deste solário, a instituição contava com um parque amplo, onde grandes árvores centrais faziam sombra durante todo o dia.

Embaixo das árvores, as crianças brincavam na areia com baldes e pzinhas, Também havia bancos de madeira onde as professoras se sentavam para observar as crianças e conversar entre si. O parque contava com uma variedade de brinquedos, balanços, gira-gira, uma ponte que terminava num escorregador e uma casa de bonecas.

As crianças do Maternal III seguiam uma rotina parecida com do Maternal II já descrito nesta dissertação, principalmente os horários de chegada, saída e alimentação. Normalmente após o café da manhã este grupo retornava para a sala, e até às 9h 30, ou continuavam brincando com os mesmos brinquedos utilizados no horário de chegada ou desenvolviam alguma atividade coletiva (história, pintura, cantigas, etc.). Às 9h 30 todos se organizavam ao redor de uma corda e faziam um passeio pelas redondezas do CEI. Quando retornavam, isto, por volta das 10h 00, eram encaminhados para o parque onde brincavam até o horário do almoço, que ocorria entre às 10h 30 e 11h. No período da tarde, após acordar e lanche, as crianças retornavam a brincar no parque. Aquelas que só freqüentavam o CEI no período vespertino, primeiro faziam a atividade que havia sido desenvolvida pela

manhã (pintura, desenho, recorte), para somente depois brincarem no parque. Perto do último lanche da tarde, lá pelas 16h 00 as crianças retornavam a sala e brincavam com jogos de encaixe, jogos pedagógicos, bonecas, carrinhos, etc.

A sala era pequena para as 18 crianças e três professoras que nela conviviam. Como no CEI anterior, estas faziam horários intermediários, para que, no decorrer do dia, pelo menos duas delas estivessem com o grupo de crianças. A sala contava com duas janelas grandes: uma voltada para o solário e parque e a outra para o refeitório. O mobiliário era composto por uma estante onde ficavam organizados os brinquedos, uma mesa para as professoras e duas cadeiras. Também havia um tapete para os momentos de ouvir histórias, cantar e conversar.

A organização do ambiente tinha características de um arranjo espacial aberto: não havia zonas circunscritas, o espaço central ficava livre. As atividades coletivas normalmente ocorriam sobre o tapete, já quando brincavam livremente, as crianças ocupavam toda a sala, as meninas, carregando suas “filhas” (bonecas), organizavam grupinhos para brincar de ir ao shopping, os meninos também cuidavam dos seus filhos ou construíam aviões, carros e estradas com os jogos de encaixe.

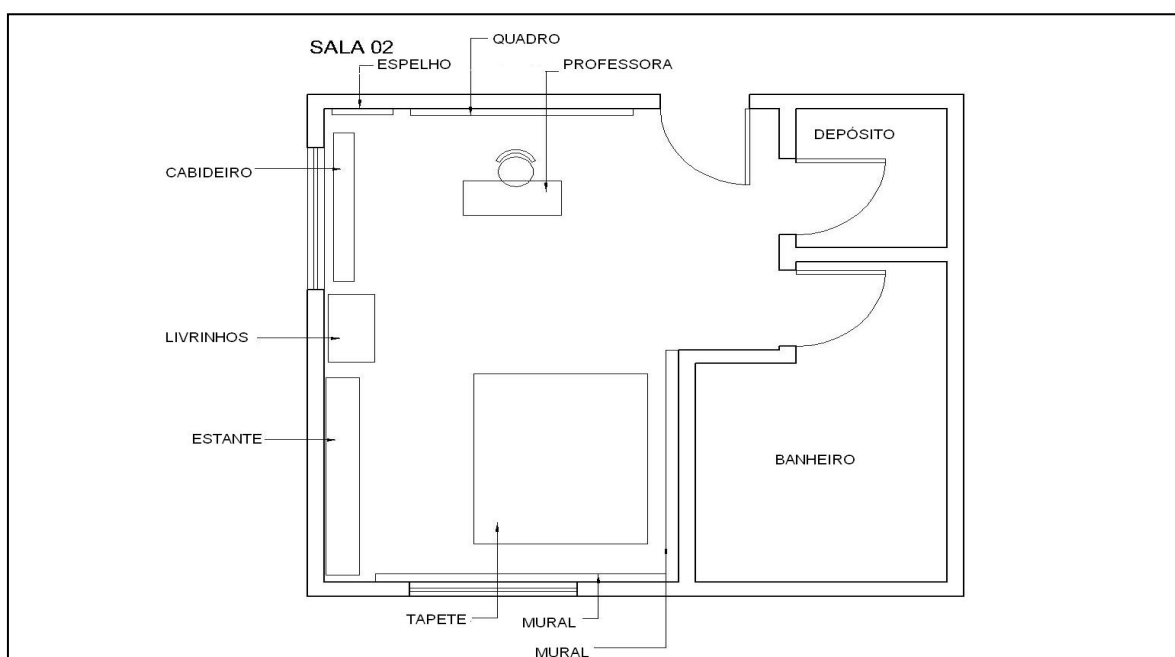
A sala também contava com um quadro negro que era utilizado pelas professoras para registrar avisos e lembretes, um suporte para livros, onde as professoras colocavam catálogos de venda de cosméticos. Nas paredes, encontravam-se colados um alfabeto, trabalhos feitos coletivamente pelas crianças, um cartaz e algumas figuras de animais confeccionados pelas educadoras. Durante o período de observação, foram fixados, na parede abaixo da janela que era voltada para o refeitório, suportes para as mochilas e pertences das crianças, que até então ficavam guardadas na estante. Comparando as fotos retiradas nos meses de março e setembro percebemos que houve poucas mudanças na organização desta sala neste período.



Fotos da sala 2 em março de 2007



Fotos da sala 2 em setembro de 2007



Planta baixa da sala 2 em setembro de 2007

#### 4.4 Caracterização da sala do Jardim

A terceira sala envolvida neste estudo era uma turma de Jardim de Infância, e como explicado anteriormente, em Corupá, as turmas de Jardim e Pré-Escola ficam localizadas nas escolas de ensino fundamental. Esta escola era considerada, na época, a maior do município, nela, havia duas salas de Jardim e uma de Pré-Escola, que ficavam próximas umas das outras e um pouco afastadas do prédio ocupado pelas crianças maiores. As salas de Jardim eram novas, ao lado delas fora construídos banheiros que eram usados quase que exclusivamente pelas crianças menores. O parque utilizado pelas crianças era grande e arborizado, nele havia vários tipos de brinquedo e uma casinha. A quadra também era utilizada pelo grupo, porém apenas quando não estava sendo ocupada pelos professores de educação física.

Estando na escola, as turmas de Jardim e Pré-Escola seguem o mesmo horário das demais turmas, das 7h 30 às 11h 30, com um intervalo para lanche no meio da manhã. Logo que as crianças entravam na sala a professora recolhia a agenda para ver se havia algum recado de casa e fazia a chamada, depois, as crianças se envolviam em atividades variadas: desenhavam, pintavam, ouviam histórias, assistiam DVDs (estas sempre sentadas nas carteiras), brincavam no parque ou brincavam livremente nos “cantinhos”. Pelo menos durante uma hora por dia, as crianças exploravam a sala livremente, nestes momentos tudo era permitido, a professora apoiava essas brincadeiras, e às vezes também participava, como ocorreu num dia de chuva, em que ela montou uma barraca com um pedaço de TNT roxo e foi convidada para tomar chá com as crianças que brincavam lá dentro.

A sala de atividades era grande, ampla e iluminada, comportava muito bem as cerca de dezoito crianças que na época freqüentavam o grupo. Semelhante a muitas outras salas de “aula”, tinha um quadro negro, mesa e cadeira de professor e um armário. O espaço central era ocupado exclusivamente por carteiras e cadeiras pequenas, adaptadas ao tamanho das crianças, nas paredes painéis com algumas letras do alfabeto, números e cores. No chão, um baú para guardar brinquedos, e sobre o qual ficavam sentadas as bonecas, e ao lado, no chão, ficavam dispostos os carrinhos e caminhões.



O que diferenciava esta sala de Jardim de muitas salas que conhecemos são os “cantos” organizados pela professora. A sala contava com três zonas circunscritas, um fio de barbante cruzava os fundos da sala de uma parede a outra, nele a professora colou tiras de TNT, criando cortinas que delimitavam esses espaços. Uma dessas zonas era o canto da fantasia, era onde ficavam as roupas, sapatos e acessórios arrecadados com os pais, e nos momentos de brincadeiras livres, muitas crianças iam até este canto, vasculhavam entre as roupas os seus trajes e sapatos preferidos, e depois de vestidas, saíam a “desfile” pela sala, meninas de salto alto, camisolas e bolsas, meninos de botas (algumas também de salto alto) chapéus de cowboy ou de palha.

Outras preferiam o “canto do quarto”, onde havia uma poltrona velha, uma mesa pequena de centro, um colchonete e almofadas. Elas ali se reuniam para brincar de “família”, vivenciavam diferentes papéis, pai, mãe e filhos. Nestes momentos era comum observar os “pais” saírem para trabalhar e deixarem seus “filhos” dormindo no colchonete. Num dos períodos de observação, o canto do quarto se transformou numa barbearia, e meninos e meninas ali entravam para “cortar” os cabelos.

A sala também contava com o canto da “mesa de chá”, delimitado pela cortina do “quarto” e pelo armário da professora. A mesa consistia em várias carteiras unidas, sobre ela estava uma toalha e loucinhas de brinquedo. Sempre havia uma criança que vestia um avental, brincava de fazer comidinha e servia os amigos que se sentavam à mesa.

Outro recurso utilizado pela professora era uma espécie de casinha confeccionada com uma caixa de aparelho de televisão, a caixa era toda decorada, e quando assim desejava, a professora fixava uma das abas da casinha num pedaço de veucro colado no canto da sua mesa e criava outro espaço, normalmente utilizado por aqueles que queriam folhear livros de história.

A sala tinha um espelho grande, e no chão, também ficavam dispostas várias caixas contendo jogos de encaixe, letras, números emborrachados e outros objetos. Os únicos materiais que ficavam fora do alcance das crianças eram aqueles destinados as atividades artísticas (lápis de cor, cola, tesoura, canetinhas, etc.) que ficavam numa prateleira mais alta.

Comparando as fotos de março e setembro, percebemos uma nova forma de organização no ambiente, no início do ano, apesar da sala já contar com a poltrona,

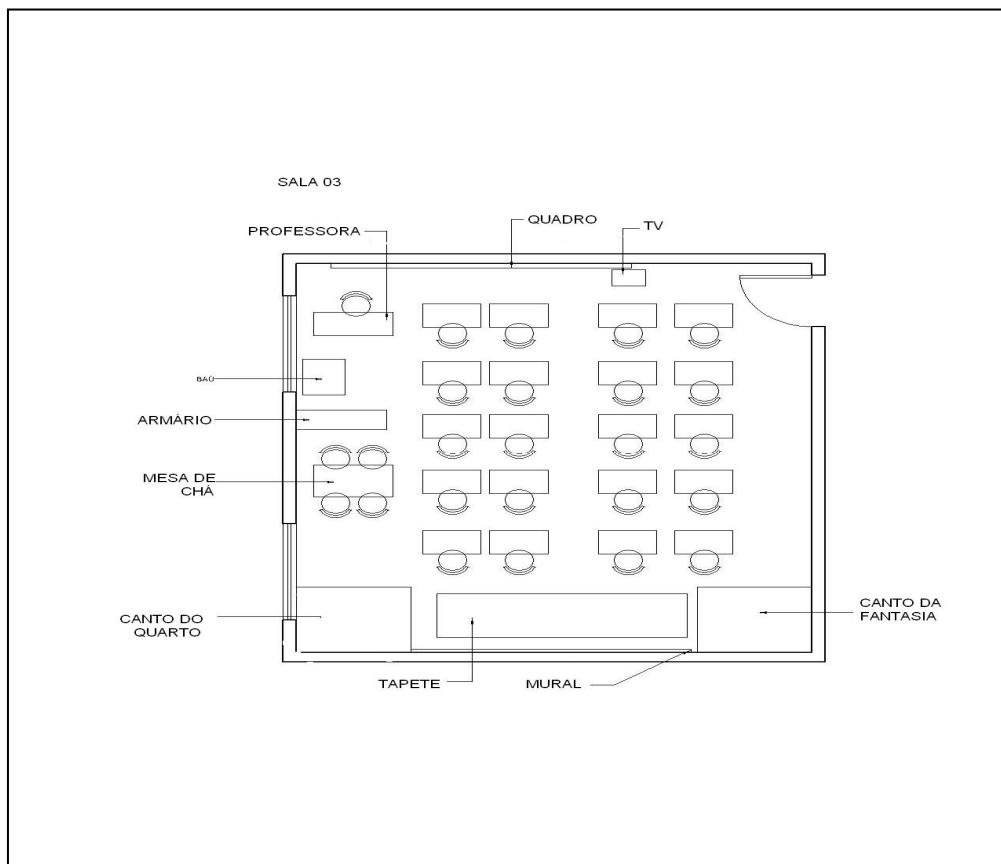
o baú, alguns brinquedos dispostos pelo chão, e a prateleira onde ficam organizados os potes com os materiais (lápiz de cor, canetinhas, tesoura, cola, etc.) das crianças, o que prevalecia eram as carteiras. Em setembro encontramos uma organização espacial diferenciada, onde predominavam os muitos materiais para a exploração das crianças e as cores que alegravam o ambiente. Segundo palavras da professora, essa mudança surgiu da sua preocupação com as brincadeiras das crianças.



**Fotos da Sala 3 em março de 2007**



**Fotos da Sala 3 em setembro de 2007**



**Planta baixa da sala 3 em setembro de 2007**

#### **4.5 Caracterização da sala de Pré-Escola**

A quarta sala a participar deste estudo era uma turma de Pré-Escola mista, onde freqüentavam crianças de 3 a 6 anos. Esta sala ficava localizada numa escola de interior, num bairro rural da cidade. Quando a visitamos no mês de março de 2007 ela tinha uma peculiaridade, contava com uma sala de recreação, ocupada com móveis e eletrodomésticos velhos, uma arara cheia de roupas, sapatos, espelho, e um espaço delimitado por carteiras que fazia o papel de banheiro e onde havia até mesmo um vaso sanitário. Mas em setembro, quando retornamos para o período de observação o grupo estava numa nova sala e o espaço destinado à recreação havia sido desativado.

A nova sala (assim como a sala de atividades anterior) contava com alguns elementos comuns as salas de aula como: quadro negro, carteiras (estas adequadas

ao tamanho das crianças), armário, mesa e cadeira da professora, alfabeto e desenhos das crianças colados à parede, etc. Porém, ao organizar o novo ambiente a professora procurou aproveitar vários objetos da sala de recreação, e assim, com um pequeno quadro negro, criou o “canto da escola”, cercou outro canto e nele fez um espaço com bonecas, loucinhas, mesinha, telefone, etc. Nos fundos da sala havia um tapete, almofadas e um banco de jardim. As crianças também contavam com uma arara com roupas, sapatos e acessórios para brincar e uma caixa com livros de história. Também havia muitas caixas com objetos variados dispostas pelo chão e um computador velho.

As crianças chegavam às 13h 00 e saíam às 17h 00, e além da professora regente, contavam com um professor de Educação Física e uma professora de Artes. No decorrer da tarde participavam principalmente de atividades que envolviam algum tema sob estudo, copiavam algumas palavras do quadro, desenhavam, pintavam, etc. As crianças, quando em atividade, movimentavam-se livremente pelo espaço, observavam o que os colegas estavam fazendo, vasculhavam o armário em busca de algum material, solicitavam a ajuda da professora, isto tudo, apesar da movimentação constante, de forma muito organizada.

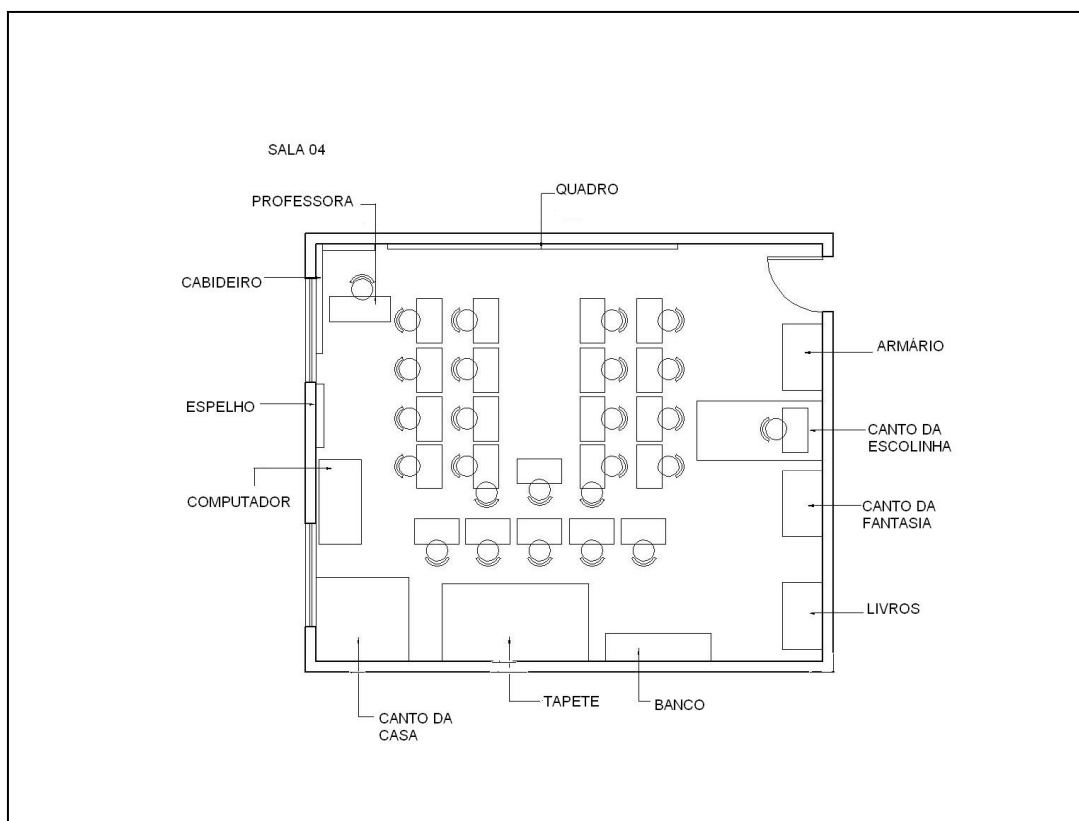
Como era uma sala de Pré-Escola mista (o bairro ainda não conta com um CEI), as crianças que freqüentavam este grupo estavam na faixa etária dos três aos seis anos. A professora normalmente aplicava a mesma atividade para todos, por isso, era muito comum que as crianças mais velhas terminassem as atividades antes das mais novas e, nestes momentos livres, elas podiam explorar os brinquedos e materiais dispostos pela sala. Os meninos demonstravam preferência pelo computador e pelos brinquedos do canto da casa; já as meninas, além das bonecas, brincavam com as roupas e acessórios da arara e no canto da escolinha.



Fotos da Sala 4 em março de 2007



Fotos da Sala 4 em setembro de 2007



Planta baixa da sala 4 em setembro de 2007

## **5 5SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA: AS PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS**

Desta segunda etapa da pesquisa participaram as oito professoras das salas envolvidas no estudo, como já dito anteriormente, sete delas efetivas e uma contratada.

### **5.1 Geração de Dados**

A segunda etapa deste estudo tinha por objetivo revelar as percepções das professoras de crianças de 3 a 6 anos do município de Corupá sobre o ambiente de educação infantil. Para isso, optou-se pelo PCM (Procedimento de Classificações Múltiplas) como método de geração de dados. Muito utilizado nos estudos sobre cognição e sobre representação social, o PCM é um procedimento que explora a forma como as pessoas categorizam e elaboram sistemas de classificação. Segundo Roazzi (1995, p. 15):

O PCM pressupõe que o indivíduo possui um conhecimento “estruturado” do mundo no qual ele está inserido. O que caracteriza cada estrutura ou categoria é a relação conceitual entre os elementos pertencentes e sua estrutura. A partir da investigação de como e quais categorias as pessoas usam quando interagem com aspectos do mundo no qual vivem, pode-se compreender como as pessoas pensam em relação a esses aspectos e como os conceitualizam.

Para o autor, o PCM não revela somente as categorias organizadas pelos sujeitos, mas também a construção do sistema de classificação que utilizam para se relacionar no mundo complexo no qual vivem. Existe uma relação de interdependência entre categorias e conceitos. Este método permite, portanto, a exploração de sistemas conceituais, tanto no nível individual, quanto no nível de um grupo, visto que, classificar, categorizar, agrupar, são ações do mesmo processo, e estão presentes em nossas atitudes, ações, comunicações. O PCM pode ser realizado em duas etapas: na primeira, os sujeitos agrupam livremente os estímulos que lhes são apresentados, segundo critérios próprios, sem que seja determinado pelo pesquisador qualquer critério ou estipulado o número de grupos a serem

formados. Esse procedimento é chamado de PCL (Procedimento de Classificações Livres).

O outro procedimento é chamado de PCD (Procedimento de Classificações Dirigidas). Pode ser realizado sozinho ou a seguir ao PCL. Neste procedimento o pesquisador pode estipular alguns critérios para a formação dos grupos e/ou determinar o número de grupos a serem formados, assim como o número de elementos por grupo.

Procedimento semelhante ao PCL foi utilizado por Sales (1999)<sup>9</sup> ao estudar o prédio escolar com vista a apreender sua dimensão simbólica. Nesta pesquisa, o autor denomina este método de Entrevista Baseada em Agrupamentos Iconográficos (EBAI). Para isso, utilizou 20 imagens de escolas, desde as mais humildes até as mais sofisticadas, contemplando as de arquitetura moderna e antiga, as particulares e públicas, buscando revelar os valores, as crenças, as representações dos entrevistados acerca das escolas fotografadas.

Para revelar as percepções das professoras de 3 a 6 anos do município de Corupá sobre ambientes de educação infantil, foram fotografadas salas de atividade de Centros de Educação Infantil municipais, de outras cidades do Vale do Itajaí. Num primeiro momento, concluiu-se que seria mais interessante a utilização de imagens de ambientes desconhecidos pelas participantes, para, desta forma, assegurar o distanciamento destas em relação às imagens, diferentemente do que ocorreria se as fotos utilizadas fossem de salas de CEIs e Pré-Escola de Corupá, e portanto, já conhecidas por todas. Outro cuidado foi o de buscar uma variedade de ambientes e de organização espacial para evitar a polarização da discussão, bem como fotografar as salas dos CEIs em enquadramentos abertos e fechados. Obtiveram-se, assim, 300 imagens. Então, iniciou-se o processo de eliminar as fotos. Primeiro foram descartadas as repetidas e aquelas cuja organização espacial era muito semelhante entre si, até que se reduziu o número de fotos a 50. Com a ajuda das participantes do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Educação da Infância estas foram novamente analisadas e reduzidas a 22 fotos que seriam utilizadas no PCM (vide Anexo 3).

As fotos foram impressas em papel fotográfico em tamanho 19x14 cm, cada fotografia recebeu uma numeração para facilitar tanto o registro dos agrupamentos

---

<sup>9</sup> SALES, L. C. O valor simbólico do prédio escolar. Tese de Doutorado, 1999.

realizados pelas professoras, como a análise dos dados. Nos CEIs, as entrevistas foram feitas em espaços reservados para que as participantes da pesquisa pudessem se concentrar nas tarefas que lhes foram solicitadas. Além disso, este local tinha que contar com uma mesa onde elas estariam organizando as fotografias. Como nas turmas de Jardim de Infância e Pré-Escola as professoras trabalham sozinhas, foi necessário estabelecer um momento para a entrevista, que não prejudicasse o desenvolvimento das aulas. No caso da professora de Jardim de Infância, esta ocorreu quando as crianças realizavam uma atividade com outra professora, já na Pré-Escola, utilizou-se o horário de hora-atividade da professora. Foram gravadas e transcritas as reações das entrevistadas às imagens utilizadas no PCM, seus comentários sobre as fotos e as justificativas dadas para organização dos agrupamentos, para posterior análise (vide Anexo 4).

Num primeiro momento, foi realizado o Procedimento de Classificações Livres (PCL). Solicitou-se às professoras que agrupassem as 22 fotos, em tantos grupos quantos achassem necessários, utilizando os critérios que considerassem mais pertinentes. Terminada a organização, foi perguntado às entrevistadas se elas estavam satisfeitas com os agrupamentos que haviam organizado ou se desejavam fazer alguma modificação. Nenhuma das entrevistadas desejou refazer seus agrupamentos. Então, foi solicitado às professoras que pensassem num nome para cada grupo que haviam organizado e, em seguida, pedimos para que justificassem cada agrupamento que haviam feito.

O que se pode observar é que, ao organizar os grupos, as participantes se colocavam nos ambientes retratados, destacando os aspectos que lhes chamavam mais atenção, e até mesmo recorrendo à memória ao comparar as fotos com ambientes que já haviam visto e que achavam parecidos ou com sua experiência de trabalho em lugares semelhantes. Utilizavam, assim, como critério, mais a sua experiência do que os conteúdos do cenário representado na foto.

Após essa etapa, pedimos para que as professoras fizessem uma nova organização com as fotos, desta vez, de acordo com critérios estipulados pela pesquisadora (PCD). Solicitamos-lhes que se colocassem do ponto de vista de uma criança e organizassem os ambientes em três grupos: o grupo com as fotos que lhes transmitissem sensação de **bem-estar**, cujos ambientes elas gostariam de estar. O grupo com as fotos que lhes transmitissem **mal estar**, cujos ambientes elas não gostariam de estar e por fim um grupo com as fotos cujos ambientes lhe



transmitissem **indiferença**. Após terem organizado as fotos em três grupos, era solicitado as entrevistadas que reorganizassem o grupo composto com as fotos que lhes transmitia **bem-estar** em dois grupos: fotos que transmitissem **mais bem-estar** e fotos que transmitissem **menos bem-estar**.

## **5.2 Análise dos dados gerados na segunda etapa**

### **5.2.1 Análise dos dados produzidos pelo PCL**

Os dados obtidos com o PCL foram transcritos e organizados em um quadro (vide anexo 4) e analisados no programa MSA (Multidimensional Scalogram Analysis), que traduz em distâncias euclidianas o número de vezes em que cada dois itens (neste caso as fotos) são colocados em um mesmo grupo, produzindo uma projeção espacial, de tal forma que cada item é representado por um ponto. Quanto menores forem as distâncias entre esses dois pontos, mais associados eles estão, ou seja, maior o número de vezes em que eles foram colocados no mesmo grupo. Assim, quanto mais próximos estiveram os itens, maior a possibilidade de fazerem parte da mesma categoria. Dessa forma, o MSA produz um diagrama que mostra o espaço semântico definido pelos significados associados ao conjunto dos itens.

No caso das imagens utilizadas no PCM, os números de cada foto foram distribuídos no espaço formando um mapa ou diagrama. As fotografias cujos números aparecem juntos possuem atributos ou significados comuns, no ponto de vista das entrevistadas. Já aquelas que se encontram distanciadas espacialmente de todas as outras, apresentam algum aspecto ou significado que as torna distintas dos grupos formados (vide Diagrama Anexo 4) .

Podemos dividir o diagrama em três grandes grupos, O grupo 1 é constituído pelas fotos número 5, 20, 8, 22, 3, 10, 1, 11, 14, 21 e 2. Ao observarmos mais atentamente este grupo e recorrendo às justificativas das professoras, iremos perceber nas fotos que fazem parte deste agrupamento algumas características que estas destacam como importantes num ambiente de educação infantil: o uso de cores variadas que o tornem alegre e atrativo, riqueza de materiais, que as crianças possam explorar e brincar, acessibilidade, etc. Poderia ser denominado de sala divertida ou espaço para brincar.

*“É porque assim a, essa é uma sala né, uma sala com certos cantinhos, vários cantinhos que a criança, criança que eu falo no caso o nosso Maternal III. Aqui, cada um ia escolher aquele cantinho onde gostaria de brincar, tem várias opções, né?” (Profª. 1)*

*“[...] Tem toda a roupa de uma sala de faz de conta, aqui tem um espelho, me parece, aqui tem um espelho, e que a criança precisa porque ela gosta muito. Aqui tem os brinquedos, as prateleiras bem baixinhas. Tudo! Brinquedos que eles podem pegar, aqui tem mesa, estante, aonde tem todo material de apoio e de trabalho.” (Profª. 2)*

*“[...] É que esses cantos todos mostram cantinhos diversos, a sala é dividida em ambientes... De fantasia, de... O outro aqui de blocos... De faz-de-conta, dá pra ver aqui o da fantasia, e a área de atividades pedagógicas.” (Profª. 4)*

*“[...] É porque esse aqui tem toda a questão do cantinho, todo o colorido, tá rico em brinquedos e aí... E também tá usando até a questão aqui assim... Dos cantinhos que a gente gosta bastante da... Das roupas... Do faz de conta, da fantasia, aqui tem vários brinquedos que a gente vê que tá espalhado, tem espaço, tem carteira, mas tem tudo...” (Profª. 5)*

*“Esse grupo aqui eu organizei pela... Pelo colorido, pela diversidade. Ó, você vê! Tem TV, tem brinquedos, tem almofadas, tem cadeira, tem coisas criadas pela própria professora... Tem... Assim, uma diversidade de coisas que eles podem estar mexendo, brincando, né? Não é uma coisa só que tem aqui, tem as roupas, tem tinta, tudo disponível, dá tudo para pegar assim. Não tá no alto...” (Profª. 7)*

Observa-se que, as fotos 5 e 20 encontram-se um pouco distanciadas das demais do grupo, e isso se justifica no comentário de algumas professoras que, ao observarem estas duas fotos, se sentiram incomodadas, pois perceberam que, há um exagero de cor, e apesar dos brinquedos aparentemente estarem acessíveis às crianças, estes, além de serem todos industrializados, estão organizados simetricamente, como se as crianças não os manipulassem, sendo que na foto 5 alguns brinquedos encontram-se dentro da caixa.

*“Esse é o exagero. Muito exageradas! Eu acho que tem que ter opção, mas dentro de um espaço com tanta (ênfase no tanta) opção assim... A criança daí então, tudo chama a atenção demais. Sabe? Muita, muita coisa colorida junto. Muito excesso, né?” (Profª. 3)*

*“Esse aqui é... A sensação que dá... Nossa! Como é que eu posso dizer... É que aqui só tem brinquedo comprado, e esse aqui nem tá tirado da caixa! (risos) E tá bem aqui em cima também! Aqui em cima... Para que nem tirem da caixa!” (Profª. 4)*

*“[...] Essas daqui, eu fiquei meio assim... Pode ser que isso aqui também seja outra realidade coisa e tal... Mas a nossa idéia é de que é muita coisa comprada aqui. Tá tudo muito lindo, tá tudo muito perfeito, mas é tudo muito comprado, eu acho até que isso pode influenciar a questão do consumismo aqui, pode ver, não tem aqui um pote, não tem um reciclável [...]” (Profª. 5)*

No diagrama percebemos outro grupo (grupo 2) formado pelas fotos de número 16, 17, 18, 19 e 13. Aparentemente, este grupo foi formado por ambientes cujo arranjo espacial é aberto, ou seja, o centro da sala caracteriza-se por um

grande espaço vazio, e os móveis e objetos encontram-se próximos às paredes. Ao falarem sobre estes ambientes, as professoras referem-se a eles como lugares que transmitem frieza, aproximando-se da imagem de um hospital. Por isso esse grupo na maioria dos depoimentos foi denominado de frio.

A foto 17, encontra-se inserida neste grupo por ser um espaço vazio, amenizado apenas pelas cores nas almofadas.

*“Não tem uma coisa que chame a atenção da criança pra eles estarem ali querendo mexer, né? Uma coisa mais sem graça assim... E a dezessete também. Só colchões, algumas almofadas...” (Profª. 7)*

*“[...] Parece tão... Frio! Tão longe! Aqui também... Tá certo é que eles estão brincando, né? Mas não, mas tudo... Não tem uma cortina, não tem nada! E aqui a mesma coisa. Parece tudo tão longe, tão, tem só uma sala muito grande e não tem nada lá dentro.” (Profª. 2)*

*“Porque achei assim que ele tem bastante... Espaços... Bastante vazios, assim, né? É... Nos passa um pouco de frieza, assim... Muito amplo, né? Todos muito amplos. Exagerado.” (Profª. 3)*

*“[...] A sala das caminhas tudo branquinhas, tudo ajeitadinhas, tudo assim... Lembra muito hospital, sabe? Dá uma coisa meio de frieza.” (Profª. 3)*

*“Eu acho assim... É que parece que é frio, assim... Que não é... É o contrário desses cantinhos aconchegantes... Frio assim...” (Profª. 4)*

*“A falta assim, as paredes assim... Peladas... Peladas no que eu digo assim... Brancas... No caso não tem nada quase, praticamente nada de cor... Pouca coisa... E... Uma sala quase que nem essa aqui. [...] Só o que tem? Só tem uns brinquedos jogados, não tem uma produção das crianças, não tem um cartaz, não tem nada assim...” (Profª. 5)*

Já a foto 4 está posicionada entre os grupos 1 e 2, o que revela que, para as professoras esse ambiente, ao mesmo tempo que apresenta elementos que poderiam torná-lo atrativo para as crianças (almofadas, cortinas, tapete, etc.) não apresenta as cores fortes e alegres que caracterizam o grupo 1.

Apesar de um pouco afastadas, as fotos número 7, 9 e 15 compõem o Grupo 3. Apresentam características muito semelhantes, como cadeiras, mesas, quadro de giz, etc. Pertencem ao grupo que grande parte das entrevistadas denominaram de sala de aula ou ambiente alfabetizador. Percebemos, nas falas das professoras, que a preparação para o ensino formal não deve ser uma das funções da educação infantil e que os ambientes que se aproximam do protótipo do modelo escolar são vistos de maneira negativa e, portanto, devem ser evitados.

*“Eu acho assim, você olha, você está vendo praticamente uma sala de aula, né? Tudo junto, as carteiras, as mesas, o quadro... Não que não possa ter quadro, pode, né? Mas*

*fica... Tá dando mais ênfase pra questão pedagógica. Pra questão de alfabetizar, alfabetizadora, não tá dando ênfase pra educação infantil, seria uma primeira série, seria para alunos menores, mas não para a educação infantil.” (Profª. 1)*

*“As cadeiras, as cadeiras porque a gente, onde eu andei, que eu olhei, que eu vejo, sempre tem as mesinhas e as cadeirinhas pro pré.” (Profª. 2)*

*“[...] Mais assim: mais cadeira, quadro, cadeira, quadro... Assim, sabe? Meio assim, ambiente alfabetizador demais... Passa uma coisa assim.” (Profª. 3)*

*“Ah... Esse aqui é porque dá a impressão aqui, que está preocupado com a escolarização, que a criança tem que aprender, para ficarem preparadas para a primeira série...” (Profª. 4)*

*“Uma sala mais de pré-escola porque é muita carteira, muita carteira e pouco espaço, praticamente não tem espaço para as crianças brincar pelo que dá para perceber assim. Então, eu organizei por causa disso assim...” (Profª. 5)*

*“Esse aqui mais por ser assim... Mais uma visão de sala de aula assim, sabe? As carteiras organizadas ali, as mochilinhas, é... Até tem situações ali de brincadeira, mas bem pouco. Mais eu vejo as carteiras no meio da sala assim... Sem muito espaço.” (Profª. 7)*

A fotografia número 6 encontra-se entre os grupos 2 e 3, o que se justifica por ela apresentar elementos de ambos. Ela apresenta lajotas sem tapete, que transmite uma certa sensação de frieza e poucas cores, o que a aproxima do grupo 2, mas, ao mesmo tempo, neste ambiente há cadeiras e mesas organizadas, características presentes no grupo 3. Já a fotografia 12 encontra-se afastada de todas as demais, aparentemente por apresentar uma pilha de colchões mal organizados, e por isso, segundo as professoras, ser um risco a integridade física das crianças.

### **5.2.2 Análise dos dados produzidos pelo PCD**

Depois de terminado o PCD, as 22 fotos tinham sido reorganizadas em quatro novos grupos, cada foto ganhou uma pontuação de acordo com a classificação recebida por cada sujeito de pesquisa, as fotos que transmitem **mais bem-estar receberam pontuação 2**, as fotos que **transmitem bem-estar 1**, as fotos **indiferentes 0** e as fotos que **transmitem mal-estar -1**. A pontuação atribuída a cada foto e o somatório da mesma foram organizados na tabela 4.

Na tabela, foram coloridas da mesma cor as colunas correspondentes a fotos que foram colocadas no mesmo grupo no PCL.

**Tabela 3: Resultado do PCD – pontuação das fotos de acordo com a sensação de bem-estar a elas associada**

Foto Suj.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
1	1	1	0	2	2	1	1	1	0	1	2	-1	-1	2	0	0	2	1	-1	2	2	2
2	1	2	1	1	2	2	0	2	0	2	2	-1	-1	2	0	1	1	1	-1	2	2	1
3	0	1	2	2	1	2	0	0	-1	2	0	-1	-1	-1	-1	-1	0	1	-1	0	-1	0
4	2	2	2	0	-1	0	-1	2	-1	1	1	-1	-1	0	-1	-1	0	1	-1	0	2	1
5	2	1	2	0	0	0	-1	2	-1	2	2	-1	-1	2	-1	0	-1	0	-1	0	1	0
6	1	-1	0	0	1	0	1	2	0	0	2	-1	-1	1	0	-1	2	-1	-1	2	2	0
7	1	-1	1	0	1	-1	-1	2	-1	1	2	0	0	2	-1	0	0	0	0	2	2	1
8	0	1	0	1	0	-1	1	2	0	-1	2	-1	-1	0	-1	-1	-1	2	-1	2	2	2
Σ	8	6	8	6	6	3	0	13	-4	8	13	-7	-7	8	-5	-3	3	5	-7	10	12	7

Comparando os resultados do PCD (Procedimento de Classificação Dirigida resultados expressos em pontuações) com os do PCL (Procedimento de Classificações Livres – expressos nas cores), percebemos que, neste, as professoras agruparam as fotos de acordo com as sensações que estas lhe transmitiam, ou seja, os resultados dos dois procedimentos são bastante semelhantes. Como podemos ver, as fotos do grupo 1 (em vermelho) obtiveram uma pontuação total superior às do grupo 2 e do grupo 3 (lilás e azul claro).

A pontuação total das fotos dos grupos 2 e 3 (somatório das pontuações atribuídas por todos os sujeitos) não difere muito, o que significa que, para as professoras, tanto os ambientes considerados frios e pouco apropriados para as crianças (em azul-claro) como os ambientes considerados *escolares* (lilás) não transmitem uma sensação de bem-estar, no que elas consideram ser o ponto de vista da criança (itens com pontuação negativa). Portanto, elas consideram que as crianças não se sentem bem em um ambiente com jeito de escola.

No grupo 2, as fotos 17 e 18 receberam uma atribuição de neutra a ligeiramente positiva. Provavelmente isso se deve ao fato de que apesar de serem ambientes cujo arranjo espacial é aberto e aparentemente oferecer pouca possibilidade de exploração pelas crianças, as cores utilizadas ajudam a equilibrar um pouco esses aspectos que as professoras consideram negativos.

Também é interessante observar que os espaços que foram percebidos como transmitindo melhor sensação de bem-estar foram as fotos 8, 11 e 21. A foto 8

retrata um espaço de fantasias, a 11 e 21 salas coloridas, divididas em cantos e portanto ricas em possibilidades de exploração.

Por outro lado, para as professoras, os espaços menos acolhedores parecem ser os retratados nas fotos 12, 13 e 19. Estes são espaços abertos, com poucos ou nenhum material. Como algumas argumentaram, na foto 13 não há cortinas nas janelas e nenhum cartaz na parede, na foto 12 há uma pilha de colchões que, como destacaram algumas professoras, oferece riscos para as crianças, já a foto 19, para as entrevistadas, é um grande espaço vazio onde predominam os azulejos.

## **6 TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA: AS LÓGICAS SUBJACENTES À ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE PELAS PROFESSORAS**

Esta terceira etapa da pesquisa tinha por objetivo identificar que aspectos das representações sociais sobre infância e Educação Infantil são expressos no modo como as professoras organizam o ambiente das salas de educação infantil e na lógica que adotam para justificar essa organização.

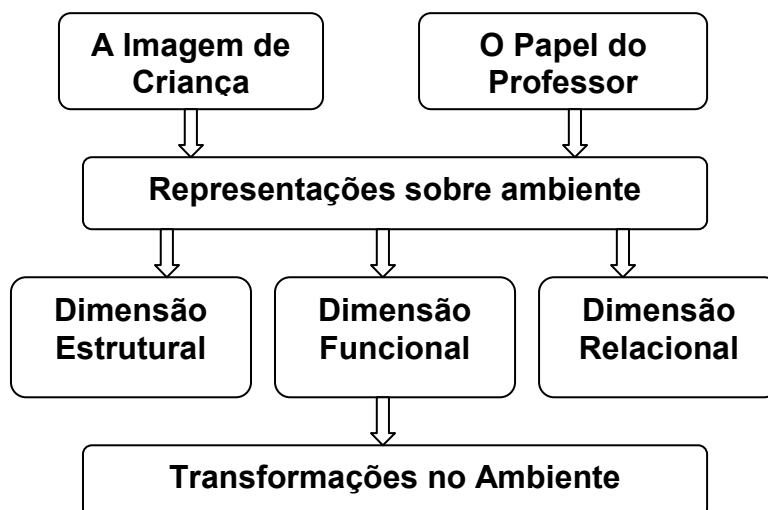
### **6.1 Procedimentos de geração e análise de dados**

Optou-se pelo uso da entrevista semi-estruturada, tendo, como estímulo indutor das falas, fotos das salas de cada professora, em março e setembro de 2007 (as mesmas presentes neste estudo no item Caracterização das Salas). Novamente percebeu-se que o uso de recursos iconográficos foi decisivo, pois, apoiadas nas imagens, as professoras pareciam se sentir seguras por ter algo concreto em que ancorar seu discurso no decorrer dos seus depoimentos. Como as fotos utilizadas eram do ano de 2007 e esta entrevista foi realizada em maio de 2008, as professoras demonstram certo saudosismo ao se referir às suas salas do ano anterior, estabelecendo relações com as suas salas atuais. A entrevista não tinha um roteiro fixo, visto que o mais importante era as professoras falarem livremente das suas salas, mas, para evitar que a conversa se desviasse do tema, a pesquisadora abordou alguns tópicos para conduzir a entrevista:

- 1) As sensações que as fotos despertavam nas entrevistadas;
- 2) Mudanças ocorridas no ambiente;
- 3) As limitações enfrentadas e facilidades encontradas pelas professoras ao propor mudanças nos ambientes;
- 4) A percepção delas sobre as crianças nestes ambientes.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e depois impressas (vide anexo 5). Iniciou-se então, um processo rigoroso de leitura e releitura dos dados, buscando-se elaborar categorias e explicitar os significados implícitos nos discursos das professoras. Para que isso fosse possível, todo o texto foi grafado com canetas

coloridas, as categorias organizadas e reorganizadas. O texto foi recortado e um quadro foi organizado a partir das categorias e dos recortes de texto.



## 6.2 A imagem de criança

Quando prepara o espaço para receber um grupo de crianças, a professora implicitamente está revelando quais são as suas representações e concepções sobre infância, sobre o seu papel enquanto professor, sobre as funções da educação infantil. Barbosa (2006, p. 122) afirma:

As pedagogias para a primeira infância têm na organização do ambiente como parte constitutiva e irrenunciável de seu projeto educacional. A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas idéias pedagógicas. Pensar no cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da educação infantil. Refletir sobre a luz, a sombra, as cores, os materiais, o olfato, o sono e a temperatura é projetar um ambiente, interno e externo, que favoreça as relações entre as crianças, as crianças e os adultos e as crianças e a construção das estruturas de conhecimento.



Nos discursos das professoras revela-se uma imagem de criança ativa, exploradora, que pensa, que vive em movimento, e que por isso, necessita de um ambiente que apóie suas iniciativas, portanto, quando lembram das crianças nas suas salas, lembram delas fazendo atividades, andando e principalmente brincando.

*“Andando, eles gostam de andar, eles não gostam de ficar parados. Eles sentem necessidade de ficar andando. Eu vejo eles geralmente andando, brincando, fazendo as atividades, que nem aqui eu fazia a leitura e eles iam lá com o dedinho na poesia do cavalo que marcou bastante eles.” (Profª. 8)*

*“[...] Até mesmo da vivência da criança, e mesmo pela necessidade, porque ela gosta de estar buscando, descobrindo. [...] [Daí aqui, as caixas me lembram muito as crianças brincando, como essa caixa onde tinha as roupas e tecidos, a A. L., ela brincava com as roupas, a A. com a I. se arrumavam, se produziam todas, brincavam no sofá com o G., o G. aqui pulando neste canto, que ele era bem louquinho, ele pulava assim... Sem medo de nada, mas no momento das crianças brincando mesmo.” (Profª. 5)*

*“[...] mas eles eram muito ativos, eles eram bem (ênfase) ativos, não digo agitados, eles queriam, eles buscavam, todo dia coisas mais e mais, e mais, né?” (Profª. 1)*

*“Eles estão brincando, brincando com os brinquedos, brincando também com a gente, né? Brincadeiras de roda, cantando, eles assistindo, também... Filmes, que eles levavam de vez em quando, era uma vez por semana que eles podiam.... Isso aí... Aqui eles guardando os brinquedos, que era uma briga para guardar os brinquedos (risos).” (Profª. 6)*

*“Eu vejo elas brincando... Fazendo atividades, correndo, dormindo, hora bagunçando, hora calmos (risos). Que a nossa turma assim... Era bem agitada ano passado. Era a turma como a gente dizia, a turma da pesada (risos)...” (Profª. 1)*

Essa imagem da criança brincando coincide com os resultados do estudo sobre a representação social de infância das professoras de educação infantil de Corupá empreendido por Demathé (2007, p. 78): onde *“o brincar é um dos elementos mais importantes, senão o mais importante, do núcleo central, de modo que o brincar se torna a significação da imagem de criança.”* A brincadeira, assim como ocorreu no estudo já citado, também aparece sob o ponto de vista desenvolvimental, como importante para o desenvolvimento da criança.

*“Talvez os brinquedos, né? Que tem por toda a parte, assim, materiais com que eles possam brincar, não só a brincadeira, mais com a brincadeira eles acabam aprendendo.” (Profª. 8)*

*“[...] Eu lembro de liberdade [ao observar a foto]. Porque ela [a sala] era grande, né? Agora nós não temos. Nós estamos limitados este ano, então a gente sai mais, vai fazer passeios, eles brincam fora, né? Daí ao invés de ficar aqui dentro, tem oportunidade vai pro parque, porque eu sempre vou defender que a criança precisa de espaço e ela precisa brincar, porque eu quando criança tive um espaço muito grande e eu brinquei muito, apesar de toda a dificuldade, mas eu sempre brinquei. Eu tenho uma lembrança maravilhosa de quando era criança. Então eu acho... Os meus filhos sempre brincaram muito, nunca limitei a brincadeira*

*e acho que estas crianças não podem ser limitadas.” (Profª. 2)*

*“Com certeza. Ele pode facilitar o trabalho ou limitar. Porque assim... É você criando mais espaços você cria mais oportunidades da criança estar brincando. Né? Você cria mais oportunidades, mais opção, você dá a ela, o direito de estar se enriquecendo, né? Com esses espaços, com essas brincadeiras, através da brincadeira. Que a criança cresce muito através da brincadeira.” (Profª. 1)*

### 6.3 O papel do professor

Dentro deste contexto, é papel do adulto: *observar atentamente as crianças e propor mudanças no ambiente de acordo com as necessidades que elas apresentam.*

*“As crianças ficam... Meio que pedindo assim, a questão das meninas brincarem com as roupinhas, daí eles viram uma caixa para ser um fogãozinho. Então a gente vê assim, falta um cantinho da cozinha, então vamos fazer. De acordo com as crianças mais assim... (Profª. 5)*

*“Nas crianças, primeiro eu penso, porque a gente não arruma a sala antes das crianças começarem, né? As crianças começam em fevereiro e é por isso que em março ela está pelada ainda, a gente pensa na, conhece as crianças, o que eles gostam, o que deixam de gostar, as necessidades, e a partir daí a gente vai pensando na organização da sala, pelo menos eu, eu com a S. era assim.”(Profª.4)*

As professoras reafirmam sua postura de *apoiar* as brincadeiras das crianças, ao mesmo tempo, demonstram insegurança quanto a interferir nesses momentos. Percebe-se que é recorrente nas falas das professoras que as crianças brincam *sozinhas*, há uma distinção entre *brincadeira* e *atividade*, o que faz com que os momentos de brincadeira deixem de ser potencializados. Para Hohmann e Weikart (1997, p. 87):

Brincar num ambiente em que existe apoio envolve todos os ingredientes da aprendizagem activa – **materiais** para brincar e manipular, **escolhas** acerca do que, onde, como, e com quem brincar, **linguagem da criança** enquanto brinca; e **apoio do adulto** durante a brincadeira, esse apoio vai desde a preparação de um contexto em que seja possível brincar, até a participação real nessa brincadeira. (Grifo dos autores)

*“[...] Às vezes eu não brincava junto eu ficava longe assim, só observando, porque eles queriam aquela privacidade deles de brincadeira, se tu fica junto tu acabas cortando um pouco isso. Mas eles iam lá, traziam bolo, para mim, traziam café para mim também, sabe? Perguntavam o que eu queria comer... Ah! Era assim... Até depois quando estava grávida*

*eles vinham e perguntavam: “Prô, que comer alguma coisa?’, ‘Minha mãe disse que tu vai vomitar!’, e não sei o que... Eles falavam assim pra mim. “Não. Pode fazer a prô come, a prô não enjoa!’, e eles faziam a comidinha para mim eu comia. “ (Profª. 7)*

Quando questionadas sobre como superam as dificuldades que enfrentam ao propor alguma mudança nas suas salas, as professoras afirmam recorrer à *criatividade e à direção/coordenação* para superar essas dificuldades.

*“Na criatividade. Na capacidade de criar... Porque eu estou sempre dando idéias... [...] Porque se eles me verem sempre... Eles gostam quando eu venho com bastante idéias.” (Profª. 8)*

*“[...] então a gente tem que estar criando, também, com sucata. A sucata é um material muito bom que você pode estar criando brinquedos, que uma simples garrafa pet é um brinquedo para a criança, então você tem que ser criativo, tem que procurar, correr atrás, sabe?” (Profª. 1)*

*“[...] E de conseguir material, essas coisas para fazer para eles, às vezes a escola até não tem para dispor para a gente, o que a gente quer, mas eles sempre se esforçavam assim, sempre conseguia assim com a coordenadora, diretora sempre assim, deu espaço para a gente conseguir esses materiais, até quando não dava ou quando ia demorar, agora não dá, mas talvez mais para o final do ano vai dar.” (Profª. 7)*

Nos seus discursos está presente a idéia de que quando a professora gosta e está compromissada com o seu ofício ela supera as dificuldades que surgem no seu caminho.

*“Não, não vou dizer o trabalho, porque a gente tem um compromisso com o trabalho, então quando você vai trabalhar pode ser três metros quadrados você se organiza, você trabalha, você faz acontecer. Quando a gente... que a gente sabe como fazer, acontece.” (Profª. 2)*

*“[...] muita coisa eu comprei também... Fiz para eles, como a casinha que eu levei para eles, mas isso tu faz assim... Faz de coração, quando tu gostas, tu pega, leva e faz... Porque você quer que eles brinquem, quer ver acontecer, né?” (Profª. 7)*

Como constatou Demathé (2007, p. 90) em seu estudo:

São professoras preocupadas com as “marcas” que vão deixar nesta infância com a qual convivem e trabalham, não serão professoras lembradas por seus alunos por serem ainda muito pequenos, mas estão comprometidas em proporcionar uma infância feliz agora para suas crianças na educação infantil, para que se tornem adultos mais felizes.

## 6.4 Representações sobre o ambiente

Como Benoit (2008) havia constatado, as professoras defendem a idéia de que o espaço na educação infantil deve promover experiências significativas para as crianças e para isso, o ambiente de educação infantil, representado nos discursos das professoras deve considerar três dimensões:

### 6.4.1 Dimensão Estrutural

Ao observar as imagens da sua sala em dois momentos do ano de 2007 percebe-se que, a princípio, as professoras destacam os aspectos da *dimensão estrutural* do ambiente, ao descrever o arranjo espacial, a forma como os móveis estão organizados, a decoração, e assim como destacaram no PCM, as possibilidades de exploração que o ambiente suscita.

#### a) Variedade e acessibilidade dos materiais presentes no ambiente

Quando falam *na variedade de materiais*, as professoras ressaltam a importância dos diferentes tipos de materiais, sejam eles industrializados ou reciclados. Também lembram que estes precisam estar acessíveis às crianças e bem organizados, para que elas os percebam e utilizem nas suas brincadeiras. Este aspecto é destacado por Hohmann e Weikart (1997), quando os autores lembram que o mais importante a respeito da arrumação dos materiais numa sala é a possibilidade das crianças encontrarem aquilo que procuram para suas brincadeiras e depois tenham a oportunidade de estar devolvendo.

“A casinha, as mesas, a organização, a divisão do espaço, é... Acho que é isso.” (Prof<sup>a</sup>. 4)

“Também... a gente tem muito assim, a questão dos materiais que são reciclados, potes, garrafas, latinhas, a gente tem TV na sala (risos), uma TV velha para eles brincar, o ferro de passar roupa que até foi jogado fora agora porque quebrou, batedeira, liquidificar velho, tem bastante (risos).” (Prof<sup>a</sup>. 5)

“A gente separou. Daí pra cá a gente dividiu, ali tinha as roupas, é... O faz-de-conta, aqui a gente fez uma salinha, e aqui tinha também os jogos de blocos para estarem brincando, jogando, também, aqui os brinquedos, aqui também a gente mudou, pegou, organizou melhor para eles, tudo também ao alcance, botou em caixas, que eles mesmo pintaram, as caixas, eles... Daí eles sabiam onde tinham as panelinhas, onde eram as loucinhas, onde cada coisinha, né? Também é uma forma deles poderem se organizar, né?” (Prof<sup>a</sup>. 6)

*“Muita coisa, né? É material que não acaba mais. Assim, eu acho que é um ambiente assim, favorece a criança ter o contato com várias... Vários materiais, né?” (Profª. 8)*

*“Ah! Sim, que nem o alfabeto, tentei colocar algumas letrinhas. Da sala de recreação eu trouxe a arara, que foi desmontada para levar para a minha sala, os banquinhos, para eles sentarem diferente, o teatro de fantoche... Acho que... Nossa, dá uma saudade, a gente começa a lembrar.” (Profª. 8)*

### **b) Importância de se preservar o espaço para locomoção das crianças**

Ao mesmo tempo em que falam da importância da criança ter contato com uma variedade de materiais, algumas professoras, principalmente aquelas cujas salas são pequenas, também ressaltam que se deve procurar um equilíbrio. As professoras baseiam-se numa concepção de criança ativa, que precisa de movimento, e que, portanto é mais importante preservar o *espaço para locomoção das crianças* do que preenchê-lo excessivamente com divisórias e materiais.

*“Até assim, mesmo a organização, que nem no ano passado, aqui era o canto das atividades dirigidas, daí eu acho que facilita bastante porque não fica tudo muito misturado, a gente até faz pensando no bem das crianças, mas também pensando em algo que fique assim, que torne o trabalho mais gostoso, mais fácil, e daí de repente se a gente encher a sala de caixa e de casinhas, daí quando a gente quiser fazer atividade, não tem nem espaço, a gente tem que ver o que é melhor para ambos.” (Profª. 5)*

*“A primeira impressão que a gente tem é que parece um vazio, né? Parece uma coisa vazia, sem nada, né? Mas como eu digo, a criança precisa ter espaço para se movimentar.” (Profª. 2)*

*“Mas eu acho assim... Que se você organizar de uma forma que eles estão tendo, vendo que eles têm opção do que fazer, eles podem, né? Escolher o que fazer, é interessante, desde que não tire o espaço deles de movimentação...” (Profª. 2)*

*“Com mais espaço, com mais liberdade pra se movimentar e para brincar, pra fazer as atividades que a gente fazia, quer brincar de roda pode, porque tem espaço, quer brincar de amarelinha pode, porque tem, andar sobre cordas também, pular corda também, então tem... Se chove lá fora aqui dentro dá para resolver tranquilamente, porque tem espaço para isso.” (Profª. 2)*

### **c) Conforto e saúde**

Quando questionada sobre o que modificaria na sua sala uma das professoras lembrou de aspectos que estão relacionados ao conforto e saúde tanto das crianças quanto da professora. Isto nos surpreende visto que a ergonomia é assunto recente e ainda pouco discutido nas instituições de educação coletiva,

apesar de ser um critério essencial de um ambiente de qualidade, principalmente se destinado às crianças pequenas.

*“Eu acho que seria mais isso, e as carteiras, eu não gosto destas carteiras é muito baixinha, eu acho que eles gostam da carteira maior, eles não precisam usar esta carteira... Mas eu acho que é por causa da idade, conforme a idade eles vão estipulando as carteiras. Mas para o professor é ruim essas carteiras, porque ele precisa ficar sempre abaixando e no final do dia dá uma dor nas costas.” (Profª. 8)*

*“Ah! Tu perguntou do espaço o que eu modificara... Esse piso também, porque meu Deus do céu! No começo do ano era taco, é muito melhor para eles poderem sentar, poderem brincar e agora é piso, eu não gosto desse piso, porque é gelado, eles assim, às vezes eu peço para eles se sentarem e não cabe todo mundo assim no tapete, é ruim, né? Eu sei que é ruim para eles.” (Profª. 8)*

#### **d) Estética.**

Quando pensam sobre os ambientes que organizam para as crianças, as professoras também destacam a importância da estética, que se concretiza principalmente no uso de cores e, para algumas, de personagens infantis.

*“Porque está tudo bem amplo [foto de março], bem... E também que falta alguma coisa, dá a impressão de falta, né? As fotos dali [fotos de setembro] já dão uma mudança, já... Até no colorido, de cartaz, de coisas...” (Profª. 3)*

*“Parece duas salas diferentes. Até a cor das carteiras parecem que são outras, né? Primeiro o vazio... Depois o colorido... O colorido e a diversidade, assim...” (Profª. 7)*

*“Nessa daqui o que mais me chama a atenção é o colorido assim, que está assim, tudo colorido... Essa outra aqui, a principio, o que mais me chamaria a atenção mesmo é a questão dos personagens, aqui do colorido tá tudo bem... Uma sala assim bem bonita para falar a verdade, tá bem decorada, tá bem bacana assim, tem bastante espaço também...” (Profª. 5)*

*“Olhando ali, olhando aqui! Mais coisas coloridas, também eu gosto bastante! De por coisas bonitas com eles... Coisa de criança mesmo, né? Coisas mais mimosas para eles...” (Profª. 3)*

#### **6.4.2 Dimensão Funcional**

Uma segunda categoria que chamamos de *dimensão funcional* emerge no discurso das professoras quando falam sobre a organização do ambiente. A dimensão funcional envolve a polivalência do espaço. Uma sala de educação infantil precisa estar organizada de forma a permitir uma variedade de atividades pelas crianças e ao mesmo tempo precisa prever a relação tempo/espaço presente nas

instituições infantis na forma da *rotina*. Visto que o ambiente precisa ser modificado em função dos diferentes momentos do dia, e que, portanto, este aspecto precisa ser levado em consideração quando as professoras propõem alguma mudança nas salas, principalmente em função do momento de descanso que exige uma reformulação diária do espaço.

*“Como no caso dos colchões, a gente precisa de um lugar, como a gente estava falando, não adianta encher a sala de caixas e coisas e quando for fazer uma atividade não tem espaço. Como, vamos supor que a sala está cheia de material onde é que a gente vai colocar os colchões para a criança dormir? Porque o colchão é o que mais ocupa espaço. A gente leva bastante em consideração isso também.” (Profª. 5)*

*“Essa é a sala, né? Se eu for dividir, pego essa estante coloco aqui, outra aqui, outra ali, vou fazer cantos com alguma coisa, aonde vou pôr eles para dormir? Vinte e duas crianças? Vinte e dois colchões esticados no chão, ele ocupa praticamente a sala toda, daí a gente não tem como! Monta hoje, monta digamos de manhã, desmonta de meio dia, depois põe tudo no chão, a gente perde muito tempo, né?” (Profª. 2)*

*“A rotina influencia sim, porque a gente precisa [da rotina], né? Não é que nem a escola que você fica só quatro horas, geralmente temos crianças que ficam de oito a doze horas, então você precisa não tornar as coisas assim... Entediantes para eles, as coisas é... Tem que envolver, tem que ter, eu acho que tem que ter esses momentos diferenciados para eles de rotina, eles sabem que depois que eles vêm do café eles sabem que vão fazer a atividade, vai ouvir uma história, e depois se pode passear, sabem que tem várias coisas para eles fazerem, né? Que eles não vão ficar... A rotina acaba fazendo com que a gente crie esses espaços, e momentos também, né?” (Profª. 3)*

Para Barbosa (2006), a rotina pode ser compreendida como uma categoria pedagógica da educação infantil, pois o cotidiano de creches e pré-escolas é regido por uma seqüência de atividades recorrentes, que são regidas pelo tempo. Neste contexto, até mesmo a organização do ambiente acaba sendo influenciada pela rotina. Mas, para a mesma autora:

As rotinas são dispositivos espaço-temporais e podem, quando ativamente discutidas, elaboradas e criadas por todos os interlocutores envolvidos na sua execução, facilitar a construção das categorias de tempo e espaço. A regularidade auxilia a construir as referências, mas ela não pode ser rígida, pois as relações de tempo e espaço não são a priori nem únicas, sendo preciso construir relações espaço-temporais diversas. (Idem, p. 203)

Percebe-se que, nos seus depoimentos, as professoras destacam a importância da dimensão funcional, pois, segundo elas, uma sala de educação infantil precisa prever tanto as atividades individuais, como aquelas em pequenos grupos e as coletivas, atividades dirigidas e livres. Forneiro (1998) explica que a dimensão funcional do ambiente refere-se à polivalência dos espaços e materiais da

sala, que podem ser usados autonomamente pelas crianças ou sob a orientação da professora e também assumir diferentes funções como: o tapete da roda de conversa, do momento da contação de histórias e da brincadeira com blocos.

*“E daí a sala era mais dividida, no caso, porque daí tinha o canto das mesinhas que a gente chamava que era o canto das atividades dirigidas, assim, que na maioria a gente ia lá para fazer atividades, ou para ver revistas, e esse aqui ficava mais o canto aqui, eles, como eu posso te dizer assim... Da brincadeira mais livre deles, assim, porque aí tinha um sofazinho, e aí eles é que pegavam os brinquedos sozinhos e brincavam aqui. Até é meio engraçado porque tem a questão assim, que esse tapete redondo, era mais assim, para as rodas de conversa, música, era tudo, a sala assim, por mais que a gente tentasse usar a sala inteira, mas a sala tinha assim: esse aqui era para tal, esse aqui era para tal...” (Profª. 5)*

*“Eu lembro das crianças fazendo as atividades, né? Tipo, aqui era o momento das atividades dirigidas, né? Aqui que elas tinham o momento de brincar, né? Do faz-de-conta, que elas podiam pegar, tinham a liberdade assim... de pegar os brinquedos, elas mesmo, estava ao alcance delas... Eu lembro das crianças, assim... Que elas tinham a liberdade de estar uma hora um pouco aqui brincando, depois, como a gente fazia, aquelas brincadeiras... Brincadeiras não, momentos de contação de histórias, que eu lembro, das atividades, elas guardando as mochinhas delas, de ter essa autonomia de ir lá e pegar e guardar.” (Profª. 6)*

#### **6.4.3 Dimensão relacional**

Outra categoria presente no discurso das professoras refere-se à *dimensão relacional* do ambiente. As professoras sustentam a idéia de que uma sala bem organizada precisa de um certo equilíbrio entre a variedade de materiais e espaço para a locomoção das crianças. Ao mesmo tempo deve ser confortável, segura, esteticamente agradável. Esta organização também deve possibilitar diferentes formas de *interação*, oportunizando ao grupo a *construção de uma identidade* e promovendo diferentes *aprendizagens*.

##### **a) Interação**

As professoras evidenciam, em seus depoimentos, a preocupação com as interações vivenciadas pelas crianças nas instituições em que atuam. Acredita-se que essa preocupação é desencadeada e/ou enfatizada pelos conhecimentos acadêmicos, pois a literatura, nas últimas décadas, tem sinalizado a importância da interação para o desenvolvimento da criança. Como afirma Benoit (2008, p. 70):

Um aspecto que é recorrente no discurso das professoras se refere à socialização das crianças. O CEI e a pré escola são vistos como



ambientes privilegiados para promover a socialização das crianças. A socialização que a Educação Infantil proporciona às crianças, seja entre as menores ou entre as maiores, facilita aprendizagens pelas oportunidades de interação, troca, exemplo... Estar em um grupo permite a criança, ainda, conviver e respeitar as diferenças.

*“[...] A necessidade que as crianças têm de estar brincando sempre juntas e como o ambiente influencia assim que elas sintam vontade de estar brincando, de chamar o amiguinho para brincar, porque aquela brincadeira é legal, porque aquele amiguinho é legal, mas tu tem que fazer as crianças perceberem que todos são legais, né?” (Profª. 7)*

*“Ali eles trocam muita informação, também. Os conhecimentos ali, se observar tudo o que eles falam você não dá conta... Mas meu é muito bom, as idéias deles, eles já vêm com as idéias e acabam construindo outras por causa do contato, da interação.” (Profª. 8)*

### **b) Construção da Identidade:**

Para as professoras, o ambiente da sala deve refletir as características do grupo de crianças e adultos que por ela circulam, esta construção de identidade no ambiente faz com ele se torne mais atrativo facilitando a permanência da criança na instituição, fazendo com que elas se sintam seguras e acolhidas, e desta forma, criando uma identidade para o grupo. Esta construção da identidade se concretiza no local onde as crianças guardam seus pertences, na exposição de trabalhos confeccionados pelas crianças, nos seus espaços preferidos dentro da sala, etc.

*“Eu gostava muito da minha sala do ano passado, a desse ano também. É que a gente vai colocando coisas nossas assim na sala... Vai transformando ela parecida com a gente, com a nossa cara, com a cara das crianças, pra ficar um lugar agradável assim...” (Profª. 4)*

*“A disposição das carteiras, a exposição de tudo o que eles fazem, os trabalhinhos deles, é deles, né? Tem painel com coisas deles...” (Profª. 8)*

*“Eu acho assim... Que eles se sentiam... Assim, bastante acolhidos ali... Eles se sentiam uma família, até porque eu coloquei num relatório, que a T. sempre pega os relatórios assim... Assim do bimestre, né? Então... Eu até coloquei que eles se sentiam uma família ali, sabe? Eram todos como se fossem todos irmãos, assim... Um tratava o outro sempre da mesma forma, eles não eram assim... de brigar, de estragar o brinquedo do outro, de ir lá e destruir tudo a mesa, assim, sabe? Eles eram bastante... bem amigos, assim, um do outro, eles se preocupavam bastante um com o outro...” (Profª. 7)*

*“A relação entre eles também muda, porque assim, por exemplo, o cantinho das mochilas, que a gente colocou. “Aqui é o lugar da minha mochila!”, sabe? Eles chegavam de manhã, e eles já sabiam que ali o lugar da mochila deles, né?” (Profª. 1)*

*“A necessidade faz... As crianças, né? Voltando aqui você vê que não está funcionando, as crianças estão precisando de alguma coisa que prende a atenção deles, né? Que eles*

*possam ter uma sala mais prazerosa, que dê vontade de brincar, que dê vontade de ficar, que se sintam mais acolhidos, que seja mais aconchegante para eles, né? Que eles se sintam seguros: “Ah! Eu vou ficar vai ser legal!”, não chegar e chorar porque querem ir para a casa, em casa ele tem tudo, né? Eles ficam... Eu vejo assim que isso é importante, né?” (Profª. 8)*

**c) Promoção de diferentes aprendizagens:**

As professoras reconhecem que a partir do momento que oportunizam as crianças um ambiente motivador, que suscita variadas interações, e onde elas sentem-se acolhidas e seguras, estão também assegurando a construção de novas aprendizagens. A primeira delas refere-se à *autonomia*. Para as entrevistadas, a ação das crianças sobre o ambiente vai além da mera exploração dos materiais e objetos, elas adquirem confiança nas suas próprias capacidades, como se adquirissem um novo poder (empowerment).

*“Acho que ajuda assim... Eles terem iniciativa. Para eles assim: ‘Eu posso fazer isso, eu posso fazer aquilo’.” (Profª. 8)*

*“Acho que é agradável, é confortável, é... Bem estar! Essa sala ela... Que nem assim, as crianças, elas não dependem só da gente para tá... Essa organização dá uma certa autonomia para as crianças de decidirem o que vão fazer agora, e não todas precisam estar fazendo as mesmas coisas ao mesmo tempo, né? E daí quando cansa, muda as coisas de lugar, muda de... “ (Profª. 4)*

*“Eles aprenderam a se organizar, a saber escolher o que queriam fazer, melhor, né? Dar sentido melhor para aquele momento deles...” (Profª. 6)*

Com base na experiência italiana com a educação coletiva de crianças pequenas, Galardini e Giovannini (2002) salientam que as crianças demonstram prazer de explorar os objetos, manuseá-los, transportá-los, e agindo desta forma, sentem-se responsáveis por estas pequenas realizações. E completam:

Esse tipo de organização estimula também a organização, o asseio e a autonomia. As crianças pequenas têm dificuldade para organizar seu caminho na construção do conhecimento em situações que são incapazes de controlar. Quando elas têm oportunidade de trabalhar sem intervenção constante, a sua autonomia é estimulada. A capacidade de se concentrar aumenta, não através de pedidos verbalizados pelos adultos, mas em função de sua própria motivação. [...] (Idem, p. 121)

O que se reflete nos depoimentos das professoras que também falam do papel do ambiente na aprendizagem de certos comportamentos como: se auto-organizar, trabalhar cooperativamente, etc.

*“Só que eles tinham organização também. Eu prezo muito isso, porque eles têm que saber que aquele espaço tem que ficar certinho, eles têm que arrumar. Eles têm que saber que tem que arrumar, que nem o cantinho das brincadeiras, do brinquedo, eles brincavam, mais depois organizavam. Um chamava a atenção do outro: “Vamos arrumar”, mesmo ali a gente já observava a organização... a gente via quem tem...” (Profª. 8)*

*“Vi mudança na relação deles com este ambiente, eu vi que eles aceitaram assim... Num primeiro momento, como sendo uma novidade, eles adoraram! Daí então, eles aprenderam a se dividir, né? Também. E aproveitar melhor os espaços e aproveitar melhor também os brinquedos, às vezes eles ficavam só com uma coisa ali, só bagunçavam, não tinha um sentido, né?” (Profª. 6)*

*“Assim como na sala, na sala de aula, que eles sabiam que as carteiras estavam limpinhas, organizadas, eles faziam os trabalhinhos deles, sujavam de tinta, tinha tinta no chão tudo, mas eles corriam lá, pegavam o papel higiênico e limpavam, porque a sala tava limpa, eu não precisava ficar correndo atrás de... “Ah! Vamos juntar brinquedo”, eu falava todos eles estavam lá juntando os brinquedos, guardando certinho, sempre a sala estava organizada, porque eles organizavam, não porque eu ia lá e juntava tudo e guardava e colocava no lugar.” (Profª. 7)*

*“[...] a única coisa assim era ruim era assim, como a escolinha, o espaço era pequeno, ali podia brincar dois, três no máximo, eles tinham que se organizar, se dividir... Ah! Eles se jogavam no chão para brincar no tapete, não tinha problema...” (Profª. 8)*

Nos seus discursos as professoras também defendem a idéia de que o ambiente pode ser um aliado no controle da disciplina do grupo, uma sala que possibilita variadas experiências garante uma menor incidência de mordidas, brigas e conflitos entre as crianças.

*“Porque ter uma sala vazia, sem muitos atrativos acaba, acaba proporcionando, proporcionando não... mais... tipo, a incidência de mordidas, brigas, é muito maior, né? De atritos.” (Profª. 4)*

*“Um pouco mais calmos... Digamos. Não seria bem calmos, porque aquela turma de calma não tinha nada, né? Menos dispersos, digamos, que aqui [fotos de março], daí eles ficavam meio baratinados, sem muita... E aqui [fotos de setembro] a gente via que eles já tinham: ‘Ah, vamos pegar isso...’, eles falavam: ‘Hoje vamos brincar daquilo, vamos brincar de...’. Como eu posso falar... De sugerir a atividade, de fazer sugestões do que querer fazer, do que quer brincar... E ali não tem muito o que eles verem, não tem muito o que eles pedirem... Para brincar, para fazer...” (Profª. 3)*

Como constatou Benoit (2008) as professoras acreditam que os CEIs/ Pré-Escola são ambientes propícios para a socialização das crianças, mas esta socialização está também relacionada a aprendizagem de regras de conduta.

Uma das professoras também destaca que a ação da criança sobre o ambiente estimula o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da observação.

*“Ela ajuda. Nossa!!! O ambiente contribui bastante. Eu vejo que sim, porque agora... No começo do ano quando a gente faz a sondagem, eles eram bem que nem aqui... Como agora, meu! Eles têm idéias, várias idéias, agora eles contribuem bastante pois eles ficam bem criativos. [...] Eu acho que uma coisa que eu esqueci de falar, o ambiente, a sala, ajudou muito na imaginação, se ela chegar na sala e não tiver nada, não tem motivação nenhuma, né? “ (Profª. 8)*

## **6.5 Transformações do ambiente**

Coerentemente com as suas imagens de criança, suas representações sobre o ambiente e suas idéias sobre o papel do professor de EI as mudanças que as professoras oportunizam no ambiente visam principalmente: *adequar o ambiente ao desenvolvimento do grupo, respeitar as diferenças entre as crianças; apoiar os projetos e temas que estão sendo explorados pelas crianças; oportunizar experiências diferentes das vividas no contexto familiar.*

### **6.5.1 Adequar o ambiente ao desenvolvimento do grupo**

Como revelado na pesquisa de Benoit, as professoras destacam a importância dos espaços coletivos das instituições educação infantil enquanto contexto de desenvolvimento e isso se manifesta na sua atenção às mudanças que ocorrem nas crianças e nelas próprias, e que, para elas, devem ser acompanhadas por mudanças efetuadas no ambiente.

*“Eu acho assim... É bom para a criança, para mim também, porque é bom a gente mudar, né? Para eles observarem o ambiente, que mudou, que tudo não é fixo, que a gente pode mudar.” (Profª. 8)*

*“Porque a gente muda, as crianças mudam, daí as necessidades... Aquele espaço acaba não atraindo mais tanto como atraía, porque a cada... A gente não passa o dia inteiro só brincando com as crianças, então a cada bimestre que passa, o mês, as crianças vão crescendo, vão tendo outras curiosidades, querendo brincar de outras coisas, então a gente vai acompanhando.” (Profª. 4)*

Nos seus discursos as professoras também deixam claro que uma sala de educação infantil deve levar em consideração a faixa etária que atende, portanto, deve evitar seguir os moldes dos ambientes existentes na escola, e demonstram

preocupação com o futuro das crianças no ensino fundamental, por considerarem que os ambientes no EF, muitas vezes, não atendem às necessidades das crianças.

*“Eu não gosto muito de sala de educação infantil com aspecto escolar, né? Também não tem muitos exageros, aquela coisa de poluição visual...” (Profª. 4)*

*“Satisfação, né? De ver que a minha sala não ficou da mesma forma, talvez possibilitou um ambiente que eles não vão ter mais daqui para frente, eu vejo assim, que depois, na segunda, terceira série, a professora acaba assim, não observando tanto o espaço, é importante para eles esse movimento no espaço.” (Profª. 8)*

Mas como constatou Benoit (2008), algumas professoras defendem que o CEI/Pré-Escola têm como uma de suas funções preparar a criança para o ingresso no EF, essas experiências que elas vivenciam nestas instituições, são importantes para o processo de adaptação ao ensino formal, bem como para a alfabetização.

### **6.5.2 Oportunizar experiências diferentes das vividas no contexto familiar**

Ao serem questionadas se elas percebem alguma relação entre o ambiente familiar e as suas salas as professoras demonstram pouca clareza em definir os papéis do CEI/Pré-Escola, assim como na pesquisa de Benoit (2008) que buscou compreender as opiniões das professoras acerca da utilidade das Instituições de Educação Infantil. As professoras sabem que são dois contextos diferentes, mas têm dificuldade em defini-los.

*“Uma pergunta difícil. É que é um espaço tão diferente da casa! Não sei se é uma extensão... Porque é uma outra dimensão, uma outra rotina, uma outra organização, uma outra forma de... Até de espaço e tempo, né? É diferente, mas não tão diferente... Também porque não chega a ser uma escola, acho que fica num meio termo assim, não é uma extensão, mas não fica tão distante... Não poderia dizer se é ou não é.” (Profª. 4)*

Assim como no estudo de Benoit (2008), elas salientam as experiências diferenciadas que as crianças vivenciam nos CEIs/Pré-Escolas, o contato com diferentes recursos e materiais, o que, segundo elas, não ocorre da mesma forma no ambiente familiar. Resultado semelhante em Demathé (2007, p. 84):

Neste aspecto descrito das crianças preferirem brincar dentro de casa e os pais não gostarem ou não permitirem que as crianças se submetam, as professoras ressaltam o seu papel de possibilitar que as

crianças brinquem, se movimentem, experimentem e se sujeem na escola.

*“Eu tento trazer coisas diferentes, que eles não têm. Muitos não têm oportunidade, pelo menos eu acho assim... Muitos pais aqui, se eles pegarem a roupa da mãe, pelo amor de Deus! Eu acho que muitos não têm contato assim com estes tipos de materiais, livros, que nem para a escolinha eu trago, deixo expostos os livros para eles poderem ver... Tem alguns, mas eu acho que ali eles não têm tantos brinquedos, aqui tem vários tipos de brinquedos e eu sei que em casa eles não têm. É só uma boneca, e aquela boneca. Então, diversificar os tipos de brinquedos, os materiais também. Eu acho que é isso.” (Profª. 8)*

*“Porque eu sei que em casa não tem o que discutir, eles vão direto para a televisão, então chega! Aqui a gente tem que ter outras alternativas de trabalho. Independente de tamanho de sala, de local, tem que ter outra coisa.” (Profª. 2)*

*“Até aproxima, e daí tem muito assim, aquela questão assim, se eles estão brincando, se em casa eles querem brincar, não podem, e aqui eles acabam podendo, nenhuma mãe vai deixar o filho pegar o ferro de passar roupa, e muitas vezes eles vêem e querem brincar com isso e não podem. Ou mesmo um rádio que a gente tem na sala, um rádio velho, qual é o pai e a mãe que vai deixar ele ficar mexendo no rádio? Lá não, a gente dá CD, eles colocam CD, guardam CD, ligam, fazem que estão dançando, que a música ta alta, ou mesmo vão lá fazer a comida que eles...” (Profª. 5)*

As professoras também lembram das questões que envolvem os cuidados específicos da faixa etária que atendem ao fazer relação com o ambiente da educação infantil e a casa das crianças. Segundo Benoit (Idem, 68):

O discurso sobre a afetividade revela também a necessidade de justificar suas manifestações físicas, que denuncia a existência de um outro conflito, relativo aos papéis da professora que, no espaço da creche, muitas vezes se confunde com o papel da mãe. A maioria das professoras exalta a importância do amor materno e da sua sensibilidade para compensar a carência do mesmo na ausência das mães.

*“Às vezes eu me peguei, eu acho que às vezes eu sou assim, muito mãezona, eu já ouvi várias... É como eu disse no início, tem uns que passam o dia inteiro aqui, a semana toda, daí eu fico pensando: ‘Meu, imagina tratar só como se fosse salas, não ter aquela questão do carinho de casa, do colo, tudo assim.’ Então, mas em alguns momentos eu até procuro, rolo no colchão, deito, brinco, pego no colo...” (Profª. 5)*

*“Sim. Até porque eles são pequenos, assim tão... Precisa deste cuidado, esta coisa que também tem em casa, a troca, o momento do banho, a hora do soninho, o cuidado com a alimentação, mas não é da mesma forma que é em casa, não é... É diferente.” (Profª. 4)*

*“Só que às vezes a gente fazia a função né? De pai e mãe... Mas a organização... A gente tentou só neste cantinho ali, né? Que a gente tentou simbolizar uma sala, né? De TV. Só nisso ali, né? A gente tentou fazer...” (Profª. 6)*

As professoras parecem precisar justificar os cuidados e a afetividade que demonstram para com as crianças como se fosse algo ruim ou menor. O que

demonstra ainda uma cisão do binônimo cuidar e educar, isso pode ser resultado do conhecimento delas sobre a história do atendimento das crianças pequenas no Brasil, dos caminhos separados que percorreram as Creches e Pré-Escolas no nosso país.

### **6.5.3 Apoiar os projetos e temas explorados pelas crianças:**

Algumas professoras relatam que organizam espaços na sala de acordo com os projetos e temas que o grupo está explorando no momento.

*“Acho que depende do momento que a gente está trabalhando, do tema que a gente está trabalhando, se a gente está trabalhando com animais já penso num cantinho para eles, sempre tem uma coisa a ver com o que a gente está estudando. Como aqui das mães, eu propus um espaço onde eles pudessem estar trabalhando o processo de reprodução.” (Profª. 8)*

*“Que mesmo com o projeto você pode expor a sala: “Ah, estou trabalhando o corpo então eu vou, começar a priorizar, deixar mais as bonecas, mas coisas que eles... Banheirinhas, coisas que eles possam estar fazendo, deixar bem mais a disposição, na visão deles para eles estarem brincando, para eles estarem fazendo isso, né? (Profª. 3)*

Como constatou Benoit (Idem) as professoras consideram que tanto o CEI quanto a Pré-Escola têm como função a promoção do desenvolvimento das crianças, e a para algumas professoras a preparação para o ensino formal, isso se reflete na preocupação com os “conteúdos” que elas consideram importantes que as crianças aprendam nesta faixa etária.

### **6.5.4 Respeitar as diferenças entre as crianças**

As crianças são muito diferentes, e de acordo com os depoimentos das professoras elas precisam ter seu ritmo respeitado, assim como seus gostos e diferenças.

*“É como eu disse, aquele que gostava de brincar na cozinha, brincava na cozinha, então, eles se organizavam assim, sabe? Aqueles que gostavam mais de brincar de mamãe e papai ficavam juntos, então, eles brincavam direitinho, só que quem brincava aqui, na cozinha, também se preocupava com quem estava lá dentro, porque eles faziam chazinhos e iam levar lá.” (Profª. 7)*

*“Ano passado nós tínhamos uma menina que não ficava lá, não ficava entre as meninas, ela*

*ia lá junto com os meninos. Mas não dá para tirar isso dela! Ela gostava de brincar lá! Ela se sentia bem, né? Então, digamos que você diga que ela tem que brincar aqui e ela estraga, ela estragaria a brincadeira de todas elas. Precisa ter um respeito com a criança.” (Profª. 2)*

*“É um cantinho. Mesmo tendo a sala de recreação tinha uns cantinhos para eles brincarem mesmo assim. Porque eu sabia que quando eles acabavam a atividade, porque tinha uns que eram mais rapidinhos, e tinha necessidade de brincar[...]” (Profª. 8)*

O discurso do respeito às diferenças se aproxima da concepção de inclusão que aparece no estudo de Benoit (2008), mais do que a inclusão das crianças com necessidades especiais, as professoras mostram-se preocupadas com a inclusão social, em respeitar o ritmo e necessidade de cada criança, e desta forma, promover o seu desenvolvimento.



## 7 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa compreendemos como as representações sociais sobre infância e educação infantil das professoras de salas de 3 a 6 anos do município de Corupá orientam o modo como elas organizam o ambiente para as crianças e subsidiam a argumentação que utilizam para justificar essa organização. Sintetizaremos e faremos uma breve discussão dos resultados obtidos neste estudo.

A nossa primeira questão se referia à caracterização dos ambientes das salas de educação infantil organizados pelas professoras de 3 a 6 anos do município de Corupá. Verificamos que os ambientes das salas observadas refletem, e muito, as representações e concepções das professoras sobre infância e educação infantil. Das quatro salas pesquisadas, três delas apresentam pelo menos uma área circunscrita, estas áreas são delimitadas por móveis ou cortinas coloridas e contam com uma grande variedade de materiais e objetos à disposição das crianças. Nos momentos de observação pode-se perceber que as professoras valorizam as brincadeiras das crianças e abrem espaço na sua rotina diária para que elas possam brincar livremente, interagir umas com as outras e desta forma se desenvolver.

A sala de Maternal III é a única que apresenta um arranjo espacial diferenciado das demais. Caracteriza-se pelo espaço central livre e os móveis encostados nas paredes. As professoras justificam essa organização quando falam no tamanho reduzido da sala, que, segundo elas, reduz a possibilidade de mudança, e na necessidade que as crianças têm de se movimentar.

Procuramos então compreender o que orienta essa organização do espaço pelas professoras. Para isso questionamos quais as relações existentes entre as percepções das professoras de salas de 3 e 6 anos do Município de Corupá sobre ambientes de Educação Infantil e os critérios que estas adotam na organização das salas que atuam.

Ao revelar suas percepções sobre ambientes de Educação Infantil, as professoras destacaram alguns aspectos importantes: para as entrevistadas, uma sala de EI deve ser um espaço divertido, que possibilite variadas interações e diferentes brincadeiras, para isso, precisa ser um local colorido, mas sem exageros, também deve contar com uma grande variedade de materiais que estejam acessíveis às crianças.

As salas que se caracterizam por ter um arranjo espacial aberto, com um grande espaço vazio no centro, móveis e objetos próximos à parede são consideradas pouco estimulantes e, por isso, inadequadas para a EI, principalmente se essas características vierem aliadas a pisos de azulejo sem tapetes. Para as professoras, estes ambientes se assemelham a hospitais, e desta forma, transmitem uma sensação de frieza.

Já as salas que apresentam cadeiras, mesas e quadro giz no seu arranjo espacial, pertencem ao grupo que as entrevistadas denominam de sala de aula ou ambiente alfabetizador. Percebemos nas falas das professoras que os ambientes que se aproximam do protótipo do modelo escolar devem ser evitados, pois, segundo elas, a preparação para o ensino formal não deve ser uma das funções da educação infantil. Para elas, esta forma de organização parece que pressupõe uma obrigatoriedade de ficar ali, naquele lugar, sentado, sem poder se movimentar livremente pelo espaço.

Portanto, para as entrevistadas, as salas de educação infantil devem ser locais atrativos, onde as crianças sentem-se seguras e felizes em freqüentar, resultado este parecido com o estudo de Benoit (2008), onde, quando questionadas sobre os aspectos que consideram como mais e menos importantes num bom CEI/Pré-Escola, as professoras escolheram entre os mais importantes, “as crianças sentem vontade de ir” e entre os menos importantes, “alfabetiza as crianças”:

Considerando a resposta dos dois grupos quanto aos quesitos considerados mais importantes, “as crianças sentem vontade de ir” e “contrata professores formados” se destaca entre os dois grupos, entretanto em ordens diferentes. Em relação aos menos importantes, os quesitos “alfabetiza as crianças”, “prepara para o ensino fundamental” e “exige ordem e disciplina” se repetem entre os dois grupos como os de menor importância em um bom CEI/Pré-escola. (Idem, p. 97)

O conhecimento das percepções e da lógica que orienta as formas como as professoras organizam o espaço, nos levou a questionar que elementos da RS sobre infância e educação infantil são revelados no modo como as professoras organizam o ambiente das salas de educação infantil e na lógica que adotam para justificar essa organização.

Ao justificarem a forma com que organizam suas salas de educação infantil, as professoras revelam uma imagem de criança ativa, que brinca, que se movimenta e explora todo o ambiente. Sempre que elas lembram das crianças, se recordam

delas brincando ou fazendo alguma atividade, por isso, acreditam que o ambiente deve estar organizado de forma a possibilitar a livre iniciativa da criança. Essa imagem de criança se aproxima do estudo sobre representação social de infância empreendido por Demathé (2007, p. 89), e do qual estas professoras participaram:

O núcleo central revela que a representação de infância se objetiva em uma imagem de crianças brincando ao ar livre, no qual os significados de brincadeira se fundem com o significado de ser criança, o que sugere que, esta imagem ainda é dominada pela criança idealizada, preconizada por Rousseau. [...]

Neste contexto, cabe ao adulto observar atentamente as crianças e propor mudanças no ambiente que correspondam aos interesses e necessidades do grupo, e quando se encontram frente a alguma limitação ou dificuldades, recorrem à criatividade e ao apoio da direção para superá-la. As professoras também revelam que o amor e o compromisso com a profissão são capazes de fazê-las superar qualquer obstáculo. Assim como descreve Demathé (*Idem, p. 90*), as professoras constroem uma representação de si mesmas “*como salvadoras da infância e a educação infantil se objetiva num mundo a parte, onde pode tudo (em termos de inventividade), tudo vale (brincar, se sujar, fantasiar...)*”.

Já para Benoit (2008, p. 83):

As imagens descritas pelas professoras com o objetivo de representar suas idéias de bom CEI/Pré-escola, demonstram que o discurso de qualidade é permeado por valores que remetem a sua imagem de criança e infância. São feitas referências quanto à importância do professor, seja na interação, no apoio, na afetividade, tendo em vista seu papel no desenvolvimento da criança enquanto sujeito em processo de formação, ativo e com características inerentes a sua condição de criança (alegria). Nessa perspectiva, Dahlberg, Moss e Pence (2003) defendem que é somente a partir de uma discussão acerca da imagem de criança e de infância que temos e perspectivas futuras que podemos avançar no discurso de qualidade.

Ancoradas nesta imagem de criança e de professor, as entrevistadas defendem uma representação de ambiente de educação infantil que possibilita variadas experiências para as crianças. E destacam aspectos importantes a serem considerados: a variedade de materiais, o mobiliário, etc.; o equilíbrio na organização do ambiente para que as crianças possam se locomover de um local para o outro com desenvoltura, o conforto e a saúde, ou seja, móveis e estrutura física adaptados às necessidades das crianças, e a estética (dimensão estrutural). Lembram também que o ambiente de educação infantil deve ser polivalente e

possibilitar variadas formas de uso e prever diferentes tipos de brincadeiras (dimensão funcional), assim como oportunizar a interação, a construção da identidade e promover diferentes aprendizagens.

Já quando propõem alguma transformação na organização da suas salas às professoras afirmam que buscam adequar o ambiente ao desenvolvimento do grupo, isto porque, para elas, um bom CEI/Pré-escola se constitui num lugar privilegiado para o desenvolvimento das crianças, rico em experiências diferenciadas daquelas vividas no ambiente familiar. Para as professoras também é importante modificar o ambiente sempre que for necessário apoiar os projetos e temas que estão sendo explorados pelo grupo, da mesma forma que a organização da sala precisa respeitar os ritmos e interesses das crianças.

O que pudemos observar com este estudo é que, pelo menos no nível de discurso, e também por meio das observações realizadas, as professoras têm percebido a importância da organização do ambiente para o desenvolvimento das crianças. Porém, também percebemos que as professoras têm dificuldades em situar as brincadeiras das crianças, os enredos que elas constroem ao explorar esses espaços, dentro do seu planejamento. Para muitas delas as rotinas diárias ainda são divididas entre o momento do “brincar” e o momento da “atividade”.

Também percebemos que, assim como ocorre em outras realidades, o momento da brincadeira “livre” da criança, ocorre quando as professoras estão ocupadas com outras tarefas. No caso dos CEIs, quando as professoras estão recebendo as crianças no período da manhã, ou no fim do dia, quando estão arrumando as crianças para irem embora. Já na Pré-Escola, o brincar ocorre quando sobra algum tempo entre as “atividades”. Dentre as salas observadas, em apenas uma, a professora previa no seu planejamento o momento da brincadeira. Ou seja, neste grupo, as crianças passavam pelo menos uma hora por dia explorando brinquedos, materiais, objetos e espaços da sala.

O que ocorre, é que, mesmo tendo tempo e espaço para brincar, a criança brinca *sozinha*, nestas situações, as professoras pouco interferem, o que faz com que a riqueza destes momentos se perca, e a brincadeira deixe de ser explorada em toda a sua potencialidade.

A idéia do adulto como figura central da prática pedagógica ainda é muito presente, e isso faz com as professoras tenham dificuldade em redefinir o seu papel numa proposta pedagógica que respeite os interesses e necessidades das crianças.

Talvez esse seja um dos motivos das dificuldades encontradas por muitas professoras em encontrar o equilíbrio entre uma postura permissiva, onde prevalece o *laissez-faire*, e uma postura diretiva, onde o adulto decide todas as atividades em que a criança irá se envolver no decorrer do dia.

Espera-se que, com a devolutiva deste trabalho e com os estudos decorrentes do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Educação da Infância em Corupá, possamos estar contribuindo com a Educação Infantil deste município, promovendo, entre as professoras, a reflexão sobre a prática pedagógica que desenvolvem e, desta forma, melhorando a qualidade do atendimento oferecido às crianças.

## 8 REFERÊNCIAS

ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/Ago. 2005.

ANGOTTI, M. (Org.) **Educação Infantil**: para que, para quem e por quê? Campinas: Editora Alínea, 2006.

\_\_\_\_\_. Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões. *In.* : FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado e construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ARAÚJO, J.M.; ARAÚJO, A. F. Maria Montessori: infância, educação e paz. *In.* : FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado e construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ÀRIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BENOIT, J. **Qualidade em Educação Infantil**: As concepções das professoras de educação infantil de Corupá. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e métodos. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. **Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMARGO, B. V. Estratégias de Pesquisa Pluri-Metodológicas. *In*: MOREIRA, A. S. P. (Org.) **Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representação Social**. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. ; PADOVANI, F. H. P. Agrupamentos preferenciais e não-preferenciais e arranjos espaciais nas creches. **Estudos de Psicologia**, 2000, 443-470.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M., ; RUBIANO. M. R. B. Organização dos espaços pré-escolares. *In*: OLIVEIRA, Z. de M. R. (Org.). **Educação Infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. ; MENECHINI, R. Estruturando a sala. *In.* : ROSSETTI-FERREIRA, M. C. ; MELLO, A. M. (Orgs.) **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

CERIZARA, B. **Rousseau: a educação da infância**. Scipione: São Paulo, 1990.

CLARETO, S. M. Espaço escolar e o tornar-se o que é: educabilidades e a constituição de outros modos de existir a partir do pensamento de Nietzsche. *In*: LOPES, J. J. M.; CLARETO, S. M. (Orgs.) **Espaço e Educação: travessias e atravessamentos**. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

CORDEIRO, M.H. B.V. Pesquisa em Representações Sociais: algumas considerações teórico metodológica. *In*: RAITZ, T. R.; FERREIRA, V. S.; GUERRA, A. F. **Ética e Metodologia: Pesquisa em Educação**. Itajaí: Ed. Univali: Ed. Maria do Cais, 2006.

CORSARO, W. A. Entrada de campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Apresentação: Tempos e Espaços das Infâncias. **Currículo sem Fronteiras**, vol. 6, n.1, p. 5-14, Jan./Jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, Maio/Ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Infâncias e Crianças: ainda incógnitas para nós adultos/as? **Cadernos de Educação**, Pelotas, vol. 23, p. 177-195, jul./Dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n.91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005.

DEMATHE, T. M. **Representação social das professoras de educação infantil de Corupá sobre infância**. 2007. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2007.

DETONI, A. R. Do espaço geométrico à espacialidade como vivida. *In*.: LOPES, J. J. M.; CLARETO, S. M. (Orgs.) **Espaço e Educação: travessias e atravessamentos**. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

DIDONET, V. (Org.). **Em aberto: Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Brasília: O Instituto, 2001.

\_\_\_\_\_. Creche: a que veio para onde vai. *In*: DIDONET, V. (Org.). **Em aberto: Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Brasília: O Instituto, 2001.

EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EVANGELISTA, E. G. S. **Modernidade e Educação em Durkheim**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

FARIA, A. L. G. A contribuição dos parques infantis de Mario de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 69, dez., 1999.

FARIA, A. L. G; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FARIA, A. L. G.; MELLO, S. M.(Orgs.) **Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas**. Araraquara: Junqueira & Marin. 2007.

FARIA, A. L. G. O Espaço Físico como um dos elementos Fundamentais Para Uma Pedagogia da Educação Infantil. *In.* : FARIA, A. L. G. ; PALHARES, M. S. **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2000.

FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. *In:* **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, cap. 1, p. 31-57.

FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado e construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FORNEIRO, L. I. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. *In.* : ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1988.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

GALARDINI, A. ; GIOVANNINI, D. Pistóia: elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. *In.* : GANDINI, L. ; EDWARDS, C. ; **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GANDINI, L. ; EDWARDS, C. ; **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GANDINI, L. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. *In.* : EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HADDAD, L. **A creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1993.

HOEMKE, A. M. S. **Ambiente de Qualidade na Educação Infantil: elementos constitutivos da sala de crianças de 3 a 5 anos na perspectiva dos professores da educação infantil**. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí.

HOHMANN, M.; WEIKART, D.P. **Educar a Criança**. Serviço da Educação-Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa/Portugal, 1997.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KATZ, L. O que podemos aprender com Reggio Emilia. *In.* : EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GRAUE, M. E. ; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças: teorias,**



métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância. *In.*: FORMOSINHO, J. O. ; KISHIMOTO, T. M. ; PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado e construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KRAMER, S. Autoria e Autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. São Paulo: Cortez, 1995.

KUHLMMANN JR, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LARA, T. A. Espaço e educação, na perspectiva antropológica e epistemológica de ser e tempo. *In.* : LOPES, J. J. M.; CLARETO, S. M. (Orgs.) **Espaço e Educação**: travessias e atravessamentos. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

LIMA, A. B. **Creche como contexto de desenvolvimento humano: um estudo sobre as possibilidades de atendimento no município de Pomerode/SC**. 2007. 73f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Itajaí.

LIMA, A. B. ; BHERING, E. Um estudo sobre creches como ambiente de desenvolvimento. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, set./dez., 2006.

LOPES, J. J. M.; CLARETO, S. M. (Orgs.) **Espaço e Educação**: travessias e atravessamentos. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

MALAGUZZI, L. História, idéias e filosofia básica. *In.* : EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MAZZOTTI, A. J. A. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. *In.*: **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 57-73.

MENEGHINI, R. CAMPOS-DE-CARVALHO, M. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2003, p. 367-378.

OLIVEIRA, S. M. L. Crenças e Valores dos Profissionais de Creche e a Importância da Formação Continuada na Construção de um novo papel junto à Criança de 0 a 3 anos. *In.*: DIDONET, V. (Orgs.). **Em aberto: Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Brasília: O Instituto, 2001.

OLIVEIRA, Z. de M. R. (Org.). **Creches: crianças, faz de conta & cia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, J. **Sobre a pedagogia**: textos inéditos. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PULINO, L. H. C. Z. Acolher a criança, Educar a Criança: uma reflexão. *In*: DIDONET, V. (Org.). **Em aberto: Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Brasília: O Instituto, 2001.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um estudo em construção. *In*.: FARIA, A. L. G; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D.(Orgs.) **Por uma cultura da infância**: Campinas: Autores Associados, 2005.

RABITTI, G. **À procura da dimensão perdida**: uma escola de infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RAUEN, F. **Roteiros de Pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

RINALDI, C. O currículo emergente e o construtivismo social. *In*.: EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROAZZI, A. A categorização, formação de conceitos e processos de construção do mundo. **Cadernos de Psicologia**. 1, 1-27, 1995.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. ; MELLO, A. M. (Orgs.) **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-45.

SAGER, F. Avaliação da interação em pátios de escolas infantis: uma abordagem da psicologia ambiental. **Psicologia Reflexão e Crítica**, vol. 16, n. 1, p. 203=215.

SAGER, F. ; SPERD, T. M. O brincar e os brinquedos nos conflitos entre as crianças. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 309-325, 1998.

SAGER, F. ; SPERD, T. M. ; ROAZZI, A. ; MARTINS, F. M. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da psicologia ambiental. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol. 16, n. 1, p. 1-26, 2003.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, março/2001.

TOMAZI, N. D. (Org.) **Iniciação à Sociologia**. São Paulo: Atual, 2000.

VASCONCELOS, V. M. R. (Org.) **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VECCHI, V. O papel do atelierista. *In*. : EDWARDS, C. ; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Criança**. Trad.: Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Vega, 1979.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **LISTA DE ANEXOS:**

ANEXO 1: RESUMO DO PROJETO “AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CORUPÁ: UM ESTUDO DE CASO”.

ANEXO 2: MODELO DA TABELA “CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE E MOBILIÁRIO”.

ANEXO 3: FOTOS UTILIZADAS NO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÕES MÚLTIPLAS.

ANEXO 4: DADOS OBTIDOS A PARTIR DO PCM – NOME DOS GRUPOS E JUSTIFICATIVAS DOS SUJEITOS DE PESQUISA QUANTO AOS AGRUPAMENTOS REALIZADOS.

ANEXO 5: DIAGRAMA PRODUZIDO PELA MSA MOSTRANDO O CAMPO SEMÂNTICO DAS IMAGENS COM BASE NAS ORGANIZAÇÕES LIVRES PRODUZIDAS PELAS PROFESSORAS.

ANEXO 6: DADOS OBTIDOS PELA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS PROFESSORAS.

## **Anexo 1: Resumo do Projeto “Avaliação da Educação Infantil de Corupá: um estudo de caso”**

Este projeto foi elaborado a partir dos resultados de um projeto anterior “Os centros de Educação Infantil como contextos de desenvolvimento: um estudo longitudinal”, cujos resultados sugeriram que a avaliação simultânea de várias dimensões da Educação Infantil deveria ser realizada em estudos de caso que incluíssem um diagnóstico inicial seguido de várias intervenções para que fosse possível monitorar mais sistematicamente e com indicadores mais qualitativos o desenvolvimento das crianças e das professoras. A viabilização desse tipo de estudo requer que os atores envolvidos participem do projeto durante um período de tempo considerável (pelo menos cinco anos) e é recomendável o envolvimento da grande maioria dos integrantes da rede de Educação Infantil. Considerou-se, assim, que o ideal seria desenvolver o projeto em municípios pequenos, em que os cargos de professores, coordenadores e técnicos de EI não ficassem à mercê das mudanças político-partidárias que pudessem ocorrer a cada eleição. O município de Corupá, no Estado de Santa Catarina, atendeu a esses requisitos e por isso decidiu-se que seria o palco ideal para o desenvolvimento deste projeto. Com o apoio da secretária de educação do Município e a motivação das professoras para participarem das pesquisas, o Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento e Educação da Infância decidiu elaborar este projeto integrado, que se constitui em estudo de caso sobre a Educação Infantil do Município no qual é possível incluir novos estudos, que contribuam para uma melhor compreensão da realidade da Educação Infantil no município e das eventuais mudanças que venham a ocorrer mediante a devolução dos resultados das pesquisas e a participação dos envolvidos em ações planejadas a partir dos resultados encontrados. Desta forma, as pesquisas que integram este projeto integrado vêm sendo desenvolvidas por alunos do mestrado e de iniciação científica com o seguinte objetivo geral: **avaliar a Educação Infantil no município de Corupá, buscando desvelar as relações entre as práticas que as professoras de Educação Infantil vêm desenvolvendo nos CEIs e turmas de pré-escola e as suas representações e conhecimentos sobre o atendimento a crianças de zero a seis anos.** Durante o ano de 2007, as pesquisas que integraram este projeto buscaram atender aos objetivos apresentados a seguir.

1. Caracterizar a representação social sobre infância das professoras de educação infantil (Dissertação da Tércia Demathé).
2. Avaliar as informações que as professoras de educação infantil do município de Corupá possuem sobre desenvolvimento infantil (PIPG 2006-2007).
3. Discutir os significados de “qualidade” expressos pelas professoras de EI de Corupá quando se referem ao atendimento às crianças de zero a seis anos, nesse município. (dissertação da Jaqueline Benoit)
4. Verificar se as professoras percebem a existência de relações entre a organização do ambiente que preparam para as crianças e as oportunidades disponíveis para o desenvolvimento das mesmas. (dissertação da Christiane de Oliveira).
5. Conhecer as experiências que são vivenciadas pelas crianças nos CEIs para o desenvolvimento da sua livre expressão utilizando diferentes linguagens e desvelar o sentido que as professoras de educação infantil atribuem a essas experiências. (dissertação da Micheline Trai)
6. Avaliar a efetividade das atividades desenvolvidas para a promoção do desenvolvimento das crianças. (dissertação da Vivian Piva)

Cada um desses objetivos específicos constitui o objetivo geral de um projeto a ser desenvolvido por uma mestranda e/ou uma aluna de graduação. Espera-se que essas pesquisas diagnósticas ofereçam subsídios para a formação continuada dos profissionais da Educação Infantil do Município, contribuindo para a melhoria da qualidade do atendimento oferecido às crianças de zero a seis anos. Além disso, pretende-se que este projeto integrado sirva de modelo para propostas de pesquisa que aliem investigação e intervenção, sem que, necessariamente, se trate de estudos que adotam a metodologia de pesquisa-

ação. A preocupação é que as pesquisas desenvolvidas tenham, efetivamente, um impacto positivo no município. Por isso, busca-se estabelecer um vínculo entre os pesquisadores e os sujeitos de pesquisa que vai além da devolução dos resultados. O envolvimento das pesquisadoras com o trabalho que é desenvolvido no município as compromete a desencadear ações que mobilizem os sujeitos para promoverem as mudanças necessárias e produzir documentos que subsidiem essas mudanças.

## ANEXO 2: Tabelas Preenchidas no período de observação

CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE E MOBILIÁRIO	
1. Espaço interno:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>●É iluminado?</li> <li>●Tem ventilação?</li> <li>●É limpo?</li> <li>●Ampla?É satisfatório para o número de crianças e adultos que nele transitam?</li> <li>●É acessível?</li> <li>●Tem janelas na altura dos olhos das crianças?</li> <li>●Como é seu estado de conservação?</li> </ul>	
2. Móveis para cuidados rotineiros, brincadeiras e aprendizagem:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>●Os móveis são acessíveis e convenientes para o desenvolvimento de atividades em grupo e individuais?</li> <li>●Em bom estado de conservação?</li> <li>●Existem móveis para adultos e crianças?</li> <li>●Os móveis são do tamanho apropriado?</li> <li>●Existem móveis estáveis?</li> <li>●Existem móveis adaptados?</li> <li>●O número de móveis é suficiente?</li> <li>●Os cabides para guardar os pertences das crianças são em quantidade suficiente para todas as crianças? Estão ao seu alcance?</li> </ul>	
3. Mobília para relaxamento e conforto:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>●A sala possui uma área aconchegante e acessível?</li> <li>●Encontra-se mobiliário macio e aconchegante em outras áreas da sala?</li> </ul>	
4. Organização da sala para brincadeira:	

<ul style="list-style-type: none"> <li>●O mobiliário está colocado de forma que permita um espaço aberto para brincadeiras?</li> <li>●A sala está organizada de forma a desafiar a curiosidade das crianças?</li> <li>●É organizada em áreas de interesse, materiais de uso similar são guardados juntos?</li> <li>●Está organizada para propiciar diferentes tipos de experiências? Ex.: livros e brinquedos para brincadeiras calmas separados das áreas ativas?</li> <li>●Os materiais estão acessíveis para as crianças?</li> <li>●Há algum espaço disponível para momentos de privacidade das crianças?</li> <li>●Existem brinquedos suficientes para o grupo de crianças?</li> <li>●Existe flexibilidade para que a criança possa escolher a atividade que quer realizar?</li> <li>●A organização do espaço permite a socialização das crianças?</li> <li>●A organização do espaço favorece o convívio das crianças maiores com as crianças menores? Em que momento ocorre essa convivência?</li> </ul>	
<p>5.Exposição de trabalhos relacionada às vivências e ao cotidiano das crianças:</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>●Há material expostos para as crianças? Desenhos feitos por elas por exemplo.</li> <li>●Há fotos das crianças expostas?</li> <li>● Os trabalhos estão dispostos ao nível dos olhos das crianças?</li> <li>●Esses trabalhos são trocados constantemente?</li> </ul>	



## Anexo 3: Fotos utilizadas no Procedimento de Classificações Múltiplas



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8



Foto 9



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14



Foto 15



Foto 16



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22

Anexo 4: Dados obtidos a partir do PCM – Nome dos Grupos e Justificativas dos Sujeitos de Pesquisa quanto aos Agrupamentos Realizados:

<b>Sujeito 1:</b>
<p><b>Grupos:</b>  <b>1-Diversão, sala divertida (Fotos 2-6-7-11-14-21)</b>  <b>2-Cantinho Aconchegante (Fotos 4-17)</b>  <b>3-Sala muito alfabetizadora (Fotos 9-15)</b>  <b>4-Múltiplas escolhas (1-3-5-8-10-20-22)</b>  <b>5-Cantinho do Bebê (16-18)</b>  <b>6-Não apropriado (12-13-19)</b></p>
<p><b>Nossa! Bem legal para eles brincarem!</b>  Aí, tu vai separando...  <b>Tá, eu vou separando...</b>  É, em grupos que tu...  <b>Tá, aham...</b>  <b>Essa foto está muito dez, para a minha turminha. Aqui seria muito bom, para eles fazerem os bebês dormirem...Nossa!(risos)</b>  <b>(Silêncio)</b>  <b>Olha, que show!</b>  <b>As crianças devem ficar fascinadas.</b>  <b>Tapetinhos já, né? Com cores, letras... A gente também trabalha as letras, né... Muito bem organizado.</b>  <b>Ai, isso aqui que dez! Olha que legal um guarda roupa!(risos)</b>  <b>(silêncio)</b>  Você vai fazer grupos.  <b>Com o que eu acho que são parecidos?</b>  Você vai agrupar...  <b>Sei... Sei... Uma sala dessa, outra dessa... Mais um cantinho desse? Assim?</b>  Você vai agrupar de acordo com seus critérios...  <b>Esse tem a ver com esse, é isso? É isso?</b>  Eu não posso te influenciar... Você é quem vai formar grupos...  <b>(silêncio)</b>  <b>Tá muito alfabetizador!</b>  <b>Aqueles ali assim... É bem ambiente de educação infantil... É bem ambiente de educação infantil. E esse ali tá muito alfabetizador, na minha opinião. Esse também, tá muito alfabetizador. Esse também... Esses dois estão!</b>  <b>Não, esse aqui tem bastante brinquedos, bastante...</b>  <b>Então, esse aqui tem bastante a ver com esse, né?</b>  Por quê? O que tu achas?  <b>É porque... Tem vários, tem... Brinquedos, mesinhas, tem várias opções. Tanto um como o outro, é isso?</b>  <b>Ah, eu acho pelo menos acho que é isso...</b>  <b>Tem várias opções, né? De, de, de atividades, né... Este... Este...</b>  <b>Esse aqui também, ó! Tem vários cantinhos, né, tudo na mesma sala, colocado, né, bastante opção pras crianças. Deixa eu ver qual mais...</b>  <b>Esse aqui tem a ver, também, né?</b>  <b>(silêncio)</b></p>

**Não, esse também tá muito alfabetizador, assim. Quero ver, não, não, não, é porque eu achei que era quase uma coisa parecida, mas não é, né. Deixa eu ver aqui mais. Tem a ver...**

**Esse aqui, né? Tem a ver com esse... Esses todos. É isso? Esse aqui também, não?. Tem vários ambientes... Assim... Diferentes é o mesmo número de opções, várias opções, né...**

**Esse aqui também... É um cantinho esse aqui**

**Esse aqui é um cantinho, só um cantinho. E esse aqui também é só um cantinho. Esse aqui também é um cantinho, né? Cantinho da leitura. Deixa eu ver esse aqui... Esse aqui é um cantinho também. É o cantinho do DVD. Deixa eu ver esse... Esse também é um cantinho, deixa eu ver o que mais. (silêncio)**

**Ah, que pobrinho.(risos) Criança não vai... O que vai chamar a atenção da criança? Criança gosta de cor, gosta de... Criança gosta de cor... Sabe? Quando começa muito cansar... Isso aqui é um berçário daí, então? É um berçário?**

Tem berços...

**Eu também posso separar por faixa etária, né?**

**Esse aqui é um berçário...**

**Tem colchão no chão, para colocar a criança, o bebê... Tá mais bem montado do esse, esse parece que só tem berço, aqui tem colchão...que é ideal para o bebê... Eu não trabalhei no berçário mas conversando com as colegas você tem uma noção... Esse aqui também tá pobrinho...Tá pobrinho...Vou botar aqui.**

E esse aqui?

**Esse aqui deixa eu ver.**

**Ai, tá muito bagunçado, também coloco lá junto!**

**Não sei...**

**Tem essa daqui, e essa daqui.**

**Ah, tá! (silêncio)**

**Esse aqui é um cantinho também, né? Vou colocar aqui junto dos cantinhos. E esse daqui também seria junto com essas daqui, né?**

Você é quem sabe.

**Esse não, esse aqui é um cantinho também...**

**É um cantinho?**

**Eu acho que é um cantinho.**

Justificativas:

**Grupo 1: é porque assim a, essa é uma sala né, uma sala com certos cantinhos, vários cantinhos que a criança, criança que eu falo no caso o nosso maternal III, aqui, cada um ia escolher aquele cantinho onde gostaria de brincar, tem várias opções, né. Dependendo de cada criança ia poder, ia ter mais oportunidades de abrir, mais oportunidades né, para a criança brincar, ela iria escolher o que ela queria o que ela gostaria, né. Uns iriam pegar as bonecas, outros os carrinhos, outros as panelinhas, né, outros já gostariam mais do tapete de formas geométricas, né? Aquilo que chama mais a atenção da criança ela vai, né? Ela tem opção de escolha. Ela tem opção de escolha.**

Esse grupo é o grupo opção de escolha?

**É.**

**Grupo 2: é aconchegante. É assim, ele demonstra um grupo aconchegante, são ambientes, né? São dois ambientes diferentes mais demonstram a mesma... Como é que eu digo... A mesma, qual a palavra, a mesma... O mesmo objetivo dos dois cantinhos, né... Um cantinho para as crianças, digamos depois do parque, de voltar do parque, depois do café, escovação, ela ficaria na hora da contação de história, a criança pode ficar, né... Ela não precisa ficar sentada, pode ficar deitadinha, um lugar de relaxamento, né. Lugar onde a criança pode relaxar, porque ela precisa desse momento, acalmar a criança.**

**Grupo 3: Eu acho assim, você olha, você está vendo praticamente uma sala de aula, né? Tudo junto, as carteiras, as mesas, o quadro... Não que não possa ter quadro, pode, né. Mas fica... Tá dando mais ênfase pra questão pedagógica. Pra questão de alfabetizar, alfabetizadora, não tá dando ênfase pra educação infantil, seria uma primeira série, seria para alunos menores, mas não para a educação infantil.**

Todas as salas aqui são de educação infantil.

**É? É? Nossa!**

**Grupo 4: Esse, esse é, diversidade, né. Tá mostrando assim diversidade, olha só, tem o cantinho aqui do faz de conta, roupinhas, tudo muito bem organizado, faz de conta, aqui tem o brinquedo, claro, as meninas, tudo bem que na idade, tanto os meninos quanto as meninas gostam de boneca, né? Posso dizer que tanto menino quanto menina podem brincar, tem telefone, tem carrinho... É verdade, pros dois sexos... É verdade. Atrai, tá colorido, criança gosta de cor. Tá bonitinho, tá organizado. Esse cantinho do DVD tá muito show, também adorei, nossa! Uma coisa que não sai caro, né? Pode forrar caixas com papel branco e olha só o que você pode fazer, você tem N opções, né? N opções. O outro cantinho ali acho que seria para fantoches? Não, porque tá fechado, também são cantinhos que a criança pode escolher. Também. Mas aqui no caso é um cantinho, né. Mas um cantinho em específico, né?**

**Grupo 5: O cantinho do bebê o ambiente já te diz que a criança já, o bebê, uma criança menor, berçário, berçário I, berçário II. Uma sala de berçário I, com certeza.**

**Grupo 6: O não apropriado, são ambientes que não tem nenhum atrativo. Ou muito pouco, nenhum ou muito pouco atrativo para a criança, o que a criança vai ter de opção aí nessa sala? Ela logo iria se cansar de uma sala assim, iria querer algo mais, a criança tem muita energia, tem muita, né, necessidade de opções, né? Uma criança iria ficar agitada logo, logo, iria se cansar dessas salas aí, na minha opinião.**

Agora nós vamos fazer o seguinte eu quero que você separe assim... Hoje estou te exigindo (risos) Separe assim ó: os espaços que te dão sensação de bem estar, se você fosse uma criança você gostaria de estar lá. Aqueles que não te dão sensação de bem estar, que te dão sensação de mal estar. Enquanto criança como você estava comentando agora e aqueles que você acha que lhe são indiferentes.

**É indiferente para mim? Tá... Esse... Esse aqui tem o espelho... Esse aqui tá**

***muito show... Tá bom só três?***

Você pode colocar todas, você pode fazer da forma que quiser.

***É? Pode escolher entre todos os grupos?***

Em todos os grupos aquelas que te dão sensação de bem estar. Agora é como se a gente voltasse tudo de novo, ao início.

***Sei...Aham... Esse aqui, esse aqui com certeza.***

***Esse. Esse aqui. Esse aqui, se eu fosse uma criança iria adorar com certeza.(risos)***

***Esse daqui assim. Esse também.***

Pode escolher os que tu quiseres.

***Apesar de que, está melhorzinho do que esse aqui...***

Você pode dividir em três: bem estar, mal estar, indiferente...

***Esse aqui é indiferente então. Indiferente... Esse aqui dá mal estar, uma coisa muito presa.***

Essa aqui é indiferente ou mal estar?

***Essa é indiferente.***

***E agora? É bem estar, o que é?***

Você é quem escolhe.

***Todos estes aqui é indiferente.***

É indiferente?

***É indiferente... Indiferente... Indiferente...Todas essas aqui também dão bem estar. Todas bonitinhas, organizadas. Também estão legal.***

Então vou marcar.

## **Sujeito 2:**

***Grupos:***

***1-Estruturado (Fotos 10-11-14)***

***2-Reino Encantado (Fotos 3-4-16-17-18)***

***3-Turma Feliz (Fotos 15-20-22)***

***4-É bom estar aqui (Fotos 2-6-9)***

***5-Espaço criativo (Fotos 5-8-21)***

***6-Pré (Fotos 1-7)***

***7-Sala Pelada (Fotos 12-13-19)***

***Grupo 1: Porque todo o espaço da sala tá ocupado, todo espaço tá ocupado com material, é... Para as crianças, né... Brincarem, para elas estudarem, então tá todo o espaço tá ocupado com alguma coisa.***

Tá, então grupo 1 tu organizou assim porque todo o espaço está ocupado...

***É ocupado, e que eu acho assim, que trabalhar assim deve ser muito bom, só que neste ambiente, ele não, não está dentro da nossa realidade assim, porque nós ficamos com as crianças o dia inteiro, e elas vão dormir, e nós temos que ter um canto na sala para elas dormir, aqui não, aqui provavelmente é uma sala onde a criança entra ou de manhã e sai ao meio dia, ou entra de tarde e sai no final da tarde né? Mas eu acho assim um lugar, acho muito dez quando você pode ocupar todo esse espaço para a criança... Ficar (ênfase no ficar), porque tem muita novidade, então quanto mais novidade mais calma fica a criança, eu penso também, que isso ajuda, não que seja a essência, mas ajuda a manter a criança ocupada e ela daí não tem tempo pra e nem espaço também daí pra correria, isso fica para um outro local onde a gente leva ela .***



**Grupo 2: Reino encantado, tão bonito, coisa bonita para criança pequena. Porque um berçário, um berçário, porque tem... A gente pode colocar as crianças aqui no chão. Ela sobe na almofada, e com o apoio ela pode ficar deitada e não reta no chão, isso aqui também para a criança, berços estão aqui, uns berços bem arejados, branquinhos, e o espaço é grande, Aqui também, aqui eles já estão no chão, aqui eles podem dormir no colchão, aqui pode colocar o armário, porque o armário tem... Ocupa espaço, quando tu precisa tem o berço, aqui um tapete onde às crianças já tem os bichos onde eles podem brincar, já começa a brincar, as faixas com enfeites bem... Bem próximos, aonde... Ah... Desenvolve a coordenação, ao tentar pegar, então isso para mim seria uma... Bem mesmo um berçário, um berçário.**

**Grupo 3: Porque já estão maiores, do que grupo dos pequenos (a entrevistada aponta o grupo anterior) aonde os pequenos podem sentar ali, a gente tem maiores e menores no mesmo lugar já os maiores a gente tem (ruídos) e aí brincar, quando faz um trabalho de pintura não precisa fazer no chão, você faz tudo aqui dentro, aqui os brinquedos bem próximos deles.**

Esse grupo 3 tu deu o nome de Turma Feliz...

**Tem muito brinquedo né? E aqui mesmo, aqui, esse anjinho ali na... No painel ficou tão bonito. Ah... Então eu acho assim que tendo várias opções, aqui todos podem, aqui, estão todos os brinquedos no alcance deles.**

**Grupo 4: Aqui fica dentro daqueles todos que nós que temos ali, né? Então, tem opções no caso, né? Você pode trabalhar com eles, não alfabetizar, porque é muito cedo, mas para eles sentir o gosto, pra eles ter experiência assim, tem mesa pequena e grande, os brinquedos estão todos... Tem o faz de conta, tem uma porção de material, aqui a mesma coisa, então... Tem assim várias opções de trabalho que isso ajuda muito a gente durante o dia.**

**Grupo 5: Eu contei como se eles fossem maiores já, maiores dos que ficavam no quatro (grupo 4), né? Maiores, então, aqui seria o faz de conta. Tem toda a roupa de uma sala de faz de conta, aqui tem um espelho, me parece, aqui tem um espelho, e que a criança precisa porque ela gosta muito, aqui tem os brinquedos, as prateleiras bem baixinhas, tudo brinquedos que eles podem pegar, aqui tem mesa, estante, aonde tem todo material de apoio e de trabalho. Por isso que eu organizei assim... Como se fosse uma sala.**

**Grupo 5: Aqui seria um pré. Tipo uma sala de pré...**

E o que te levou a pensar que era uma sala de pré?

**As cadeiras, as cadeiras porque a gente, onde eu andei, que eu olhei, que eu vejo, sempre tem as mesinhas e as cadeirinhas pro pré. Porque eles não dormem, e daí é uma coisa mais assim, digamos já podem ficar as coisas um pouco mais altas porque eles já alcançam, né? Aqui em cima não, mas aqui eles já alcançam. O que me chama a atenção são as cadeiras e porque o trabalho que é feito por uma professora, isso assim, o painel, aqui já não, aqui tem coisas de crianças, deles mesmo, né?**

**Grupo 7: Os pelados porque não é fácil, é tão assim, tudo tão, tão jogado parece! Não tá nada, (aponta outro grupo) aqui existe uma organização, e precisa ter essa organização pra criança se acostumar, aqui não, isso não, isso tudo pendurado, em cima de uma cadeira...**

Você está falando da pilha de colchão?

**É da pilha de colchão. Aqui no chão, aqui tem um tapete, tudo bem...e tem uns bichinhos no chão, mas isso é tão... Parece tão... Frio! Tão longe! Aqui também... Tá certo é que eles estão brincando, né? Mas não, mas tudo... Não tem uma cortina, não tem nada! E aqui a mesma coisa. Parece tudo tão longe, tão, tem só uma sala muito grande e não tem nada lá dentro.**

**Nós temos que pensar que eles são bem pequenos, eles deixam à família, a mãe, e eles vem para uma instituição, então, aqui tem que ter coisas que ofereçam para eles... Ah... Alegria (ênfase no alegria), e bem estar, segurança, então, se eles encontram um ambiente como tem aqui nas fotos eles vão se sentir bem.**

**Indiferente: Não digo que ela seja indiferente...Mas ela é diferente daqui, porque aqui ele já é maior, aqui já começa, digamos como eu vejo, como se fosse já para um pré né? Então ela já começa, já começam a se cobrar mais da criança, ela já, e... E ela já começa a sentir, é... Digamos, devagar, mas ela vai sentindo que a vida já vai cobrando dela alguma coisa a mais, né?**

Essas fotos então, te transmitem a sensação de que já tão...

**Que já, que já, tá perdendo aquela parte bonita, do toque. Que é dos pequeninos aqui, né? Que é o... Que digamos, que fica na creche, né? A creche, já tá passando por aquela fase ali (fotos bem-estar) já é diferente, aqui já não ficam mais, já é... Aqui já é um tempo determinado, né? É quatro horas e depois você já vai embora, né? E aqui não (referindo-se ao grupo bem estar) aqui eles ficam num contato maior com as pessoas, com todas as pessoas que estão trabalhando ali. Aqui já é um pouco, a diferença é menos tempo, daí ela já vai, talvez vai pra família, já sabe pra onde que ela vai... Não fica mais com pessoas que cuidam, que ensinam...**

**Mal-estar: Mal estar porque não tem nada! É tão diferente, parece tão vazio. Tem um vazio ali dentro... Parece que não tem assim, aquele calor, aquele aconchego que tem que ter. Porque imagina se eu venho todo dia da casa da gente, aonde eu tenho um sofá, aonde eu tenho uma mesa, aonde eu tenho as minhas coisas... E eu chego para um lugar assim, onde tudo é... Parece tão... Meio sombrio.**

**Professora 3:**

**Grupos:**

- 1-Ampla (Fotos 13-16-19)**
- 2-Ordem, fileira (Fotos 7-9-15)**
- 3-Over (carregado) (1-14-20-21)**
- 4-Organização (3-5-6-10)**
- 5-Faz de conta (2-8-11)**
- 6-Cantinhos dos tapetes (4-12-17-18-22)**

**Justificativas:**

**Grupo 1: porque achei assim que ele tem bastante... Espaços... Bastante vazios, assim, né? É... Nos passa um pouco de frieza, assim... Muito amplo, né? Todos muito amplos. Exagerado.**

**Grupo 2: Esse assim... Tá muito assim... Cadeirinha, mesinha... Parece muito simétrico sabe? Muita coisa assim de... Até que esse aqui, o sete, não tanto, né? Os outros dois ... Mais assim: mais cadeira, quadro, cadeira, quadro... Assim, sabe? Meio assim, ambiente alfabetizador demais... Passa uma coisa assim.**

**Grupo 3: Esse o exagero. Muito exageradas! Eu acho que tem que ter opção, mas dentro de um espaço com tanta (ênfase no tanta) opção assim... A criança daí então, tudo chama a atenção demais. Sabe? Muita, muita coisa colorida junto. Muito excesso, né? Sei lá! Eu achei muito, achei que esse aqui tá faltando (grupo 1) e esse aqui peca pelo excesso.**

**Grupo 4: Ah... Eu achei assim...eu achei muito os armariozinhos assim, né... A organização, os brinquedos em ordem, né? Aqui tá um pouco fora do alcance, mas a maioria no alcance das crianças, assim. Achei assim... Bonitinho, com coisas mais simples, mais assim, o universo da criança... Mais... Com um espaço bom aqui...**

A foto seis...

**Aham...A foto seis assim... É que eu achei muito parecido com onde eu trabalhei, sabe? Bastante parecido com onde trabalhei, é claro, a foto assim... Tem coisas diferentes, mas o espaço... Assim... Pareceu bem parecido. Mas não eram coisas altas, assim, né... É que nós tínhamos um armário assim...(risos) Tá, assim... Achei assim, o espaço... O espaço legal, tá meio assim...a organização não está muito boa, mas o espaço tá bem legal. Mas eu achei assim...mais assim... Mais voltado pra armários, pra guardar.**

**Grupo 5: Esse é o faz de conta, eu vi que tem bastante coisa de faz de conta aqui, né? Para trabalhar o faz de conta. Por isso eu organizei como faz de conta, né? Tem bastante opção pra faz de conta... Até uma sugestão que eu dei para a Dona M. (Coordenadora) que a gente fizesse... Como a gente não tem espaço para fazer tudo numa sala, pra não ficar uma coisa, assim, né? Muito... Exagerada... Ter salas, uma sala pra faz de conta, uma sala pra jogos, tipos só de matemática, jogos de encaixe, quebra cabeça... Pra ter assim... Todos podem usufruir... Mas acho que seria legal, poderia ser uma sala de faz de conta, né? Com espelho, com as roupas, com... Poderia ter livros lá, fantoches... Fazer tudo... Seria legal.**

**Grupo 6: Aqui é um espaço legal para brincar, a gente vê assim... A parte assim do... De... Sentar com eles pra conversar ou pra brincar no chão, ou pra, né... O espaço de... Pelo menos essa parte assim de... De... Mais bebês, né? Bastante voltado para bebês. Pelo que eu vi, né?**

O grupo seis então você achou que as salas são mais voltadas pra bebês...

**Pra bebês assim... Bastante, assim... Tapetes coloridos... Assim... Bastante espaço nos tapetes, no chão... Depois, assim... Bastante voltados para bebês, até não tem berços, assim... Para eles poderem ficar no chão, mexer nos bichinhos, nas coisas, assim... Achei um espaço assim, para você sentar, você brincar sentado, né?**

Agora, eu vou te pedir outra organização. Tu vai organizar pra mim S., assim ó... O que te... Te coloca no... Do ponto de vista de uma criança... olhando essas fotos, tu vai separar em três grupos, o que te faria bem estar ali, o que te faz bem..., que tu vê assim, que tu olhas e uma criança iria se sentir bem ali dentro. O que é meio termo... Que te é indiferente... E aquele que a criança se sentir mal, que ela não iria estar feliz em estar lá dentro... Então tu vai separar em três grupos agora estas mesmas fotos...

**Em três...  
(silêncio)**

Não importa a quantidade de fotos que vai para cada grupo... Tá... Mas é o grupo do que faz bem, que te dá sensação de bem estar... Aquela que não faz bem, que te dá a sensação de mal estar... E o meio termo, mais ou menos, o que é indiferente. Pensando na criança de educação infantil que é com quem tu trabalhas.

**Eu já trabalhei com todas... (alguns murmúrios e depois silêncio)**

Pode levantar...

**Dá licença então... (a entrevistada se levanta para melhor organizar os grupos).  
(Silêncio, murmúrios)**

**Este aqui também...**

**O exagero...**

**Falta e o excesso...**

Pode colocar aqui de ladinho...

<p><i>Este é desse, este é desse, este é desse...</i>  <i>Este também pode ficar...</i>  <i>Este daqui, vamos ver...</i>  <i>Esse aqui... Ah...</i>  <i>(silêncio e murmúrios)</i>  <i>Aqui... Tá bom!</i></p>
<p>Queres mudar alguma coisa? Ou vai ficar assim?</p>
<p><i>Acho que assim...</i>  <i>Grupo Bem estar: acho que está mais bem organizadinho... Mais assim, com espaço também legal, né? Esse aqui também achei legal o espaço...</i></p>
<p>Tá, esse é o do bem estar?</p>
<p><i>Aham...</i></p>
<p>Esse é o me...</p>
<p><i>Esse é o médio, é esse aqui acho...</i></p>
<p>Esse é o que tu acha que eles... Que é o médio... Assim... Do ponto de vista da criança é...</p>
<p><i>É... Tá meio assim... Esse aqui... Por tá assim... Os colchões, assim, podia estar melhor organizados, assim, pra não precisar estar na vista deles. Essa coisa meio...</i></p>
<p>Tá! Então vai dizendo para mim... O doze... O doze é o dos colchões...</p>
<p><i>É eu tava pensando assim... Estes colchões amontoados, pode dar um acidente. A criança pode puxar cair por cima deles. Tudo isso!</i></p>
<p>Tá... Esse aqui?</p>
<p><i>Esse aqui é o excesso, o exagero...de muita informação, muita...muito carregado. Esse aqui acho assim... A sala das caminhas tudo branquinhas, tudo ajeitadinhas, tudo assim...lembra muito hospital, sabe? Dá uma coisa meio de frieza. Esse aqui também... Acho que lembra muito escola. Muito assim...</i></p>
<p>Qual o número dessa?</p>
<p><i>Nove.</i></p>
<p>Nove. Essa aí é a que te dá a sensação de escola...</p>
<p><i>Muito assim... Que tem que aprender a ler, tem que aprender... Sabe? Me deu essa sensação...Essa aqui também... Me dá também essa sensação.</i></p>
<p>Que número que é?</p>
<p><i>A quinze... Sabe? Que tem...né... Essas daqui...Eu achei assim...é... Muito assim... A falta... Falta de atrativos...</i></p>
<p>Essa nove... Dezenove?</p>
<p><i>A dezenove, eu achei falta de atrativos para as crianças e a treze também...</i></p>
<p>Dezenove e treze é falta.</p>
<p><i>Falta de atrativos, assim... Essa aqui também é outra...</i></p>
<p>A catorze.</p>
<p><i>É o exagero também, né? Muita coisa, muita (ênfase no muita), muita coisa amontoadada, muita coisa assim...cadeiras amontoadas...</i></p>
<p>Na tua opinião como é que a criança iria se sentir aí dentro?</p>

<b>É ...Muita coisa para eles... Eles iam... Eles iam ficar... Eles iriam ficar muito agitados, muito bagunceiros, porque tem muita coisa assim... A mão... A disposição... A... Sabe? Então, não teria nada assim... Que seria... Novidade... Isso também me lembra uma sala do Sesi, quando o Sesi funcionava num... É... Num...Num galpão de uma igreja, daí não tinha espaço para guardar as coisas... Assim... Separado... Que nem cadeirinhas que não eram usadas, separadas do lugar... Assim... Que ficava assim tudo amontoado assim...Dava assim... Não dava uma sensação de bem estar. É... Parece assim... A casa da gente quando tá tudo virado, que nem nossas gavetas, quando estou abrindo agora, a gente está começando a organizar... Assim... Meu... Dá aquela sensação de que... É preciso organizar. Tem coisas bem interessantes no ambiente, mas tá muito carregado, muito cheio, muita tranqueira amontoadada assim... Podia tá assim... Ou de repente organizar em espaços, né? Ou dividir com... Colocar faz de conta... Casinhas, né? Porque é muito! Eles vêem isso assim, aquele impacto, eles vêem tudo...</b>
O grupo...O grupo que é o indiferente, o médio assim...
<b>É que tem coisas muito legais assim, tem coisas bacanas que eu achei aqui...</b>
Aham...
<b>Aqui... Aqui tá com um espaço legal, mais ainda as cadeiras estão meio assim, né?... Com nomes...</b>
Que número que é essa foto?
<b>Essa é a foto sete. É uma coisa assim, você tem que sentar neste lugar, você tem sentar naquele lugar, sabe?</b>
Você acha que tem algumas coisas que são legais e outras que...
<b>Que são assim... Mostram que... Uma...uma obrigatoriedade de tá sentado ali, de ter que se comportar assim, de não poder mexer pra lá, de não poder mexer, Sabe? Dá uma impressão de que quando você coloca porque... Só fulano vai sentar ali! Né? (ênfase nas palavras, a entrevistada bate na mesa para enfatizar a ordem) Dali o fulano não pode se mexer. Assim...Dá essa... Dá essa impressão assim, né? Mas assim, o espaço até que tá legal, assim...também tem esses colchões também amontoados ali, também dão à sensação de... Que se fosse com a nossa turma iria pular em cima dos colchões (ruídos)...</b>
Tu, Tu viu que é uma sala de creche porque tem colchão?
Aham...
Aí, tu pensa assim uma criança o dia todo aí...
<b>É... Muito cheia também... É que nem aquela sala... Essa sala aqui... Eu acho... Não sei se é de creche... Cadê aqueles over que eu estava falando aqui? Aqui! Não sei se é de creche, mas tá muito exagerado, imagina o dia inteiro nessa bagunça? Como fica a cabecinha? Ele vai ser uma criança desorganizada nas coisas em casa, com pertences dele... Eu acho assim...</b>
Tá! Tu colocou a um nesse grupo, que é o grupo meio que...

<i>Ah, a um eu até que achei legal assim, bem organizadinha as coisas assim, a altura das crianças, coloridinha, bonitinha... Mas também um, né? Tem ali DVD na cadeira. Que é uma coisa assim... Que... Requer mais cuidados... As crianças vão poder ter livre acesso, mexer, pegar... Sei lá, estraga... E... Eles não tem esse livre acesso em casa... É... Alguns tem, mas nem todos. Acho que ali tá meio precário, tem coisas legais, mas tem coisas que mostram uma certa... Mas achei bonitinho, bem organizadinho... Ela teve boas idéias de... De ocupar caixas para fazer... De certo não tem muito armário, muita coisa a disposição... Achei bem legal. Fez o cantinho pelo jeito... Cantinho da música, bem colorido, bonitinho, é interessante, seria até uma idéia boa para a sala bagunçada, né? A catorze.</i>
Catorze?
<i>É a catorze. Ia ser uma boa idéia para a catorze. (risos)</i>
Então esse grupo...
<i>Essa também está bem legal, assim... Tá bem bacana...brinquedos assim... Alguns cantinhos, bonitinho...</i>
Mas o que te fez colocar a foto aí, nesse grupo?
<i>Eu acho que assim... A... Os tipos de brinquedo muito... Não sei... Não sei... Não posso explicar... Tá bem bonitinho, bem organizadinho...mas, não sei... É assim... Não é ruim, mas também... Não... É legalzinho assim, mas não sei, ele não me chamou muita a atenção, assim de... Achei assim, que seria bacana assim ter um cantinho assim... Mas numa sala com muita (ênfase no muita) criança ia dar a maior briga por causa dos brinquedos, dos tipos de brinquedo, né?... Que é... Tem duas casinhas pequenininhas de montar... Ia quebrar o pau, porque eu quero, porque eu quero... É assim, né? Ou então nesses de fogãozinho... Eles tem isso, muito de... Né? Mas achei legalzinho, bonitinho... Mas eu não coloquei aqui (bem estar) se não iria ter muitas preferidas! Ah! Esse faz de conta achei bem bacana. Gostei desse faz de conta. Achei que seria interessante se fosse uma sala só, mas aqui também tem... Os colchões ali... Que tão, né? Eu não sei porque estão ali, mas vai ver não tem um espaço para guardar, né? Eu achei legal o espelho, ter as roupinhas no cabide para poder brincar, isso eu achei muito legal...os sapatos... Tudo assim... Acho que seria assim realmente legal para uma sala de faz de conta... Ficaria muito forte...</i>
<i>Isso aqui também eu acho que tem uma parte legal de faz de conta, mas também tem muita coisa ainda...</i>
É o meio termo... Não é aquele demais, mas...
<i>Tá muito carregado demais ainda, né?</i>
E esse última aqui, a dezessete?
<i>Tá muito vazio também, né? Muito... Tem um... Meio frio. Não tá assim, não tá um exagero como aquele lá, mas também não tá muito bom. Tá assim, né? Parece que falta alguma coisa, né? Falta alguma coisa.</i>
Agora o grupo do bem estar... No grupo do bem estar, porque você organizou eles aí?
<i>Eu achei legal o espaço, assim organizado, claro que tem coisas que... Daria para melhorar... Assim... Um espaço legal, achei. Um espaço legal que dá para você trabalhar legal, assim... É claro que você teria que organizar algumas coisas assim...</i>
A foto seis?

**Sim... Teria que organizar algumas coisas, mas achei o espaço bem legal... Bem bacana para poder trabalhar, bem amplo, assim... Ela poderia assim, até de repente usar esses armários para fazer cantos assim... Mas achei como está organizado bem bonitinho, bem legal assim...**

**Aqui achei bem interessante pros bebês, né?(risos) A... Bem naquela fase que eles estão engatinhando para conseguir pegar...**

A foto quatro? Ah, a quatro

**É, a quatro... Pegar, né? É bom... Eles vão tentar alcançar, já vai fazer a estimulação, um cantinho legal para poder fazer a estimulação, para eles poderem tentar pegar os brinquedos, achei bacana para bebê, né?**

**Esse aqui... Que nem... Esse aqui eu coloquei esse aqui melhor do que aquele outro, eu falei que tava legal lá, só que parecia que estava faltando alguma coisa, esse aqui eu achei mais... Mais adequado... Tem pouco brinquedo também, mas assim... sei lá! Parece mais dentro da realidade deles, mais assim... Não... Brinquedos que a gente sabe que criança geralmente de creche são geralmente com menor poder aquisitivo, né? Não são... Só se é creche particular, aí é outra coisa... Então são brinquedinhos mais dentro da realidade, mais que eles podem ter em casa, assim, né? Achei legal, achei a organização, a pessoa... Deve ser onde não tem muitos recursos, e eles tentaram, né? Fazer alguma coisa dentro do possível ali (ênfase no possível). **Aqui também bem bacana, deve ser uma turma de berçário...****

Só diz o número da foto para mim...

**Três.**

**Aqui é bem bacana, porque ela deve ter um espaço pequeno, mas ó... Não tá tudo amontoado, não tá exagerado, né? É... Tem os tapetinhos coloridos, tem assim...um... Eu não sei se essa caixa é pra brincar de faz de conta, o que é... Mas achei... Bem... Bem criativo. Bem legal, sabe? Uma gracinha (risos).**

**Esse também é bacana!**

O dois.

**Também é bacana, ó! Esse aqui ela já separou mais os espaços, né? Ó! Ela não deixou todas as cadeiras assim...muito separadas. Ela fez tipo... Grupinhos, né? Quanto mais crianças. Grupinhos, que não tem nome nas cadeiras, para que eles possam estar se movimentado, tem um espacinhos com faz de conta, de certo para ela brincar de faz de conta com as crianças, aqui de certo já... Jogos, espaços só com jogos... Eu acredito, né? Assim, eu achei mais assim... Mais bem distribuído às coisas ali.**

**Esse também tá bem mimoso. Bem engraçadinho esse aqui. Eu não sei quanto às cadeiras, mas assim o cantinho... Com livros, deve ser alguma coisa para eles trabalharem com leitura, com números, com letras, tem livrinhos, almofadas, deve ser um cantinho de leitura, né? Deve ser legal. Bem... Bacana, assim, né... Bem acordo com a idade, né? Nada assim... Exagerado, né?**

A dez. E o dezoito?

**Esse também tá legal. Ah... Achei legal os móveis, né? Bem acessível aos bebês, deve ser de bebê também...E... Os colchões, para de certo para eles estarem indo lá, engatinhando... Lá... Bem bacana, parece um espaço grande também, né? Só que é... É... Meio gelado... Deveria oferecer uma coisa que não... Que não... Que não...**



Aí no meio?

**É... Mas só que assim, para eles poderem... Como um tapetão para eles poderem estar assim... Porque é meio gelado... Mas assim... Até mesmo assim gelado, é legal.**

**Professora 4:**

**Grupos:**

**1-Cantos Aconchegantes (Fotos 4-17-18)**

**2-Escolarizante**

**3-Frio**

**4-Cantinhos Temáticos**

**5-Brincar não é importante**

**6-Cantinhos únicos**

**Justificativas:**

Que nome tu daria para o grupo um, aqui?

**Ai, deixa eu ver aqui, É que o nome também tem a ver com o que a gente observou, né?**

Aham... Sim!

**Cantos aconchegantes então, então, né?**

Tá bom... Cantos aconchegantes.

Tá. O grupo dois... Só não junta que depois tem que justificar, em?

**(silêncio)**

**É um grupo mais... Mais escolarizante, vamos dizer assim. Tem características mais de primeira série de que de educação infantil...**

**Esse é o três, né? Dezenove... Dezesesseis... É.**

Esse grupo aí... Que nome tu daria para ele?

**Um... (silêncio)**

**Eu acho assim... É que parece que é frio, assim...Que não é... É o contrário desses cantinhos aconchegantes... Frio assim...**

Frio, então?

**Eu não me sentiria bem em uma sala assim...**

Tá. O próximo é o...

Quatro... Vinte e um, oito...

**Esse aqui. Ah... Esse aqui é... Todas essas coisas mostram cantinhos, né? Que a sala é dividida em cantos, em grupos...**

Tá, cantinhos então?

**É! Mas... Mas é... Esse aqui é dos vários cantinhos... Tem... Tem... De um trabalho pedagógico assim... Assim... De roupas... Todos eles têm... Esse aqui também. É que dá para ver nas fotos também, que aqui está... Está enquadrado já... Quatro cantos assim, divididos por temáticos, também, né? Roupas, brinquedos... E...**

Tá. Quatro. E o cinco?

**Esse aqui é... A sensação que dá... Nossa! Como é que eu posso dizer... É que aqui só tem brinquedo comprado, e esse aqui nem tá tirado da caixa! (risos) E tá bem aqui em cima também! Aqui em cima... Para que nem tirem da caixa! É então...**

Parece o que para ti, tu olhando?

**Parece ela que não gosta de bagunça assim... De... Gosta de tudo organizadinho...**

Sim... Mas olhando para as fotos que nome tu darias? Olhando assim... Que impressão que te passa... (silêncio) Tu falou que ela não gostaria nem que mexesse...

**Ai! Um nome... Agora um nome para isso! Ai, esse aqui, ó... Até os brinquedinhos estão tudo... Inteiros!**

**(silêncio)**

**Ai, (silêncio) Sei lá! Parece que brincar aqui não é importante, eu acho... Pode ser?**

Pode. Brincar... Brincar não é importante... Tá bom... Ainda tem o seis ainda...

**Isso aqui, parece assim... Como a gente faz assim... Mas... Porque todas essas fotos aqui, o que eu vi nelas, são que por não ter muitos recursos, mas todas elas deram um jeito, que nem essas daqui, ó... Toda a sala é feita de cantinhos, essas de Itajaí, ali, essas salas (a entrevistada esteve no CAU). Aqui... Aqui não, é só num canto da sala, que elas organizaram pra... Que nem aqui, ó... Cantos, tentativas, criança gosta disso... Aqui está até escrito cantinho da música, coisa assim... Aqui ela colocou a estante, mas aqui só está de um lado não é que nem a nossa, ela não encostou na parede... Ela deixou aqui para eles poderem fazer o... Aqui também, ó... Não é toda a sala, é só um pedaço... Então, criaram na sala um ou dois cantinhos... Não é a sala... Não sei se você está me entendendo... Que é montada assim, e só esse... É só esse espaço ali... Provavelmente elas criaram conforme a necessidade da turma, né. Ou a necessidade ou porque eles gostam.**

**Cantos... Não... (silêncio)**

**Ai! Eu sei o que quero mais não vem à palavra... É ruim resumir... É porque aquele ali eu coloquei cantos temáticos, né? Cantinhos temáticos, cantos separados... Só que estes daqui, são... Parecem ser únicos na sala... Este daqui pode ser... Cantos... Cantinhos únicos, sei lá...**

Então, agora tu vai justificar a organização dos grupos. Então... Primeiro o grupo um, porque tu o organizou desta forma?

**Tá, aqui, porque todas essas fotos apresentam cantos específicos assim... De descanso, aconchego... De... Que... Como posso dizer... Que propicia a... Que propicia a proximidade também, para as crianças poderem se achegar...**

E esse, o dois...

**Ah... Esse aqui é porque dá a impressão aqui, que está preocupado com a escolarização, que a criança tem que aprender, para ficarem preparadas para a primeira série...**

**Agora esse aqui (grupo 3) Olha na boa... Dá a impressão que essa professora aqui não gosta do que ta fazendo, escolheu a profissão errada, aqui não tem nada...**

A dezenove...

**Ou tu tirou uma foto de um canto onde realmente não tem nada... Não sei se aqui tem... Mas, tem um cartaz aqui que provavelmente a diretora pediu para colar ali, né... Nada assim... Nem uma decoração na parede, nem nada assim! Aqui, parece que as crianças ficam só no berço porque os chocalhinhos estão pendurados para que as crianças não incomodarem e fiquem ali sacudindo... É o que parece, para ficar lá dentro e não incomodar. Já que elas não gostam do que estão fazendo quanto menos incomodarem, melhor! Essa aqui também... Ó... Sei lá! É uma coisa assim bem assim, à vontade (ênfase na palavra) que tanto faz fazer ou não fazer... Não se preocupou em arrumar uma cortina pra sala de pedir ou ... Se não tem pedindo... Uma sala mais bonita. Sei lá... Esse**

***aqui também, quase a mesma coisa... (Silêncio) É como Se dissesse: droga do meu trabalho...***

Esse era o três, né? Agora, o quatro, que é o vinte e um...Esse aqui que tu colocou o nome de cantinhos temáticos.

***É... É que esses cantos todos mostram cantinhos diversos, a sala é dividida em ambientes... De fantasia, de... O outro aqui de blocos... De faz de conta, aqui dá pra ver aqui o da fantasia, e a área de atividades pedagógicas. (silêncio)***

E o Brincar não é importante?

***Esse aqui é o que eu tava falando antes, a boneca nem foi tirada da caixa... E essa outra sala aqui também os carrinhos estão todos com roda... As bonecas todas estão com roupa ainda, eu nunca tive uma turma que ficasse todas as bonecas com roupa, ainda mais com a roupa que vieram... Dá a impressão que está só pra dizer: Ô, as crianças brincam. Mas tem um espaço ali, mas de certo quando eles pegam à professora fica do lado para tomar conta, para eles tomarem cuidado.***

E o seis, esses cantinhos...

***Essas fotos aqui dão à impressão, que nem eu já falei, de uma escola que não tem muita opção, mas com professoras mais preocupadas do que a de antes do grupo... Qual que é o grupo... O frio. Elas estão preocupadas em... (silêncio) Um cantinho em suas salas, um ambiente pras crianças... Essa aqui é maravilhosa, né? (fala com ênfase, batendo na foto). Essa aqui, lá no berçário tem um balcão assim... Eu fiz assim no ano passado, só que eu coloquei umas tiras na frente. Coisas dentro também. Também o tapete, revistas, um ábaco, esse da música as crianças devem gostar de música...***

Agora fala das duas excluídas para mim... A seis... E a...

***Essa daqui está uma poluição visual, tá certo que a educação infantil deve ter um pouco mais de alegria, colorida, mas não que confunda também, né? Só de olhar já da dor de cabeça! Excesso de coisas, tudo misturado. Aqui, ó, aqui caixas de sucata... É uma... Não sei se ela quis dividir, isso aqui também em ambientes, com a sucata, os materiais pedagógicos, mas pecou pelo exagero aqui, ta demais... Também não sei se a sala é pequena, mas é o que eu to vendo aqui!***

E a seis?

***A seis me deixou uma dúvida, eu não sabia em qual encaixar. Porque a... Aqui a sala tá vazia, e a... Só que, só que os brinquedos aqui tão no chão, só que em contrapartida (...) tão quase no teto, e a... Ah, eu não sei, ta... Eu acho também, não consegui encaixar ela em um grupo, não acho que é aqui, não é do aconchego, não do escolarizante, não é da frieza, não é...***

#### **Sujeito 5:**

##### **Grupos:**

- 1-Sala de aula**
- 2-Tudo Pronto**
- 3-Para Brincar**
- 4-Criativo**
- 5-Espaço**
- 6-Para Repensar**

##### **Justificativa:**

Agora S. eu queria assim, que tu falasse, é... Porque que tu organizaste os grupos desta forma... Qual foi a tua lógica, o teu pensamento, quando tu organizaste os

grupos, gostaria que tu justificasse para mim...

**Tá.**

Tá? Começa pelo um ali...

**Então, assim, esse aqui eu organizei assim... Tu sabe, que eu vi assim, eu não sei se é, mas dá a impressão de ser assim... Uma sala mais de pré-escola porque é muita carteira, muita carteira e pouco espaço, praticamente não tem espaço para as crianças brincar pelo que dá para perceber assim. Então, eu organizei por causa disso assim... Não sei se são fotos de pré-escola, ou não, mas até a falta da pré... Que tem na pré-escola do espaço do brincar, tem só carteira, carteira, tem um mínimo de corredor aqui no meio...**

Ta... Essas duas aqui (grupo tudo pronto) a cinco e a vinte que são do grupo dois...

**Essas daqui, eu fiquei meio assim... Pode ser que isso aqui também seja outra realidade coisa e tal... Mas a nossa idéia é de que é muita coisa comprada aqui. Ta tudo muito lindo, ta tudo muito perfeito, mas é tudo muito comprado, eu acho até que isso pode influenciar a questão do consumismo aqui, pode ver, não tem aqui um pote, não tem um reciclável... Digo assim uma embalagem de... De... Margarina, alguma coisa assim... É tudo muito comprado, as bonecas bonitinhas guardadas bem em cima, as crianças não sei se vão ter acesso a conseguir pegar essas bonecas bonitinhas assim... E a aqui praticamente é tudo compradinho... É tudo bonitinho, né?... Legal, é, mas talvez se tivesse alguns potinhos no meio, se tivessem brinquedos que eles pudessem tá construindo, aí seria legal também... Ta muito bonito...**

O outro é o do dez né? Essa daqui, grupo três... Não! Vinte e dois e quatro... É essa daqui... Tem que olhar ali (na anotação).

**Esse aqui assim... Dá para perceber... Deve ser assim... Um espaço de berçário, de BI ou BII assim... E assim, tá legal porque dá... Tem um colorido, coisa e tal... Mas... Esse aqui eu gostei porque tem os cantinhos, no caso assim... A criança tem acesso pode tá mexendo e brincando, e... Esse aqui talvez faltava um pouco de colorido assim... E talvez se misturassem os dois aqui, eu acho que daí formaria uma coisa mais legal... Mas...**

Mas os dois tu achou...

**Eu achei legal assim... Mas eu optaria por mais... Mais cores, mais diversidade de coisas aqui, né... Mas tá a caminho... É legal assim...**

Ta. Esse aqui é o grupão, que é a dez...

**Eu achei muito interessante... Gostei bastante (ênfase no bastante).**

Esse cantinho é qual cantinho?

**É porque esse aqui tem toda a questão do cantinho, todo o colorido, ta rico em brinquedos e aí... E também ta usando até a questão aqui assim... Dos cantinhos que a gente gosta bastante da... Das roupas... Do faz de conta, da fantasia, aqui tem vários brinquedos que a gente vê que ta espalhado, tem espaço, tem carteira, mas tem tudo... Não tem só carteiras... Mas não tem só... Tem tudo os materiais... Essa aqui então! Ta bem rica essa sala! Ta cheia de coisrada! Pelo que a gente percebe... Tem a questão dos materiais mais de trabalho, tem um espaço aqui... Tem... Eu achei uma graça, tem um menino brincando embaixo da mesa, tem a casinha construída aqui... Muito bacana!**

Tá... Então esses são pela...

**Pelos espaços, diferentes espaços e a riqueza que tem nos espaços... Tem bastante... Bastante objetos, tu não fica só num... Numa... Delimitado numa coisa.**

Essa aqui é o grupo... Seis, dezoito... É o grupo cinco.

**Então... Essa aqui é assim... O que eu gostei nela foi assim, pelo que dá para perceber tem bastante espaço para as crianças brincar, mas eu ainda acho que por ser bastante espaço, por ser sala talvez grandes aqui, dava para ta construindo cantinhos também... Porque tem os brinquedos, mas não tem nenhum cantinho... Não tem nada! Dava para ta construindo... Talvez aqui assim, um canto... Ou... A falta dos cantinhos assim... Ter uns cantinhos...**

A falta dos cantinhos...

**Isso! Pelo que dá a impressão que tem espaço, tem bastante espaço para a criança brincar, mas não tem cantinho legal... Alguma coisa... Ou mesmo até a questão... Vai ver... Caixas jogadas para eles poderem... Eles poderem tá construindo mesmo, né? Era isso.**

**Essa é a última... Esse é o... A dezessete, dezenove...**

**Essa aqui eu fiquei assim porque esse aqui dá a impressão assim... Eu não sei assim qual a realidade também das creches, né? Mas no caso assim... Mas é mesmo assim... A... A falta assim, as paredes assim... Peladas... Peladas no que eu digo assim... Brancas... No caso não tem nada quase, praticamente nada de cor... Pouca coisa... E... Uma sala quase que nem essa aqui... Não... Não... Só o que tem? Só tem uns brinquedos jogados, não tem uma produção das crianças, não tem um cartaz, não tem nada assim...**

A dezenove... É, né? A foto dezenove que tu estas falando?

**A treze, a dezenove são todas assim...**

Então agora assim... O que eu vou te pedir é o seguinte, mas uma... Eu quero que tu agora dividas em três grupos... Aquilo assim... Você tem que se colocar do ponto de vista de uma criança, quais são os espaços que te dão à sensação de bem estar, que tu gostarias de brincar, de freqüentar... Aqueles que, meio termo, né? Meio indiferente. E aquele que dá sensação de mal estar, que tu não gostaria, de jeito nenhum...

**Eu como criança?**

Tu como criança, vai te colocar do ponto de vista de uma criança...

**(silêncio)**

**Tá! Esse aqui... Esse aqui...**

Só diz o número do grupo do mal estar para mim...

**Sete, nove, quinze, dezessete, dezenove, doze e o treze.**

Ta esses tu não gostaria de estar... Esse é o?

**Mais ou menos.**

Tá.

**É o vinte, o cinco, o vinte e dois, o quatro, o dezoito, o dezesseis e o seis.**

E esse é o grupo que tu gostarias...

**O três, o catorze, o onze, o dois, o oito, o um, o vinte e um e o dez.**

Agora nos vamos pegar o grupo que você está na mão... O bem-estar, e vamos dividir naqueles que te dão mais bem estar, que tu achas que é mais interessante para a criança, e o mais ou menos...

**Mais ou menos...**

**(silêncio)**

**Qual o grupo mais?**

Aqui.

Vamos pelo que menos sobra... O dois e o vinte um é o menos, né?

**Unhum... Esses espaços também estão bastante legais assim... Mais esses aqui estão mais ricos em materiais... Um... Diversidade... Estes daqui ainda... Como eu posso dizer... Eu ainda optaria, por esses daqui.**

<b>Sujeito 6:</b>
<p><b>Grupos:</b>  <b>1-Sala da Bagunça</b>  <b>2-Interação</b>  <b>3-Cantinho da Arte</b>  <b>4-Berçário</b></p>
<p><b>Justificativas:</b>  Como?  <b>Sala da bagunça.</b>  Sala da bagunça, tá.  <b>Esta aqui não tá, bagunçada, mas é muito vago, né? (ruídos). Esse, pra criança não tem nada assim que... Que identifique.(ruídos)</b>  Esse grupo aqui, é o três?  <b>Esse aqui vou botar cantinho da arte, pode ser...</b>  Tem que olhar as fotos de uma forma bem...  <b>É... Esse aqui foi... Como se diz? Olhar de uma forma, porque eu vi assim, ó... A forma que foi... Como está distribuída, a organização no espaço, como foi colocada às classes, se fazem um trabalho mais coletivo, né? (silêncio) Não sei se eu entendi direito, o nome que eu...</b>  Você pode escolher um nome para o grupo... Aí, tu falou?  <b>Esse aqui, ai deixa eu ver... Quando eu peguei aqui, o que seria, mas pra... Os cantinhos, o cantinho da arte, este aqui seria mais pra parte artística, né.</b>  Cantinho da arte.  <b>Agora esse aqui...</b>  Tu quer reorganizar essas fotos aí?  <b>Não! Tá bom assim... Só estou pensando em uma coisa coletiva. Porque tem bastante interação, as crianças... Interação, né?</b>  Interação. E o primeiro, este daqui...  <b>Este daqui me lembra berçário.</b>  Berçário.  Aí, agora tu vai justificar para mim porque tu organizou estas fotos juntas neste grupo, neste grupo... Neste grupo  <b>Esses daqui eu separei assim porque está relacionado, né... Como as caminhas tudo pra berçário, né? Dá para ver que é para bebês, pra idade deles, os brinquedos aqui, a altura dos móveis, tudo para bebê mesmo.</b>  Tá, o grupo um tu pensou em bebê... E esse aqui que é o dois...  <b>Esse aqui por causa que... Que aqui eles podem descansar, o cantinho da música, o brincar e através das brincadeiras também eles vão aprendendo. Esse também aqui, ó... Tem jogos, esse aqui também, ó... Eles podem se fantasiar, liberar o lado lúdico deles. Tem livros também, tá relacionado tudo com artes, esse aqui também eu imaginei eles... Dá para sentar, pra deitar, e ler um livro, pra ficar mais à vontade.</b>  Então o grupo dois era o grupo cantinhos, e este grupo três...  <b>Este pela organização das mesas, que não é aquela coisa tradicional, né? Um atrás do outro, já dá pra sentar mais juntos, também a forma que aqui... Bem legal, né? Colocados...</b>  É a onze?  <b>É... Essa aqui... Ah! Esse aqui, eu acho assim, que já tem um lugar definido, né? Pra cada criança. Isso me chamou a atenção, quer dizer que as crianças já</b></p>

**chegam... Elas não tem tanta liberdade pra escolher, tem um grupinho já que bem dizer formado. Onde sentar e também com quem sentar. Esses colchões ali... É por causa da falta de espaço?**

Não é porque eles ficam o dia todo.

**Aqui também, eles podem sentar tudo juntos, a atividade... Bem diferente. É tudo de creche? Aqui também, é por isso que eu separei tudo junto. Eu me detive como estão colocadas as mesas, os brinquedos ao alcance, esse aqui tá meio bagunçadinho...**

Tu observou as mesas e dessa forma...

**Eu fui mais por como está colocada às mesas, né? Que não é a forma tradicional assim, que eles estão... Podem sentar em grupos, para trabalhar em grupos, não é o trabalho individual... Daqueles tradicional**

E este grupo, o grupo quatro... O grupo Sala da Bagunça.

**(Risos) É este aqui me chamou a atenção por causa...**

A foto dezenove?

**Me chamou a atenção porque parece um lugar que estão de mudança, jogaram algumas caixas, não tem uma organização, que ajuda, né? É importante para a criança para ela se sentir bem, tipo, na hora, mesmo que seja na hora para dormir tem que ter um lugar tranquilo, bem calmo, limpo, para eles terem um soninho tranquilo...**

**Esse grupo... Esse aqui então...**

Essa é a treze, não? Então é a dezenove agora.

**Essa aqui parece que é a mesma sala, mas parece que limpavam, varreram... Isto aqui é a cozinha?**

Não.

**É uma sala mesmo! Não lembra uma creche, não lembra uma sala de aula. Esse aqui (a dezenove)**

E esta número dois, porque que tu colocou neste grupo?

**Este aqui também porque está... Pela bagunça, né? Porque está desorganizado, tem coisas fora de lugar, por isso, pela vassoura ali... É a mesma foto de uma destas outras aqui...aqui, ó... Tá desorganizado! Por isso eu botei no grupo da bagunça.**

#### **Sujeito 7:**

##### **Grupos:**

**1-Hora do Soninho**

**2-Possibilidades/Criatividade**

**3-Sala de aula**

**4-Faz de conta**

##### **Justificativa:**

Bom... O grupo um, que é o doze... Esse aí é o grupo um, né?

**Ahã...**

Tá.

**Eu organizei esse grupo um, desta forma porque... Eu achei assim, bastante espaço assim, livre, e com bastante colchões, assim... Dá a impressão... Todas elas assim, tem colchões, ó... Só essa aqui que não. E eu não sei, se é só para a criança dormir, ou só para ficar deitadinha, não tem muita coisa assim de estímulo, né? Os bercinhos estão ali, as coisinhas estão penduradas, também não sei se... Essas crianças que ficam ali, se elas já andam... Se elas**

**tem a possibilidade de estar mexendo naqueles brinquedos que tão pendurados, ou não. Aqui também... Bem vazio, né?**

A dezenove...

**Na dezoito também, né? Tem bastante colchões, né? Fitas ali penduradas, também não sei a possibilidade deles estarem mexendo, ou não...**

E essa... A treze, né?

**A treze... Também assim... Bem... Não tem uma coisa que chame a atenção da criança pra eles estarem ali querendo mexer, né? Uma coisa mais sem graça assim... E a dezessete também. Só colchões, algumas almofadas...**

Esse grupo... Qual é o grupo dois... O cinco, o um, o seis...

**Ahã...**

É esse aí, né? Qual foi o teu critério quanto tu organizou esse grupo?

**Esse grupo aqui eu organizei pela... Pelo colorido, pela diversidade, ó, você vê tem TV, tem brinquedos, tem almofadas, tem cadeira, tem coisas criadas pela própria professora... Tem... Assim, uma diversidade de coisas que eles podem estar mexendo, brincando, né? Não é uma coisa só que tem aqui, tem as roupas, tem tinta, tudo disponível, dá tudo para pegar assim. Não ta no alto...**

Tá... Esse é o grupo dois, e o grupo três... Que é a dois... Essa dali, qual foi o teu critério...

**Esse aqui mais por ser assim... Mais uma visão de sala de aula assim sabe? As carteiras organizadas ali, as mochilinhas, é... Até tem situações ali de brincadeira, mas bem pouco. Mais eu vejo as carteiras no meio da sala assim... Sem muito espaço. (silêncio)**

E o grupo quatro? O grupo quatro que é essa aqui, o grupo quatro...

**Também uma variedade assim, bem definida para as crianças mexerem, estarem brincando, tem... Tem que seja mais para crianças menores assim... Um maternal de repente, bem colorido, chama bastante à atenção.**

#### **Sujeito 8:**

**Grupos:**

**1- Experiência**

**2- Organização**

**3- Lazer**

*Justificativas:*

Como que tu pensou na hora de organizar o grupo... Assim...

**Eu pensei pela variedade de... De materiais, né? Dispostos ao alcance das crianças, vários brinquedos, também recursos, letras... Né? Eles já tem esse processo... Né?... De conhecimento das letras e escrita... Os brinquedos... Essa parte com os brinquedos, parece que todos ao alcance, né? Seria mais isso... E a fantasia, né? O canto da fantasia. A imaginação... Deixar desenvolver a capacidade.**

**Grupo 2: Este grupo seria um ambiente assim mais, tem ali o contato, mas organizado, né? A organização do espaço, né? Pra hora das atividades... Esse grupo, eu achei ele mais solto, né? O cantinho da leitura, mas ali não tem nenhum (a três)... Aqui também não... Aqui tudo separadinho... Aqui também as mochilas, tudo. Seria isso.**

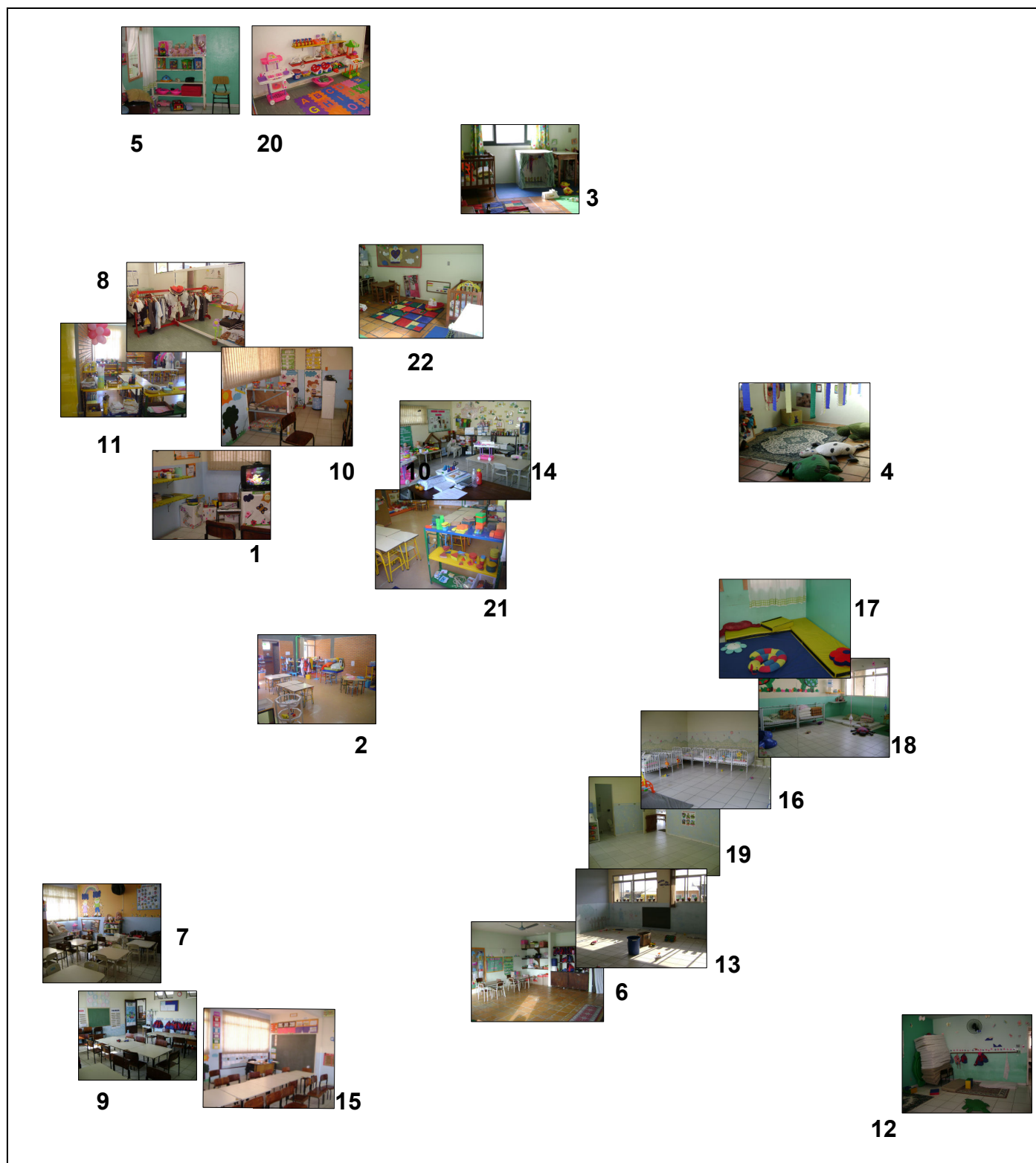
**Grupo 3: Esse aqui é o aconchego, né...**

O grupo 3 é o aconchego?

**Para poder sentar, descansar, o lugarzinho deles, né? Da individualidade deles... Conforto, né?**



**Anexo 5: Diagrama produzido pela MSA mostrando o campo semântico das imagens com base nas organizações livres produzidas pelas Professoras**



## Anexo 6: Transcrição das Entrevistas

<b>Professora 1</b>
Pesquisadora: Eu trouxe essas fotos da tua sala do ano passado e gostaria que você falasse sobre ela...
Professora: Essas fotos me trazem boas lembranças, ótimas lembranças, né? De um trabalho que eu realizei quando eu iniciei aqui no CEI... Foi meu primeiro trabalho na educação infantil, me traz ótimas lembranças olhar para essas fotos.
Pesquisadora: Essas fotos são de dois períodos, no começo do ano e mais no final do ano, fala um pouco das modificações que vocês fizeram...
Professora: Foram algumas modificações, né? Foram feitas... Por exemplo, a estante era onde a gente guardava as mochilas, a gente resolveu colocar as mochilas penduradas, né? Nos ganchinhos. E colocar nesta estante brinquedos, porque, né? Está vendo aqui? Brinquedos que estivessem a disposição das crianças, os carrinhos, as bonecas, as caixinhas com os brinquedos bem acessíveis a altura delas, né? Aqui onde é a mesa ficava, então a gente botou mais para o meio para poder colocar as mochilas ali, porque não ficar apertado e nesse cantinho aqui também a gente, é... Fazia muitas vezes o canto da barraquinha, sabe? Aproveitando a mesa, aproveitando a janela, fazendo a barraquinha, então, ficou mais um cantinho, sabe? Ficou mais um cantinho... Essas mudanças com certeza só trouxeram benefícios para todos eles, né?
Pesquisadora: Como você lembra das crianças nesta sala...
Professora: Eu vejo elas brincando... Fazendo atividades, correndo, dormindo, hora bagunçando, hora calmos (risos). Que a nossa turma assim... Era bem agitada ano passado. Era a turma como a gente dizia, a turma da pesada (risos).
Pesquisadora: Você vê eles se movimentando...
Professora: Se movimentando, este espaço era, né... Também é uma sala grande. Uma sala muito boa de tamanho, no meu ver, que dá para a criança, né? A gente tinha dezoito crianças, né? Dá tranquilamente para você acomodar as crianças ali dentro, né? Eu vejo muito eles aqui dentro, me lembra muito cada um deles.
Pesquisadora: Você acha que poderia ter feito algo a mais neste espaço?
Professora: Acho que dava para fazer uma cozinha... A gente até pensou, planejou... Fazer uma casinha com guarda loucinha, com mesinha, pia, fogão, a gente chegou a confeccionar com caixa de papelão, para colocar as panelinhas. Que a gente tinha as panelinhas, mas elas ficavam dentro de uma caixa, então, a gente tinha pensado em fazer uma cozinha e ta organizando ali, deixar tudo no seu devido lugar, sabe? Uma cozinha mesmo. Montadinha naquele canto. Uma cozinha, né? Porque eles de modo geral tanto meninos quanto meninas, eles gostavam de brincar de casinha, de fazer comidinha, destas coisas, né? Era uma das coisas que eles mais gostavam por isso que a gente pensou na cozinha... Também móveis pendurados com animais... Que a gente trabalhou muito os animais... Até porque se fica pendurado, eles podem estar olhando, mas não poderiam estar rasgando, porque... Assim... As atividades a gente pendurava aqui. Mas a gente não podia evitar que muitas vezes alguns deles rasgavam, assim... Destruíssem., né? Então o que mais... Da revista... Revistas... O cantinho das revistas, livrinhos, também. O cantinho da história! Que tivesse mais livrinhos... Mais quantidade, livrinhos bem coloridos, livrinhos bem diversificados. Para o momento da contação de histórias que foi um trabalho que a gente realizou, que a gente viu que tem... É de suma importância nesta faixa etária... A contação de história tem muito a ver com essa idade. Com todas, mas nessa idade, principalmente, é nessa idade que eles começam a mostrar interesse, mais interesse pela história...
Pesquisadora: Se vocês tivesse feito essas mudanças que você está me falando, você acha que a relação das crianças com este ambiente e entre eles, seria diferente?

Professora: Com certeza... Com certeza... Porque a criança iria ter mais opção, aquela criança que tava com vontade de brincar de casinha ia brincar de casinha, aquela criança que não tava, né? Ela ia pegar uma boneca, ia pegar um carrinho, um livrinho, sabe? Porque assim... Eu penso, eu vejo, o meu modo de pensar é assim, as crianças têm o direito de escolher, você não pode chegar e pegar o, você vai brincar com isso aqui e deu, não! Assim vai ficar limitando a criança, você tem que deixar a criança também escolher, e aí, não ia está os dezoito querendo brincar de casinha, sabe? Sabe, eles até brincavam por um momento, quinze, trinta minutos, mas daqui a pouco, principalmente os meninos já cansavam, né? Já queriam outra coisa, os meninos, são mais agitados, né?

Pesquisadora: E a relação entre eles...

Professora: também seria diferente, com certeza. Como foi quando a gente mudou aqui, como mudou a relação deles, né? De ter mais opção, de ter mais... Até a sala ganhou mais um colorido, olha que legal! Olha que bonito! A relação entre eles também muda, porque assim, por exemplo, o cantinho das mochilas, que a gente colocou. "Aqui é o lugar da minha mochila!", sabe? Eles chegavam de manhã, e eles já sabiam que ali o lugar da mochila deles, né? Eles aprendem a se organizar também. Se você tem um ambiente organizado, a criança aprende a se organizar também... Tudo tem que ter o seu lugar certinho né? E eles tem que aprender isso desde cedo. Faz parte da nossa vida, né? A gente precisa, né?

Pesquisadora: Você que a organização do ambiente pode facilitar ou dificultar o trabalho pedagógico?

Professora: Com certeza. Ele pode facilitar o trabalho ou limitar. Porque assim... É você criando mais espaços você cria mais oportunidades da criança está brincando. Né? Você cria mais oportunidades, mais opção, você dá a ela, o direito de estar se enriquecendo, né? Com esses espaços, com essas brincadeiras, através da brincadeira. Que a criança cresce muito através da brincadeira.

Pesquisadora: Se eu deixo de organizar eu vou estar...

Professora: Sim, sim... Eu vou estar sendo omissa também... Eu vou estar limitando a criança se eu deixo de organizar, eu acho que como professora eu tenho que preocupar com este espaço, sim. Porque é nesse espaço que a criança fica o dia todo, então eu tenho que enriquecer este espaço, que melhorar este espaço. Como eu gosto de melhorar minha casa eu também tenho que estar melhorando aqui, o espaço da minha criança, do meu aluno, né?

Pesquisadora: Quando vocês pensam em modificar os espaços de onde vocês tiram as idéias?

Professora: Primeiramente a gente foi ver a realidade de outras... Outros CEIs, né? Outras realidades, que também tem uma rotina diferente, muitas vezes não tem horário de soninho, como a gente tem aqui, que também pode estar dispondo do espaço todo para os cantinhos, diferentemente da gente que tem o horário do soninho, que precisa desse espaço disponível ali para colocar os colchões, né? É...

Pesquisadora: Vocês visitaram?

Professora: A gente visitou, a gente vê em revistas, a gente... As idéias também, pensando no trabalho a ser realizado, com as crianças também, é importante, tem que ser uma coisa que tenha a ver com o espaço da criança ali, acho que a sala tem que ter a ver com aquilo que a gente está propondo para elas também, com aquilo que a gente está trabalhando com ela também... A experiência das professoras, também. A gente trocando experiências, né? Ah! Acho que isso é melhor, isso vai ser bom, então, tudo isso reunido, favoreceu para que a gente oportunizasse essa mudança aqui...

Pesquisadora: Quando você encontra alguma limitação em estar modificando a sua sala, como que você resolve este problema?

Professora: A gente lida com esses problemas assim... Muitas vezes a gente... Por exemplo, falta algum brinquedo, né? A criança cansa daquele brinquedo, "Ah, eu to enjoada", a gente percebe que a criança você coloca ali e daqui um pouquinho não quer mais, cansa rápido, e todo dia aquele brinquedo, então a gente tem que estar criando, também, com sucata. A sucata é um material muito bom que você pode estar criando brinquedos, que uma simples garrafa pet é um brinquedo para a criança, então você tem que ser criativo, tem que procurar, correr atrás, sabe? Tem que buscar, eu acho, como professora a gente tem essa obrigação, tem que tentar superar essas dificuldades, sabe? Eu acho que tudo você... Você sabendo arrumar, sabendo organizar, você vai melhorar aquele ambiente que você está ali trabalhando.

Pesquisadora: Se você pudesse qualquer coisa na sua sala... O que você gostaria de ter...

Professora: Mais brinquedos, mais opções de brinquedo com certeza, né? Que muitas vezes é limitado os brinquedos... É... Um tapete colorido. Criança gosta muito de está no chão... Uma TV. Uma TV em cada sala seria ideal, um DVD (risos), acho que a principio seria isso.

Pesquisadora: Brinquedos...

Professora: Brinquedos, tapete com a TV, na nossa sala a gente tem um tapete que colocou e também nesta outra desse ano tem. Uma TV com DVD, mais brinquedos, um tapete colorido, a principio eu acho que é isso, talvez até eu tenha esquecido alguma coisa importante, mas a principio é isso.

Pesquisadora: Você acha que existe alguma relação da sala de vocês e a casa das crianças?

Professora: Tem... Tem que ter, né? O colchão para eles dormir, a mochila com a roupinha deles, que eles trazem de casa, é... Tem que ter o cantinho das coisinhas deles, tem que ter uma relação com a casa deles, né? O ambiente tem que trazer alguma coisa porque a criança fica ali o dia todo, né? Esse ambiente também tem que lembrar um pouco a casa deles, os brinquedos, é... Acho que tudo. Tudo... Não dá para ser igual a casa, com certeza, uma sala de aula não vai ser igual a casa deles, mas tem que se aproximar um pouco, tentar pelo menos.

Pesquisadora: Olhando essas quatro fotos, quais as características da tua sala que chamam mais atenção...

Professora: O ambiente voltado para a criança, um ambiente infantil, né? Um ambiente que está preocupado com a criança, um ambiente que está mostrando ali o que que é importante para o cotidiano da criança. Acho que é isso...

Pesquisadora: Você está estudando?

Professora: Estou, estou na quinta fase de Pedagogia na Uniasselvi.

Pesquisadora: Você acha que o que você está estudando tem ajudado a pensar no ambiente?

Professora: Com certeza... Com certeza... Não muito assim... Não integralmente pensando no espaço, mas pensando no trabalho, né? Está voltado bastante pro trabalho, inclusive agora eu estou... A pedagogia... A matéria que eu estou fazendo é Pedagogia da Educação Infantil, né? A gente está vendo muito sobre a teoria, os teóricos, da educação infantil, né? Como é que tudo começou, como é que tudo está sendo realizado, como é que tudo está sendo feito no Brasil, mas também... Também existe a questão do espaço, existe a questão, essa preocupação, que a criança precisa de espaço, o espaço onde ela convive, onde ela fica é importante sim, com certeza.

### Professora 2

Pesquisadora: Eu quero que você pense na sua sala do ano passado, essas são fotos da sala de vocês em março do ano passado, e de setembro quando eu fiz a observação, queria que você olhasse para essas fotos e falasse da tua sala para mim.

Professora: No ano passado quando eu olhava para essa sala eu achava que ela tinha que ser diferente (ênfase), que ela tinha que ter cantos, ter um monte de coisa, mas esse ano, eu vejo que esse canto... Pra ter cantos tem que ter uma sala a parte. Com todas as divisórias, com um monte de coisa, mas a parte, ou então uma sala muito maior, porque a sala neste tamanho que ta aqui ela tem que ser assim, porque as crianças, elas precisam de espaço, eu, como professora sempre achei que a criança, assim... Não vou discordar com o que as pessoas me trazem, não, não discordo, mas como nós temos crianças que passam o dia inteirinho aqui, em uma semana inteirinha de chuva ela precisa ter uma sala ampla para ela se movimentar, porque criança é movimento...

Pesquisadora: Eu gostaria que você falasse para mim que sensação essa sala te traz.

Professora: Ela me traz uma sensação de liberdade, porque as nossas crianças elas tinham uma liberdade, elas corriam e pulavam, porque tinham espaço... Ela me traz uma sensação de liberdade. Claro que poderia ter mais algumas coisas a mais aqui dentro, por exemplo, hoje, olhando para essa sala aqui, né? Eu tenho uma tenda que aqui nessa sala essa tenda ficaria maravilhosa, porque ela tem espaço para armar a tenda. Aonde eu estou hoje ela não tem, mas aqui tem, pra fazer uma coisa, uma alternativa, uma coisa diferente. Né? Para fazer um dia uma coisa diferente nessa sala, ela me dá esse direito, me dá essa oportunidade, de eu pôr uma tenda, abrir ela, porque ela é grande, ela é espaçosa. Mas não pra dividi-la em repartições diárias, ela precisa ter espaço para ela me dar a liberdade para as crianças poderem circular ali dentro, interagir entre uma e outra, mais assim, aberto, não tudo dividido em pedacinhos.

Pesquisadora: Então, a sensação que ela te dá é de liberdade...

Professora: Liberdade, ela tem espaço pra se movimentar, mais. Porque ele é grande, ela é uma sala maior do que as outras, ela oferece isso.

Pesquisadora: Como que você percebe as crianças dentro deste espaço?

Professora: Eles eram uma turma do Jardim caminhando, e nós não conseguimos mesmo trabalhando com eles, mas eles eram muito ativos, eles eram bem (ênfase) ativos, não digo agitados, eles queriam, eles buscavam, todo dia coisas mais e mais, e mais, né? E tinha um número bem grande de crianças, eram vinte e sete de início, depois passou para vinte e dois, então eles eram... Talvez, pelo fato deles terem oportunidades de se movimentar bastante é que eles também eram assim, bem... Bem ativos.

Pesquisadora: Então você vê as crianças...

Professora: Com mais espaço, com mais liberdade pra se movimentar e para brincar, pra fazer as atividades que a gente fazia, quer brincar de roda pode, porque tem espaço, quer brincar de amarelinha pode, porque tem, andar sobre cordas também, pular corda também, então tem... Se chove lá fora aqui dentro dá para resolver tranquilamente, porque tem espaço para isso.

Pesquisadora: Hoje olhando essas fotos... Você falou da barraca, o que você poderia estar fazendo para tornar esse espaço diferente.

Professora: Tem um lugar para fazer uma... Um... Até pra brincar de casinha dá porque dá para montar tranquilamente uma casinha, porque depois você desmonta, né? Porque dá para colocar nos seus devidos lugares. A tenda, que é a barraca, também dá. O cabide de faz de conta que nós temos hoje naquela salinha pequena também aqui tem um lugar muito bom, dá para colocar perto da mesa ali, né? E mesmo que você queira brincar de bola com eles lá dentro também dá.

Pesquisadora: Quando você olha para estas fotos qual a primeira impressão que você tem?

Professora: A primeira impressão que a gente tem é que parece um vazio, né? Parece uma coisa vazia, sem nada, né? Mas como eu digo, a criança precisa ter espaço para se movimentar.

Pesquisadora: Você acha que propondo modificações nesta sala, como você mesmo disse, trazer a barraca, o cabide, que diferença faria para as relações das crianças?

Professora: Ela... Eles iam a principio, eles iam digamos explorar o ambiente novo e tudo, mas se ele permanecer ali por muito tempo ele vai se tornar rotina. Tem que movimentar sempre. Você pode colocar, mas você tem que tirar, depois outra semana, duas semanas, colocar, no lugar daquilo colocar outra coisa, e assim ir fazendo essa troca. Então, eu acredito que para a criança tem que sempre ter novidades, porque se não vai tornar uma rotina, como uma sala vazia é uma rotina, e como uma sala com muita coisa dentro se torna uma rotina, não vai ter muito o que, o que... Ela vai se enjoar e depois que ela estiver enjoada, o que vai acontecer? Ela vai começar a... A bagunçar mesmo, né?

Pesquisadora: Você acha assim... Que a sala tem que ser atrativa, mas ela tem que sempre...

Professora: Sempre se modificando, nem que seja um cartaz na porta, nem que seja as atividades elas fazem, uma semana você deixa, a outra semana você tira, e na próxima semana, na próxima vez que você tiver fazendo se não é tão... Pra elas, que você sabe que não é tão importante, deixa a mais importante e aquela que é menos você coloca, mas coloca num ladinho mais a parte, né? Ou deixa e depois simplesmente... A gente sempre faz a socialização daquilo que trabalha, né? Mas, tem coisas que a gente tem que admitir, eu admito que tem coisas que eu, que a gente faz que enche os olhos, que é bacana, que realmente houve aprendizagem, tem outras coisas que a gente não atingiu, que precisava ser muito diferente, que em uma outra oportunidade tem que ser sempre pensado e feito de maneira diferente.

Pesquisadora: Neste espaço que você tinha ano passado facilitava ou dificultava o seu trabalho pedagógico?

Professora: Não, não vou dizer o trabalho, porque a gente tem um compromisso com o trabalho, então quando você vai trabalhar pode ser três metros quadrados você se organiza, você trabalha, você faz acontecer. Quando a gente, que a gente sabe como fazer, acontece. Porque lá na frente a gente realiza o mesmo trabalho que realizou aqui no espaço bem pequeno, só que, como eu digo, eles precisam a todo o momento se movimentar, eles precisam ter aquele momento deles, porque é mais complicado, aqui não, aqui tinha, mas o trabalho a gente faz do mesmo jeito.

Pesquisadora: O espaço então é indiferente.

Professora: É indiferente... O trabalho, mas existe a preocupação da gente pelos anos que se tem de experiência, e pelo que se procura de... Prefeituras, palestras que a gente vai, a gente ouve as pessoas bem assim... Como eu vou dizer, só... Que eles estão além da gente que eles colocam e a gente sabe que precisa, né? Mas o trabalho acontece.

Pesquisadora: E se você pudesse ter o que quisesses na sua sala...

Professora: É como eu digo, eu queria ter uma sala assim: que eu pudesse trabalhar e depois eu gostaria de ter uma sala a parte com todas aquelas repartições, como cantos, como a gente sempre, né? Como as sugestões que sempre trouxeram, né? Com aqueles cantos assim, tudo o que puder ter. Tem uma revista que eu tenho lá, que eu ganhei uma revista de presente, então lá tem a creche, né? Fala de uma creche. A creche dos sonhos, que realmente é. Então, se eu tivesse a oportunidade era assim que eu iria querer ela, então, a sala deles< né? A sala com o banheiro deles, a escovação de dente já um pouquinho mais de ladinho, com tudo o que eles tem direito. Chuveiro para eles, adequado, sala de atividades para eles adequada, aquelas repartições de jogos assim, que nessa idade os jogos são bastante interessantes, a gente percebe que a criança começa a se interessar até por um joguinho de dominó com figurinhas que a gente mesma faz. Então a principio tudo parece uma bagunça, mas depois devagarzinho vai brincando e nessa depois de sete, oito tentativas da brincadeira, a gente já percebe como já houve aprendizagem: "Ah, não é essa! É aquela!", aí vai, parece que percebem o jogo, é uma coisa que faz eles pensar...

Pesquisadora: Então você gostaria de ter todo esse material, todas essas possibilidades, só que em outro...

Professora: Sim. Porque agora... Porque a gente sempre vai para um lugar novo, um lugar diferente, sempre tem uma ponta de novidade, e sempre onde tem uma ponta de novidade desperta o interesse. Eu não sou muito de televisão, eu não sou muito. Tem pessoas... Eu respeito, não tenho nada contra. Mas assim, o vídeo, ele é bom, não vou dizer que não, mas ele tem que ser muito bem selecionado, então eu acho assim... Se eu tenho que trazer... Eu! Eu! Falo de mim. Se eu tenho que trazer uma criança num final de tarde para botar num vídeo, então, eu pego, eu sento, eu conto uma história, eu pego um joguinho lá, que eu tenho, um joguinho mais complicado, aí são menos crianças, tu sentas lá no chão e brinca com ela, a hora passa do mesmo jeito... Porque todo dia televisão, eu... Se eu tivesse um filho eu não ia gostar. Eu sou bem sincera. Eu não sou muito pela televisão, a televisão a gente usa ela, eu uso também, mas assim, quando isso está programado, Não assim para ficar aí gastando tempo. Porque eu sei que em casa não tem o que discutir, eles vão direto para a televisão, então chega! Aqui a gente tem que ter outras alternativas de trabalho. Independente de tamanho de sala, de local, tem que ter outra coisa.

Pesquisadora: Quando vocês modificam alguma coisa na sala de vocês, o que vocês levam em consideração?

Professora: Aí a gente vai contar uma história, tem que ler a história antes e ver se ela é apropriada para aquele grupo determinado, então a gente segue... Vamos sentar, vamos colocar os biombos... As meninas querem brincar de bonecas, elas querem brincar de boneca, é uma coisa delas assim... A gente vai percebendo ali, as vezes a gente tem que entrar na conversa deles para saber o que eles estão conversando entre eles, então a gente... Hoje, as meninas, vão brincar de bonecas, então elas brincam aqui, então aqui vocês fazem as camas, vocês tem uma banheira, vocês podem dar banho, vocês brincam... O espaço é de vocês, então hoje. Os meninos querem brincar de pecinhas ou de carrinho, alguma coisa, mas os meninos de carrinho não ficam muito ali dentro. Os meninos precisam se expandir, precisam de um espaço bem grande para brincar. Eles, os meninos, são mais de... Assim, mais afoitos, as meninas já se concentram mais, talvez pelo fato de a gente ter um número menor de meninas, os meninos são em maior número.

Pesquisadora: Então quando vocês vão modificar alguma coisa da sala vocês observam...

Professora: Depois a gente vai fazer essa modificação, a gente muda para eles ter um momento diferente, né? Não todos. Porque não dá para colocar todos, porque não são todos que querem ficar ali, né? Fica quem quer, né? Quem não quer procura outra alternativa de brinquedo, de brincadeira. Que não é todos aqui... Ano passado nós tínhamos uma menina que não ficava lá, não ficava entre as meninas, ela ia lá junto com os meninos. Mas não dá para tirar isso dela! Ela gostava de brincar lá! Ela se sentia bem, né? Então, digamos que você diga que ela tem que brincar aqui e ela estraga, ela estragaria a brincadeira de todas elas. Precisa ter um respeito com a criança.

Pesquisadora: Você acha que o que você estudou na universidade... Qual que você fez?

Professora: Pedagogia em São Bento pela Univille.

Pesquisadora: Você acha que a universidade te ajudou a pensar sobre estas coisas que você estava falando agora, de estar organizando a tua sala.

Professora: Não. Isso não. Trouxe uma teoria assim, sabe? Uma teoria que me ajudou a... Porque... Digamos, eu já tinha uma prática bastante... De alguns anos já, né? Daí veio a teoria que depois deu para fazer uma comparação de uma com a outra, né? Só que essas coisas de sala assim, não! Isso a T. trouxe para a gente, né? E também quando a gente foi em cursos. A faculdade não me trouxe isso não.

Pesquisadora: Não discutiu com vocês?

Professora: Não, isso não.

Pesquisadora: As vezes a gente pensa em fazer isso, faze aquilo... Quando vocês enfrentam as limitações, o que vocês fazem?

Professora: A gente improvisa ali mesmo! A tenda é bem grandona, né? Bem grande, serviria aqui, lá a gente tem que ir juntando os gomos assim, né? Juntando, amarrando num monte, mas que ela acontece lá. Acontece do mesmo jeito. Tudo acontece do mesmo jeito, só que em um espaço menor, né? Mas acontece! Tudo acontece!

Pesquisadora: Então quando você olha estas fotos da sua sala...

Professora: Eu lembro de liberdade. Porque ela era grande, né? Agora nós não temos. Nós estamos limitados este ano, então a gente sai mais, vai fazer passeios, eles brincam fora, né? Daí ao invés de ficar aqui dentro, tem oportunidade vai pro parque, porque eu sempre vou defender que a criança precisa de espaço e ela precisa brincar, porque eu quando criança tive um espaço muito grande e eu brinquei muito, apesar de toda a dificuldade, mas eu sempre brinquei. Eu tenho uma lembrança maravilhosa de quando era criança. Então eu acho... Os meus filhos sempre brincaram muito, nunca limitei a brincadeira e acho que estas crianças não podem ser limitadas. Eu particularmente eu tenho uma vontade muito grande de fazer coisas muito diferentes, mas a gente não pode porque depende de outros órgãos, então a gente tem que se conformar, mas se dependesse de mim eu passearia toda a semana para o seminário Dom Pedro... Para um monte de lugar! Toda a semana! A gente ta pensando agora em levar eles para Pomerode para visitar o zoológico. Vamos ver se é possível realizar. Mas tem pessoas que tem medo, medo, medo.

Pesquisadora: E como você lembra deles neste ambiente?

Professora: Olhando aqui... Aqui eu lembro... Olhando essa mesa eu já vejo a M. carregando esse fio, carregando a cola, carregando tudo! Ela carregava tudo! Eu vejo o G. chutando o balde do lixo, porque ele não podia ver esse balde e... Puft! O R. correndo aqui dentro dessa sala, correndo, se esticando, se arrastando no chão de um canto ele batia lá no outro. E deixa eu ver... Eles eram bem agitados... Meu Deus! Tem a A. que vinha a tarde, né? A A. entrava pela porta e sentava logo nesse cantinho aqui embaixo da janela, ali ela sentava, ela vinha e sentava ali naquele cantinho. A R. ela vinha assim também... Ela vinha a tarde, mas uma época depois ela também vinha de manhã, então ela não queria tirar a bota do pé dela, porque a bota era bonita e ela queria ficar com aquela bota, né? A S. , sempre vinha com uma mochila da natureza que a mãe dela tinha, sempre também vinha com uma saínia curtinha e uma meinha branca, e elas sentavam aqui, ó! Aqui embaixo daquela janela, elas organizavam neste canto de cá elas brincavam com o biombo e onde elas se sentavam para brincar com as bonecas, ali ela ficava. Agora, a M. nunca ficou lá dentro, ela sempre ficava aqui fora com os meninos, né? Pulando o tempo todo.

Pesquisadora: Então você lembra deles...

Professora: Explorando este espaço, o A. era um que de manhã ele tinha que ter o canto dele para dormir, ele vinha com sono, então esse era um cantinho aqui, que depois que estava longe da janela, onde não tinha tanto vento, então era aqui que ele ficava deitado para dormir. Aqui neste cantinho sentava a L. , sentava ali atrás. A Y. era uma criança que também quando vinha de tarde, né? Deitava bem aqui no meio sozinha porque ele não queria dormir para não estragar os cabelos, porque ela sempre era muito vaidosa e ela não queria estragar os cabelos, então quando ela vinha de meio dia ela não queria deitar, né? Quando ela vinha de manhã não tinha problema, daí ela já tinha passado tudo, e aí ela deitava e dormia. E o E., não tinha jeito, ele colocava as pernas em todos os cantos, ele era um menino que estava com as pernas sempre daquele jeito, pelos ares. Mesmo nas brincadeiras, como na hora do soninho.

Essas cadeiras aqui também. Eles, meu! Eles não podiam ver essas cadeiras, eles estavam sempre sentados, em pé, empurravam na janela para olhar para fora, sexta-feira quando passava o carro que vinha recolher o lixo, tinha três pendurados em cima da cadeira só com um pé para poder olhar para fora da janela, para ver o que estava acontecendo. Essas prateleiras aqui também, quando não tinha mochila eles deitavam, era a cama deles era na prateleira.

Pesquisadora: Você acha que a rotina do CEI ela também influencia nessa organização da sala?



Professora: Sim. Porque... Veja bem, vamos fazer... Essa é a sala, né? Se eu for dividir, pego essa estante coloco aqui, outra aqui, outra ali, vou fazer cantos com alguma coisa, aonde vou pôr eles para dormir, vinte e duas crianças? Vinte e dois colchões esticados no chão, ele ocupa praticamente a sala toda, daí a gente não tem como! Monta hoje, monta digamos de manhã, desmonta de meio dia, depois põe tudo no chão, a gente perde muito tempo, né? E com tanta criança dentro da sala, muito, muito dividida, ela muito dividida, e quando eles correm? Eles correm, eles precisam, eles se movimentam, e numa semana de chuva que aí você não pode tirar? E se batem com a cabeça? Essas coisas podem acontecer.

A gente devia ter um local coberto e a sala, porque aí a gente saia para as atividades que precisava fazer geralmente em grande grupo, e para as brincadeiras deles, lá permaneciam, a hora de... E eles não deveriam dormir, então digamos deveria ser do meio dia às seis sete da noite, que não tem a hora do sonhinho, né? A hora do sonhinho não tem como! Vai lá na nossa sala lá hoje ela tá lá na mesa, cheinho de colchões.e a gente precisa pôr eles para descansar, eu chego as seis e meia e eles estão chegando junto comigo.

Pesquisadora: Você não acha que a tua sala também poderia ser bem...

Professora: Bem ampla, que desse para fazer tudo, digamos, mesmo que tem que dividir, dividi-se, mas tem que ter um espaço livre, tem que ter um espaço. Porque a liberdade... A criança que cresce com liberdade, quando ela chega depois, quando ela se torna uma pessoa adulta, ela chega mais responsável também.

Pesquisadora: Você não acha que eles têm essa liberdade em casa?

Professora: Eu não sei se eles têm. Vamos supor que é uma criança que... Como uma mãe não pode entrar com num supermercado, o filho derruba o supermercado, bate na mãe, surra... O que que acontece? Eu criei dois filhos, eu nunca me limitei a nada, eu levei eles em tudo! Eu posso sair com eles, a gente sai! A gente vai! Não tem problema! Eu nunca encontrei problemas para sair com um aluno, com uma criancinha que é meu aluno pequenininho de três anos que fez um baile lá fora, me fez assim ficar nervosa... Ai! Estou pagando um mico! Não! Nunca! Por isso a gente sai assim, eu saio com gosto! Nunca aconteceu! Porque eu acho que a gente dá essa liberdade para eles. Tem que ter liberdade com responsabilidade desde pequenininho, porque se não quando você vai impor? Quando eles têm dezessete anos? Dezesseis? Quando ele vai para a escola? Se ele não tem de pequeno ele não vai depois, (...) que ele vai adquirindo? Ah, vai ser um sofrimento muito grande, difícil para quem está lidando, e como são eles que...

Pesquisadora: Você acha que há no CEI elementos que lembram a casa?

Professora: A mesa, a cadeira, nós não temos aqui um sofá, eles devem de ter. Olha, veja bem, quando a gente sai daqui, que eles vejam a salinha lá da frente, a primeira coisa que eles fazem quando chegam na salinha que tem o sofá? Eles pulam em cima do sofá, eles pulam em cima. Porque provavelmente eles têm em casa e eles brincam com... Dessa forma. Eu já levei o sofá para fazer um trabalho lá na sala, eu levei e a primeira coisa que fazer é pularem... pularem acima, né? Por cima totalmente. E a gente educa, né? Conversa, pede e aprende e depois aprende, mas se você leva num primeiro instante é isso que eles fazem. Eu acredito que em casa... A gente tinha uma criança aqui que a mãe não deixava sair fora... Ele foi meu aluno, a mãe não deixava sair fora da porta para brincar fora, o que acontecia quando ele chegava no parque? Ele se rolava naquela areia, ele se jogava no chão, parecia assim que era um outro mundo né? E por que? Porque em casa é completamente... Então por isso nós não podemos cortar essa oportunidade porque como vai ser depois? Também não pode, digamos, tem que ter tudo tem que ter uma dosagem, não vai se deixar livre, leve e solto, tem que ter uma dosagem, mas que precisa ter o espaço de movimento...

### Professora 3

Pesquisadora: Eu gostaria que você observasse estas fotos e falasse sobre a sua sala do ano passado.

Professora: Era uma sala bem ampla e bem arejada, né? Nós tínhamos uma turma grande, né? E era necessário coisas assim que a gente gostaria de fazer, que nem a questão... Eu olho assim os livrinhos... Meu! Antes era uma tristeza! A gente até nem deixava mais os livrinhos, deixava mais revistas para eles pegar, e manusear, porque eles é... Não tinham o cuidado, sabe? Eles não sabiam mexer, a gente trabalhava bastante, até a l. trabalhou uma vez livros e o cuidar, o poder olhar, poder folhear, mas não rasgar, eles tinham que rasgar ou destruir, era uma turma assim muito assim do... Do destruir, sabe? Mas assim... A sala era bastante ampla porque era uma turma grande, a gente quase não tinha sala de colchões, né? Essa questão do colchão era, ainda bem que tinha aquele depósito (risos). Ali nessa sala que nós estamos hoje não daria, mas é uma sala bem ampla e arejada... Uma coisa que me chama bastante atenção... A falta de brinquedos eu acho assim... Também bem gritante, de brinquedos, de recursos didáticos, coisas coloridas, mas também é uma questão que a gente está batalhando já bastante tempo, dizem que este ano é pra vir, né? Mas a gente tentava suprir com sucatas, que a gente tinha guardada, não estava ali à disposição deles o tempo todo, mas a gente tentava suprir. Mas é uma... O que me chama bastante atenção é a questão de estar faltando assim... Brinquedo, estas coisas assim que chamavam mais atenção. Essa aqui foi à mudança quando eu voltei, né?

Pesquisadora: Foi.

Professora: A mudança de quando eu voltei foi a seguinte, é... Daí os brinquedos estavam todos dentro da... Lá dentro, né? Daquela (depósito)... De quando eu voltei, eu arranquei tudo (risos), daí eu coloquei... Eu pedi para colocar... Debaixo da janela, era um local que eu via que não tinha muito fluxo de criança, eu pedir para colocar, né? E para mim trazer pelo menos os brinquedos para fora, né? Isso eu lembro que eu fiz...

Pesquisadora: Estas aqui são de março e essas aqui de setembro...

Professora: É, porque em março eu não estava... Daí a primeira coisa que eu fiz foi pegar naquela sala do depósito, e jogar um monte de coisa fora porque estavam entulhando coisas e... Trazer os brinquedos, sei que tem caixas de jogos ali, de trazer os brinquedos para fora, para ficar mais a disposição e tirar as bolsas e colocar... Ah, aqui também não tá o dos livros... Só estava mesmo os encaixes... Eu trouxe as bonecas para fora, os carrinhos, essas pecinhas de montar, assim... O boliche de números, e isso aqui era uma caixa que a l. trouxe, que eu achei bem legal, é sucata de... De madeira, chamam bloquinhos, mais daí a gente trouxe para brincar, e também aqui aquelas casinhas, isso tudo eu trouxe para fora, isso fui eu que fiz... É mais ou menos assim... Pouca coisa para não ficar muito... Mais eu lembro que isso aqui foi colocado mais era um estresse danado, né? A questão deles se habituarem com os livros, a gente colocou revista para eles puderem mexer e rasgar, manusear, já que eles queriam... Essa é a grande diferença... Eu noto isso, só. Que era antes e depois quando eu voltei em... Que eu voltei em Junho. É foi quando eu voltei, já.

Pesquisadora: Quando você olha para essas fotos qual a sensação que você tem...

Professora: Amplo. Porque está tudo bem amplo, bem... E também que falta alguma coisa, dá a impressão de falta, né? As fotos dali já dão uma mudança, já... Até no colorido, de cartaz, de coisas... De mais recursos. Eu acho que o amplo, é muito importante o espaço, isso eu acho assim... Que tanto ali nesta sala que a gente está de priorizar o espaço, tentar... Tentar colocar mais recursos, mais brinquedos, mais coisas para eles, mais no contato visual, para eles pegar, para eles manusear, mas também o... Deixar um espaço livre, né? Para que eles possam circular, que eles possam não sentir aquela coisa de, né?... Essa idéia que a gente pegou do cabide eu achei muito legal, ficou bem dez para eles, eles também quando a gente colocou, eu acho que se a gente tivesse colocado ali também iria ficar legal, mas na época não tinha ocorrido isso ainda, acho que a gente nem tinha feito a visita ainda. Não, depois da visita a gente poderia ter colocado aqui nesta parte aqui...

Pesquisadora: Você acha que ela poderia ter mais...

Professora: Recursos. Recursos no caso de brinquedos, de jogos, de recursos visuais, de opções, isso sim. Eu acho que está bastante ampla, né? Tanto que essa de hoje, ela tem mais... Tem muito mais coisas... Eu sou mais de enfiar coisrada mesmo!

Pesquisadora: Quando você olha para essas fotos como você vê as crianças aí neste ambiente?

Professora: Assim... Eu vou te dar duas visões... De quando eu voltei, né? Que eu pensei que eu não ia agüentar. Quando eu voltei porque pensei que não ia dar conta até o final do ano, porque eles estavam assim muito, né? Era assim... Muito barulho e o correr sem parar, sem muita opção, aquela coisa louca. Você ia para sala, entrar na sala, você tinha que rapidinho, entrar naquele depósito, trazer alguma coisa daquele depósito, que se não eles corriam, eles gritavam, se empurravam, né? Depois que foi daí a segunda parte, depois que vieram as coisas para fora, eu vi também que eles estavam um pouco mais assim de... Esperar e ver que tinha alguma coisa para fazer, ver que tinha outras coisas para brincar, de eles não ficar tão só correr para o parque...

Pesquisadora: Então aqui você via eles...

Professora: Um pouco mais calmos... Digamos. Não seria bem calmos, porque aquela turma de calma não tinha nada, né? Menos dispersos, digamos, que aqui, daí eles ficavam meio baratinados, sem muita... E aqui a gente via que eles já tinham: "Ah, vamos pegar isso...", eles falavam "Hoje vamos brincar daquilo, vamos brincar de...". Como eu posso falar... De sugerir a atividade, de fazer sugestões do que querer fazer, do que quer brincar... E ali não tem muito o que eles verem não tem muito o que eles pedirem... Para brincar, para fazer...

Pesquisadora: Quando você olha você lembra deles...

Professora: Menos dispersos... Um pouco mais assim... É... Mais concentrados de fazer alguma coisa, de buscar alguma coisa, né? Para brincar, para... E aqui bastante dispersos, sem saber o que nós vamos fazer agora, né? Será que tem alguma coisa para eu fazer, de ficar correndo, de ficar empurrando, de ficar...  
Aqui eu lembro de uma correria desbaratinada quando eu cheguei, assim... De empurrar, de morder, de bater, sabe? E aqui eu lembro assim que eles estavam menos assim... Só que tinha um ou outro que ainda era bastante, né? Mas assim, eles já vinham, sentavam no tapetinho, iam lá para o cantinho das almofadas, que tinha aquele cantinho, né? Já pediam para pegar as bonecas, já pediam para pegar joguinho ou as tabuinhas, então era um pouco diferente, né?

Pesquisadora: Você acha que a organização da sala pode facilitar ou dificultar o trabalho pedagógico?

Professora: A ajuda bastante. Eu sou contra você enfiar um monte de coisas assim, porque isso também deixa a criança, né? O que é demais... E o que é de menos também e o que é demais. Mas eu acho assim... Que se você organizar de uma forma que eles estão tendo, vendo que eles têm opção do que fazer, eles podem, né... Escolher o que fazer, é interessante, desde que não tire o espaço deles de movimentação... Eu vejo assim que nem essa turma que a gente tem agora, ano passado estava naquela sala mesmo, eles estavam, daí foi feita assim, aquela sala é micro, né? Dividiram a sala com as estantes, na hora de dormir, eles eram amontoados, e eles vieram assim com uma coisa incrível... No começo... Agora eles sentam na mesa, mas no começo quando eles se sentavam eles se amontoavam, sabe? O espaço tinha, mas eles ficavam assim... Elas estavam assim com um espaço muito restrito, agora, ta mais assim, a gente não deixou nada no meio, mas tem bastante opção para eles: "Então ta agora nós vamos brincar com as bonecas, com os paninhos, ou com as loucinhas", eles têm já uma coisa assim de mais opção, que eu acho assim que isso ajuda, se você organizar assim, dando opções, de atividades para eles, isso ajuda bastante.

Pesquisadora: E quando vocês encontram as limitações...

Professora: Nós temos de materiais...

Pesquisadora: Como que vocês tentam superar isso...

Professora: Usando muito a criatividade (risos), a colaboração dos pais, também bastante, né? Conversando entre a gente, a gente trabalha também muito com projeto, eu acho que isso também soluciona bastante, quando eu vim para cá que vim de trabalhar sempre com turmas de escola, né? Para mim foi bem difícil, entender o trabalho, e assimilar isso, a primeira vez que eu planejei para mim foi uma frustração imensa... Meu! Como eu fiquei chateada, aborrecida, olha, nem dormi direito aquela semana porque tudo o que tu fazias, criava, tu pensavas: "Ah! Vai dar!", e as vezes eles nem olhavam para aquilo (risos)... Não davam nem bola. Até eu vir para, né? Para a idade deles, ver que não é desse jeito, que qualquer pequeno avanço... E aí agora é tudo diferente, né? Tanto essa moça que veio ela já tem curso superior mais é uma moça assim que iniciou agora, então ela viu a atividade que eu fiz do esquema corporal e ela disse, "Nossa! Que legal isso aqui!", "Como eles participam, como eles querem fazer e montar e...", aí eu disse que quando eu comecei, Deus me livre! Eu fiquei apavorada! Eu trabalhei de jardim na escola, claro eu comecei com jardim e pré, e fui até o segundo grau passando por alfabetização, eu passei por tudo, por tudo! Ginásio, tudo. Mas daí você ter que se reportar a um coisa bem, né? Bem, menor, bem menos idade, então tu tens... Meu! Foi Difícil, agora já é diferente, já tenho uma visão diferente, da forma de falar, a forma de contar histórias, de vocês não ficar muito longe deles, tem que sentar, você ter que fazer barulhos, sons, ou usar outros recursos para prender a atenção. Tudo eu aprendi, assim, com a vivência, mesmo. E a gente percebeu que o projeto, né? Que o projeto é realmente muito importante para a gente trabalhar assim... Que mesmo com o projeto você pode expor a sala: "Ah, estou trabalhando o corpo então eu vou, começar a priorizar, deixar mais as bonecas, mas coisas que eles... Banheirinhas, coisas que eles possam estar fazendo, deixar bem mais a disposição, na visão deles para eles estarem brincando, para eles estarem fazendo isso, né? É diferente tu trabalhar projeto, eu acho assim, muito interessante trabalhar com essa idade...

Pesquisadora: Então as limitações vocês acabam superando com a criatividade...

Professora: Com a criatividade, com a ajuda, eu vejo assim, mesmo por parte da direção, não tem recursos financeiros, mas assim, ela dispõe, que nem o... Para fazer esse cabidinho, né? Primeiro a idéia minha, porque eu vi lá o de vocês, né? Eu pensei: "O nosso faz-de-conta está dentro de uma caixa!", como é que eles vão saber... Até a gente esquecia de brincar de faz-de-conta! Às vezes passava a semana toda sem brincar de faz-de-conta. Eu disse para a C. se a gente deixar isso dentro da caixa a gente não vai ver nunca que tem para brincar, daí tinha o balcão, aquele espacinho, vamos tirar aquela caixa de leitura, que eles só estão rasgando e deixar de uma outra forma os livros para dispor e vamos fazer... Tentei passar assim uns três fios e colocar o cabide e pedimos para o seu G. fazer e ele disse vamos fazer que nem tem em lojas, e ele fez, ficou tão bonitinho, encaixou certinho ali naquele espaço, e a gente coloca as roupas, coloca bolsas, bonés... E eles têm mais... Eles estão vendo que está ali, a gente também está vendo que está ali, e quando a gente vai brincar com aquilo pode dispor de um momento para brincar com aquilo... Também acho assim interessante de você dispor as coisas assim... Você ver: "Ai, o que eu vou fazer com eles, agora?", não ali tem, vamos brincar de casinha, vamos brincar de fazer comidinha, vamos brincar de escritório... Que agora a gente colocou outro espaço com telefone, com teclado de computador, a gente foi pedindo, essa professora tem um teclado, aquele pai que tem uma TV velha, e daí colocamos, tem telefone, agora nós vamos brincar assim, né? Quer brincar ali, brinca naquele espaço. Isso também de limitar os espaços, agora você vai brincar aqui, essa turma brinca com isso, eu quero brincar também, fica, mais do interesse deles, mais direcionado, antes era uma coisa assim muito louca, de sair correndo, pega aquilo, pega aquilo... O primeiro dia que a gente fez foi, eles ficaram bem doidos mesmo, eles corriam aqui um pouquinho, um pouquinho, um pouquinho... Até eles se habituarem, agora eles já sabem: "Ô, eu quero brincar com as bonecas, não eu vou brincar de escritório, vou ficar lá brincando...", então está mais assim...

Pesquisadora: Você está me contando que este ano vocês propuseram algumas mudanças na sala de vocês e ano passado também fizeram algumas... O que leva vocês a mudar?

Professora: Ah! Eu acho assim... A necessidade faz... As crianças, né? Voltando aqui você vê que não está funcionando, as crianças estão precisando de alguma coisa que prende a atenção deles, né? Que eles possam ter uma sala mais prazerosa, que dê vontade de brincar, que dê vontade de ficar, que se sintam mais acolhidos, que seja mais aconchegante para eles, né? Que eles se sintam seguros: "Ah! Eu vou ficar vai ser legal!", não chegar e chorar porque querem ir para a casa, em casa ele tem tudo, né? Eles ficam... Eu vejo assim que isso é importante, né? Então a gente pensa. O que fez a gente... A gente conversou e daí eu cheguei meio apavorada, para mim era difícil porque a C. colocou porque deu um monte de mudanças de professor, um monte de confusão na minha licença, daí, eu disse: "Mas vamos tentar, vamos mudar, colocar os brinquedos para fora!", daí ela assim: "Mas não dá, porque eles, né? A gente deixou mais não deu...", "Vamos tentar! Se não der certo a gente põe de volta, então!", e foi, foi gostoso foi até o final do ano. Claro que no começo tinha que conversar bastante com eles, porque a gente tinha bastante ciúmes (risos) de... Foi difícil a gente conseguir os carrinhos, as bonecas, mais a gente ganhou, foi uma doação que veio de um dinheiro, daí a gente tem isso aqui já fazem quatro anos, as outras salas não tem, né? Então a gente cuidava bastante, assim, o deixar brincar, mas também conversar com eles para conservar... Para a gente poder ter, e a gente tinha um pouco de ciúmes, mas ensinar eles de que pode brincar, mas que não precisa estragar, não precisa destruir para brincar... Também faz parte da aprendizagem deles... Não vai durar para sempre, mas teve salas que ganhou, no primeiro ano que ganhou no final não tinha nada! Acho que dá para a gente conversar, dá para a gente fazer... Acho até que assim faz parte da gente como educador, que é ensinar a escovar os dentes, ensinar a ir ao banheiro, como a gente faz com eles, é ensinar os cuidados com as coisas, o conservar, acho que isso também faz parte do... Claro que a gente tem uns que já foram, já temos bonecas que já tão sem braço, né? Nós estávamos trabalhando o esquema corporal semana passada e eu aí peguei, né? Eu tirei: "Olha, a prô ta destruindo a boneca!", e tirei cabeça, tirei, né? Separei tudo da boneca, para depois ir montando e conversando, que partes que vem, que partes que vem, né? Para aí depois eles montarem aquele bonequinho aqui fora, mas mesmo assim ainda tem uns que estão... Tem uns que acham que é tudo separado do corpo. Mas, daí eles me viram mexer com a boneca, montar, desmontar a boneca: "Mas pode?", "Pode! Hoje pode, pode montar e desmontar".

Pesquisadora: Você olhando essas fotos o que faria para tornar esse espaço mais aconchegante, mais...

Professora: Eu acho que teria assim outras formas. Que nem trazer o faz-de-conta para fora, né? Fazer que seria interessante, seria um espaço legal aqui, uma sala ampla, teria bem mais condições, uma coisa que eu queria ter feito, ano passado eu pedi muito para o seu G., mas ele também, né? Este lado... Lembra que estava vazio? A minha vontade era fazer ali para expor os trabalhos deles, com um plástico transparente, para quando fazer atividade guardar, expor ali, fazer um cantinho assim de... Por um pouco mais de opção, também o de telefone nós tínhamos, depois sumiu os telefones, colocar um cantinho, eu achei legal também um cantinho com... Daria para ter colocado um lugarzinho para eles... Agora assim... Olhando assim... Que engraçado, né? Olhando ali, olhando aqui! Mais coisas coloridas, também eu gosto bastante! De por coisas bonitas com eles... Coisa de criança mesmo, né? Coisas mais mimosas para eles... A mesa também mudou bastante porque ele pintou, de outra cor. E já deu... Outra vida para a... Ele tirou o cinza das (estantes), ele pintou, teve uma parte que fez de verde, amarelo, para ficar mais coloridinho, assim... Aos poucos vai. Às vezes a gente pede, pede... Isso custou para ele pintar as mesas e tudo para a gente, mas... Torna mais interesse, mais colorido. Acho que daria para ter feito mais coisas, né? Dado mais opções para eles de atividades, de brincadeiras, de deixar mais bonitinho, mais aconchegante, poderia ter ficado melhor ainda.

Pesquisadora: Você acha que se vocês tivessem feito essas mudanças que você falou agora faria diferença na relação das crianças com o ambiente?

Professora: Eu acho... É uma coisa que eu converso com a C. assim... Que se isso tivesse acontecido, eu falo, que se a gente tivesse começado nós duas a trabalharmos desde o início do ano, com aquela turma, e a gente teria feito isso de opção, de mais coisinhas, eles teriam tido mais... Se tornado mais... Nós tínhamos crianças muito agressivas, né? Acho que isso teria feito com que eles tivessem... Melhorasse para eles, que eles se tornassem mais calmos, mais sociáveis, né? Acho que teria sido melhor. Acho que foi bastante prejudicado a questão dessa troca de professoras, ou de não falar a mesma linguagem, às vezes as professoras não falam, e tudo isso trouxe bastante conseqüências para as crianças. Eu acredito. E até para ela, sabe? Chegou no final do ano super estressada. Ela estava bem estressada, bem cansada mesmo, esgotada mesmo. É diferente o que está acontecendo este ano, a atividade flui, as coisas fluem, nós conseguimos passear com eles, a gente consegue por novidades para eles, né? Está bem mais interessante trabalhar, eles estão bem mais assim... Envolvidos!

Pesquisadora: E você acha que se estivessem feito isso desde o começo...

Professora: Isso sim... Se tivesse acontecido desde o início, sim. Eles estariam bem mais envolvidos, mais sociáveis, bem mais...

Pesquisadora: Se você pudesse qualquer coisa na sua sala, o que você gostaria?

Professora: Eu queria que ela fosse maior (risos)! Mais ampla a sala. Eu queria que tivesse... Eu queria mesinhas, eu gostaria que tivesse mesinhas, mas não que ficasse uma coisa, né? Que tivesse mesinhas, e que tivesse mais jogos, mais brinquedos assim para que a gente pudesse... Eu lembro quando eu trabalhei no Sesi a gente fazia momentos, assim... Tinha a parte da matemática, para a gente trabalhar a matemática, que eram jogos, jogos de quebra-cabeça, para eles poder... Porque se você coloca no chão, eles só sentados no chão, eu sinto assim que... E que na mesa sentadinhos, bonitinhos, eles podem brincar com jogos de encaixe, com quebra-cabeça, com os dominós... A gente brincava com dominó e era a parte da matemática, e da leitura a gente trabalhava com as revistas, com recorte e com livros mesmo, sabe? Aqueles de palavras, que tem a figura? Várias coisas, assim. Eu acho que a gente poderia... Eu colocaria uma sala maior, eu colocaria mesinhas coloridas, com cadeiras coloridas, nós temos só duas e eles adoram, eles brigam para sentar na cadeira, para brincar com a boneca, para brincar com o fogãozinho, com as loucinhas, eles brigam pelas cadeiras! Elas são doações e eu sinto muita falta, e de ter isso, um cantinho com cadeirinhas, eu colocaria mais joguinhos de encaixe, de quebra-cabeça, daqueles de pespontos, essas coisas assim que pudesse trabalhar mais assim... Pudessem sentar e concentrar, e fazer mais esse momento... Que para eles não é fácil... Às vezes a gente trabalha nestas mesas aqui, mas eu acho que seria mais interessante, uma sala maior e um lugar onde estaria as mesinhas, as cadeirinhas, e daí um espaço só com joguinhos, né? Com todo o tipo de quebra-cabeça... Outra coisa que eu acho legal e que eu gostaria de ter é aquele tapete de EVA (risos). Eu acho assim... Maravilhoso, lindo ele, ele dá um visual tão lindo quando vê... Eu acho que eles iriam adorar poder ficar as coisinhas coloridas... Eu também queria aquele tapete, iria ficar bem show...

Pesquisadora: Você acha que a rotina do CEI, ela acaba influenciando na organização do ambiente? Na organização da sala?

Professora: Influencia sim. Porque a gente precisa, né? Não é que nem a escola que você fica só quatro horas, geralmente temos crianças que ficam de oito a doze horas, então você precisa não tornar as coisas assim... Entediadas para eles, as coisas é... Tem que envolver, tem que ter, eu acho que tem que ter esses momentos diferenciados para eles de rotina, eles sabem que depois que eles vem do café eles sabem que vão fazer a atividade, vai ouvir uma história, e depois se pode passear, sabem que tem várias coisas para eles fazerem, né? Que eles não vão ficar... A rotina acaba fazendo com que a gente crie esses espaços, e momentos também, né?

Pesquisadora: Você fez qual faculdade, S.?

Professora: Fiz pedagogia pela Udesc.

Pesquisadora: A distância?

Professora: A distância, em Joinville.

Pesquisadora: Você acha que a faculdade te trouxe elementos para ficar pensando no ambiente da sala?

Professora: Eu acho que sim. Não só como o espaço... Eles não falam do espaço, mas como possibilitar outras... É... Como eu posso te colocar. E daí a consequência é criar espaços. É possibilitar outras atividades, outras experiências, outras experimentações na sala de aula. Daí isso consequentemente vai resultar no espaço. Eu estava lendo numa revista mês passado, acho que é da Nova Escola do mês passado, que falava sobre esse negocio de espaço, daí ela estava falando, até eu sugeri numa reunião que nós fizemos, que estava falando sobre esse negócio de espaço, que falavam que não tinham visto muita coisa neste negocio de espaço, né? E eu tinha falado para ela que isso tudo pode surgir a partir de um momento da necessidade... Acho que não adianta você criar um espaço se não tem a necessidade da turma, né? E também eu li sobre espaço, sobre espaço, e eu tinha falado para ela que a solução nesta sala da maioria das turmas maiores, os espaços serem criados assim, eu tinha lido na revista, na creche, sabe? Não só na sala, mas criar na instituição porque todos podem usufruir. Então, criar um espaço aqui de repente, no corredor, de casinha, de fazer tipo uma casinha, não fechada que nem a outra (do parque), tipo parede assim, telhadinho, e colocar lá fogãozinho, mesinha, de criar uma caminha, tipo uma coisinha assim, e ali brincar ali, de criar outro espaço, de criar dentro, porque nós temos uma área grande, e eu acho assim que teria até melhor solução, do que você criar dentro da sala de aula...

Pesquisadora: Você está pensando na especificidade do CEI de vocês?

Professora: Isso. Que é diferente... Das dificuldades da gente de ter, porque isso aqui foi projetado de uma forma, não projetado pensando, né... Então você pensar e criar espaços, poderia ter uma salinha, um lugar, que tivesse só jogos, no caso, outra parte tivesse só a parte de casinha e tal, que não tenha na sala, mas seria um... Teria possibilidade de sair e de vim brincar aqui, de criar uma outra parte, nem que fosse realmente um mini-escritório, com telefone, com mesinha, com computador velho, com tudo para eles terem... Eu acho que seria assim... Eu li, né? Que todos os anos eles estão criando de um a dois espaços diferentes na instituição, né? Tinha na revista, eu só posso te dizer que era em São Paulo, era isso que eu tinha falado com a T.

Pesquisadora: Você acha que no início do ano é necessário esperar a turma...

Professora> Não. Alguns espaços que a gente sabe que eles vão gostar, mas de depois com a necessidade da turma, eu posso criar outras coisas, né? Que seria daí realmente voltada para a turma, né? Eu acho assim... Que muita coisa a gente mudou, depois do que a gente viu lá, ainda não saiu a gente ta "cozinhando" aquele projeto de parques alternativos que tivemos com aquela professora lá de Itajaí que falou sobre o... Como é... Quando você senta e conversa sobre o que ocorreu, e eles vão falando, ela falou uma palavra... Simpósio... Não.

Pesquisadora: Com as crianças?

Professora: Sim.

Pesquisadora: Assembléia?

Professora: Sim. Daí nós pensamos em fazer o planejamento participativo, de sentar e estar conversando, ela já fez em forma de desenho, né? A gente ta fazendo em forma de fotos e em forma de gravuras, então, eles colocariam lá naquele quadro, a gente não usa aquele quadro, a gente colaria feltro e eles vão colocar o que se fez durante o dia, a gente tinha varias gravuras de fotos deles fazendo atividade, brincando no parque, várias coisas assim, que a gente já tem bastante, reunidos, e vamos conversar com eles de depois montar isso durante todo dia, mas diferente.

Pesquisadora: Eles vão montar a rotina...

Professora: Eles vão montar, se faz a tal da assembléia e depois resulta na... Acho que a idéia que a gente teve pensando naquilo... Pensando no possibilitar a eles o sentar, e o conversar sobre o que aconteceu, de fazer essa questão de saber o que ocorreu durante o dia... isso assim também surgiu da turma, uma coisa que surgiu pensando na turma, como era essa turma. Então eu acho que muitas coisas que a gente vai criando, de cantos, de possibilidades, também depende da turma também... Bastante.

Pesquisadora: Então a sala vai se transformando...

Professora: Vai... Isso que eu falei para a T. ela vai mudando, vai surgindo coisas conforme a gente achou que... Que nem a tenda, surgiu também de uma necessidade de estar fazendo uma coisa diferente para eles brincar, porque eles tinham assim... Qualquer paninho... Mania de brincar embaixo da mesa, brincar com boneca, com loucinha. Então a gente arma a tenda no centro e eles entram tudo debaixo para brincar, é uma coisa assim, que eles gostam de ficar, né? Então veio também da idéia da turma, que a gente percebeu da turma, né? Muita coisa vem de cada turma também, de criar uma coisa diferente, um espaço diferente...

Pesquisadora: Você acha que o CEI é uma continuação da casa ou que é outra coisa assim...

Professora: Ele seria não bem uma continuação da casa, mas uma complementação. Ele tem que ter. Ele tem que ter alguma coisa de casa para a criança se sentir segura, né? Porque você vai para um ambiente totalmente estranho ele tem que ter alguma coisa de casa, ele tem lembrar, né? Mas ele tem que também ser complementar, então, ele tem que estar possibilitando crescer ou né? Como se diz... Agora achar a palavra... Possibilitando experiências para que ele possa também fazer o conhecimento deles avançar, porque a gente vê que tem crianças assim o M. que veio para nós esse ano, e a gente foi trabalhar identidade com o... A gente vai trabalhar um projeto para o ano todo, sempre vindo e voltado... Porque de falar assim, sou o M., né? “É nenê!”, daí mãe, quem é a mãe? Tudo é mãe! Então eles brigam, no começo eles brigavam, porque mãe não: “A minha mãe!”, então na cabeça deles mãe é só a deles, né? Então tudo isso assim... Daí a gente está fazendo esta atividade e tal surgiu de fazer o auto-retrato, né? Deles, está fazendo o auto-retrato deles, daí eu peguei, eles não sabiam desenhar olho e boca, recortei um monte de olho, um monte de boca, um monte de nariz, né? Para eles irem escolhendo e montando, daí mostrando no espelho para o M.: “O que que é isso?”, ele não sabia o que era o olho, daí ele falava que era... Como é? Mamam... Não! Bebe, bebe! Isso era bebe para ele. Só que daí de tanto falar: “É boca! Bebe, mas a boca!”, sabe? Tudo você vê das dificuldades deles assim... De poder com o M. ampliar o universo dele, mostrar outras coisas para ele, né? Peguei ele de exemplo, mas tem outros né? Que tem aquilo muito limitado... Muito, né? Os pais não falam claramente o que é uma boca, um nariz, ou se referirem com apelidos, então, você possibilitar ampliar tanto o vocabulário, a visão de mundo, sair do espaço, ver espaços diferentes, passear de ônibus, muitos nunca tinham entrado num ônibus, de ir até a secretaria para assistir cinema, sabe? Tudo isso assim para eles... A gente tem aquela coisa de casa, mas um pouco mais, o espaço de casa para dar segurança, de se sentir a vontade de ficar, mas possibilitar ele ampliar o seu horizonte, né? Ter outras possibilidades. Então é uma coisa assim...

#### Professora 4

Pesquisadora: Eu trouxe fotos da tua sala de vocês em duas fases do ano passado, em março quando eu tive aqui batendo fotos e em setembro quando fiz a observação, eu queria que você me falasse da tua sala do ano passado.

Professora: Eu gostava muito da minha sala do ano passado, a desse ano também. É que a gente vai colocando coisas nossas assim na sala... Vai transformando ela parecida com a gente, com a nossa cara, com a cara das crianças, pra ficar um lugar agradável assim... Gostoso de... Mais que diferença, né? Que máximo, nós estávamos começando a pensar na organização, aqui já tem o tapete dos porquinhos. O que mais eu posso falar...

Pesquisadora: Quando você olha estas fotos que sensação elas te trazem?

Professora: Acho que é agradável, é confortável, é... Bem estar, essa sala ela... Que nem assim, as crianças, elas não dependem só da gente para ta, essa organização dá uma certa autonomia para as crianças de decidirem o que vão fazer agora, e não todas precisam estar fazendo as mesmas coisas ao mesmo tempo, né? E daí quando cansa, muda as coisas de lugar, muda de...

Pesquisadora: Você lembra da questão da autonomia deles...

Professora: Também, e depois é uma sala agradável, confortável, tem uma cara de infantil, assim... Eu não gosto muito de sala de educação infantil com aspecto escolar, né? Também não tem muitos exageros, aquela coisa de poluição visual...

Pesquisadora: Quando você olha para essas fotos qual a coisa que mais lhe chama atenção?

Professora: A casinha, as mesas, a organização, a divisão do espaço, é ... Acho que isso.



Pesquisadora: Quando você vai organizar a sua sala o que você leva em consideração? Qual a primeira coisa que você pensa?
Professora: Nas crianças, primeiro eu penso, porque a gente não arruma a sala antes das crianças começarem, né? As crianças começam em fevereiro e é por isso que em março ela está pelada ainda, a gente pensa na, conhece as crianças, o que eles gostam, o que deixam de gostar, as necessidades, e a partir daí a gente vai pensando na organização da sala, pelo menos eu, eu com a S. era assim.
Pesquisadora: Sempre que eu venho aqui a sala de vocês está diferente, vocês estão sempre mudando, o que leva vocês a mudar?
Professora: Porque a gente muda, as crianças mudam, daí as necessidades... Aquele espaço acaba não atraindo mais tanto como atraía, porque a cada... A gente não passa o dia inteiro só brincando com as crianças, então a cada bimestre que passa, o mês, as crianças vão crescendo, vão tendo outras curiosidades, querendo brincar de outras coisas, então a gente vai acompanhando, que nem aqui nessa época eles gostavam de brincar neste cantinho porque os colchões estavam aqui, e então ficava escurinho, mas a partir do ponto que ali não chegou mais, ficou pequeno, não atraía mais ali que as crianças passavam mais tempo aqui, a gente mudou daqui pra cá, num espaço maior. Vai acompanhando a...
Pesquisadora: Eles dão pistas para vocês...
Professora: Sim... Sim... É, bastante.
Pesquisadora: Olhando estas fotos, lembrando, como você percebe as crianças neste ambiente?
Professora: À vontade, a vontade assim, que nem no momento que a gente pede que ficam juntos é quando a gente vai trabalhar com as crianças, uma coisa dirigida, mas no momento que eles estão livres, aquela brincadeira livre, daí elas podem usar a sala conforme o desejo deles, se querem brincar na casinha, se querem pegar os brinquedos de uma outra área e ir na mesa, se querem pegar os brinquedos e ir sentar no tapete, o problema depois era juntar os brinquedos (risos)... A minha turma desse ano não tem esse problema, eles pegam os brinquedos da estante, vão pegando, depois "Vamos juntar os brinquedos?", eles vão, juntam e guardam, não tem crise este ano.
Pesquisadora: Você sente então que nessa sala...
Professora: Tinham bastante liberdade, as vezes eu pensava que até demais.
Pesquisadora: As vezes a gente encontra algumas limitações, quer fazer isso e não pode, como é que vocês conseguem lidar com isso?
Professora: Assim, graças a Deus a gente aqui não tem assim tanta... A gente é pouco podada, a gente vem com uma idéia, conversa, conversa com a diretora, daí tenta... Que nem esse espaço aqui... Não era bem assim que a gente tinha pensado, só que aí falando com a M. (diretora) no ano passado daí ela falou: "Vamos fazer assim, tem as cortinas prontas.", daí conversamos com a S., e criou-se um espaço para... Essas coisas aqui eram aqui... Aqui antes as coisas, agora tem um cano, daí colocamos televisão, sofazinho para ficar como uma sala de estar, aí, agora a gente pensa alguma coisa já, as vezes não fica bem do jeito que a gente pensou por falta de dinheiro, porque não é viável dentro deste espaço, mas sempre dá para adaptar ou para fazer quase igual, ou... Sempre dá-se um jeito!
Pesquisadora: Você acha que essa organização, ou a que você está propondo este ano, ela facilita ou dificulta o teu trabalho pedagógico?
Professora: Ah! Facilita. Porque a partir do momento em que dificulta a gente muda!
Pesquisadora: Se você pudesse qualquer coisa na sua sala, o que gostaria de fazer?
Professora: Desta aqui?
Pesquisadora: É... Ou da sua deste ano...
Professora: Eu queria que tivesse mais... Mais... Eu queria que tivesse uma estantezinha com livros, e também, tipo... Só que daí não é possível por causa do espaço quadrado, bem maior, aqueles circuitos. Ah! Eu acho o máximo aquilo! Sabe? Que sobe escadinha, daí vai pro túnel, daí tem uma piscina de bolinha.
Pesquisadora: Este ano as tuas crianças são menores?

Professora: Sim. Daí eles gostam muito disso, quando eu trabalhava no berçário até tinha uma coisa assim, quase parecida, é porque os bebês ocupam menos espaço, ficam mais parados... Eu acho legal... E talvez algum... Uma pia para lavar a mão dentro da sala... Facilita.
Pesquisadora: Você vê a tua sala como uma dimensão da casa deles?
Professora: uma extensão?
Pesquisadora: É...
Professora: Uma pergunta difícil. É que é um espaço tão diferente da casa! Não sei se é uma extensão... Porque é uma outra dimensão, uma outra rotina, uma outra organização, uma outra forma de... Até de espaço e tempo, né? É diferente, mas não tão diferente... Também porque não chega a ser uma escola, acho que fica num meio termo assim, não é uma extensão, mas não fica tão distante... Não poderia dizer se é ou não é.
Pesquisadora: Você diz que tem algumas coisas que...
Professora: Sim. Até porque eles são pequenos, assim tão... Precisa deste cuidado, esta coisa que também tem em casa, a troca, o momento do banho, a hora do soninho, o cuidado com a alimentação, mas não é da mesma forma que é em casa, não é... É diferente.
Pesquisadora: Outra coisa que eu acho interessante é que eu sinto que o CEI de vocês ele faz verdadeiramente parte da comunidade... Como que você vê isso?
Professora: De todos os CEIs em que eu trabalhei aqui é o lugar que a comunidade mais participa. Assim... Ela é bem participativa, bem ativa aqui, e isso é muito bom para a gente assim porque a gente só tem a ganhar, porque teve o evento do dia das mães e teve... Como foi o primeiro que foi feito teve só 50, 60% de participação, né? Mas foi bem bacana, daí provavelmente já vão fazer propaganda para o ano que vem... E assim, quando a gente pede para eles trazerem algum material não precisa ficar pedindo várias vezes, no dia seguinte já está tudo ali. E os pais tem interesse também, eles perguntam, querem participar, querem saber o que filho fez, mas não só se comeu, se dormiu, se fez xixi ou cocô... É gostoso porque daí os pais acabam conhecendo a gente, conhecem o nosso trabalho, daí é uma confiança maior, a gente neles e eles no nosso trabalho. De confiar o filho, de confiar a guarda do filho no tempo que está aqui para nós.
Pesquisadora: Eu sinto como se as salas de vocês não tivessem paredes... Porque vocês saem, são recebidos aonde vocês vão...
Professora: É, então... Isso também... Quando a gente sai... Semana passada a gente foi passear teve uma senhora que parou no portão, começou a conversar com a gente, e daí a gente ficou olhando pro pé de laranja lá, de tangerina, daí ela já abriu as portas e a S. estes tempos também foi na vizinha dela e ela preparou... Abriu um refrigerante, estourou umas pipocas para as crianças... Ah! Daí é bem gostoso, bem mesmo... E aqui os pais também, que nem eu já trabalhei em creches que os pais não podiam passar de determinado portão, aqui os pais tem acesso as salas, assim... Tem acesso ao espaço do CEI também. As vezes quando a gente está lá traz eles não precisam esperar que alguém vem chamar, eles vão até lá atrás. Também já aconteceu da gente está no parquinho lá atrás, as vezes contando história dentro da sala, os pais entram e sentam do lado pra terminar de ouvir a história junto com o filho para depois levar ele embora.
Pesquisadora: Você acha que o que estudou na faculdade, tudo o que você estudou te ajudou a pensar nos espaços...
Professora: Ah! Muito, muito sim. Porque eu fiz a faculdade primeiro e depois comecei a atuar e depois e não tinha prática, mas tinha a teoria, e a teoria explicava muita coisa da prática, ajudava, fundamentava muitas das minhas atitudes.
Pesquisadora: Você estudou na Unerj?
Professora: Sim.
Pesquisadora: E a S. também?
Professora: Sim. Só que eu me formei em 2004 e ela entrou quando eu estava quase saindo.
Pesquisadora: Ela já se formou?
Professora: Terminou... Teve a formatura dela em março.

Pesquisadora: Então você acha que te ajudou bastante...
Professora: Sim ajudou... E daí a gente chegou também a estudar sobre a organização do espaço, de estar auxiliando, do espaço estar auxiliando no nosso trabalho. Porque ter uma sala vazia, sem muitos atrativos acaba, acaba proporcionando, proporcionando não, mais tipo, a incidência de mordidas, brigas, é muito maior, né? De atritos.
Pesquisadora: Eu acho que a sala de vocês tem a cara...
Professora: A nossa cara. Ah! Porque é a verdade assim, bem esse ano a S. está com outras professoras e elas já mudaram a sala, porque são outras crianças, são outras cabeças adultas pensando, elas já... Eu também mudei. Eu com as outras meninas a gente mudou toda ela também. Daí elas foram embora, chegou a gente com outras crianças, mudou! Graças a Deus a gente tem liberdade de ta fazendo furo na parede, de ta arrancando as coisas, e pendurando lá e cá. O berçário também ficou bonito com aquela decoração de...
Pesquisadora: Eu gostei da câmara pendurada, uma câmara de ar... De bicicleta eu acho, pendurada assim...
Professora: Tem umas bolas também lá.
Pesquisadora: Dá saudades?
Professora: Dá! Ah, dá sim! Eu fiquei olhando... Eu olhei para o Capitão Gancho e lembrei da I., isso que a I. quase matou eu com a S. de vergonha, por causa deste Capitão Gancho, ela tem umas tiradas assim... E ela, ela é bem esperta, e ela sabe, tipo, manipular os adultos, sabe... Ah, sabe atuar muito bem, também. Teve uma vez que a D. e a T. chegaram na sela... Meu! Ela levantou do que estava fazendo aqui na mesa, porque a gente tava tudo o mundo sentado ali, não lembro o que nós estávamos fazendo... Ela levantou, e tipo, eu com a S. conversando ela cortou o assunto assim, chamou a atenção pra ela e nem lembro o que ela falou em relação ao Capitão Gancho... Mais eu com a S. só fizemos assim: "Ai, meu Deus!" (risos).
Pesquisadora: E quando eles brincavam aqui onde tinha uma maquina de escrever...
Professora: Esses dias eu encontrei com o avô dela e ele disse que ela está indo muito bem no jardim. Ele tava todo orgulhoso da netinha. Eu tive uma sensação de nostalgia agora...
<b>Professora 5</b>
Pesquisadora: Está bem diferente a tua sala este ano, né?
Professora: Ta, a gente mudou bastante, é bom mudar no inicio do ano.
Pesquisadora: Eu trouxe fotos da tua sala do ano passado, eu quero que você se lembre dela, essas duas são do inicio do ano, março e estas depois quando eu vim e fiz a observação. Eu gostaria que você falasse dessa sala para mim.
Professora: Que eu falasse assim como ela era, assim...
Pesquisadora: Pode ser. O que você sente olhando essas fotos...

Professora: Assim... Eu tenho bastante saudade, que eu acho assim, ano passado à gente trabalhou bastante com cantinhos, não que este ano a gente não trabalhe, mas também o cantinho, turma do ano passado, eles tinham assim, eles gostavam de... Não se esconder nos cantinhos, mas de ficar nos cantinhos isolados assim. E a gente procurava fazer. Que nem esse daqui, a gente tinha num depois a gente mudou pra cá e aí depois já foi feito esse outro aqui no canto, porque eles gostavam muito, eles tinham interesse por ficar em cantos, assim, escondidos. E daí a questão da decoração, eu amava essa decoração aqui, eu achava fantástica, aqui, as fadinhas, tudo assim... E daí a sala era mais dividida, no caso, porque daí tinha o canto da mesinhas que a gente chamava que era o canto das atividades dirigidas, assim, que na maioria a gente ia lá para fazer atividades, ou para ver revistas, e esse aqui ficava mais o canto aqui, eles, como eu posso te dizer assim... Da brincadeira mais livre deles, assim, porque aí tinha um sofazinho, e aí eles é que pegavam os brinquedos sozinhos e brincavam aqui. Até é meio engraçado porque tem a questão assim, que esse tapete redondo, era mais assim, para as rodas de conversa, música, era tudo, a sala assim, por mais que a gente tentasse usar a sala inteira, mas a sala tinha assim: esse aqui era para tal, esse aqui era para tal... As crianças já sabiam, quando a gente falava assim: "Vamos para o tapete redondo", daí eles sabiam que era hora ou da história, ou de cantar, ou chá. A gente falava do paredão, que aí eles vinham aqui, e era a hora de organizar a sala, a hora do soninho, alguma coisa assim... Era mais assim, a sala era mais assim, as crianças como eram um pouco maiores, eles tinham uma noção mais de... Era legal de trabalhar com eles, com os cantos assim na sala.

Pesquisadora: Quando você olha para as fotos a principio você sente saudades...

Professora: Bastante. Porque cada ano muda, daí, né? Este ano a gente já mudou, porque a turma é diferente, essa turma já mais assim, eles gostam de cantinhos, mas eles não dão muito... Eles ficam nos cantos brincando, mas não é... O ano passado não, eles ficavam, sentavam, brincavam que... Essa turma anda pela sala inteira, gostam de correr pular, são mais agitadinhos, tudo...

Pesquisadora: Quando você olha estas fotos, o que mais lhe chama a atenção?

Professora: Nessa daqui o que mais me chama a atenção é o colorido assim, que está assim, tudo colorido... Essa outra aqui, a principio, o que mais me chamaria a atenção mesmo é a questão dos personagens, aqui do colorido ta tudo bem... Uma sala assim bem bonita para falar a verdade, ta bem decorada, ta bem bacana assim, tem bastante espaço também...

Pesquisadora: Eu percebo que cada vez que eu venho aqui vocês mudam, o que faz vocês mudarem? O que leva vocês a mudar?

Professora: Uma coisa que leva a gente a mudar é que a gente percebe a própria necessidade da criança, para ter assim... Porque as nossas crianças, a maioria passam assim oito a dez, quase doze horas na creche, assim. São poucas que passam pouquinho tempo, e daí a gente até fica se colocando assim, imagina tu todo o dia chegar àquela sala igualzinha e eu passar o dia inteiro naquela coisa igual, que não muda nada, que não tem nada de novo para mim ta aprendendo, vendo, construindo, a gente gosta de volta e meia estar mudando. Até por causa da criança, assim... Até mesmo da vivencia da criança, e mesmo pela necessidade, porque ela gosta de estar buscando, descobrindo, e até mesmo assim coisas que as crianças acabam, que a gente percebe que eles acabam... Meio que pedindo assim, a questão das meninas brincarem com as roupinhas, daí eles viram uma caixa para ser um fogãozinho. Então a gente vê assim, falta um cantinho da cozinha, então vamos fazer. De acordo com as crianças mais assim...

Pesquisadora: Então vocês tiram essas idéias... De modificar, como vocês modificaram nesta aqui, das próprias crianças...

Professora: Sim... Também.

Pesquisadora: Porque quando eu vim observar vocês me falaram que este canto aqui, vocês tinham feito para os colchões...

Professora: É para guardar os colchões que não tinha espaço, só que daí eles ficavam se enfiando, e nisso acabou surgindo o cantinho... Depois aqui neste canto ficou a casinha. Agora até tem, mas a gente colocou cano, melhorou o cantinho... E agora aqui a gente já tem o cantinho da fantasia, que é o cabide com as roubas. A gente acabou mudando porque como é uma turma que gosta mais de espaço, e a estante aqui no meio ela tirava um pouco do espaço, meio que dividir assim... Então a gente optou por tirar ele daqui para deixar mais espaço.

Pesquisadora: Essas mudanças vocês fizeram depois de observar...
Professora: A gente foi observando, porque no início do ano a prateleira continuava aqui, a principio a gente ia deixar, mais aí a gente queria mudar e não sabia como. Aí com as crianças, que elas vinham, corriam bastante, e a gente acabou mudando, assim... A gente mudou acho que depois de um mês, uma coisa assim, que a gente acabou mudando assim...
Pesquisadora: Quando você olha para estas fotos como você vê as crianças nesse espaço?
Professora: uma coisa que eu lembro, que eu lembrei na hora, é esse sofazinho, que tinha o G., e daí o G. eu tinha um carinho especial pelo G. porque ele está comigo desde bebê, ele veio com três meses para a creche, e o G. era uma criança que adorava esse sofá. Ele chegava a deitar e ficava com o bico dele assim, até na hora que eu vi o sofá eu lembrei do G. Daí aqui, as caixas me lembram muito as crianças brincando, como essa caixa onde tinha as roupas e tecidos, a A. L., ela brincava com as roupas, a A. com a I. se arrumavam, se produziam todas, brincavam no sofá do G., o G. aqui pulando neste canto, que ele era bem louquinho, ele pulava assim... Sem medo de nada, mas no momento das crianças brincando mesmo. Até aqui a questão do Capitão Gancho foi engraçado, foi uma questão que a gente passou bem, que nós passamos assim... Bem, que a gente não sabia onde enfiar a cara. Teve um dia em que a T. chegou aqui e daí tava o Capitão Gancho aqui, e ele estava ali por causa da história, eles gostavam muito de história, aquela turma gostava muito de história, e daí a T. chegou e aí a I. bem assim, eu não lembro direito como é que ela falou, eu sei que ela pegou e falou bem assim: "Se não obedeceu, se não fizer alguma coisa, o Capitão Gancho vai te furar, vai te matar", eu lembro que eu e a C. olhamos uma para a outra toda sem jeito, porque dava a impressão assim, que a gente é que ameaçava eles com o Capitão Gancho, daí depois a gente chegou a conversar com a T., não sei de onde ele tirou, mas a I. era bem fantástica aquela menina, ela era assim. Daí eles se envolviam com os personagens, até a Branca de Neve a gente deu para a A. L. porque no desfile ela foi a Branca de Neve, e ela daí sempre queria aquela Branca de Neve para ela, daí a Branca de Neve a gente acabou dando para ela.
Pesquisadora: Então você lembra deles brincando...
Professora: Lembro. Lembro dos momentos deles brincando na sala.
Pesquisadora: Quando você encontra alguma limitação ao organizar o espaço, de materiais, espaço, o que você faz para superá-la?
Professora: Aqui quando a gente tenta alguma coisa, a gente tenta adaptar ou assim, a gente não pensa assim, em algo quase impossível, a gente tenta ficar na medida que a gente consegue, também sempre buscando adaptar, como aqui, isso aqui é um pedaço de carpete que tinha na creche, que tava ali e que a gente acabou, acabou montando ali, isso aqui, são retalhos de TNT que a gente acabou amarrando, o outro, os sofás é com caixa de leite e jornal, também. Procuo mesmo adaptar as nossas condições da realidade, esse tapete é um carpete que a gente ganhou da câmara de vereadores, depois a gente só desenhou e pintamos ele para dar assim, um colorido melhor na sala, para não deixar assim...
Pesquisadora: Você acha que a sala assim organizada ela facilita ou dificulta o trabalho pedagógico?
Professora: Facilita. Facilita bastante. Até assim, mesmo a organização, que nem no ano passado, aqui era o canto das atividades dirigidas, daí eu acho que facilita bastante porque não fica tudo muito misturado, a gente até faz pensando no bem das crianças, mas também pensando em algo, que fique assim, que torne o trabalho mais gostoso, mais fácil, e daí de repente se a gente encher a sala de caixa e de casinhas, daí quando a gente quiser fazer atividade, não tem nem espaço, a gente tem que ver o que é melhor para ambos.
Pesquisadora: Pense assim, se você pudesse qualquer coisa, o que você gostaria de ter na sua sala?

Professora: Uma coisa que eu tinha vontade, que eu queria ter na sala, é a questão de ter um ambientezinho onde a gente pudesse ter, guardar, tipo uma dispensa na sala, para poder melhor organizar assim, porque tem muita coisa que a gente coloca na prateleira, que vai guardando, que vai, os próprios trabalhos, que vai acumulando e acaba a gente não tendo lugar. Daí é uma coisa assim que eu disse que se eu pudesse ter na sala, é um banheirinho, uma dispensa, coisas assim, para facilitar. Porque assim tem até a questão de a gente tendo mais condições poder comprar, assim uns brinquedos mais sofisticados, um fogãozinho daqueles mais bonitinhos, essas coisas assim. Por mais que dá para a gente construir, a gente constrói também, mas às vezes é interessante ter, hoje em dia com toda a tecnologia que tem, tem brinquedos que superam. Tá investindo nessa questão assim, na sala. Claro que nada que a gente não possa fazer, mas isso seria legal, seria interessante.

Pesquisadora: Uma curiosidade que eu tenho do CEI de vocês, vocês vêm a sala de vocês como uma extensão das casas das crianças?

Professora: Essa pergunta é meio complicada. Às vezes eu me peguei, eu acho que às vezes eu sou assim, muito mãezona, eu já ouvi várias... É como eu disse no início, tem uns que passam o dia inteiro aqui, a semana toda, daí eu fico pensando: “Meu, imagina tratar só como se fosse salas, não ter aquela questão do carinho de casa, do colo, tudo assim.”. Então, mas em alguns momentos eu até procuro, rolo no colchão, deito, brinco, pego no colo...

Pesquisadora: Além da questão da relação de vocês, mas assim trazer coisas que lembram a casa deles para dentro do CEI...

Professora: Também... A gente tem muito assim, a questão dos materiais que são reciclados, potes, garrafas, latinhas, a gente tem TV na sala (risos), uma TV velha para eles brincar, o ferro de passar roupa que até foi jogado fora agora porque quebrou, batedeira, liquidificador velho, tem bastante (risos).

Pesquisadora: Como você vê isso, trazer esses elementos de casa para a sala.

Professora: Até aproxima, e daí tem muito assim, aquela questão assim, se eles estão brincando, se em casa eles querem brincar, não podem, e aqui eles acabam podendo, nenhuma mãe vai deixar o filho pegar o ferro de passar roupa, e muitas vezes eles vêm e querem brincar com isso e não podem. Ou mesmo um rádio que a gente tem na sala, um rádio velho, qual é o pai e a mãe que vai deixar ele ficar mexendo no rádio? Lá não, a gente dá CD, eles colocam CD, guardam CD, ligam, fazem que estão dançando, que a música tá alta, ou mesmo vão lá fazer a comida que eles... Eu acho que aproxima bastante.

Pesquisadora: Uma coisa que eu também percebi é que o CEI de vocês parece uma continuação da comunidade, como a relação de vocês com o espaço de fora, é que quando eu vim aqui eles iam na tua casa... Como que você vê essa relação?

Professora: Eu vejo uma relação bem positiva, a gente não pode reclamar assim, que nem agora é época das frutas, a gente vai passear, a gente ganha frutas, eles deixam, eles param para conversar com as crianças, outros chamam que querem, já convidaram a gente para brincar no campinho de casa, convidaram para fazer piquenique, ali para trás tem uma senhora que ela quer que a gente vá também passar uma tarde com ela. Então assim, acaba assim, que a comunidade admira o nosso trabalho e a gente a comunidade. Nós temos uma relação bem positiva, não é aquela coisa assim, não pode, não mexe, não entra. É bem assim...

Pesquisadora: Eu sinto assim, como se a sala de vocês não tivesse parede...

Professora: Na verdade assim, se for pensar bem não tem. Tem bastante abertura e a comunidade assim, acolhe a gente muito bem, a gente vai passear... Esses tempos a gente foi passear para cima, daí tem um senhor que ele tem um pasto com cavalos, assim. E a gente foi e o filho dele tava, e a gente já tava vindo embora, a gente foi e já estava vindo embora, daí o filho dele chamou, mostrou que tinha uns carneirinhos, foi no pasto, buscou os carneirinhos, e as crianças perguntaram isso e aquilo, sabe? Quando a gente foi ver nem tinha visto a hora passar, assim, e aquela empolgação, assim, tanto por parte das crianças, como daquele rapaz que mostrava assim. Eles também tem bastante interesse de ajudar. Ajudar no caso assim, olhar, eles gostam do trabalho, admiram, a comunidade aceitou muito bem essa creche aqui. Era uma coisa que tava precisando e eles acabam vendo o lado positivo.

Pesquisadora: Quando vocês mudam a sala, vocês levam em consideração a rotina? Vocês pensam na rotina?

Professora: Sim, A gente pensa um pouco. Como no caso dos colchões, a gente precisa de um lugar, como a gente estava falando, não adianta encher a sala de caixas e coisas e quando for fazer uma atividade não tem espaço, como, vamos supor que a sala está cheia de material onde é que a gente vai colocar os colchões para a criança dormir? Porque o colchão é o que mais ocupa espaço. A gente leva bastante em consideração isso também.

Pesquisadora: Você acha que o que estudou na universidade te ajudou a pensar no espaço da sua sala? Na organização. Você acha que te ajudou ou você foi procurar em outros lugares?

Professora: Assim, a questão da universidade eu acho que ela me ajudou bastante na questão assim... Como eu posso te dizer, talvez tentar entender um pouco mais a criança, porque no lado dos espaços, a gente tinha, não vou dizer que não, que a gente tinha umas aulas, que a criança precisa deste espaço, a gente aprendeu o desenvolvimento, assim, mas na organização em si, mesmo, só mesmo conforme a gente vê a rotina, como a gente sente as crianças.

Pesquisadora: Ela te deu pistas?

Professora: Deu, deu, deu bastante pistas. Com certeza deu, mas em si mesmo mais é a busca mesmo no dia-a-dia, mas ajudou.

Pesquisadora: Eu percebi no período de observação que vocês deixavam tudo disponível para eles...

Professora: Eles tinham esse acesso, eles tinham, mas sabiam que tinham limitações. Por exemplo assim, a prateleira tem os dois lados, um lado eles sabiam que era deles, era dos brinquedos, e eles também sabiam que do outro lado tinha um material que era das profe, que quando as profe diziam pode ir lá pegar uma tesoura, eles sabiam, que aquele lado, por mais que era deles, mas a questão dos brinquedos era liberada. Aquela turma para guardar brinquedo era terrível, eles não... Acho que foi a primeira turma que tive que não gostavam, porque a turma deste ano eles também enrolam, mas eles guardam, mas ano passado era fogo.

Pesquisadora: No começo do ano vocês não tinham o cabideiro para guardar as mochilas...

Professora: É, no início do ano ficava tudo na prateleira, as bolsas que eram maiores não cabiam, aí caíam, e aí com o tempo aumentou o número de crianças, o espaço aqui já estava pequeno, que aí a gente tinha deixado embaixo, mais embaixo, e não tinha mais espaço para guardar as bolsas, então tinha aquela montoeira, então a gente pediu para colocar o cabideiro, e foi legal, porque eles vinham colocavam as bolsas.

### Professora 6

Pesquisadora: Gostaria que você olhasse estas fotos da época em que você trabalhava nesta turma de Maternal II e me falasse sobre ela...

Professora: No sentido do ambiente para trabalhar?

Pesquisadora: Sim...

Professora: Que que eu vou falar, né? Eu lembro das crianças fazendo as atividades, né? Tipo, aqui era o momento das atividades dirigidas, né? Aqui que elas tinham o momento de brincar, né? Do fazer-de-conta, que elas podiam pegar, tinham a liberdade assim... de pegar os brinquedos, elas mesmo, estava ao alcance delas... Eu lembro das crianças, assim... Que elas tinham a liberdade de está uma hora um pouco aqui brincando, depois, como a gente fazia, aquelas brincadeiras... Brincadeiras não, momentos de contação de histórias, que eu lembro, das atividades, elas guardando as mochinhas delas, de ter essa autonomia de ir lá e pegar e guardar. E saber... Que elas já sabiam o nomezinho onde estava, aonde se dirigir... Que mais que eu lembro...

Pesquisadora: E que sensação te traz essas fotos...

Professora: Na verdade assim... eu não gostava muito deste como era dividido, mas era... o que foi proposto, né? Que foi quando eu cheguei elas já tinham... Elas que tinham feito, as outras colegas... Aqui eu não gostava muito destes cantinhos das brincadeiras assim... Até depois a gente pegou e tirou... Como é que eu vou dizer... Achava feio. Sinceramente, achava feio. Eu acho que se a gente tivesse mais recursos, também em termos de materiais, podia ter sido melhor dividido, né? Em termos de ambiente, assim, para eles estarem trabalhando melhor.

Pesquisadora: O que você leva em consideração quando propõe mudanças na sua sala...
Professora: Eu penso primeiro no aluno, né? Na criança, naquilo que vai ser agradável a ela, atrativo, que ela vai chegar naquela sala e vai ter vontade de estar ali, de estar brincando, de estar, realizando atividades... A questão de mudar assim, seria mais em termos de visualização, né? A coisa mais agradável, mais moderna, porque a gente vê tantas coisas bonitas, tantas idéias, e às vezes os recursos são outros, né? Por isso, a gente tenta mudar, adaptar, conforme aquilo que está ao nosso alcance.
Pesquisadora: Você está falando que temos que mudar conforme aquilo que está ao nosso alcance, o que você faz para superar essas limitações que encontra?
Professora: Trabalhar com aquilo que tem, tentar arrecadar, criar com eles, se tem poucos brinquedos, construir junto com as crianças, né? Brinquedos, para que eles possam eles mesmo fazer, brincar depois. Pedir para os pais estarem trazendo, e também não é tanto do espaço físico, que o espaço físico a gente pode saber dividir, vai da criatividade do professor, né? Eu também, eu não tenho muita criatividade, mas eu procuraria ver em outros exemplos, né? Pesquisaria para vê o que eu poderia estar adaptando ali...
Pesquisadora: Quando você olha estas fotos como você lembra das crianças neste espaço?
Professora: Olhando para estas fotos aqui, eu lembro da... Eu lembro também deles brincando, aqui, que eles gostam muito de pegar e eles adoram os cantinhos, né? Criança gosta de cantinhos. Daí eles gostavam muito de ficar nos cantinhos, no da máquina de escrever ali, tinha o V. que passava na máquina de escrever quando a gente estava contando histórias, eles sempre queria dar uma escapadinha para ir ali, brincar, se distrair, as vezes, porque aquilo que nós estávamos fazendo, naquele momento, não era o que interessava, eles queriam estar no momento deles. E eu concordo com isso, que as vezes a gente até impunha que todos deviam ficar sentados aqui, mas não é a maneira correta de proceder se a criança quer brincar, quer fazer outra coisa, ela tem essa liberdade... Na minha opinião... Que nem aqui a gente ia fazer atividades também... Este espaço é muito apertadinho, eu via assim... Por isso que as atividades cansavam porque era muito apertadinho aquele cantinho, que ele podiam ser... As mesas mais... Assim... Divididas, né? Botar mais pra cá de repente mudar isto para cá para as crianças terem mais espaço, né... Para está trabalhando...
Pesquisadora: Então quando você lembra deles eles estão...
Professora: Eles estão brincando, brincando com os brinquedos, brincando também com a gente, né? Brincadeiras de roda, cantando, eles assistindo, também... Filmes, que eles levavam de vez em quando, era uma vez por semana que eles podiam.... Isso aí... Aqui eles guardando os brinquedos, que era uma briga para guardar os brinquedos (risos). Os colchões também ali que eles ajudavam a recolher, porque eu chegava e eles já estavam se levando, né? Eu não pegava eles dormindo, então eles já estavam levantando... A gente arrumando eles, a gente já tava aqui arrumando os cabelos, enfeitar, que eles gostavam muito de enfeitar, de fazer isso. Depois, tinha umas meninas que iam se olhar no espelho e ficavam lá se olhando (rindo). Estas coisas que eu lembro.
Pesquisadora: Você acha que a organização do ambiente pode estar facilitando ou dificultando o trabalho pedagógico?
Professora: Eu acho que assim como ta se mudasse podia facilitar mais, porque muitas vezes nós pegávamos e dividíamos, né? Minha no caso aqui tinha as mesas e era... Mais em relação as atividades dirigidas, né? Poderia melhorar. Porque daí a gente pode como são todas professoras, poderia estar um pintando, outro recortando, outro desenhando, e a gente está atendendo a todos, né? E ali ficava muito apertadinho. Que a mudança sempre melhora, e os alunos... Nossa!!! Que nem nós na sala, chegou um tapete que foi uma novidade, né? Tudo o que é novidade, o aluno, ele pode trabalhar em cima daquilo, por que aquilo está fazendo sentido para eles no momento...
Pesquisadora: Você modifica a sua sala...
Professora: Eu modifico de acordo com a atividade, e a forma de sentar, nem sempre... As vezes eu trabalho com eles em duplas, grupos, faço círculos, quadrado, né? E aí, é porque a realidade...
Pesquisadora: Quando estava nesta sala vocês modificaram o ambiente?



Professora: A gente mudou, daí. Esse canto aqui a gente tirou daqui, tirou esse tapete, quem chegava aquilo dava um aspecto... Eu não gostava desde o início, daí eu convenci as gurias, eu disse: "Ó, vamos trocar!", daí a gente mudou os cantinhos, daí a gente fez o cantinho de uma salinha, ali a gente fez um lugar para eles botarem as roupas e fantasias para eles brincarem de faz-de-conta, que eles trocavam de roupa, daí teria aquele cantinho onde tinha a salinha, tinha telefone, tinha sofazinho, tinha televisão, tinha estes dois cantinhos que a gente conseguiu fazer, né?

Pesquisadora: O que levou vocês a mudar?

Professora: Não só esteticamente, é porque ali estava tudo junto, outra atividade, não só um focado numa coisa de pegar e largar os brinquedos e as crianças brincar, porque daí quem queria brincar naquele ambiente ali, trocando roupa, até tinha uma... Tinha uns jogos também, também tinha o cantinho para os jogos, agora eu lembrei que a gente fez isso também, dos blocos...

Pesquisadoras: Então vocês separaram?

Professora: A gente separou. Daí pra cá a gente dividiu, ali tinha as roupas, é... O faz-de-conta, aqui a gente fez uma salinha, e aqui tinha também os jogos de blocos para estarem brincando, jogando, também, aqui os brinquedos, aqui também a gente mudou, pegou, organizou melhor para eles, tudo também ao alcance, botou em caixas, que eles mesmo pintaram, as caixas, eles... Daí eles sabiam onde tinham as panelinhas, onde eram as loucinhas, onde cada coisinha, né? Também é uma forma deles poderem se organizar, né?

Pesquisadora: Você viu diferença na relação deles com este ambiente que vocês mudaram?

Professora: Vi mudança na relação deles com este ambiente, eu vi que eles aceitaram assim... Num primeiro momento, como sendo uma novidade, eles adoraram! Daí então, eles aprenderam a se dividir, né? Também. E aproveitar melhor os espaços e aproveitar melhor também os brinquedos, as vezes eles ficavam só com uma coisa ali, só bagunçavam, não tinha um sentido, né? Não tinha um porque daquilo está ali, eles deram uma direção para aqueles brinquedos, dos jogos, para as roupas, sabiam o que estavam fazendo, né? Não estavam só ali pra...

Pesquisadora: Você acha que mudando os brinquedos, o espaço...

Professora: Eles aprenderam a se organizar, a saber escolher o que queriam fazer, melhor, né? Dar sentido melhor para aquele momento deles...

Pesquisadora: Eu lembro que vocês tinham uma relação muito próxima com a comunidade... Como você lembra disso...

Professora: Eu na verdade eu fiquei só... Eu entrei em setembro e depois de outubro eu fui para o berçário... Eu troquei, né? Mas eu... Essa relação, realmente essa relação que tinha com a comunidade... O que a gente pedia para os pais eles estavam sempre prontos para ajudar, e o que precisa assim de visitar uma casa, mostrar algumas coisas eles abriam as portas e estavam sempre dispostos, abertos, né? Que nem no final do ano a gente teve o encerramento os pais, aliais não só os pais mas vieram vizinhos, vieram tios, vieram os avós, todos vieram e participaram, né? Para ver porque sabiam que as crianças iriam estar se apresentando.

Pesquisadora: Está estudando em qual faculdade?

Professora: Na Fameg.

Pesquisadora: Quando você estava trabalhando lá você via esse ambiente, essa sala, tendo relação com a casa deles? Tinha alguns elementos que lembravam a casa?

Professora: A casa deles? O que eu vou dizer... Eu vou falar que eu não conheço a casa, né? Coisas que lembrem... Só que as vezes a gente fazia a função né? De pai e mãe... Mas a organização... A gente tentou só neste cantinho ali, né? Que a gente tentou simbolizar uma sala, né? De TV. Só nisso ali, né? A gente tentou fazer...

Pesquisadora: Por que eu lembro que tinha bateadeira...

Professora: Ah! Essas coisas tinham, né? Essas coisas que tinha, que nem a loucinha, daí a gente separou, colocou neste armário, tinha fogão, instrumentos que eles usam em casa, que eles viam a mãe fazendo... Tanto que depois eles representavam nas brincadeiras deles, né? Passando roupa, fazendo bolo, fazendo comida, né? E lavando louça, o momento do banho também no chuveiro, também eles representavam, isso eu lembro. Era gostoso de ver que eles aproveitavam.

**Professora 7**

Pesquisadora: Essas duas fotos são de março quando eu fui lá e essas duas foi em setembro, eu gostaria que você falasse da sua sala...

Professora: Então... Quando eu olho assim essas duas fotos aqui... Todas as fotos assim olhando eu percebo assim o quanto foi... Eu fui feliz! Porque assim, nós começamos com quadro e giz e aquelas carteiras, né? Pouco carrinho que tinha e depois a gente confeccionou bastante coisa, os cantinhos ali foram até, eles faziam estes cantinhos sozinhos, só que imaginários, eu consegui cercar esses cantinhos do jeito que eles ficavam... Aqueles que ficavam mais reservados, aqueles que gostavam mais de aparecer, de se enfeitar, aqueles que gostavam mais de ficar em família, aqueles que tinha o cantinho mais, mais cantinho deles mesmo, de sentar no sofá, de pegar livrinho para ler, tinha até uma casinha... Aqui! A casinha que tinha os livrinhos lá embaixo para ler sozinho, lá, olhando assim o colorido destas outras fotos, assim, da mais alegria, pra gente, né? Aqui ta tão vazio!

Pesquisadora: Então assim... Quando você mudou desta sala... Para essa, o que você levou em consideração?

Professora: Levei em consideração mais o que eles gostavam, mais o que eles gostavam de brincar, mais o que eu percebia que eles tinham mais assim... Mais vontade de fazer, que nem o alfabeto eu tinha começado assim, com as letrinhas assim, com o A eu ia fazer, eu ia encher o quadro até na última letra, daí depois eu percebi que não era tão interessante só as letrinhas, que eles queriam ver alguma coisa colorida para eles fixar melhor, pra ver, e daí coloquei estes daqui, depois surgiu a idéia de fazer o painel, mas fazer com desenho móvel, por que daí depois eu coloco embaixo e eles podem estar mexendo, podendo está brincando com o alfabeto, hoje ele está completo, ta lá, ainda ta lá na sala, só que está sem os bichinhos, não sei se a N. está trabalhando com eles agora, mas foi bem legal. E daí depois eles pegarem estes bichinhos e lembrar o nome, lembrar a letrinha e escrever do lado. Sabe? Tu davas os palitinhos para eles, eles colocavam no sulfite e escreviam o nomezinho do lado, assim... Bem... Foi bem legal... Não foi nada forçado, sabe? Aquele que pegou e conseguiu escrever, conseguiu, o outro só conseguiu associar, até foi trabalhado cores, por isso que fiz bem coloridos...

Pesquisadora: Quando você lembra deles na sala, o que você lembra...

Professora: Eu lembro deles entrando, assim... correndo, se jogando para os cantos quando viesse alguém da porta, né? Quando começou, assim... A ser formado estes cantinhos, os pais tinham que vir até na sala e eles traziam dentro e mostravam: "Olha, pai, olha o que eu fiz! Nós brincamos aqui!", e os pais tinham que ir, as vezes tinham até receio de entrar na sala porque eu não estava na sala, né? Porque assim no inicio da aula e queriam levar eles lá para dentro, e daí depois eu falei para eles que podia, mandei bilhete e tudo, daí os pais vinham, entravam, visitavam a sala, depois mandavam bilhetes no caderno, de recados deles, elogiando, dando parabéns, que a sala estava muito bonita, falando que eles falavam muito na sala em casa, eles queriam que fizessem cabaninhas em casa também, sabe? Eles comentavam bastante...

Pesquisadora: Então quando você lembra das crianças aqui...

Professora: Assim... É como eu disse, aquele que gostava de brincar na cozinha, brincava na cozinha, então, eles se organizavam assim, sabe? Aqueles que gostavam mais de brincar de mamãe e papai ficavam juntos, então, eles brincavam direitinho, só que quem brincava aqui, na cozinha, também se preocupava com quem estava lá dentro, porque eles faziam chazinhos e iam levar lá. As vezes eu não brincava junto eu ficava longe assim, só observando, porque eles queriam aquela privacidade deles de brincadeira, se tu fica junto tu acabas cortando um pouco isso. Mas eles iam lá, traziam bolo, para mim, traziam café para mim também, sabe? Perguntavam o que eu queria comer... Ah! Era assim... Até depois quando estava grávida eles vinham e perguntavam: “Prô, que comer alguma coisa?”, “Minha mãe disse que tu vai vomitar!”, e não sei o que... Eles falavam assim pra mim. “Não. Pode fazer a prô come, a prô não enjoa!”, e eles faziam a comidinha para mim eu comia. Eles inventavam bastante coisas aqui. As carteiras assim... Estavam assim... Às vezes eu tinha as carteiras em células assim... Às vezes era tudo agrupado assim, numa fila só, eu sempre modificava as carteiras, só que em célula era um pouco difícil porque quando tu fazias um trabalho, que tu tinhas que escrever no quadro para eles copiar pelo menos o enunciado, era ruim porque tu não sabes assim se aquele que está nesta posição aqui, que se pra ele está bom para visualizar o que está escrito lá, se ele está vendo bem aquele desenho, né? E assim de frente é melhor para eles olhar o que está no quadro, o que tu estas explicando para eles, é melhor, eles te visualizam melhor, os pequeninhos iam mais para frente, os maiorzinhos mais para trás, sempre... Era uma turma... A turma da manhã era uma turma que gostava muito de assistir desenhos, a turma da tarde não gostava muito...

Pesquisadora: Eu fiz minha observação no período da manhã...

Professora: A turma da tarde não...

Pesquisadora: Quando você enfrenta alguma limitação, alguma dificuldade, o que você faz para superar o problema...

Professora: De material para confeccionar brinquedo?

Pesquisadora: De material, em relação ao espaço da sala...

Professora: Eu ficava assim... Eu pegava sentava com eles e daí eu ficava imaginando, né? Conversava com eles e dizia: “Ó, Jardim. A prô queria fazer isso, mas como será que a prô poderia fazer?”, Daí eles diziam: “Ah! Pode fazer ali! Pode fazer ali, ali fica legal!”, só que às vezes o pode fazer ali deles não tinha a noção de... Né? Que não ia dá para eles brincar, mas aí a gente acabava fazendo, só para ver como é que ficava e depois eu modificava, daí quando eles chegavam num outro dia, às vezes estava do jeito que eles queriam, às vezes do jeito que eu mesma fiz, né? Até pelas possibilidades. E de conseguir material, essas coisas para fazer para eles, às vezes a escola até não tem para dispor para a gente, o que a gente quer, mas eles sempre se esforçavam assim, sempre conseguia assim com a coordenadora, diretora sempre assim, deu espaço para a gente conseguir esses materiais, até quando não dava ou quando ia demorar, agora não dá, mas talvez mais para o final do ano vai dar, muita coisa eu comprei também... Fiz para eles, como a casinha que eu levei para eles, mas isso tu faz assim... Faz de coração, quando tu gostas, tu pega, leva e faz... Porque você quer que eles brinquem, quer ver acontecer, né?

Pesquisadora: Você observando essas fotos deste inicio e do depois, você acha que a organização do ambiente pode limitar ou facilitar o trabalho pedagógico?

Professora: Eu acredito que facilita. A maneira com que tu organizas a tua sala de aula, se a tua sala de aula ta assim de uma forma mais harmoniosa, mais do jeito com que a criança se encante, a criança vai gostar mais de ir para a tua aula, a criança vai olhar você, com outros olhos, sabe? Vai te respeitar mais também, e, a questão de organização deles é diferente, eles vão gostar mais do materialzinho deles, eles vão se organizar mais, conforme tu for colocando o caderno deles, eles vão se educando com o caderno deles assim também, sabe? Que se tu põe alguma coisa ali com carinho, escreve com carinho em cada caderninho, eles vão refletir assim também... não vai escrever de qualquer jeito ali, não vai fazer rápido porque tem que fazer porque terminar logo, não tu vai fazer com calma, com carinho, com capricho, porque tu quer que eles tenham o mesmo capricho. Assim eu fazia. Assim como na sala, na sala de aula, que eles sabiam que as carteiras estavam limpinhas, organizadas, eles faziam os trabalhinhos deles, sujavam de tinta, tinha tinta no chão tudo, mas eles corriam lá, pegavam o papel higiênico e limpavam, porque a sala tava limpa, eu não precisa ficar correndo atrás de... “Ah! Vamos juntar brinquedo”, eu falava todos eles estavam lá juntando os brinquedos, guardando certinho, sempre a sala estava organizada, porque eles organizavam, não porque eu ia lá e juntava tudo e guardava e colocava no lugar.

Pesquisadora: Eu lembro que você pedia para eles guardar e eles guardavam tudo...

Professora: As roupinhas no cabide, tudo eles que colocavam do jeitinho deles, mas sempre estava no lugar... Só estes potes aqui que foram feitas as prateleiras altas, né? Daí tinha que pegar e entregar para eles, cada um, mas se não era sempre eles que pegavam, né? Quando estava embaixo. Depois tinha que colocar no alto...

Pesquisadora: Se tudo fosse possível o que você gostaria de ter na sua sala?

Professora: Que eu gostaria... No inicio do ano, bem no comecinho, aqui! Eu gostaria que tivesse um banheiro dentro da sala mesmo (risos). Porque assim... Eu gosto deles bem nos olhos mesmo, sabe? Morro de medo daqueles pequeninhos quando eles chegam assim pra gente! Mas fora isso assim... Uma televisão fixa, hoje já não tenho mais a televisão na sala, mais a televisão fixa assim no alto, sabe? Para quando tu precisar passar um desenhinho, alguma coisa, que as vezes as crianças trazem pra compartilhar e tu não consegue o vídeo na hora, né? Daí...

Pesquisadora: Eles tiraram a TV?

Professora: Tiraram. Foi para a sala da A., da professora do outro jardim, daí ela é quem tirou. Não deu tempo porque eu não sabia se ia ficar naquela sala, daí, e deixaram de fora, então ela pegou o que ela queria. E talvez aquelas mesas, sabe? De encaixe, para tu colocar eles em grupo... Que tu ficas no meio, sabe? Para está trabalhando junto com eles...

Pesquisadora: Você acha que essas mesinhas, cadeirinhas...

Professora: O ruim é assim, ó... A sala até que é grande, sabe? Só que olha só quantas carteiras tu tens dentro da sala, acaba pegando todo um espaço só para essas carteiras. Então, para eles brincar tu tens que empurrar sempre tudo pro lado, para eles poder ter espaço. Talvez se as carteiras fossem diferentes ou tivesse um espaço só para eles brincar, uma sala, né? Uma sala de brincadeiras, assim... Que a gente pudesse criar se cada sala tivesse outra sala assim... Se tivesse uma porta e eles iam para outra sala só para brincar, talvez fosse o ideal, talvez, sem as carteiras, né?

Que nem aqui, se tu olhaste a foto do último dia mesmo, ali pro final do ano, tu ia ver que essas bonecas já tinham roupa, sabe? Eles mesmo trouxeram roupas, eles viram que as bonequinhas estavam peladas e ia chegar o Natal, como é que o Papai Noel ia chegar na sala e aquelas bonequinhas todas peladinhas, sem roupa. Ele ia ficar triste. Não ia trazer nada para eles, trouxeram roupas, vestiram as bonecas, né? O alfabeto já estava completo, o painel já estava completo, e eles enfeitaram o pinheirinho, uma mãe doou um pinheiro artificial, para a nossa sala tudo, foi bem legal...

Pesquisadora: A sala ela não é... Fixa.

Professora: Não. No fim do ano ela tava diferente, essas cores aqui já tinham mudado, já estavam com as cores de Natal, que mais que tinha... Tinha os enfeites de Natal, o pinheiro...

Pesquisadora: Os cantinhos você havia mudado?

Professora: Só o de dentro assim... enfeite.

Pesquisadora: No inicio do ano a sua sala estava assim... E depois em setembro estava assim... O que te levou a esta mudança? Por que até então as crianças não tinham tido uma experiência como essa...

Professora: Um ano antes de eu trabalhar com este jardim eu trabalhei com um jardim... Que Era assim... Dois jardins numa sala só. E daí depois desmembrou e a gente veio para essas salas novas aqui. E quando a gente começou a trabalhar eu... Eu comecei a perceber assim... Que uma criança vinha sempre com o cabelo despenteado, vinha sujinha, tal. Então, daí eu peguei uma mesinha destas, que era o que eu tinha na sala, daí encapei ela bem bonitinha como se fosse uma penteadeira, e ali era um cantinho do cabeleireiro, né? Então eu arrumava o cabelinho de todas as crianças, pintava a unha das meninas, dos meninos fazia topete, penteava, do jeitinho que eles achavam legal, mas por causa daquela criança... Mas eles não sabiam que era por causa dela. E daí depois ela foi ficando, que ela era mais excluída, assim, sabe? Por causa da sujeira dela? E depois eles acabam brincando com ela e ela estava lá entretida no meio das brincadeiras, e todo o mundo brincava e não percebia mais aquela criança daquele jeito. Sabe? Então, daí depois aqui... Eu fui percebendo que... A necessidade que as crianças tem de estar brincando sempre juntas e como o ambiente influencia assim que elas sintam vontade de estar brincando, de chamar o amiguinho para brincar, porque aquela brincadeira é legal, porque aquele amiguinho é legal, mas tu tem que fazer as crianças perceberem que todos são legais, né? Se eles se sentirem bem, eles vão brincar tudo juntos e não vai ter problema com aquele ou com aquele, eu sempre tive assim... Todos os alunos assim, eram bem educados, assim um com o outro, às vezes tinha aquele cutucão, aquelas coisas norma de crianças, mas desrespeito, não.

Pesquisadora: Você percebe alguma relação da sua sala com a casa deles?

Professora: Se eles trazem o que vivenciam de casa para a sala deles?

Pesquisadora: É... E você procura manter essa relação do que eles vivenciam e conhecem de casa, na sua sala?

Professora: Ali... Eu percebia assim... Aquelas meninas e os meninos que brincavam com as bonecas, tinha meninos que brincavam bastante com bonecas, eles... Assim... Eles demonstravam ali nas brincadeiras, o carinho que eles ganhavam em casa, que eles recebiam e às vezes até eles apanhavam em casa, sabe? Que daí, do jeito deles eles falavam com as bonecas, batiam, nas bonecas, sabe? Tu via uma lá, que o pai... Ele era tratado assim... E realmente, tu percebe bem como eles são em casa, ou como eles tratam as crianças em casa, talvez a criança nem vai refletir aquele... Sabe? Aquela surra que ela levou batendo no outro colega, ela só vai demonstrar ali naquela brincadeira que ela apanha em casa, só que ela não gosta disso, e ela não vai fazer isso com os outros... Quando eles sentam a mesa para jantar, porque eles vão junto, sabe? Aquela coisa de chamar: "Ó, ta na hora de janta?", preocupar com aquele que está lá...

Pesquisadora: Porque você fez um canto que representava o quarto e uma mesinha de chá, que são coisas da casa.

Professora: Eu acho assim... Que eles se sentiam... Assim, bastante acolhidos ali... Eles se sentiam uma família, até porque eu coloquei num relatório, que a T. sempre pega os relatórios assim... Assim do bimestre, né? Então... Eu até coloquei que eles se sentiam uma família ali, sabe? Eram todos como se fossem todos irmãos, assim... Um tratava o outro sempre da mesma forma, eles não eram assim... De brigar, de estragar o brinquedo do outro, de ir lá e destruir tudo a mesa, assim, sabe? Eles eram bastante... Bem amigos, assim, um do outro, eles se preocupavam bastante um com o outro... E aqui nestes cantinhos, que foi mais visível mesmo, aquele companheirismo aqui e tal, aqui no começo não era assim, nem sempre foi assim...

Pesquisadora: Você sente que essa mudança no ambiente também mudou a relação deles?

Professora: Nem sempre foi assim, aqui no começo foi diferente. Era difícil de lidar com essas crianças. A mudança ajudou na relação deles, até aquele... Os pais estarem vindo na sala vendo, sabe? Porque o filho pediu para ir ver e aquele medos dos pais de chegar entrar na sala e ir lá olhar o que tem lá dentro. Sabe? Depois aquela coragem deles ir lá com o filho de mão dadas, para o filho mostrar, também, sabe? Valorizou mais ainda o que o filho está fazendo dentro da sala pra criança também...

Pesquisadora: Você sentia que quando sala tinha menos opções para eles estarem brincando...

Professora: A relação deles era diferente. Porque eles brigavam mais tinha pouca coisa para eles fazer, então, todos queriam a mesma coisa, daí não dava e eles brigavam, arrancavam rodinha, arrancavam braço, sabe? Era diferente, bem diferente... Depois eu lembro deles brincando... Eles não tinham aquela malícia de ficar rindo e debochando do outro, né? Ah! Porque ta de salto alto! Porque ta de cinto, porque ta de brinco, de pulseira, eles não tinham isso... E se eu tivesse feito isso, de roupa, de colar, aqui nesta sala talvez ia ter esse tipo de falatório... Entre eles... E aqui, não. Porque foi uma coisa bem espontânea, que eles trouxeram de casa, sabe? Os colares eles trouxeram, eram coisas das mães, dos pais, para eles foi muito natural assim...

Pesquisadora: Olhando assim para as fotos... O que mais te chama atenção?

Professora: A primeira impressão no todo?

Pesquisadora: Sim... Olhei, bati o olho... Qual a impressão que estas fotos te trazem? A sensação...

Professora: A sensação assim... De como a mudança pode proporcionar bem-estar para a gente, assim, sabe? Elevar o teu ego, dá mais vontade de trabalhar (risos).

Pesquisadora: Quais as características destas sala que mais te chamam atenção?

Professora: Parece duas salas diferentes. Até a cor das carteiras parecem que são outras, né? Primeiro o vazio... Depois o colorido... O colorido e a diversidade, assim... De coisas para eles estarem pegando, mexendo...

### Professora 8

Pesquisadora: Eu queria que você observasse estas fotos e falasse da sua sala para mim.

Professora: Muita coisa, né? É material que não acaba mais. Assim, eu acho que é um ambiente assim, favorece a criança ter o contato com várias... Vários materiais, né? A disposição das carteiras, a exposição de tudo o que eles fazem, os trabalhinhos deles, é deles, né? Tem painel com coisas deles... (silêncio)

Pesquisadora: Olhando estas fotos que sensação elas te trazem?

Professora: Alegria, alegria de ver, a gente não pára para olhar a sala, assim, né? A gente coloca mais não tem tempo para ficar olhando, é bom... Eu tava falando para a J. (Orientadora) eu não tiro foto da minha sala, quando a gente faz uma coisa tem que registrar. Mas... Alegria, né, satisfação, de ver o trabalho deles.

Pesquisadora: Estas duas fotos aqui são do mês de março, quando você tinha uma sala, e essas são de setembro quando você estava numa nova sala. Como foi essa mudança? Você tinha uma sala de recreação...

Professora: Acho que para mim foi bem natural, pois eu sempre trabalhei com os cantinhos, né? Para eles poderem ter o espaço deles. Daí aqui, assim, eles sentiram bastante porque eles gostavam de ir para outro espaço, outra sala, mas para mim eles continuaram brincando igual. Pode ser que para eles o outro espaço seria melhor, para ter mais espaço, porque aqui tinha menos cantinhos... Ainda... É porque tinha bastante, Agora não têm tantos. Agora foi dividido...

Pesquisadora: Você trouxe algumas coisas da sala de recreação para essa sala...

Professora: Ah! Sim, que nem o alfabeto, tentei colocar algumas letrinhas. Da sala de recreação eu trouxe a arara, que foi desmontada para levar para a minha sala, os banquinhos, para eles sentarem diferente, o teatro de fantoche... Acho que... Nossa, dá uma saudade, a gente começa a lembrar.

Pesquisadora: O que faz você mudar a organização da sua sala?

Professora: Eu acho assim... É bom para a criança, para mim também, porque é bom a gente mudar, né? Para eles observarem o ambiente, que mudou, que tudo não é fixo, que a gente pode mudar. Acho que até a observação deles, sempre que eu mudo, eles ficam: "Prô, você mudou a sala!" eles ficam atentos, né? Bem observadores, assim... Daí, eu acho que ajuda eles na capacidade de observação. E até para não ficar um ambiente monótono. Eu acredito que eles gostam porque sempre eles falam...

Pesquisadora: De onde que vem as idéias?

Pesquisadora: Olha! Que nem esses cantinhos que eu estava olhando aqui? Eles me ajudaram. E perguntei para eles: “A gente vai mudar de sala, o que vamos fazer aqui?”, e aí eles me ajudaram. Mais eu li vários livros, na faculdade que falavam da importância dos cantinhos, também em revistas, a gente vai tendo idéias, para não copiar, mas às vezes criar, porque às vezes no espaço não dá para fazer tudo que diz nas revistas, às vezes não tem material, mas a gente faz, dá para improvisar.

Pesquisadora: Então era uma parceria?

Professora: Sim, eu dava idéias e daí eles me ajudavam, até hoje, assim, se duvidar eles fazem tudo para mim. A J. é que disse pra mim, esses tempos a minha avó morreu e ela ficou para mim, aí ela disse: “Se deixar eles levam...” (risos)

Pesquisadora: E quando você olha para estas fotos como você percebe as crianças neste espaço?

Professora: Eu lembro deles assim, bem à vontade, às vezes a gente estava fazendo uma atividade, que nem essa daqui (apontou para uma das fotos) eles paravam olhavam a foto, eles usavam de referencia tudo, então eu os vejo bem à vontade. Me lembro deles nos espaços, que nem ali, eles podiam escolher, como aqui as bonequinhas, agora eu lembrei das mães para brincar de mãe... Até hoje, ontem eu estava falando de como a gente chega na barriga da mãe e eles lembraram certinho... Até lembraram da boneca e daquele processo. Eu acho que foi, que é para eles assim, é um momento bem agradável, acredito, onde eles estão à vontade.

Pesquisadora: Quando você olha estas fotos você lembra deles fazendo o quê?

Professora: Andando, eles gostam de andar, eles não gostam de ficar parados. Eles sentem necessidade de ficar andando. Eu vejo eles geralmente andando, brincando, fazendo as atividades, que nem aqui eu fazia a leitura e eles iam lá com o dedinho na poesia do cavalo que marcou bastante eles. O calendário também, uma coisa que eles adoravam virar. Era uma briga, tinha que fazer por ordem alfabética para controlar. Eu vejo assim, momentos felizes com eles. Pena que eu não tirei fotos de outros momentos que teve.

Pesquisadora: Você falou agora a pouco que os espaços às vezes não ajudam, o que você faz frente a alguma limitação da sua sala? O que você faz para resolver?

Professora: Ah, eu dou um jeito! Eu fico pensando enquanto eles fazem à atividade, eu fico olhando para a sala e pensando: “O que que eu posso fazer? Eu tenho que dar um jeito!”, eu vou para casa e às vezes à noite eu deito na cama e penso no que eu posso fazer. Agora por exemplo não minha sala eu queria fazer um cantinho da escola, que eles pediram por causa daquele que tinham do ano passado, eu fiquei pensando em como eu iria fazer porque lá não tem coisa no teto para pendurar a cortina, então eu preguei um prego no armário e outro... Eu fico pensando e sempre estou tentando modificar assim, para eles, para não ser cansativo, um ambiente cansativo.

Pesquisadora: Esse ano então você também fez cantinhos...

Professora: Fiz, este ano eles pediram para fazer o dos brinquedos, eu também tentei fazer uma vendinha, cada um trouxe o seu brinquedo, e ele tinham que comprar o brinquedo, então, a gente trabalhou a matemática. Aí cada um poderia brincar com o seu brinquedo, mas tinha que pagar pelo brinquedo. Alguns colocaram o preço lá em cima para não deixar o amiguinho comprar. Então eu tive que conversar. Uns colocaram um real, outros o preço máximo, cinquenta. A gente aprende bastante assim... As limitações eu tento driblar, se não dá de um jeito dá de outro (risos).

Pesquisadora: Aqui eu vejo que você trouxe coisas da sala de recreação e tentou...

Professora: Modificar, organizar ali naquele espaço. Mesmo o espaço sendo bem menor eu tentei, eles brincavam bem na sala, a única coisa assim era ruim era assim, como a escolinha, o espaço era pequeno, ali podia brincar dois, três no máximo, eles tinham que se organizar, se dividir... Ah! Eles se jogavam no chão para brincar no tapete, não tinha problema.

Pesquisadora: Observando essas fotos o que você acha que predomina mais... Quando você olha, o que mais te chama a atenção?

Professora: Talvez os brinquedos, né, que tem por toda a parte, assim, materiais com que eles possam brincar, não só a brincadeira, mais com a brincadeira eles acabam aprendendo. Acho que mais os brinquedos, as paredes, muita escrita, desenhos deles, acho que é isso.

Pesquisadora: Você acha que o espaço, a tua sala assim organizada, ela limita ou facilita o teu trabalho pedagógico?
Professora: Ela ajuda. Nossa (ênfase no nossa) contribui bastante. Eu vejo que sim, porque agora... No começo do ano quando a gente faz a sondagem, eles eram bem que nem aqui... Como agora, meu, eles têm idéias, várias idéias, agora eles contribui bastante, pois eles ficam bem criativos.
Pesquisadora: Você acha que a sala ajuda...
Professora: Na criatividade. Na capacidade de criar... Porque eu estou sempre dando idéias... Ontem a gente fez uma poesia porque era aniversário da cozinheira, assim, como eu preciso estar criando para eles assim, avançando. Porque se eles me verem sempre... Eles gostam quando eu venho com bastante idéias. E eles trazem coisas de casa. Esses dias a gente fez um cavalinho e aí eles vieram com outro tipo de cavalinho feito de papel higiênico. Eu dou as idéias, eles voltam para casa e retornam, retornam.
Pesquisadora: Se você pudesse fazer qualquer coisa na sua sala o que você gostaria...
Professora: Eu gostaria que ela fosse bem maior, para eu poder fazer mais coisas (risos). Eu gostaria que ela fosse... Espaço maior. Materiais assim... Aqui, eu acho que a coordenadora, a diretora, são bem abertas, né? Quando a gente precisa, às vezes não tem aquele material (ênfase no aquele), mas a gente coloca outro no lugar, né? Dá um jeitinho para colocar outro. Eu acho que seria mais isso, e as carteiras, eu não gosto destas carteiras é muito baixinha, eu acho que eles gostam da carteira maior, eles não precisam usar esta carteira... Mais eu acho que é por causa da idade, conforme a idade eles vão estipulando as carteiras. Mas para o professor é ruim essas carteiras, porque ele precisa ficar sempre abaixando e no final do dia dá uma dor nas costas.
Pesquisadora: Eu lembro que quando eu estava observando a tua sala cada dia as carteiras estavam de um jeito, organizadas de uma forma...
Professora: Às vezes eu organizo, eu chego antes, ou então, junto com eles, quando eu vejo que eles já dão conta de, né? De organizar sozinhos. Como quando é em grupo, eles já se organizam, acho que depende muito da atividade que eu vou fazer, né? Para facilitar para eles. Que nem atividades de grupo, para eles... E às vezes mesmo, para modificar mesmo, para eles não se sentirem tão sozinhos. Raramente eu deixo eles sozinhos, tanto que acho que isso acaba passando para eles... Esses dias fiz prova e eles: "Prô? Sozinhos, pô?" eles não gostaram da idéia. Talvez por causa do costume. Até a minha mesa, a minha mesa nunca pára num lugar lá, a gente sempre está trocando, porque eu não gosto de ficar sempre no mesmo lugar, porque eu acho que para eles, sempre para eles eu sempre tenho que ter o controle. Eu estou ali para ajudar eles.
Pesquisadora: Você acha que a sala ela tem que...
Professora: Movimento. A sala tem que ter movimento, ela não pode ser uma coisa estática, tem que ter um movimento. Como na vida da gente, né? Nada é... Tem que estar modificando.
Pesquisadora: Você vê alguma relação...
Professora: Eu vejo a necessidade deles, às vezes a gente tem que se adaptar.
Pesquisadora: E a rotina? A rotina da pré-escola é diferente daquela do CEI. Você acha que a rotina ela interfere na organização da sala?
Professora: Olha, eu acho que tem algumas coisas que sim, tipo o calendário, o calendário tem que está num lugar visível, pois é uma coisa que acontece diariamente, ele tem que estar num lugar bem visível, não pode ter nada na frente, então acaba afetando às vezes, né? Principalmente o calendário, eu acho que o calendário tem que estar num lugar bem visível, a chamada coletiva também tem que estar, então, tem que cuidar para não colocar o armário ali, né? (risos) Acho que é mais por isso, assim. Mas nada que eu não posso estar tirando, eu estava pensando, o meu calendário... Esse ano eu fiz o calendário do mês todo, o ano tem todos aqueles meses. E como eles ficaram impressionados, ainda é muito abstrato para eles.
Pesquisadora: Você acha que a sua sala, ela é uma continuação da casa deles?



Professora: Pelo que eu conheço da casa dos meus alunos, dessa comunidade, eu acredito não tem nada a ver. Eu tento trazer coisas diferentes, que eles não têm. Muitos não tem oportunidade, pelo menos eu acho assim... Muitos pais aqui, se eles pegarem à roupa da mãe, pelo amor de Deus! Eu acho que muitos não tem contato assim com estes tipos de materiais, livros, que nem para a escolinha eu trago, deixo expostos os livros para eles poderem ver... Tem alguns, mas eu acho que ali eles não tem tantos brinquedos, aqui tem vários tipos de brinquedos e eu sei que em casa eles não tem. É só uma boneca, e aquela boneca. Então, diversificar os tipos de brinquedos, os materiais também. Eu acho que é isso.

Pesquisadora: Então o que você estudou ou tem estudado ajudou ou deu pistas na organização da tua sala?

Professora: Bastante. O primeiro ano que eu trabalhei eu só tinha o magistério. Então esses dias eu estava pensando como mudou a minha prática. Bastante. Me auxiliou bastante, eu via, vejo de outra forma agora. A minha faculdade foi, para mim, né? Foi cansativo porque todo dia não é fácil, mas como depois tu vê como rendeu, né? Não foi uma coisa assim. Precisava daquele tempo para estudar. E hoje eu vejo bem mais, cada vez mais vou me modificando.

Pesquisadora: Você fez onde sua faculdade?

Professora: Na Unerj. Era cansativo, mas meu, se não fosse isso não teria esse conhecimento que é importante. Ah! Tu perguntou do espaço o que eu modificara... Esse piso também, porque meu Deus do céu! No começo do ano era taco, é muito melhor para eles poderem sentar, poderem brincar e agora é piso, eu não gosto desse piso, porque é gelado, eles assim, às vezes eu peço para eles se sentarem e não cabe todo mundo assim no tapete, é ruim, né? Eu sei que é ruim para eles.

Pesquisadora: Aqui nesta foto da tua sala antiga tinha um armário... É um cantinho?

Professora: É um cantinho. Mesmo tendo a sala de recreação tinha uns cantinhos para eles brincarem mesmo assim. Porque eu sabia que quando eles acabavam a atividade, porque tinha uns que eram mais rapidinhos, e tinha necessidade de brincar, um pouco mais tarde a gente fez um quadro aqui, colocamos nesta parede aqui de letras, a gente tirou o quadro de lá e colocou aqui, porque a gente sentiu a necessidade daqueles que terminam a atividade rapidinho. Aqui eles brincavam, faziam, né, a divisão para cá... Mesmo assim tinham os cantinhos, os momentos para eles brincarem, aqui era o cantinho da escolinha também, sentavam no chão, aí eles é que... Não tinha tantos materiais como tinha na nova sala, a gente tinha que improvisar mais, mais na caixa, não era tão organizado. Tão visível.

Pesquisadora: Lembro que um dia que eu estava observando aí eles terminaram e você os deixou brincarem... Cada um escolheu um canto...

Professora: Acho que ajuda assim... Eles terem iniciativa. Para eles assim: "Eu posso fazer isso, eu posso fazer aquilo".

Pesquisadora: Você não combina com eles...

Professora: Não! Eles escolhiam. E como a gente percebe que cada um tem o seu jeitinho, eu acabava percebendo como um é diferente do outro, nos gostos. Se todos quisessem brincar na escolinha, coitada da minha escolinha! (risos) Eu acho que uma coisa que eu esqueci de falar, o ambiente, a sala, ajudou muito na imaginação, se ela chegar na sala e não tiver nada, não tem motivação nenhuma, né?

Pesquisadora: A sala ela tem...

Professora: Tem que estar com os materiais assim, bem visíveis para eles.

Pesquisadora: O que faz você pensar em fazer algo diferente?

Professora: Acho que depende do momento que a gente está trabalhando, do tema que a gente está trabalhando, se a gente está trabalhando com animais já penso num cantinho para eles, sempre tem uma coisa a ver com o que a gente está estudando. Como aqui das mães, eu propus um espaço onde eles pudessem estar trabalhando o processo de reprodução.

Pesquisadora: Tem alguns cantos fixos, que no início do ano você já pensa em fazer?

Professora: Não. Mesmo a escolinha a gente às vezes muda, modifica o lugar. Eu acho importante para eles terem essa noção de espaço. Eles não vão ter aquele ambiente grande, não há necessidade.

Pesquisadora: No começo do ano você já com a sala pronta ou...
Professora: Não. Bem, bem vazia. Até a gente fala: “Nossa! Como a nossa sala está bonita!”, porque não estava assim, e eles me falam, né? Por causa que eles é que tem que me ajudar a montar, que ver como vai ficar o espaço, como a gente pode estar dividindo o espaço. A noção de espaço, né? Que não dá para colocar tudo o que a gente quer, que tem que fazer escolhas. Muito bom o começo do ano...
Pesquisadora: Então a sensação que essas fotos lhe trazem é de alegria.
Professora: Satisfação, né? De ver que a minha sala não ficou da mesma forma, talvez possibilitou um ambiente que eles não vão ter mais daqui para frente, eu vejo assim, que depois, na segunda, terceira série, a professora acaba assim, não observando tanto o espaço, é importante para eles esse movimento no espaço.
Pesquisadora: E o espaço de brincadeira? Como que você vê?
Professora: Eu acho importante, mesmo nas outras séries assim, tem que ter um momento, eles necessitam. Eles são crianças, né? Eu acho que ajuda bastante assim, tem crianças que são agitadas, e isso ajuda, por isso eu não tenho nenhuma criança agitada. Eu não tenho.
Pesquisadora: Você acha que tem a ver com a organização da tua sala...
Professora: Pode ser também porque eu não tenho crianças assim que eu falo: “Nossa! Aquele ali é terrível”, né? Não tem.
Pesquisadora: Nas observações eu percebi que eles circulavam...
Professora: É. Só que eles tinham organização também. Eu prezo muito isso, porque eles tem que saber que aquele espaço tem que ficar certinho, eles tem que arrumar. Eles tem que saber que tem que arrumar, que nem o cantinho das brincadeiras, do brinquedo, eles brincavam, mais depois organizavam. Um chamava a atenção do outro: “Vamos arrumar”, mesmo ali a gente já observava a organização quem a gente via quem tem...
Pesquisadora: Você acha que esse momento deles estarem brincando, deles estarem utilizando o espaço, auxilia na tua observação sobre cada criança?
Professora: Sim, no que eles melhoraram, no que eles precisam melhorar, né? A visão deles de compartilhar os brinquedos. Ali eles trocam muita informação, também. Os conhecimentos ali, se observar tudo o que eles falam você não dá conta... Mas meu é muito bom, as idéias deles, eles já vem com as idéias e acabam construindo outras por causa do contato, da interação.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)